

**Simão Pessoa  
Tony Medeiros**

# **A Chama do Kamã**



**Simão Pessoa  
Tony Medeiros**

**A CHAMA DO XAMÃ**  
**(Vida e obra de Thiago de Mello)**

**Edições Gens da Selva**

## **Coleção Pequenos Frascos - Vol. 5**

Editor

Celestino Neto

Revisão

Marco Gomes

Capa e Editoração Eletrônica

Sérgio Bastos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros – RJ)

Pessoa, Simão. Medeiros, Tony.

A Chama do Xamã (Vida e obra de Thiago de Mello) / Simão  
Pessoa, Tony Medeiros. Manaus: Edições Gens da Selva,  
2026. 250 p. (Coleção Pequenos Frascos - Vol. 5)

ISBN 85-01-91431-4

1. Cultura popular. 2. Literatura – Memórias. I. Título.

CDD – 320.9

CDU – 35

*Edição Comemorativa do Centenário de Thiago de Mello (1926-2026)*  
*Distribuição gratuita. Nenhum direito reservado.*

## Dias brancos: duas semanas com Thiago de Mello

Por Simão Pessoa

Conheci o poeta Thiago de Mello em algum mês de 1984, na residência do também poeta Anibal Beça, que havia acabado de lançar seu segundo livro, “Filhos da Várzea”, pela Editora Madrugada, depois de 12 anos da publicação do seu livro de estreia intitulado “Convite Frugal”. Compromissos profissionais em São Paulo me impediram de ir ao lançamento da obra na Livraria Nacional e eu havia ido à casa do Anibal para adquirir um exemplar autografado.

Thiago de Mello havia ido à casa de Anibal por outro motivo mais prosaico: convidá-lo para conhecer o Porantim do Bom Socorro, a bonita casa projetada pelo arquiteto Lúcio Costa que ele havia acabado de construir em Barreirinha, sua terra natal. Ao saber, por intermédio do Anibal, que eu era um novíssimo poeta da geração pós-Madrugada, Thiago também me formulou o convite para conhecer sua residência. Recusei polidamente, explicando que era funcionário de uma empresa no Distrito Industrial e que só teria direito a férias dali a vários meses, mas deixando em aberto a possibilidade de uma futura viagem a Barreirinha. Ficamos amigos.

Pelos anos seguintes, sempre que nos encontrávamos casualmente em Manaus durante algum evento literário, Thiago de Mello sacava o Colt 45 niquelado que trazia preso na cintura e atirava à queima-roupa:

– Quando é que você vai me visitar em Barreirinha?! Ou só está esperando que eu morra pra ir lá naquele fim de mundo e derramar suas lágrimas de crocodilo?...

Eu tentava sair da saia justa na maior diplomacia. As velhas desculpas de praxe: excesso de trabalho, uma inexplicável falta de grana, o corre-corre em busca da sobrevivência tendo que matar um zoológico inteiro diariamente, os tais compromissos previamente acertados, as desavenças amorosas, essas coisas. Nenhuma colava, claro. Thiago desconfiava que eu não ia muito com a sua (dele) cara. Bobagem.

Como essa conversa de bêbado para delegado já durasse muito tempo, na virada do milênio, em dezembro de 1999, eu resolvi ir à forra. Durante uma noite de autógrafos do poeta Élson Farias, na Livraria Valer, saquei meu Colt 45 antes dele.

– Estou indo a Parintins para fazer uma matéria sobre o Auto das Pastorinhas na zona rural, que vai ser publicada na revista Amazônia 21. Se der tempo, dou um pulo em Barreirinha. Você vai estar por lá nessa época do ano?... – perguntei ao poeta.

Os olhos de Thiago de Mello se iluminaram.

– Esquece Parintins, meu filho! Vai pra Barreirinha que eu te levo para ver as melhores Pastorinhas da zona rural do baixo Amazonas! – garantiu.

Combinamos nos encontrar em Parintins dali a duas semanas. Convenci a publicitária Dinari Guimarães, então minha esposa, a viajar comigo para passar o Natal e o Ano Novo em Barreirinha e me preparei espiritualmente para a empreitada.

Chegamos a Parintins por volta das 11h da manhã, num dia de céu limpo e muito sol. Mal descemos do avião, rumamos para o cais do porto, onde Thiago já nos aguardava com aquela sua típica paciência zen. A doce e singela Aparecida, na época sua esposa, fez uma festa quando chegamos. Os barcos de linha estavam começando a rumar para Barreirinha e o poeta ali, matutando em silêncio, sentado na escadaria do cais. Sentei ao seu lado e também fiquei ali, matutando.

Monossilábico, Thiago explicou que a gente viajaria no seu (dele) barco, “Príncipe dos Mares”, que estava passando por uma manutenção na cidade havia duas semanas. Ele estava ali apenas aguardando a chegada do barco. Comecei a prestar atenção nos barcos que se aproximavam do cais, cada um mais imponente do que o outro.

Quando, finalmente, o barco do poeta chegou, levei o maior susto: tratava-se de um bote de, no máximo, dois metros de comprimento por um metro de largura, com um motor de 30HP, guidão e caixa de marcha. Calculei automaticamente que meus 115 kg iriam afundar aquela casca de noz feita de alumínio na hora em que colocasse os pés dentro da embarcação.

Thiago nem discutiu. Colocou as malas dentro do bote, ajeitou Dinari e Aparecida ao lado dele (o poeta é que ia pilotar a tranqueira), me colocou no meio do bote – para equilibrar a precária embarcação, cujo casco estava a 15 cm do nível d’água, e ordenou que Luiz Carlos (mix de piloto, confidente, mordomo e pau-para-toda-obra do poeta) se posicionasse lá atrás, perto do motor. Luiz Carlos havia chegado pilotando o bote.

Thiago meteu uma marcha à ré e saiu desembestado, no meio daquele emaranhado de barcos regionais que estavam atracados no cais. Quando deu uma reduzida para enfrentar o Rio Amazonas, o motor morreu. Quebrou o cabo de aço que prendia o leme. Não posso garantir, mas desconfio de que nessa hora o poeta gritou um enfático palavrão.

Ficamos à deriva por quase dez minutos, no meio daquele riozão barrento de correnteza assassina, até uma “voadeira” solícita pressentir a desgraça e nos rebocar de volta para o cais do porto. Não preciso dizer que Thiago ficou possesso e Luiz Carlos teve de ouvir calado uma série de impropérios.

Para nossa sorte, havia um barco de carga que havia se

atrasado e estava indo pra Barreirinha. Ter o poeta Thiago de Mello a bordo, para os simplórios tripulantes, era mais ou menos como você estar andando de carro debaixo do maior dilúvio tropical e parar no acostamento para dar uma carona ao Emerson Fittipaldi andando a pé. Festa geral.

Limitei-me a comprar duas redes para tornar a viagem de quase seis horas um pouco mais agradável (Thiago havia prometido fazer a mesma viagem, no seu “bote motorizado”, em duas horas. Não duvidei.). Luiz Carlos ficou em Parintins para consertar o bote e depois levá-lo a Barreirinha.

No barco de carga, nós fomos tratados a pão de ló. O convés ficou à nossa disposição. Quando o barco começou a se aproximar do cais de Barreirinha, a tripulação do barco fez uma queima de fogos de resposta e convenceu Thiago de Mello a ir para a proa, para acenar para a multidão. Uma festança inesquecível!

Falar que a casa onde nos instalamos era melhor do que qualquer hotel de cinco estrelas seria chover no molhado. A casa do Thiago de Mello em Barreirinha era o sonho de consumo de qualquer estrela hollywoodiana.

Esculpida em madeira (esse, o termo exato), com todas as vantagens funcionais da vida moderna, a casa ainda levava a assinatura nada modesta do arquiteto Lúcio Costa – o sujeito que “inventou” Brasília, mas preferiu deixar as glórias para Oscar Niemeyer. Se tivesse internet, seria o Paraíso. Infelizmente, estávamos na virada do novo milênio. Naquela época, não havia internet decente nem mesmo em Manaus.

Nessas duas semanas – do dia 22 de dezembro ao dia 5 de janeiro – tentamos conciliar nossos horários da melhor maneira possível. Pela manhã, Thiago devotava-se ao seu trabalho de tradução do poeta peruano César Vallejo, que eu só conhecia de

alguns poemas publicados no extinto jornal Versus, editado pelo jornalista Marcos Faerman. Sempre que terminava uma transcrição (uma “tradução” criativa, mas o mais fiel possível), Thiago pedia minha opinião, cotejando o original com a nova obra. Eu escapava pela tangente, já que nunca aprendi espanhol.

Por volta do meio-dia, invariavelmente, Thiago ia pra cozinha e metia a mão na massa. As mulheres da casa se limitavam a cortar verduras, limpar as carnes e separar os temperos. Em duas horas, o “chef” apresentava suas armas: galinha à cabidela, leitão à pururuca, cordeiro com hortelã, omelete de ovas de bodó, escabeche de pescada e o majestoso ensopado de pirarucu, preparado e servido no alpendre. Uma farra deliciosa!

Depois do almoço vinha a “siesta”, que ele havia aprendido com seu parceiro Pablo Neruda e que nos consumia o resto da tarde. Voltávamos a nos encontrar por volta das 8h da noite – depois de jantar – para detonar doses paquidérmicas de uísque. E conversar fiado. Conversar muito. Conversar até de madrugada. Mas como qualquer dublê de jornalista amador, eu não levei um mísero gravador para registrar nossas intermináveis conversas. Até aos trinta anos, confesso, eu tinha um orgulho suicida de minha memória cinematográfica. Hoje, não. Excesso de álcool, imagino. Mas a danada ainda dá pro gasto.

Dentre as diversas conversas que tive com Thiago, uma, em especial, lhe chamou a atenção e o deixou comovido. Na adolescência, eu fui contemporâneo de três sobrinhos dele (Nathan Jr., Nádia e Liana Rodrigues) no Colégio Batista Ida Nelson, em Adrianópolis. Filhos da pianista Maria Júlia, irmã do poeta, e do deputado estadual Nathanael Rodrigues, eles moravam na Rua Tefé, quase no canto da Rua Borba, a um quarteirão de nossa casa, na Cachoeirinha. A Nádia estudava na sala da minha irmã Simone, ambas no 4º ano ginasial. Eu estava no 2º ano. Minha irmã Silene

estudava no 3º ano. A Liana fazia o 1º ano. Nathan Jr. ainda estava concluindo o curso primário. Estávamos em 1968.

Por meio deles, soube que Thiago e Alexandre Manuel, o “Manduka”, seu filho mais velho, estavam exilados no Chile. O jovem Manduka, então com 16 anos, começou a enviar cartas para sua prima Nádia, de mesma idade, contando como estavam vivendo e o que estavam fazendo naquele país tão distante. A Nádia emprestava as cartas para as minhas irmãs lerem. No início, eu não dava a mínima. Ler cartas dos outros?! Ah, não, please, havia gibis demais no planeta esperando minha devoção e meu tempo útil.

Em 1970, eu já fazendo o 4º ano ginasial, a curiosidade falou mais alto. Peguei uma das cartas que jazia provocativamente na penteadeira das minhas irmãs e comecei a ler aquele calhamaço de quase 10 folhas escritas em um papel semitransparente. Foi um alumbramento. Além de um texto belíssimo executado com uma caligrafia de alto nível, o Manduka mostrava poemas inéditos que seu pai havia acabado de fazer. Com 14 anos, eu não ligava muito o ponto ao nó, mas sabia que estava diante de um poeta genial. Foi conta de multiplicar – acho que sempre foi assim, na história da humanidade – para eu tirar proveito daquele talento alheio. É claro que para um moleque com os hormônios à flor da pele tudo é permitido, inclusive pequenos delitos. A mulherada da escola não dava bola pra mim? Pois então elas iam ver do que eu era capaz.

Naquela época, a moda entre as meninas do colégio (e acho que das estudantes da cidade inteira!) eram os relicários, uma espécie de cadernos de memória que as alunas criavam para guardar momentos importantes da sua vida escolar, como demonstrações de amizade, companheirismo e os laços afetivos que se formavam na escola. Você escrevia qualquer bobagem, colocava uma foto e aquilo virava um objeto de arte de grande apelo sentimental para a mulherada.

Na maior cara dura, comecei a copiar alguns poemas do Thiago postados nas cartas do Manduka (depois reunidos no belíssimo “Poesia comprometida com a minha e a tua vida”, de 1975), e comecei a transcrever nos relicários das meninas sem citar a autoria, ou seja, como se fossem de minha própria lavra. Não é conversa de pescador, mas o que choveu de brotos na minha horta não estava nos gibis. E, de repente, me transformei no sujeito mais assediado do colégio para deixar minhas impressões pessoais nos tais relicários. Thiago riu muito quando lhe contei a presepada. Sim, éramos todos jovens, para ficar no conhecido bordão do radialista F. Cavalcante.

Na manhã do dia de Natal, o poeta pegou seu minibus “Príncipe dos Mares” e nos levou, eu e Dinari, para ver a melhor Pastorinha da zona rural do baixo Amazonas, cujo local de apresentação ficava em uma comunidade de agricultores a 20 minutos de sua residência. De cara, me apaixonei pela Cigana (uma voz linda), logo em seguida pela Florista (uns olhos de azul infinito) e, na sequência, pela Pastora Perdida (que lábios carnudos maravilhosos!). Nenhuma delas me deu confiança, claro.

Na forma mais tradicional desse folguedo, que assisti em Parintins, as moças se vestem de pastoras – chapéus de palha, túnicas multicoloridas, segurando arcos, cestas de flores e castanholas – e bailam diante de um presépio. A dança não se restringe a lugares fechados, mas em forma de “desfile” pelas ruas da cidade, onde as pastorinhas cantam marchas em louvor ao menino Jesus e acabam envolvendo o resto da população na brincadeira.

Na zona rural, elas se apresentam em uma espécie de galpão improvisado – chão de barro molhado, cobertura de palha –, mas ficam tão compenetradas e graciosas, a despeito das

roupas simples e ordinárias, que é difícil não se emocionar. Os responsáveis pela trilha sonora incidental – uma viola meia boca, um tambor de couro de gato e um acordeão carcomido pelo tempo – são agricultores pobres, analfabetos, que sabem os versos de memória e vão passando oralmente para as futuras gerações. Essa Pastorinha que visitei em Barreirinha existia há mais de 60 anos. Desde que voltara do exílio, Thiago de Mello tinha sido um de seus patronos. A festa que eles fazem durante as visitas ocasionais do poeta são dignas de uma final de Copa do Mundo, com direito a queima de fogos de artifício e tudo.

Na véspera do ano-novo, Thiago resolveu me mostrar sua terceira casa projetada por Lúcio Costa, localizada na praia Ponta da Gaivota, na Freguesia do Andirá. Para chegar lá, navegamos pelo Paraná do Ramos e pegamos um furo do Igarapé do Pucu, que se abre na boca do Rio Andirá. No minibarco “Príncipe dos Mares”, somente ele, comandando o leme, eu e o prestativo Luiz Carlos. Devia ser umas 5h da tarde. O Rio Andirá, da cor de chumbo, estava cheio de “carneirinhos”, que é como os nativos chamam a espuma branca que se encrespa nas ondas por conta do vendaval que, vira e mexe, açoita o rio.

A gente não tinha avançado três metros em direção à travessia do Andirá, quando uma onda nos pegou de jeito e quase vira a embarcação. Fiquei nervoso, já que não sei nadar. Thiago consultou o céu e encostou o barco em um banco de areia, na maior calma do mundo. Eu ainda estava nervosíssimo, claro. O certo é que ficamos ali, na beira do rio, esperando o vendaval passar.

– Sabe por que esse lugar é chamado de “vento geral”? – me perguntou ele, que tem um livro batizado com o mesmo nome. Eu não tinha a menor ideia.

– É que aqui o vento sopra nas quatro direções, o dia inteiro,

o tempo todo. Quando menos se espera, ele muda de direção. O navegador que não for experiente acaba naufragando. Esse rio Andirá é tihoso, mas de vez em quando ele se acalma. Basta ter paciência e esperar.

Por volta das seis da tarde, quando começava a escurecer, o agitado Andirá se transformou em uma verdadeira piscina. Não havia uma única marolinha. Thiago ligou o barco e, em menos de 20 minutos, alcançamos a praia Ponta da Gaivota. Mal tiramos o barco d'água, o vento geral voltou mais abusado do que nunca. Êita rio tihoso da moléstia, parente!

Batizado com o nome do seu tucano de estimação (“Flor da Mata”), o refúgio é uma adaptação simplificada do projeto de Barreirinha. Mantidas as mesmas medidas – um retângulo de 10 por 8 metros –, além do telhado em duas águas e da estrutura com esteios e vigas de madeiras nativas, a divisão interna foi mudada. São dois dormitórios, banheiro, cozinha e uma sala-varanda num único piso. À direita da casa principal há outra, para hóspedes, com três quartos. À esquerda fica o escritório onde Thiago passa a maior parte do dia. Ali ele mantém a biblioteca com obras queridas e material de consulta, CDs, televisão e vídeo. É onde escreveu “De uma vez por todas”, seu poético livro de memórias.

Quando se cansa de trabalhar, fica cismando na rede – segundo ele, a melhor “terapia do mundo”. Ou sai para ver o pôr do sol no lago Itapecuru com os amigos, caboclos do rio, que “conhecem os segredos do vento, conversam com as estrelas da noite e vivem em permanente estado de solidariedade, embora não saibam soletrar a palavra Utopia”. Na manhã seguinte, Luiz Carlos pegou o “Príncipe dos Mares” e foi a Barreirinha, para buscar a mulherada. Nossa passagem de ano foi curtida ouvindo Violeta Parra, Mercedes Sosa, Carlos Gardel e Víctor Jara.

Desconfio que eu e Thiago detonamos duas garrafas de uísque.

No primeiro dia do novo milênio, ele me levou para conhecer a festa da Marujada da Freguesia do Andirá, cujo mastro estava erguido a 800 metros de sua casa. Como o mundo é mesmo pequeno, durante o fuzuê encontrei Paloma e Amanda, as duas filhas mais novas do poeta Zemaria Pinto, que estavam passando as férias na casa da mãe.

A Marujada é organizada e dirigida quase exclusivamente por mulheres. Os homens são tocadores ou simplesmente acompanhantes. Não há número limitado de marujas, tampouco há papéis a desempenhar. Nem uma só palavra é articulada, falada ou cantada como auto ou como argumentação. Não há dramatização de nenhum feito marítimo.

Os homens, músicos e acompanhantes, são dirigidos por um capitão. Eles se apresentam de calça e camisa branca, com golas vermelhas, e gorro de marujo, enfeitado com fitas multicoloridas. Os instrumentos musicais são tambor grande e pequeno, cuíca, pandeiros, rabeca, viola, cavaquinho e violino.

No dia 26 de dezembro, consagrado a São Benedito, há na casa do juiz da Marujada um almoço, do qual participam todas as marujas e pessoas especialmente convidadas. O jantar é oferecido pela juíza, na noite desse dia. A 1º de janeiro, o juiz escolhido para a festa seguinte é o anfitrião do almoço desse dia. Durante a ágape é transmitido ao novo juiz da festa o bastão de prata com uma pequena imagem de São Benedito, que é o emblema do juiz, usado nos atos solenes da festividade. É nesse dia que ocorre a derrubada do mastro.

Foi durante uma conversa vadia no alpendre do chalé “Flor da Mata” que Thiago me falou pela primeira vez de um problema que o vinha atormentando há algumas décadas: uma intermitente dor nas costas. “Dói demais, companheiro! Dói se você ficar em

pé, dói se ficar sentado, dói se ficar deitado, dói se ficar de lado, dói se ficar de bruços, dói se ficar em qualquer posição. Não dá um minuto de trégua. A alternativa é colocar doses industriais de uísque neste corpo cansado para amenizar o sofrimento!”, avisou. Para ilustrar o problema, ele fez a analogia de uma casa velha, cujo telhado está cedendo e é necessário colocar um “mourão”, uma escora, para evitar o desabamento. Utilizou para isso seus conhecimentos de ex-estudante de Medicina.

– As 12 vértebras torácicas, T1 a T12, são os ossos que formam a região central e móvel da coluna vertebral humana, conectando as vértebras cervicais e lombares. Sua principal função é sustentar a caixa torácica, que protege órgãos vitais como o coração e os pulmões, e conectar-se aos 12 pares de costelas – explicou Thiago. – Ocorre que a minha T2 começou a degenerar, ficou esponjosa, fragilizada, e a pressão das vértebras cervicais sobre ela provoca muita dor.

– E não há nenhum tratamento médico para isso? – questionei.

– A solução seria fazer uma cirurgia colocando um suporte metálico, uma espécie de “mourão”, entre a T1 e a T3, substituindo na prática a função da T2 – continuou ele. – Estive recentemente em Cuba, onde estão os melhores especialistas nesse tipo de intervenção e, após uma bateria de exames, concluíram que a T3 também estava comprometida. Então, teriam que colocar o “mourão” da T1 para a T4, o que seria muito arriscado, pois poderia comprometer a medula espinhal e eu acabar paraplégico. Preferimos não arriscar. Por conta disso, vou ter que conviver com essa maldita dor pelo resto da vida. Fazer o que?...

Era isso que devia encantar os inúmeros amigos do poeta: a sua nonchalance, aquela sua indiferença quase zen diante dos

percalços da vida, que ele considerava genuinamente uma obra divina. Daí, como disse certa vez um jornalista da Folha de São Paulo, Thiago ter cumprido “o ideal romântico de viver como poeta, no equilíbrio de amores exacerbados, fidelidade à vocação de escritor, amizades intensas e espírito de viajante. (...) Ele habitava a sua linguagem. Seu fascínio pessoal envolvia os dotes de memória, o cotidiano encharcado de poesia, a queda por canções populares, a delicadeza de suas indignações morais, o charme de conquistador, os ares de xamã amazônico e a conversa que conferia vida a seus amigos mortos.”

No dia 5 de janeiro, Thiago de Mello nos levou diretamente da Freguesia do Andirá até Parintins, via rios Andirá e Amazonas, pilotando garbosamente o “Príncipe dos Mares”. A viagem durou cerca de três horas e foi uma das mais tranquilas que já fiz ao longo desse mais de meio século de existência. O minibarco só fez confirmar aquele ditado célebre, “pequeno, pero cumpridor”. As duas semanas de convívio diário com o poeta Thiago de Mello só me fizeram admirá-lo ainda mais como poeta, companheiro de estrada e belíssimo exemplar de ser humano diferenciado.

Espero que essa colcha de retalhos que eu e Tony Medeiros organizamos pacientemente a partir de textos publicados em blogues, sites, jornais e revistas, textos esses fadados fatalmente ao esquecimento, consigam obter uma razoável sobrevida e continuem à altura da gloriosa trajetória do poeta na sua busca utópica por um mundo melhor. Boa leitura!

## **Dias rubros: 40 anos com Thiago de Mello**

Por Tony Medeiros

Minha amizade com Thiago de Mello começou em 1983, quando eu tinha 19 anos e havia passado num concurso público da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Amazonas (EMATER-AM), vinculada à Secretaria de Estado de Produção Rural e Abastecimento (SEPROR), tendo sido designado para trabalhar em Barreirinha. O objetivo da empresa era prestar assistência aos municípios amazonenses, por meio de parcerias e convênios, sendo que as principais atividades orientadas envolviam agricultura, pecuária, pesca artesanal, piscicultura, preservação do meio ambiente, organizações associativas e noções de bem-estar social para as famílias dos produtores rurais.

Na época, eu era um garotão inocente, puro e besta, que gostava de ler muito sobre os povos originários e tocar um violãozinho de vez em quando. Havia levado para Barreirinha uma motocicleta Honda CB 400 Four, que era meu meio de locomoção preferencial, e estava sempre de camiseta, jeans e bota de cano alto, o que me dava a estranha aparência de um personagem saído da tela de “O Selvagem”, aquele clássico filme estrelado por Marlon Brando três décadas atrás. Na EMATER, eu dividia uma mesma sala com meia dúzia de pessoas.

Um dia, enquanto revisava meus apontamentos dos trabalhos de campo, surgiu na porta da sala o poeta Thiago de Mello, de quem já ouvira falar, mas não conhecia pessoalmente. Com aquele seu vozeirão metálico e diferenciado para quem já tinha 57 anos, ele foi direto ao ponto:

– Quem aqui se chama Tony Medeiros?

Tomei um susto medonho. E, ainda meio trêmulo, levantei a mão e me identifiquei.

Ele se aproximou, estendeu amistosamente a mão para mim e disse as palavras mágicas, que me orgulham até hoje:

– Ouvi falar que você é um rapaz muito talentoso e que tem um bonito futuro pela frente. Vim aqui lhe conhecer pessoalmente e convida-lo para almoçar na minha casa no próximo sábado.

Ele falou isso, deu as costas e foi embora. A sala permanecia num silêncio reverencial. De repente, alguns funcionários começaram a batucar nas mesas, gritar “viva! viva! viva!”, “pega, porra!”, “dá-lhe, Tony!”, fazendo um escarcéu medonho e só então a ficha caiu: “Caceta, eu tinha sido convidado para almoçar com um dos maiores poetas do país!”. Mama mia, mas aquilo era muita areia para o meu camiãozinho.

No sábado, evidentemente, fui me encontrar com o poeta no Porantim do Bom Socorro, localizado na Rua Terra Preta do Castanhal, no bairro São Judas Tadeu. Ele me levou para conhecer as dependências daquele famoso sítio urbano: um casarão de três andares construído com madeiras itaúba e sucupira e um prédio de dois pisos chamado de Torreão, onde funcionava o Museu Amazônico e uma biblioteca batizada de Moronguetá.

O complexo foi construído durante os anos de 1978-1979, depois que Thiago voltou do exílio político na Europa. Ele ganhou os projetos arquitetônicos de Lúcio Costa, de quem era muito amigo, e decidiu construir as casas em sua cidade natal. Para quem não sabe, o pai de Lúcio Costa era o engenheiro naval Joaquim Ribeiro da Costa, e sua mãe, Alina Ferreira da Costa, era natural de Manaus. Lúcio Costa, nasceu em Toulon, na França, filho de pais brasileiros. Por parte da mãe, ele era neto de Libânia

Theodora Rodrigues Ferreira, reconhecida como a primeira professora de uma escola pública na província do Amazonas. Hoje, a professora Dona Libânia dá nome a uma pequena rua nas proximidades do Bar do Armando, em Manaus.

Depois do lauto almoço com direito a algumas ampolas de vinho, eu e o poeta começamos a conversar sobre suas andanças pelo mundo durante seu exílio involuntário. Foi uma conversa informal muito edificante, emocionante, trágica e, por vezes, divertida. Mas aí, curioso como sempre, lá pelas tantas eu perguntei quem tinha sido o responsável por aquelas magníficas construções regionais. Thiago de Mello nem tergiversou:

– Companheiro, acredite se quiser, mas fui eu próprio o mestre de obras das três construções. E logo eu, que antes em minha vida sequer começara a fazer uma casa. Trabalhei lado a lado com admiráveis mestres carpinteiros da floresta, filhos da água e da madeira, com os quais tanto aprendi: fincar os esteios, marcar o lugar exatíssimo dos dentes das vigas, vigiar a perfeita angulação das tacaniças e das mãos francesas, serrar de viés a ponta das pernambucas, e disfarçar a emoção do instante em que o encaixe da cumeeira inaugura o coração da casa.

Me despedi do poeta em estado de graça e portando um exemplar do livro “A Canção do Amor Armado”, que ele fez questão de autografar e me doar. Um gentleman!

Pelos cinco anos seguintes, o Porantim do Bom Socorro se tornou quase meu pouso obrigatório. Quando eu não tomava a iniciativa de visitar o poeta, era ele que ia na EMATER cobrar minha presença em sua casa. E, em cada visita, ele me presenteava com algum livro de sua autoria: “Vento Geral”, “Faz Escuro, Mas Eu Canto”, “Os Estatutos do Homem”, “Mormaço na Floresta”, “Poesia Comprometida Com A Minha E A Tua Vida” e tantos outros.

Lembro que numa tarde de sexta-feira, ele chegou na EMATER e falou:

– Companheiro, sei que amanhã você vai fazer uma visita a Parintins, mas gostaria que você atrasasse um pouco sua viagem e fosse lá em casa por volta das oito horas da manhã!

Dito isso, ele foi embora.

Como não sabia do que se tratava, fui ao Porantim do Bom Socorro no horário combinado. Ele já estava me esperando. Aí, sem que eu esperasse, me deu um papagaio de papel e uma maçaroca, pegou um outro papagaio de papel e outra maçaroca, e me instruiu a segui-lo até um descampado na beira do Paraná do Ramos.

Lá, nós dois empinamos os papagaios e ficamos nos divertindo como duas crianças, dando flechadas e embiocadas na direção do rio, tirando fino dos poucos canoieiros e barcos que passavam, numa alegria realmente indescritível. Voltamos a ser moleques. Quando retornamos à sua residência, por volta das 11 horas, ele me presenteou com o livro “Arte e ciência de empinar papagaios”, que havia acabado de lançar. Comecei a ler o livro durante minha viagem de barco a Parintins. Não dá para esquecer um momento mágico como aquele!

Minha amizade com Thiago de Mello foi crescendo espontaneamente. Sempre que a gente se encontrava, a primeira coisa que ele fazia era me dar um carinhoso beijo na cabeça durante o abraço sempre afetuoso. Desconfio que ele via em mim o jovem poeta que ele era quando chegou no Rio de Janeiro, mas, evidentemente, sem seu raro talento e maestria para as palavras. Muitos intelectuais de renome visitaram o Porantim do Bom Socorro nessa época: Gabriel García Márquez, Ernesto Cardenal, Carlos Heitor Cony, Sérgio Ricardo e Armando Nogueira, por exemplo. Seu círculo de amigos era da melhor qualidade.

Em 2008, o bumbá Garantido resolveu homenagear o poeta de Barreirinha, que foi o tema central do boi naquele ano no Festival Folclórico de Parintins. O Garantido desenvolveu todo o seu espetáculo em torno do tema “Thiago de Mello, o Poeta da Amazônia”, transformando a arena do Bumbódromo em um palco para a poesia e a luta do escritor pela liberdade e justiça social. Uma das toadas mais emblemáticas daquele ano foi “Thiago de Mello, o Poeta da Amazônia”, que resumia a admiração pelo poeta e sua mensagem de esperança e resistência.

O próprio Thiago de Mello participou do festival, sendo uma presença de destaque na apresentação do bumbá Garantido e recebendo o carinho do público e dos brincantes do boi vermelho e branco. Através da homenagem, o Garantido reforçou sua identidade de boi do povo, ao abraçar a poesia engajada de Thiago de Mello, que sempre defendeu a vida, a liberdade e os direitos humanos, ideais que encontram ressonância na comunidade perrechê da Baixa de São José.

A apresentação foi um dos pontos altos do festival e é lembrada como um momento de grande emoção e reconhecimento da importância cultural de Thiago de Mello para o Amazonas e o Brasil. Assim que saímos do Bumbódromo, eu procurei o poeta e dei um papo reto:

– Poeta, vosmecê não vai acreditar, mas na última semana eu lhe xinguei muito, praticamente todo santo dia e com todos os palavrões possíveis e imagináveis...

Ele tomou um susto:

– Mas como assim, companheiro! Nós sempre fomos tão próximos e você uma pessoa tão doce, tão carinhosa, tão cordata?... Não estou entendendo essa sua indignação...

Resolvi explicar:

– É que comecei a reler seus livros. Aí, cada vez que lia um

poema eu ficava tão impressionado pela leitura que só conseguia dizer “esse Thiago de Mello é um filho da puta para escrever bem desse jeito!...”, “ah, cornão safado, me mata de inveja!”, “caralho, cuirão do pé inchado, seu texto é muito foda, vá pra puta que pariu!...”

Thiago riu muito. E lembrou de uma história parecida ocorrida entre Gabriel García Márquez e Pablo Neruda.

Dois dias depois de ter recebido, em Estocolmo, o Prêmio Nobel de Literatura, Pablo Neruda se encontrou com Gabriel García Márquez para um bate-papo. Essa conversa, que transcorreu em ritmo de entrevista, foi gravada pela emissora Televisión Nacional de México e está disponível no YouTube.

Mas, ainda nos bastidores, antes de começar a gravação, Gabo fuzilou Neruda:

– Porra, Neruda, fui reler “Canto Geral” e “20 Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada”. E sabe o que achei?... Que você é um grandessíssimo filho da puta, um cão leproso com a mãe na zona, o demônio eunuco do sétimo selo... Porque só sendo um grandessíssimo filho da puta, um cão leproso com a mãe na zona, o demônio eunuco do sétimo selo pra escrever com tanta sensibilidade, beleza e profundidade! Vá à merda!

E os dois morreram de rir.

Durante muito tempo circulou uma lenda urbana dando conta de que o Thiago de Mello era muito prepotente e arrogante. Nunca comprovei isso. Pelo contrário, ele sempre me pareceu uma pessoa extremamente generosa, solidária e carinhosa com aqueles que lhe eram próximos. Lembro de uma vez em que estávamos voltando de Brasília para Manaus, no mesmo voo e, durante a nossa conversa, teci algumas críticas construtivas ao governador Amazonino Mendes. O poeta, que era muito amigo do governador, subiu nas tamancas:

– Não admito que alguém critique os meus amigos na minha frente e o Amazonino é meu amigo! – vociferou, sem esconder a irritação. – Isso eu não admito. Se quiser falar mal dele, fale quando estiver longe de mim. Na minha presença não!

O jeito foi mudarmos a prosa para uma conversa mais amena.

Uma outra característica do Thiago de Mello é que ele era um exímio contador de causos, um conversador de mão cheia, que pontuava suas frases com uma fina ironia. Ele gostava de dizer que foi com Pablo Neruda que aprendeu a tornar sua poesia cada vez mais acessível. “Neruda dizia que a poesia deve ser entendida por todos, não só àqueles iniciados em poesia. Dizia que eu devia torná-la mais acessível”, contou. Neruda ainda fazia críticas ao amigo enquanto conversavam. “Fazes demasiadas ramificações em tuas conversas”, dizia o chileno. É que Thiago de Mello pode falar sobre inúmeros assuntos ao mesmo tempo e retomar ao tema inicial em seguida. “Tu fazes mais do que eu, mas teus ramos são mais bonitos e compridos”, respondia o amazonense.

Lembro de duas histórias que ele me contou sobre o famoso autor do quadro “Guernica”, que Thiago de Mello conheceu pessoalmente. Segundo o poeta, Pablo Picasso costumava não pagar a despesa quando ia a restaurantes e bares. Na verdade, ninguém cobrava dele, pois afinal era Picasso, renomado artista de nível mundial, e sua presença ali ajudaria a tornar o estabelecimento mais conhecido.

Certa feita, entretanto, um garçom perguntou se o renomado catalão iria pagar a conta. Gentilmente, Picasso pediu um guardanapo, fez um desenho rápido e devolveu ao garçom, que ficou entusiasmado. Porém, no meio do caminho, o garçom percebeu algo e voltou a falar com o pintor:

– Senhor Picasso, o senhor esqueceu de assinar...

Ao que Picasso respondeu:

– Eu estou pagando a conta, não estou comprando o restaurante...

Uma outra história dá conta de que estava rolando uma boca-livre na casa do pintor Pablo Picasso, em Paris, quando adentrou no recinto um aristocrático casal da realeza europeia. A mulher do príncipe herdeiro da Casa Real de Habsburgo estava interessada em adquirir uma obra do pintor, de sua fase “galos de briga”.

Picasso explicou que não havia nenhum trabalho disponível e que só poderia fazer um novo quadro dali a quatro semanas. E, para se ver logo livre dos dois visitantes, estipulou um preço astronômico: 75 mil dólares. O príncipe nem regateou. Depois de alguns minutos conversando com outros convivas, o casal foi embora.

Um mês depois, estava rolando outra boca-livre na casa do pintor catalão, quando chegou o mesmo casal para adquirir o galo de briga. Picasso nem se lembrava mais da encomenda. Na maior tranquilidade, ele pediu que o casal se servisse de alguma bebida, ficasse à vontade e aguardasse um pouco, que ele ia ver o que poderia ser feito. Dito isso, sumiu da sala.

Meia hora depois, Picasso reapareceu no recinto trazendo nas mãos um magnífico galo de briga, de uma beleza estonteante, provavelmente o melhor galo de briga que ele já havia pintado até aquela data. Ele entregou o quadro à princesa. Quando ela fez menção de enrolar a obra, Picasso advertiu:

– Não faça isso. Deixe secar um pouco que a tinta ainda está meio úmida.

Só então o príncipe descobriu que o quadro acabara de ser pintado. Enquanto preenchia o cheque no valor estipulado, ele fez

uma observação capciosa:

– É, dom Pablo Picasso, o senhor tem mesmo o dom para fazer fortuna! É inacreditável, mas o senhor levou apenas trinta minutos para pintar um galo e ganhar 75 mil dólares...

Picasso nem gaguejou:

– Meu príncipe, o senhor está enganado... Eu não levei apenas trinta minutos para pintar esse galo... Para pintar esse galo, eu levei 78 anos...

Deve ter demorado alguns minutos para a ficha cair no orelhão de tão nobre realeza. É que o príncipe não tinha levado em conta o tempo em que o pintor catalão passou estudando, praticando, errando, fazendo de novo, estudando, praticando, tentando mais uma vez, errando e corrigindo, até acertar a mão.

Thiago de Mello aprendeu tão bem a lição que nunca mais escreveu de graça pra ninguém. E se alguém reclamasse do valor cobrado dizendo que ele não tinha levado nem duas horas para escrever aquilo, ele retrucava:

– Duas horas?! Eu levei mais de 80 anos...

Uma história divertida, apesar das circunstâncias trágicas, é a seguinte. Thiago de Mello era acompanhante de quarto do escritor Zé Lins do Rêgo, que estava internado em uma suíte no 10º andar do Hospital do Servidor do Estado, no Rio de Janeiro, por conta de uma cirrose hepática. Diariamente, de manhã cedo, o poeta lia as principais matérias dos jornais para Zé Lins.

Um dia, Thiago leu na página de polícia a história de uma criança muito pobre, uma menina de 11 anos, que, possivelmente orientada pela própria mãe, foi roubar uma garrafa de leite da porta de uma mulher que morava no 2º andar de um edifício.

No instante em que a menina estava apanhando a garrafa, a porta se abriu, e a dona do apartamento, chamada de Risoleta, agarrou a criança, levou pra dentro da casa e chamou a polícia. A

menina amedrontada se livrou da mulher e se jogou pela janela. Não morreu da queda, mas foi internada no pronto-socorro em estado grave.

Thiago de Mello foi trabalhar e quando voltou ao quarto do escritor, ele foi direto ao ponto:

– De Mello, temos um trabalho a fazer. Precisamos defender essa menina porque ela está sendo tratada no hospital. Nós vamos dar um telefonema...

– Pra quem? – questionou o poeta.

– Para a mulher que chamou a polícia porque a menina estava levando o leite.

Thiago foi até a redação do jornal que havia publicado a notícia, descobriu o telefone da tal Risoleta e retornou ao hospital. Zé Lins do Rêgo estava iluminado:

– Já tenho tudo preparado! O amigo sente por favor e vamos ensaiar!

Thiago tomou um susto:

– Ensaiar?!

– É, ensaiar. Já escrevi o texto. É esse aqui. Pode começar...

O poeta foi obrigado a ler em voz alta e repetir o texto umas sete ou oito vezes, enquanto o escritor corrigia o timbre e o tom de voz como se fosse um experimentado diretor teatral.

– O seu tom de voz tem que ser de tal jeito que ela acredite – insistia Zé Lins.

Quando o escritor se deu por satisfeito, autorizou Thiago de Mello a fazer a ligação. O diálogo, feito com uma voz maviosa de locutor de FM, foi surreal.

– Alô?... – iniciou o poeta.

Uma voz feminina atendeu.

Thiago continuou:

– Olá, quem fala? Será minha querida amiga Risoleta?

– Sim, sou eu, sou eu. Quem fala?

– Não se preocupe, Dona Risoleta. Estou telefonando para dizer que seu gesto foi admirável. Você não sabe quanta alegria o seu gesto me deu. Por isso telefono para lhe dar não apenas a minha solidariedade, mas reafirmar a sua confiança de que eu sempre estarei ao seu lado. Sempre. Sim, dona Risoleta, eu nunca vou desampara-la porque sempre estarei ao seu lado. Sempre, entendeu?... Nossas almas estão unidas até o final dos tempos...

– Mas quem é que está falando?...

– É Satanás, desgraçada! Satanás! – gritou o poeta, mudando o timbre para uma voz cavernosa de locutor de AM.

E desligou o telefone.

Na cama, Zé Lins do Rêgo quase morreu de tanto rir. O poeta chorou de alegria.

– Estamos vingados, De Mello, estamos vingados! – não se cansava de repetir Zé Lins do Rêgo.

Três dias depois, após ser submetido a uma nova cirurgia, o escritor não resistiu e faleceu. Mas levou o mérito de ter assombrado para sempre a tal Risoleta.

Mas o que mais se pode falar a respeito de um poeta universal como Thiago de Mello? De alguém que diz “escrevo sobre o silêncio sonoro da floresta ou sobre a menina que dorme com fome. Sobre as ancas da moça que passa ou sobre o milagre do telescópio que fotografou a luz fossilizada dos primeiros estilhaços do big-bang. Sobre a dor dos deserdados e a esperança de quem tem fé.”?

Não se pode falar nada. Sua memória versificada está presente nas dezenas de livros que escreveu e nos legou. Sabemos que nos Estatutos do Homem ele decretou “fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do

traje branco", e ao longo das décadas, especialmente no exílio e no retorno ao Brasil, as vestes brancas tornaram-se uma "farda" de seu compromisso com a luz e a liberdade, muitas vezes vestindo guayaberas presenteadas por amigos como Fidel Castro e Pablo Milanés.

Mas nem tão pura ou alva é a matéria-prima de seus versos e de sua prosa porosa. Talvez, para compensar a sujeira do mundo, ele tentasse o contraponto das calças e camisas brancas. Mesmo assim confessava não conseguir viver em paz. Por isso participou ativamente na marcha dos acontecimentos desde 1951 quando irrompeu na poesia com o reconhecimento imediato de Otto Maria Carpeaux, que o saudou como o primeiro grande poeta que o Amazonas deu ao Brasil.

E não é com a cabeça em paz que se acompanha Thiago de Mello nas expedições a que ele nos leva por meio de sua monumental produção literária. O caminho é barrento, tempestuoso, íngreme, escorregadio, onde as cangalhas – nossos medos mais recônditos – geralmente se quebram. Porque, antes de tudo, Thiago de Mello canta a vida.

Ele chora os mortos que a política levou. Reconhece-se noturno, mas acredita trazer a claridade. Com tímida ternura quer tudo lembrar para quem não conhece ou esqueceu. Enfatiza que neste feroz mundo dos homens não consegue dormir em paz porque sabe que ainda existem crianças passando fome.

No já clássico "Faz Escuro Mas Eu Canto" firmou sua vocação humanista: "Não, não tenho caminho novo. / O que tenho de novo / é o jeito de caminhar". E, apesar dos pesares, prosseguia aprendendo com a dúvida enquanto cantava sua única certeza: o amor.

Thiago transformou as vivências amazônicas em poesia universal, marcada por profunda sensibilidade humana,

compromisso social e amor pela natureza. Sua obra é uma celebração da vida, da floresta e do povo da Amazônia, ao mesmo tempo em que denuncia as injustiças e defende valores como liberdade, solidariedade e dignidade.

Entre seus textos que mais aprecio está “Os Estatutos do Homem (Ato Institucional Permanente)”, escrito em 1964, durante o início da ditadura militar. Nesse poema, Thiago de Mello proclama os direitos fundamentais do ser humano de forma poética e simbólica, afirmando a esperança e a resistência diante da opressão. O poema se tornou um marco da literatura de resistência e é lido e estudado em todo o país, consolidando sua importância não apenas literária, mas também política e ética.

Além de poeta, Thiago de Mello era também um defensor incansável da cultura e do meio ambiente amazônico, como pode ser conferido no divertido livro “O Povo Sabe o Que Diz”, publicado pela Civilização Brasileira, que reúne uma pequena antologia da sabedoria popular brasileira, com provérbios, poesia e crônicas, mostrando a riqueza cultural e a voz do povo.

Sua obra valoriza as tradições ribeirinhas, a sabedoria popular e o modo de vida simples e harmônico com a natureza. Ao mesmo tempo, ele deu voz à Amazônia diante do mundo, tornando-se um dos seus maiores porta-vozes poéticos.

Na minha modesta opinião, Thiago de Mello foi um gigante da literatura mundial, cuja poesia une a força da terra natal com a universalidade dos grandes ideais humanos, reafirmando que a arte pode ser, ao mesmo tempo, canto de beleza, instrumento de luta e celebração da vida. Tenho muito orgulho de ter sido um de seus companheiros da manhã por quatro décadas. Requiescat in pace, meu doce amigo. E até qualquer dia.

## **A Chama do Xamã**

1. Poeta, cronista e tradutor amazonense, com obras publicadas em mais de 30 idiomas, Thiago de Mello é o nome literário de Amadeu Thiago de Mello, filho de Pedro Thiago de Mello e de Maria Mitouso de Mello, nascido a 30 de março de 1926, na zona rural de Barreirinha, cidade fincada à margem direita do Paraná do Ramos, o braço mais sinuoso e extenso do Rio Amazonas. Seus pais eram filhos de nordestinos que migraram para a Amazônia durante o “boom” da borracha. Seu avô paterno, Gaudêncio José Thiago de Mello, era comerciante, agropecuarista e dono de seringais. Thiago nasceu no Bom Socorro, nome do seringal onde morava seu avô no meio da floresta nativa de Barreirinha.

Em 1931, Thiago mudou-se com a família para Manaus, tendo iniciado seus primeiros estudos no Grupo Escolar José Paranguá e depois no Ginásio Amazonense Pedro II (atual Colégio Estadual do Amazonas). Em 1941, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde concluiu o segundo grau no Colégio Batista do Rio de Janeiro, ingressando posteriormente na Faculdade Nacional de Medicina, em 1946. Sua vocação literária, seu gosto pela leitura e sua intransigente peleja em defesa dos direitos humanos surgiram quase que naturalmente ainda na infância. É o próprio Thiago que conta:

“O que faz o homem é sua infância, não é? Tive uma infância maravilhosa, de menino pobre. Nasci no coração da floresta, num lugar chamado Bom Socorro, terra do meu avô Gaudêncio, em Barreirinha. Avô que me escreveu uma carta, pelos meus nove anos, dizendo que eu estudasse com vontade, porque ele queria que eu fosse um homem de bem. Estudar, estudo até hoje, cada

dia mais. Ser um homem de bem é que não é fácil, dá um trabalho danado, neste mundo de maldade e ilusão, como o Caymmi canta.

Morava na beira do rio. Convivendo com as águas, a mata, aprendendo a lição dos pássaros, das estrelas. Aprendi a nadar antes de andar. Minha mãe e meu pai eram filhos de camponeses. Meu pai estudou em Manaus e a sua preocupação maior na vida foi educar os filhos. Com cinco anos fui para a capital, onde fiz o primário e o secundário. Minha professora, dona Aurélia, me plantou, de menino, o gosto de ler. Dava aula de leitura todo sábado, na casa dela. Eu não perdia uma. Ela cativava com a verdade: curso primário bem feito é meio caminho andado para a vida e ninguém se faz gente de valor sem leitura. Tirei nota 10 na prova de leitura de “Um Apólogo”, aquele da linha e da agulha, do Machado de Assis, que durou quatro sábados. Depois de ler e reler em voz alta, a gente tinha de dizer qual das duas era a principal personagem do texto. Fiquei do lado da agulha.

Minha iniciação nos direitos e deveres humanos se fez com a educação dos bons costumes e do respeito aos outros, que meus pais e meus professores me deram. Quando deixei Manaus, para estudar no Rio de Janeiro, já levava abertas as principais vertentes da minha vida, que me guiam até hoje. Já sabia que o amor era possível, que o homem é capaz de criar a beleza com a arte. E, ai de mim, tão cedo já aprendera a existência da injustiça social, da desigualdade perversa, do abismo infame que separa pobres miseráveis de opulentos poderosos.

Essa consciência já veio da infância e da adolescência... Menino, fui um bom empinador de papagaio. Até hoje empino. É uma paixão. Até escrevi um livro, “Arte e Ciência de Empinar Papagaio”. Não chego a ser um famão, mas sei flechar contra o vento. Tem muito a ver com a arte de escrever. E com os direitos humanos também. Pede muito respeito. Quem tem linha com

cerol (cola com vidro moído) não trança o empinador de linha limpa. Deslealdade. Aprendi com o Modestino, operário de uma serraria de madeira em Manaus, num alto barranco do Rio Negro.

Ao lado da serraria ficava o grande sobrado do dono, com azulejos portugueses, do tempo da borracha. Modestino morava numa estância, grupo de casebres na beira do rio. Ele levava para o trabalho sua comidinha, peixe frito com farinha. O filho do dono da serraria era meu colega no grupo escolar e mais de uma vez fui à casa dele. Eu perguntava a minha mãe por que o dono da serraria era tão rico, comia tartarugada, e o Modestino, filho de uma lavadeira, que dava duro na serra elétrica, tinha de levar o almoço dele numa lata. Minha mãe, dona Maria, respondia que eu ia saber a razão dessa diferença depois, quando crescesse, o mundo estava cheio daquilo, que ela sabia bem o que era. O poder dessas vertentes eu devo muito à minha infância. Aprendi muito cedo sobre essa coisa chamada ética, que é a essência dos direitos humanos.

Adolescente, sentado sozinho no entardecer na beira do Igarapé de Manaus, eu ficava cismando, olhando os catraieiros transportando lá para o lado dos Educandos os operários da serraria. E me perguntava por que é que havia tanta diferença na vida das pessoas. Por que havia gente tão rica, que morava em palacetes e tinha de tudo, enquanto tanta gente, que trabalhava o dia inteiro, vivia pobremente em casas cheias só de redes e crianças?

Por que – eu me indagava – minha linda mãe precisava se levantar ali pelas cinco horas da manhã, ainda noite escura, e preparar pastéis e refrescos para serem vendidos e com esse dinheirinho ajudar meu pai nas despesas da comida e da educação dos filhos? A vida, só depois é que a vida me deu a resposta. A vida e o estudo. Mas em Manaus aprendi também a

força da bondade e a alegria da amizade. Aprendi ainda que o amor é possível.

Quero contar um episódio. Devia andar pelos meus dez anos. Acordava às seis da manhã e, com o caboclo Augusto, meu bom irmão-de-criação, descia até a beira do rio, a recolher a lenha para o fogão de casa. Voltava e ia regar as plantas do jardim de minha mãe, que sempre me recomendava especial carinho para com as suas begônias. Terminava essa tarefa e saía correndo à esquina da José Paranaguá, em busca do Jornal do Commercio para o meu pai. Regressava, meio correndo, tomava o meu banho, vestia o uniforme escolar, tomava o meu café com macaxeira cozida (bom mesmo era quando parava na porta de casa bem cedinho o vendedor de cuscuz de milho) e então saíamos, com a mana Maria Júlia, para as aulas. Era esse o programa matinal de cada dia.

Pois bem. Um dia, fui buscar o jornal e o jornaleiro ainda não chegara. Não o esperei, o meu tempo era contado. Cheguei em casa sem o jornal e dei o motivo. Meu pai, homem de gênio severo, de rompantes ásperos, duvidou de mim: ergueu-se raivoso e me bateu, forte, em pleno rosto. A injustiça me doeu mais do que o golpe. Sentado numa cadeira de balanço, um varão muito bom e muito digno assistiu aquela cena. Era o meu avô paterno, Gaudêncio José Thiago de Mello, que vivia lá nas várzeas de Barreirinha e vinha uma vez por ano a Manaus. Meu avô Gaudêncio levantou-se, lento e alto, e com sua mão solidária pousada no meu ombro, disse a meu pai estas palavras que nunca mais esqueci:

– Pedro, se você acha que deve castigar o seu filho, castigue. Mas castigue com amor.

Meu avô Gaudêncio era um sábio.”

2. Durante as férias universitárias passadas em Manaus, Thiago de Mello iniciou uma fecunda convivência com vários jovens aspirantes a escritores e tomou conhecimento dos poemas de Luiz Bacellar, Jorge Tufic e Farias de Carvalho, cuja arte poética sempre o comoveu. Talvez tenha sido por causa dessa identificação com os poetas manauaras que Thiago de Mello rejeitou o conselho dado por Carlos Drummond de Andrade, logo ao conhecê-lo, em 1948, no Ministério da Educação, quando expressou sua vontade de abandonar o curso universitário e se dedicar à carreira literária. “Não faça isso, ninguém vive de poesia no Brasil”, reagiu o poeta mineiro. Sentindo-se cada vez mais fiel à literatura, Thiago abandonou o curso de Medicina no quinto ano para dedicar-se ao seu sonho: viver exclusivamente de seus escritos.



**Amadeu, Pedro, Maria Júlia, Neném, Maria Rita, Maria Mitouso, Eliane e Gaudêncio**

Thiago de Mello debutou em 1947 com o volume de poesias “Coração da Terra”. Esta obra marcou o início da carreira literária do poeta, aos 21 anos. O livro estabelece os temas que seriam centrais em sua produção posterior: a exaltação da natureza, o amor à terra natal e um profundo humanismo. A obra demonstra o lirismo e a sensibilidade que caracterizam sua escrita, unindo a beleza da floresta a questões existenciais. Em 1950, teve o poema “Tenso por meus olhos” publicado no jornal Correio da Manhã, famoso periódico da época.

Em 1951, junto com o poeta Geir Campos, Thiago de Mello fundou a editora Hipocampo, por onde lançou o seu segundo livro “Silêncio e Palavra”, e o segundo de Geir Campos, “Arquipélago”. Poeta, dramaturgo, tradutor, editor, jornalista, ensaísta, contista e autor de literatura infantil e juvenil, Geir Campos nasceu no dia 24 de fevereiro de 1924, em São José do Calçado (ES), e faleceu no dia 8 de maio de 1999, em Niterói (RJ). Ele iniciou sua carreira de escritor nos anos 1940, divulgando na imprensa contos e poemas originais e traduzidos, ao mesmo tempo em que trabalhava como piloto da Marinha Mercante. Seu primeiro livro de poemas, “Rosa dos Rumos”, foi publicado em 1950. Como tradutor, publicou obras de Franz Kafka, Bertolt Brecht, Rainer Maria Rilke, Herman Hesse, Walt Whitman, William Shakespeare e Sófocles.

Em dois anos, a pequena Hipocampo publicou 20 obras, incluindo Drummond, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Jorge de Lima e o primeiro livro de Paulo Mendes Campos, “A Palavra Escrita”. Eram edições artesanais, distribuídas aos 100 assinantes do selo, em que as folhas soltas eram “envelopadas” dentro das capas. Esse aspecto desagradava o escritor Rubem Braga, que mandava costurar seus exemplares. Dos tempos heroicos à frente da Hipocampo, Thiago guarda uma história curiosa envolvendo o renitente inventor de neologismos

Guimarães Rosa, que lançou pelo selo “Com o Vaqueiro Mariano” (1952). Ao regressar da tipografia, em Niterói, Thiago avisou a Rosa que estava tudo rodado.

– Não me diga essa desgraça! – dramatizou o escritor mineiro, sob a luz de um lampião de Copacabana. – Eu pago seus custos, os papéis, as tintas, mas preciso trocar um verbo! O pelo da vaca banhado de lua não reluz, obluz! Ele obluz, poeta!

A edição do livro teve de ser refeita para encaixar mais um verbo inventado pelo autor de “Grandes Sertões: Veredas”.

Em 1952, Thiago foi batizado definitivamente como poeta a partir de uma crítica do influente Álvaro Lins, que assinava um importante rodapé literário no Correio da Manhã. Seu livro de estreia, “Silêncio e Palavra”, de 1951, o vinculou à Geração de 45, a mesma de Lêdo Ivo e João Cabral de Melo Neto, e encantou o crítico: “Poetas principais de nossa literatura moderna: estou tentado a pedir-vos um lugar, ao vosso lado, para o poeta de Silêncio e Palavra. Com 26 anos e um só livro publicado, o Sr. Thiago de Mello bem demonstra, todavia, que já se acha em condições de situar-se na primeira linha da nossa poesia contemporânea”.

No mesmo ano nascia seu primogênito, Alexandre Manuel, o “Manduka”, que além do sangue índio do pai herdaria também o sangue grego da mãe, a jornalista Pomona Politis, primeira esposa do poeta amazonense.

Impulsionado pela generosa acolhida do mais importante crítico literário da época, Thiago de Mello mergulhou de vez na carreira literária. Por meio do escritor José Lins do Rego, soube que o editor José Olympio queria publicar um novo livro de sua autoria. O escritor Rubem Braga o chamou para ser repórter do jornal O Comício. O empresário Paulo Bittencourt o convidou para ser colaborador efetivo do suplemento literário do jornal Correio

da Manhã. O jornalista Roberto Marinho o convidou para ser cronista do jornal O Globo. Naquele tempo, as empresas jornalísticas pagavam dignamente pela colaboração literária, fosse poema, conto ou ensaio, e não havia exigência de exclusividade do colaborador. Um jornalista, escritor, cronista ou ensaísta podia colaborar com vários jornais diferentes ao mesmo tempo. Tendo encontrado um trabalho regular que lhe garantia o chamado meio de vida, o poeta amazonense não se fez de rogado e lançou “Narciso Cego”, em 1952.



**Bandeira e Drummond no casamento de Pomona e Thiago**

3. Escritor, crítico de arte, sociólogo, professor, tradutor e pintor, Sérgio Milliet da Costa e Silva nasceu no dia 20 de setembro de 1898, em São Paulo (SP) e faleceu no dia 9 de novembro de 1966. Ele fez os estudos primários e secundários na capital paulista e o curso universitário de ciências econômicas e

sociais em Genebra e em Berna, na Suíça, onde publicou dois livros de poesia: “Par le Sentir”, em 1917, e “Le Départ Sur la Pluie”, em 1919. De volta ao Brasil, em 1920, participou ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922. Voltou à Europa em 1923, para viver em Paris. Colaborou nas revistas brasileiras Klaxon, Terra Roxa, Ariel e Revista do Brasil, promoveu a divulgação de textos estrangeiros no Brasil e ao mesmo tempo traduziu poemas de autores modernistas brasileiros para publicação na revista Lumière.

Voltou ao Brasil em 1925, para não mais sair. Nesse mesmo ano fundou a revista Cultura, em sociedade com Oswald de Andrade e Afonso Schmidt. Em 1935, passou a integrar o grupo de intelectuais formado, entre outros, por Paulo Duarte, Mário de Andrade, Rubem Borba de Moraes e Tácito de Almeida, que idealizam a criação do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Foi nomeado chefe da Divisão de Documentação Histórica e Social desse departamento. Além de professor e secretário da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Sérgio Milliet escreveu regularmente sobre literatura e arte para o jornal O Estado de S. Paulo. Um desses textos, intitulado “... é um poeta de verdade e tem o que dizer”, foi publicado no jornal paulista no dia 20 de julho de 1952:

Thiago de Mello, poeta da geração de 45, e cujo primeiro livro (Silêncio e Palavra) despertou a curiosidade da crítica tão displicente do Brasil acaba de publicar Narciso Cego, em que suas qualidades de artesão e pensador se exibem ainda melhor. É preciso agora ponderar a produção desse jovem com o mesmo cuidado com que se analisa a dos mais acatados poetas da geração modernista. Porque Thiago de Mello é um poeta de verdade e, coisa rara no momento, tem o que dizer. Mais do que o que cantar, pois tudo nele, sensibilidade e inteligência, visa

antes à penetração e à descoberta profunda que o arrebatado entusiasmo ou a expressão nostálgica. E, no entanto, não falta lirismo a esse moço tão preocupado com ideias gerais, a esse moço que poderia colocar em epígrafe no seu volume de versos o “que sais-je” de Montaigne. Sobre si mesmo debruça-se o poeta. Sabe que se desconhece, que passeia em torno de si, mas não se frequenta: “Pelas minhas cercanias / passeio – não me frequento”.

Em outro poema nos confessa que o “vocábulo puro esquiva-se” a seu jugo. Isso significaria, por um lado, a desconfiança de quem pensa no poder expressivo da palavra, isso significaria uma inquietação quase angustiada diante do mistério que não conseguimos comunicar embora o sintamos por vezes desvendado. Mas a elucidação do pensamento de Thiago de Mello parece encontrar-se pouco adiante nestes dois versos, espécies de compromisso de que jamais se deixará arrastar pela lógica estéril dos tratados de filosofia: “... a palavra da boca é inútil / se o sopro não lhe vem do coração”. Serena e triste afirmação de um fundo romântico sadio, simpático, representante de uma época que procura esconder, se não negar, sob a magia da forma, a necessidade poética da mensagem.

Essa impassibilidade, ou melhor, esse pudor, felizmente não domina por completo os mais dotados entre os jovens. Não vão todos eles até a segura, embora se esquivem tenazmente ao canto lírico, assustados talvez com o possível dó de peito. Thiago de Mello como que se desculpa de se entregar, conquanto discretamente, à emoção. Se não consegue pairar sempre nas altas regiões do pensamento puro é por que “artesãos negligentes esqueceram / em nós leves resquícios de matéria”. Em verdade, a hora trágica, absurda, estoica que nos cumpre viver, torna um pouco piegas os romances amorosos, as elegias de outras eras.

Mas o verdadeiro poeta não deve ignorar o coração humano, a alma, em que pese a vulgaridade da palavra. Deve descobrir novas formas para dizer as coisas necessárias de sempre.

Trilhando os caminhos da poesia filosófica, sem desprezar, no entanto, a riqueza emotiva pessoal, Thiago de Mello mostra que não carece de coragem para se conservar autêntico e, ao mesmo tempo, provar haver mais de uma solução original fora do puro malabarismo técnico. Por isso eu leio com alegria este segundo volume de sua obra apenas em início. E digo que se trata de um belo poeta, de um poeta de verdade.

4. Sociólogo, antropólogo e escritor, Gilberto Freyre nasceu no Recife (PE), no dia 15 de março de 1900, e faleceu em 18 de julho de 1987, na capital pernambucana. Filho do professor e juiz de direito Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre, ele estudou o primário e o secundário no Colégio Americano Gilreath, no Recife, onde participou ativamente da sua sociedade literária, sendo redator-chefe do jornal O Lábaro, editado por aquela instituição de ensino.

Em 1918, Gilberto Freyre viajou para os Estados Unidos, onde fez seus estudos universitários: bacharelado em Artes Liberais, com especialização em Ciências Políticas e Sociais, na Universidade de Baylor e mestrado e doutorado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, na Universidade de Columbia, onde defendeu a tese “Vida social no Brasil em meados do século XIX”. Viajou para vários países europeus, retornando ao Brasil, em 1923, preferindo continuar morando na sua terra natal, o Recife, em vez de residir no sul do País.

Em 1933, publicou seu livro mais conhecido “Casa-grande & Senzala”, considerada a obra mais representativa sobre a formação da sociedade brasileira. Foi eleito deputado federal

constituente, em 1946, tendo sido o autor do projeto que criou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco. Além de sociólogo, antropólogo e escritor, foi também pintor e jornalista. Dirigiu os jornais recifenses A Província e o Diário de Pernambuco e colaborou regularmente com a revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro.

Na revista semanal carioca, Gilberto Freyre publicou um texto intitulado “A Poesia de Um Mestre”, onde também manifestava sua admiração pelo poeta de Barreirinha:

O poeta Thiago de Mello toma tão de assalto o seu lugar entre os melhores poetas do Brasil, que parece um salteador ou um ladrão. Mas é simplesmente um poeta que fez o seu aprendizado em silêncio. Que guardou seus cadernos de caligrafia em vez de publicá-los. Que decidiu só aparecer com a letra já segura de um mestre.

Um jovem e admirável mestre é o que ele é. Seus versos têm um viço de mocidade que não se deixa dominar de todo pela arte do tropical raro, desdenhoso de vitórias fáceis. Mas é uma mocidade concentrada e não derramada. Autocrítica e não encantada com todos os seus gestos, todas as suas palavras, todos os seus atrevimentos de ideia e de forma: complacência que caracteriza o mau narcisismo.

O poeta Thiago dá aos poetas novos do Brasil um bom exemplo que é o de não ser complacente consigo mesmo. O de só aparecer com versos que excedam o fácil lirismo de que é capaz quase todo moço, quase todo adolescente, quase todo brasileiro, em estado de efervescência sentimental.

Sua poesia excede de tal modo esse fácil lirismo que é a poesia de um mestre e não a de um principiante indeciso e cheio de dedos. Há nela uma segurança, uma força, um domínio sobre a palavra que não se confunde entretanto com a segurança ou a

força ou o domínio sobre as palavras, dos lógicos. Seu grande poder é o poético.

Daí o mistério em que se alongam, em seus versos, palavras que tomam um novo sentido, nova cor, nova vibração, ao lado daquelas que, por convenção ou rotina, são suas inimigas. O poeta aproxima-as com uma audácia lírica de que resultam novas e fortes sugestões poéticas, novos e provocantes mistérios para a imaginação, novas aventuras para os olhos e ouvidos de quem lê em voz alta versos que chegam a ser poucos brasileiros pela sua densidade e concentração.

**5.** O romancista Carlos Heitor Cony, amigo do poeta por mais de 60 anos, dizia que Thiago de Mello assemelhava-se a “um personagem de Proust no Rio de Janeiro”. “Vestia-se elegantemente, com ternos bem cortados. Era cronista do jornal O Globo, publicava poemas no Correio da Manhã, assinava reportagens em O Comício e era um dos editados do prestigiado José Olympio”, recorda ele, que costumava conversar semanalmente com o poeta por telefone. No Rio de Janeiro, Thiago tornou-se íntimo também do romancista José Lins do Rego e do poeta Manuel Bandeira. Sempre a chama-lo de “De Mello”, Zé Lins fez dele quase um irmão mais novo.

Considerada uma das obras iniciais mais importantes de Thiago de Mello, frequentemente associada à sensibilidade na construção de versos sobre a vida e o mundo, o livro “A Lenda da Rosa” é um longo poema lírico, publicado em 1955 pela Editora José Olympio. A obra destaca-se pela delicadeza poética e influências líricas que misturam o regionalismo com sentimentos universais em versos como “O resto que sempre sobra, /mas são poucos os que guardam, / e por isso é que se perdem. / (Na essência da infância dorme / algo da essência da Rosa.)”.

Para mostrar como a poesia de Thiago de Mello tem atravessado os tempos com o mesmo frescor de sempre, basta observar o que Rômulo Pinheiro, bibliófilo, mantenedor e curador do Instituto Peck Pinheiro, publicou no Instagram, no dia 4 de novembro de 2025, um dia após o enterro do músico Lô Borges.

Um dos fundadores do Clube da Esquina, o cantor e compositor mineiro morreu no dia 2 de novembro de 2025, aos 73 anos, em Belo Horizonte. Ele estava internado desde meados de outubro devido a uma intoxicação medicamentosa, vindo a falecer por falência múltipla de órgãos. Eis o que falou Rômulo Pinheiro:

“Ontem foi um dia mais doído que o normal, com a partida de Lô Borges. Amigos me consolaram, como se eu tivesse perdido um amigo. Descobri que quando se tem muita história entrelaçada com a de outra pessoa, mesmo que não a conheça, ela se torna uma espécie de referência de vida. Foram muitas músicas no momento certo, de alegria ou de tristeza, muitos shows. Nunca conheci Lô Borges, só me reconhecia na sua voz de menino, na sua timidez, na sua mineirice. Então pareceu mesmo que perdia um amigo. Somos mineiros, cruzeirenses, calmos, calmos, calmos...”

Bem, o ombro amigo também veio de outro poeta, que tinha a mesma delicadeza nos versos. Delicado, protestando, viajando, assim como Lô. Foi Thiago de Mello e seu terceiro livro, “A Lenda da Rosa”, publicado quando Lô tinha três anos. Mas a poesia brasileira se encadeia, e as de mais alto nível são aquelas que parecem “regionais”, mas no fundo fazem sentido no mundo todo. Thiago, Bituca, Drummond, João Cabral, Lô. Poemas, letras e canções que alcançam um planeta.

A lenda da rosa é um longo poema. Fala de viagem, de amores, de infância, de corações perdidos, de morte, intervenção cósmica, de renascimento. Mais loborgiano impossível. Então, de

Thiago de Mello, escolhemos o que mais fez sentido, mais consolou, pela inocência similar destes dois gênios. Vejam: “Era uma vez um mancebo / que vivia neste mundo, / no meio da multidão / dos homens desabraçados, / mas que nascera e crescera / no cume de alto penhasco. / De lá desceu forte e feito, / mas um resto resguardando / de infância dentro do peito. (...) / Deu-se, então, que esse mancebo / descobriu que, além de abismo, / o corpo também é ponte: / caminho que leva ao bosque.”

Poderia ou não ser uma letra de Lô Borges? Ainda bem que nesta nau sem rumo chamada Brasil, estamos bem servidos de poetas...”

Em 1957, nos últimos três meses de vida do autor de “Menino de Engenho”, o poeta amazonense assumiu o posto de acompanhante de quarto no hospital. O escritor Ariano Suassuna disse que Thiago de Mello era o mais sanguíneo e visceral dentre os amigos de José Lins do Rêgo. Ele foi também o mais próximo, aquele que acompanhou Zé Lins até as últimas horas de vida. Cuidava das feridas, coceiras e excrementos do doente vitimado por cirrose hepática, em decorrência de esquistossomose, conhecida como doença do caramujo ou barriga-d’água, contraídas na infância, nos caracóis do rio Parnaíba. O poeta chegou a compor algumas músicas para alegrar os últimos dias de Zé Lins.

Thiago disse que o escritor pressentia a morte e queria conversar, conversar muito, conversar o tempo todo. “Ele vivia dois sofrimentos simultâneos”, recordava Thiago. “O sofrimento das dores, do mal-estar, dos incômodos físicos com o sofrimento de ter que construir o engano de que ele estava bem. A preocupação de não entristecer a vida dos seres que o amavam. E querendo esconder dele mesmo que ele estava entrando para o território sombrio”. Zé Lins gostava de falar de seu tempo de

menino de engenho. Quando via que Thiago dormia, dizia em voz alta: “Como dorme esse sacana do De Mello!”. A morte do escritor resultou no pungente poema “Pranto por José Lins do Rêgo Cavalcanti”, incluído no livro “Toadas de Cambaio”.

Em paralelo à carreira literária e jornalística, Thiago dirigiu o Departamento Cultural da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, a partir de 1957, e no final de 1958 foi nomeado adido cultural da Embaixada do Brasil na Bolívia e no Peru, onde conviveu com poetas e romancistas de primeira linha, como Oscar Cerruto e Augusto Céspedes.

Em 1960, a editora José Olympio lançou “Vento Geral”, reunião dos livros anteriores e mais os inéditos “Romance do Primogênito” (1952), “O Andarilho e a Manhã” (1953), “Tenebrosa Acqua” (1954), “Toadas de Cambaio” (1959) e “Ponderações que Faz o Defunto aos que lhe Fazem o Velório” (1960). O livro conquistou o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras.

**6.** Poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor, Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu em Recife, no dia 19 de abril de 1886, e mudou-se ainda jovem para o Rio de Janeiro. Em 1903, transferiu-se para São Paulo, onde iniciou o curso de engenharia na Escola Politécnica. No ano seguinte, abandonou os estudos por causa da tuberculose e retornou para o Rio, onde escreveu poesia e prosa, fez crítica literária e deu aulas na Faculdade Nacional de Filosofia. Por causa da doença, passou longos períodos em estações climáticas no Brasil e na Europa. Entre 1916 e 1920, perdeu a mãe, a irmã e o pai.

Em 1917, Manuel Bandeira publicou “A Cinza das Horas”, de nítida influência parnasiana e simbolista. Dois anos depois, lançou

“Carnaval”, fazendo uso do verso livre. Já se mostrava um dos precursores da linha modernista, e Mário de Andrade o chamaria de “São João Batista do modernismo brasileiro”. Apesar disso, em 1922, por não concordar com a intensidade dos ataques feitos aos parnasianos e simbolistas, não participou diretamente da Semana de Arte Moderna (nem sequer viajou para São Paulo). No entanto, seu poema “Os Sapos”, lido por Ronald de Carvalho na segunda noite do acontecimento, provocou muitas reações. Nele, Bandeira se vale mais uma vez do verso livre, principal característica de sua obra: “Enfunando os papos, / Saem da penumbra, / Aos pulos, os sapos. / A luz os deslumbra. / Em ronco que aterra, / Berra o sapo-boi: / Meu pai foi à guerra! / Não foi! – Foi! – Não foi!”.

Com “O Ritmo Dissoluto” (1924) e “Libertinagem” (1930), temos um poeta totalmente integrado no espírito modernista. “Libertinagem” apresenta alguns poemas fundamentais para entender a poesia de Bandeira: “Vou-me embora pra Pasárgada”, “Poética”, “Evocação do Recife” e outros. Aparecem ali seus grandes temas: a família, a morte, a infância no Recife, os indivíduos que compõem as camadas mais baixas da sociedade. Apesar dos amigos e das reuniões na Academia Brasileira de Letras (para a qual foi eleito em 1940), Manuel Bandeira viveu solitariamente. Mesmo sendo um eterno apaixonado pelas mulheres, nunca casou: dizia que “perdeu a vez”. Morreu no dia 13 de outubro de 1968, aos 82 anos, de parada cardíaca – e não de tuberculose, a doença que o acompanhara durante a maior parte de sua vida. Colaborador do jornal Folha de São Paulo, Manuel Bandeira publicou naquele matutino, no dia 2 de abril de 1960, um artigo intitulado simplesmente de “Vento Geral”:

A editora José Olympio acaba de lançar o mais bonito volume de sua coleção de poesia com a edição de Vento Geral de Thiago de Mello (a capa é um poema concreto). O poeta agora

vai ficar em pé nas estantes e decentemente vestido para a posteridade. Assim posto, é possível que perca os complexos de cambaio e defunto, a que devemos, aliás, algumas das toadas mais fortes e saborosas de nossa poesia. Atenção, poeta! Fique fiel a si mesmo. Fiel ao seu ofício de amar – e amando, entreter / o que tenho de mais meu / e mais de amargo: este jeito / cambaio e triste de ser.

Quanto ao seu jeito de ser defunto, não há nada que mudar. Em quatro poemas (“O morto”, “Salatiel”, “O defunto” e “Ponderações que faz o defunto aos que lhe fazem o velório”) você provou aos admiradores do grande poema do mesmo nome, obra de Pedro Nava, que o tema é inesgotável, quando bem entendido, haja no poeta força bastante para a estranha vocação de defunto. O defunto do Nava era amargo, sinistro, cominativo, impudente; o de Thiago é um defunto conformado, a cuja “dura e doce dor de existir se misturavam muitas auroras, muitos azuis, defunto bem consciente de que o importante na vida, digamos o saldo da vida, é a lágrima fraterna derramada com beleza”.

De Thiago escrevi uma vez que é um grande poeta, um dos grandes poetas da sua geração e de qualquer geração. Relendo essas minhas palavras, transcritas na orelha deste volume, refleti comigo: terei exagerado? Mas logo depois me tranquilizei lendo as de Gilberto Freyre: elas dão-lhe um lugar de exceção entre os melhores poetas do Brasil ao reconhecer na poesia do mestre de Vento Geral versos “que chegam a ser pouco brasileiros pela sua densidade e concentração”.

A leitura dos poemas posteriores à Lenda da Rosa, em especial as Toadas de Cambaio e as Ponderações, me confirmou na verdade dos nossos juízos. Reencontrei em todos esses poemas o mesmo personalíssimo caboclo pluvial, fluvial e aluvial dos livros anteriores, com todos os seus toques e tiques (seu

curioso processo de matizar a expressão por meio de prefixos negativos: dizer, por exemplo, “desalegrias” em vez de “tristezas”, o que implica que são tristeza de quem já teve alegrias).

Thiago, meu velho, estou sentindo falta de Zé Lins neste teu grande momento. Estou sentindo a dor de sabê-lo longe / de nosso convívio, longe / de nossa ternura, longe / de nossas andanças, longe / de nossa conversa, longe, / longe, longe, muito longe.



**Thiago de Mello e Pablo Neruda, no Chile**

7. Pablo Neruda e Thiago de Mello se conheceram em 1960, no Rio de Janeiro, apresentados pelo escritor baiano Jorge Amado. Ao ser cumprimentado por Pablo Neruda, Thiago de Mello teve a satisfação de ouvir dois de seus poemas recitados pelo poeta chileno. O reencontro entre eles só foi acontecer no Chile, no ano seguinte. “Em 1961, fui nomeado adido cultural na Embaixada do Brasil no Chile. Quando me encontrei novamente com Neruda, em Valparaíso, fui recebido com muito carinho e ele me convidou a passar aquela noite em sua casa. No domingo, passamos o dia todo juntos. Ele, então, me convidou para morar em sua casa em Santiago, chamada La Chascona, uma bela residência, já que Neruda tinha vocação para arquitetura. Era o seu grande sonho. Aceitei o convite. Eu pagava, evidentemente, um aluguel simbólico de amigo para amigo, e lá morei durante quatro anos. Nosso exercício de amizade foi do grau mais elevado. Estávamos sempre juntos, trocando ideias, viajando, cozinávamos, brincávamos e traduzíamos poemas um do outro”, recorda.

Ao longo da vida, um dos grandes prazeres de Thiago de Mello era falar sobre sua amizade com Neruda e do período de convivência estreita entre os dois. De acordo com o autor amazonense, era uma rotina férrea para o poeta chileno escrever todos os dias e, por aproximadamente seis meses, os dois trabalharam na mesma mesa, juntos, um traduzindo os poemas do outro. É dessa época o início da tradução feita por Thiago de Mello do livro “Los Versos Del Capitán”, que havia sido publicado anonimamente em Nápoles, na Itália, em 1952. Os versos do capitão são os versos do amor intenso de Neruda por Matilde Urrutia, que então era sua amante secreta. Em 1953, o poeta chileno começou a construir aquela casa de Santiago para Matilde, e ali eles moraram juntos desde 1955, quando Matilde se

converteu em sua terceira esposa. La Chascona é uma palavra quéchua que significa “despenteada” e a casa tinha esse nome em homenagem aos cabelos em eterno desalinho de Matilde. “Participar da vida do Neruda, frequentar a intimidade do seu gênio criador e a riqueza encantadora (e às vezes perturbadora, ninguém é santo) de sua pessoa humana foi um precioso presente da vida”, diz Thiago.

A parceria entre os dois poetas foi muito proveitosa e quem atestou isso foi o próprio Pablo Neruda, que ganharia o Prêmio Nobel de Literatura em 1971. No prefácio da primeira antologia de seus poemas que apareceu no Brasil, publicada no Rio de Janeiro, pela Editora Letras e Artes, em 1963, o poeta chileno registrou o seguinte: “Eu tenho a felicidade, neste livro, de ser fielmente traduzido para uma extensa e delicada linguagem. Aqui foram pesadas as equivalências, os minerais do substantivo, o arroz dos adjetivos, os grãos da interjeição. Foram seguidas as veias da minha poesia, limpando o quartzo castelhano para que este enfrentasse a luz torrencial. Tudo isso foi feito com bondade e paixão pelo meu grande amigo e bom companheiro, o poeta Thiago de Mello. Eu próprio o vi emboscado em minhas contradições, desfraldando o fogo e a água com o seu valente coração. Eu o vi trabalhar com uma paciência que não lhe conhecia, e meter as mãos na farinha para que, de tanta pedra, saíra, como dizem os camponeses, o pão como uma flor.”

Em 1964, o golpe militar no Brasil surpreende o poeta amazonense no meio de uma nova tarefa literária: traduzir o livro “A Terra Devastada e os Homens Ocos”, escrito por T.S. Eliot (1888-1965). Thiago de Mello recorda bem daquele dia, como pode ser visto nesse longo depoimento:

“Na noite de 31 de março, Salvador Allende, então senador, me chama ao telefone e avisa que vem chegando com um

aparelho de rádio potente, para ouvir comigo o discurso de despedida de Jango lá de Brasília. Que estava trazendo Neruda e o pintor Nemésio Antunez. Eram três pessoas do meu coração que se queriam solidárias comigo naquele instante perverso, na La Chascona, hoje sede da Fundación Pablo Neruda, onde o poeta quis que eu fosse morar assim que cheguei ao querido Chile. Jango falou uns vinte minutos. Disse que ia deixar o país e que não queria derramamento de sangue. Neruda, o meu querido Paulinho, membro do Comitê Central do Partido Comunista do seu país, me olhou e disse, pausado e grave: “Tu pueblo, compañerito, no va a salir a las calles. Eso jamás pasará en Chile. El día en que los militares intenten levantar la cabeza, hasta las amas de casa saldrán a las calles, con sus escobas, en defensa de la democracia”. Allende levantou-se: “Lo que yo siento es que ese golpe militar en el Brasil va a desencadenar una ola de levantes en países de nuestra América. Y hasta Chile podrá ser alcanzado”. Fiquei silencioso. Nem preciso falar agora. A história já falou.”

Neruda morreu no hospital 10 dias depois do golpe cruel de Pinochet, em setembro de 1973, sem poder sequer recordar o seu comentário daquela noite. Já Salvador morreu no palácio de La Moneda, bombardeado pelos militares golpistas e a resistência civil tão planejada sequer “pode salir a la calle”, devorada pela ferocidade dos primatas de Pinochet. Mas naquela noite de 31 de março ninguém sabia que esses acontecimentos terríveis iriam acontecer.

Lá pelo meio de abril, chegam à embaixada os jornais brasileiros. Na primeira página do Correio da Manhã, exatamente no lugar em que Carlos Heitor Cony, o meu companheiro da manhã, o primeiro intelectual brasileiro a se erguer valente contra a degradação humana da tortura, publicara no dia 2 de abril o seu

famoso brado “A Salvação da Pátria”, valha-me Deus!, vem a foto de Gregório Bezerra, o líder camponês, exibido nas ruas do Recife, descalço e só de calção, todo arranhado, com uma grossa corda amarrada no pescoço, como se fosse um bicho, puxado por um oficial do Exército brasileiro, em pé na traseira de um jipe. Veio o primeiro ato institucional da Junta Militar. Arraes e Julião presos em Fernando de Noronha. E o pior: muita gente boa aderindo. Não conseguia dormir. Vergonha de minha pátria. Indignação moral. Eu precisava fazer alguma coisa.

Já era maio quando a mala diplomática trouxe o jornal que estampava a foto do escritor Astrogildo Pereira, o apaixonado machadiano ao estudo de cuja obra dedicou desde adolescente a sua vida, também consagrada à luta pelo fim das injustiças sociais, algemado num catre e sua vasta biblioteca incendiada. Era manhã e também Allende e também Paulinho estavam comigo na La Chascona, testemunhas de minha sofrida indignação moral: “Este Brasil não é o meu. A minha pátria não tortura. Vou renunciar ao meu posto!”. Redigi o meu pedido e o entreguei ao nobre embaixador Fernando Alencar, que, sem conseguir me demover, teve que encaminhá-lo ao Itamaraty. Silêncio.

Aí por julho, de passagem por Santiago, o então chanceler Vasco Leitão da Cunha, que uma noite antiga, na casa do poeta Augusto Frederico Schmidt, se dissera leitor do meu “Vento Geral”, de passagem pelo Chile, também em vão quis me dissuadir. Não devo deixar de contar que, na mesma noite em que redigi a renúncia, escrevi o poema “Os Estatutos do Homem”, logo publicado no suplemento literário do Correio da Manhã, dirigido por Álvaro Lins.

Na véspera do meu retorno ao Brasil, a televisão nacional do Chile, sob o controle dos democratas cristãos do presidente Frei,

me pergunta por que vou voltar ao Brasil, onde os militares não me querem, quando o chanceler chileno, meu amigo Gabriel Valdés, me oferecera um lugar no departamento cultural do seu próprio Ministério? “Vou voltar para lutar contra a ditadura”, respondi. Voltei e fui preso ao chegar ao Brasil, quando ainda estava na porta do avião.”



**Pablo Neruda, Thiago, Matilde Urrutia e Ana Maria Vergara**

Nessa época, Thiago de Mello estava casado com a escritora chilena Ana Maria Vergara, que o acompanhou em seu retorno ao país. Entristecido com a decisão do amigo, Pablo Neruda escreveu o poema “Thiago y Santiago”, uma verdadeira ode ao poeta de Barreirinha:

Thiago a Santiago, como un vago mago, / has encantado en canto y poesía. / Sin San, has hecho de Santiago, Thiago, / un volantín de tu pajarería. / Al Este y al Oeste de Santiago / diste el Norte y el Sur de tu alegría. / Muchos dones nos diste, un solo estrago: / llevaste el corazón de Anamaría. / Te perdonamos porque con tu bella, / de rosa en rosa y de estrella en estrella, / te llamará el Brasil a su desfile. / Te irás, hermano, con la que elegistes. / Tendrás razón, pero estaremos tristes: / que hará Santiago sin Thiago de Chile?

Em uma tradução aproximada, o poeta chileno disse o seguinte:

Thiago, como um mágico preguiçoso, / encantou Santiago com canções e poesias. / Sem San, você fez de Santiago, Thiago, / um papagaio “famão” de sua carpintaria. / Ao Leste e Oeste de Santiago, / você deu ao Norte e ao Sul a sua alegria. / Nos deu muitos presentes, mas uma tragédia: / levou o coração de Anamaría. / Nós te perdoamos porque com a sua amada, / de rosa em rosa e de estrela em estrela, / o Brasil te chamará para o seu desfile. / Você partirá, irmão, com aquela que escolheu. / Você estará certo, mas nós ficaremos tristes: / o que será de Santiago sem o Thiago do Chile?

**8.** A amizade com Manuel Bandeira também ficou seriamente abalada dois meses depois do golpe de 1964, após a publicação do referido poema “Os Estatutos do Homem”, hoje traduzido para mais de 30 línguas e incorporado ao livro “Faz Escuro Mas Eu Canto” (Civilização Brasileira, 1965). O poema era dedicado a Carlos Heitor Cony.

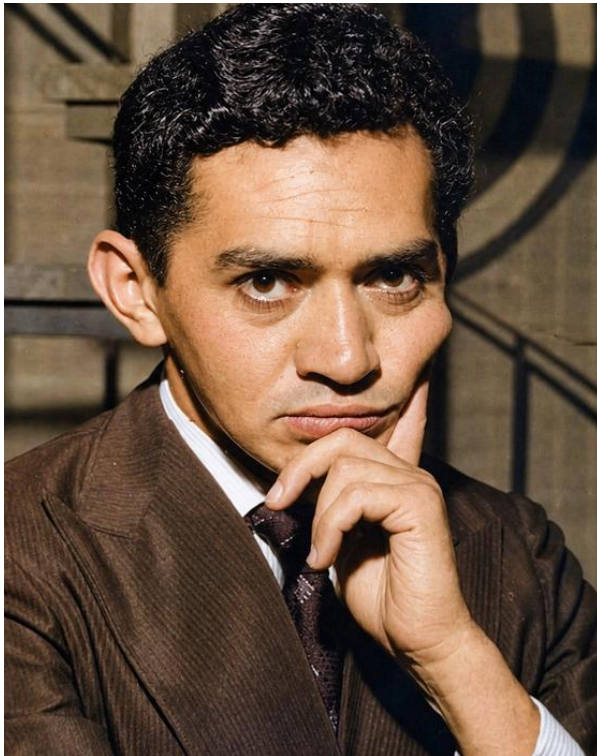
Em 11 de junho, Manuel Bandeira enviou uma carta de rompimento, em que defendia o golpe militar e repreendia Thiago pela dedicatória. “Chorei quando ele me pediu por escrito que eu

não o considerasse mais seu amigo. Foi como se eu tivesse levado uma surra. Bandeira aproveitou para machucar o Cony, o primeiro dos intelectuais brasileiros a escrever contra a ferocidade dos militares”, lembra o poeta. “Devolva essa carta... Ela queimará as suas mãos pelo resto da vida”, recomendou Neruda.

De volta ao país, em 1965, após renunciar à carreira diplomática no Chile, Thiago e suas irmãs resolveram visitar o poeta pernambucano, com o qual costumavam participar de sessões musicais em tempos idos. Os dois poetas ficaram se fitando em silêncio, na entrada da porta, como dois cowboys na véspera do duelo. Aí, num gesto de reconciliação, Manuel Bandeira recitou de cor o “Poema Perto do Fim”, de “Faz Escuro Mas Eu Canto”. Abraçado ao jovem poeta, sussurrou: “Esqueça aquela carta...”. Thiago esqueceu. “Na verdade, havia aí um problema pessoal entre mim e Bandeira”, revelou Cony, ao relembrar o episódio. “Ele não rompeu com o Thiago só por ideologia. Bandeira tinha sido padrinho de casamento de uma moça que se separou do marido para casar comigo. Ele me chamou de canalha, uma coisa violenta. Não respondi devido ao respeito que tenho pelo Bandeira, que considero o melhor poeta brasileiro de todos os tempos”.

Naquele mesmo ano, durante uma nova prisão, Thiago aproximou-se ainda mais de Cony – ambos “recém-chegados” de um protesto de artistas e intelectuais contra a ditadura, em frente ao Hotel Glória, no dia de uma conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), no Rio de Janeiro. No quartel do Exército, o homem de Andirá queixou-se em dó de peito: “Sou índio, preciso tomar banho de rio senão eu enlouqueço”. Levou duas semanas para sair da prisão. “Eu morrendo ou o Thiago morrendo, o que sobreviver vai se sentir muito órfão”, dizia Cony. “Nós somos muito próximos, quase almas gêmeas”.

No ano seguinte, Thiago lança um novo livro, “A Canção do Amor Armado” (Civilização Brasileira, 1966), que também é incensado pela crítica. O poeta deixa de lado o canto pessoal, o lirismo individualista, para assumir a condição de intérprete daqueles que amam a liberdade e lutam em nome de valores humanos mais justos e generosos, e, por isso, pagam o preço do cárcere, da proscricção e da angústia, enquanto aguardam, confiantes, os primeiros sinais da aurora. Considerado um dos mais respeitáveis representantes do pensamento conservador católico no Brasil, o advogado, jornalista e crítico literário Alceu Amoroso Lima foi outro que se rendeu aos encantos da combativa poesia de Thiago de Mello.



**Retrato do artista quando jovem**

**9.** Alceu Amoroso Lima nasceu no dia 11 de dezembro de 1893, no bairro do Cosme Velho, no Rio de Janeiro, e faleceu no dia 29 de agosto de 1983, em Petrópolis (RJ). Consta que, ainda criança, era vizinho do escritor Machado de Assis. Em 1913, formou-se em direito pela Faculdade do Rio de Janeiro, viajando em seguida à França, onde continuou seus estudos. De volta ao Brasil, trabalhou como advogado e passou a colaborar com o jornal “O Crítico”, onde adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Nos anos 1920, converteu-se ao catolicismo, iniciando ampla militância como expoente do pensamento católico. Foi diretor do Centro Dom Vital, que reunia lideranças da Igreja católica. Participou ativamente dos movimentos sociais e políticos brasileiros nos anos 1930, tornando-se um dos mais respeitáveis representantes do pensamento conservador católico no Brasil.

Em 1935, Alceu Amoroso Lima tornou-se diretor da Ação Católica Brasileira e foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Trabalhou também como jornalista e crítico literário. Publicou diversas obras em que expôs seu pensamento, como “Introdução à Economia Moderna”, “Preparação à Sociologia”, “No Limiar da Idade Nova” e “Idade, Sexo e Tempo”. Na década de 1940, Alceu Amoroso Lima retomou suas concepções liberais, sem abandonar o catolicismo. Foi professor de literatura brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia e ajudou a fundar a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Após o golpe militar em 1964, teve uma postura atuante na defesa dos direitos humanos. Publicou uma série de artigos contra a ditadura, valendo-se de seu prestígio como intelectual. O renomado pensador católico foi o responsável pela apresentação do livro “A Canção do Amor Armado”:

Thiago de Mello é, sem a menor dúvida, um dos grandes poetas do nosso tempo. É dos mais típicos representantes da

chamada “geração de 45”, a que nasceu para as letras depois da morte de Mário de Andrade. Estreou em 1951 e desde então sua poesia representa aquilo que Mário de Andrade deixou como testamento: a necessidade de uma participação do poeta na marcha do mundo, nos acontecimentos do mundo e mesmo na reforma do mundo. Aquilo que Carlos Drummond de Andrade também disse na Rosa do Povo.

Thiago de Mello cada vez mais representa o poeta participante, como um Moacyr Félix, como um Eduardo de Oliveira, o novo poeta negro. O drama do mundo cada vez mais capta sua poesia, mas esta não perde, com isso, nada de sua tessitura alada. É uma poesia verbalmente leve, delicada, sutil, mas sempre ligada a um profundo sentimento interior, que ultimamente se torna cada vez mais transparente ao drama do mundo moderno, como se nota claramente nos poemas do Faz Escuro Mas Eu Canto.

Esses exilados do interior representam a nossa nova Canção do Exílio, e é de sua comparação com o poema de Gonçalves Dias – que foi como que a primeira voz da poesia intensamente brasileira – que melhor podemos entender o caminho que vai do romantismo ao neomodernismo, que é também, como o próprio modernismo o foi, um neo-romantismo. Ao passo que Gonçalves Dias pensava em si e sua pátria longínqua, Thiago de Mello pensa na dor humana, na injustiça, na opressão, na ausência de liberdade e, portanto, no que há de universal e de revolucionário no momento atual de todo o mundo, do Brasil e de si próprio. Pois seus poemas não se tornaram em nada sectários nem bombásticos com essa conversão crescente ao social. Basta lembrar a imensa ternura dos versos dedicados ao nascimento do seu filho Manuel ou à morte do seu amigo, o nosso José Lins do Rego.

Os versos de Thiago de Mello constituem, sem a menor dúvida, a expressão mais transparente e bela, significativa e profunda, não só de um poeta autêntico, mas de um momento crucial da alma brasileira em sua fase decisiva da evolução de sua cultura. Essa conversão social não o afastou de si mesmo. Apenas o Narciso Cego abriu os olhos ao Vento Geral do mundo. Seu narcisismo era intransparente à sua própria imagem: “Cego assim não me decifro / e ao imaginar-me sonhado / não me completa: a ganância / de ser-me inteiro prossegue. / E paira – pânico mudo – / entre o sonho e o sonhador”.

Agora sua “ganância de ser-me inteiro”. Talvez por influência de Pablo Neruda, de quem se aproximou durante sua permanência trienal do Chile, venceu o narcisismo e o vento geral o levou ao próximo, à vida em contínua transformação, do mundo em mudança. E o poeta se completou, sem perder em nada a sua angústia. Pois, ai dos poetas que fecham totalmente o ciclo de sua vida. A poesia tem de ser sempre uma abertura para o infinito. E a esperança que ressuma de seus poemas mais recentes do Faz Escuro Mas Eu Canto bem mostra que a sua poesia não foi “apenas um erro no pensamento de Deus”.

**10.** Ensaísta e jornalista, Otto Maria Karpfen nasceu em Viena, Áustria, no dia 9 de março de 1900, e faleceu no dia 3 de fevereiro de 1978, no Rio de Janeiro. Filho do advogado e pianista judeu Max Karpfen e da violonista católica Gizela Schmelz Karpfen, Otto, aos 20 anos, ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Viena, onde obtém, em 1925, o título de doutor em letras e filosofia e começa a trabalhar como jornalista. Intelectual ativo, Otto estuda ciências matemáticas em Leipzig, sociologia em Paris, literatura comparada em Nápoles e política em Berlim. Tempos depois, por opor-se ao regime nazista em

ascensão na Alemanha, o jornalista é perseguido e foge, em 1938, para a Antuérpia, Bélgica, onde trabalha no periódico *Gazet van Atwerpen*.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Otto viaja para o Brasil, em 1939, e chega ao Paraná com sua mulher, a cantora lírica Helena Karpfen. Alguns meses depois, o casal vai morar em São Paulo. Poliglota, o homem que já sabia inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, flamengo, catalão, galego, provençal, latim e servo-croata, em um ano aprendeu e dominou o português, com muita facilidade devido ao conhecimento do latim e de outras línguas derivadas do latim. Nesse meio tempo, Otto transforma seu sobrenome original, Karpfen, em Carpeaux (francês) – ambos significam carpa –, por considerá-lo mais prestigioso entre os intelectuais brasileiros. O casal Carpeaux muda-se para o Rio de Janeiro em 1940.

Em 1941, precisando urgentemente de trabalho, Otto Maria Carpeaux envia uma carta ao crítico Álvaro Lins, oferecendo um artigo sobre o escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924), que ele conhecera pessoalmente na Europa. O artigo é aceito e Carpeaux passa a colaborar no jornal carioca *Correio da Manhã*. Em 1942, ele torna-se diretor da biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia, e publica seu primeiro livro em língua portuguesa, “A Cinza do Purgatório”. Em 1944, assume a direção da biblioteca da Fundação Getúlio Vargas (FGV), cargo que ocupa até 1949. Sua maior e mais conhecida obra é a “História da Literatura Ocidental”, escrita entre os anos de 1941 e 1947 e publicada em oito volumes, entre 1959 e 1966.

A partir de 1950, Otto Maria Carpeaux trabalha como redator editorialista do *Correio da Manhã*. É nessa função que ele conhece e se torna amigo íntimo de Thiago de Mello. Em 1968, Otto anuncia o fim de sua carreira literária e promete dedicar o

resto de seus dias à luta política, fazendo oposição ao regime militar instaurado no Brasil. Ele faleceu três meses depois que o poeta amazonense retornou do exílio. Além da produção extensa de ensaios sobre literatura, Otto publicou livros sobre música, história da arte e política. Foi ainda redator e co-editor da Grande Enciclopédia Delta-Larousse e colaborou na Enciclopédia Mirador Internacional. Em um artigo intitulado “O Companheiro Thiago de Mello”, Otto Maria Carpeaux não poupou elogios ao poeta de Barreirinha:

As poesias de *Faz Escuro Mas Eu Canto* foram versos surpreendentes com que Thiago de Mello voltou do Chile para entrar, com a cabeça, com o coração e com os punhos, na luta brasileira destes nossos dias. Ainda, a angústia, esse anjo negro do poeta Thiago de Mello, inspirava esse canto, envolvendo-o entre suas asas negras: Amor e Morte. Mas já o poeta tinha encontrado a saída, justamente quando ela parecia fechada para seu povo. A perda da liberdade abriu-lhe os olhos para a perda maior da própria vida, para a miséria do pobre, para a ignomínia de uma estatística: da mortalidade infantil. Inspirado pela desgraça geral, o individualista Thiago de Mello lançou em *Faz Escuro Mas Eu Canto* seu grito de rebeldia. Numa paisagem noturna deu-nos ele um exemplo luminoso. O relógio angustioso de sua poesia bateu as últimas horas de escuridão e vislumbramos num horizonte incerto os primeiros sinais de aurora.

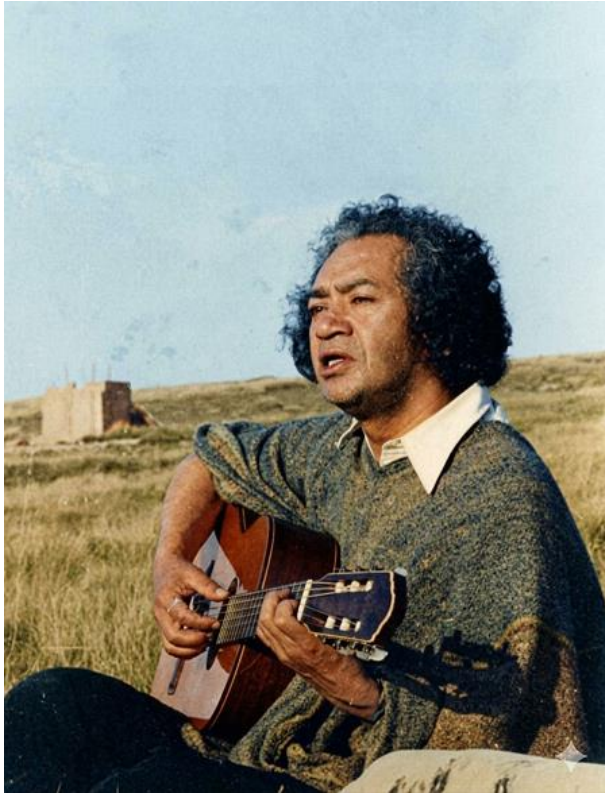
As poesias de *A Canção do Amor Armado* são mais recentes e boa parte delas foi como que escrita ontem, para os dias de hoje. Mas esperamos que seja para sempre. Pois no centro desse grupo de poesias novas encontra-se *Horóscopo*, o maior poema que Thiago escreveu até agora. Os vaticínios e as advertências para os que nasceram sob as doze diferentes constelações do

Zodíaco também valem para os que nascerão depois de nós. São de um lirismo rico, de uma abundância metafórica, de metáforas surpreendentes e, no entanto, evidentes que fazem pensar na grande metaphysicalpoetry inglesa. São, às vezes, de uma ironia sutil ou de um sarcasmo cáustico, como se o poeta quisesse zombar das suas e das nossas pequenas preocupações, lembrando-nos a luta maior que se desenrola no fundo e da qual somos, com ele, os combatentes. Pois o rebelde, que Thiago de Mello já foi, agora nos vaticina uma constelação nova: agora, é conscientemente revolucionário.

Uma velha experiência nos adverte: não nos aproximar demais, pessoalmente, dos poetas e escritores que admiramos. É quase certa a desilusão, por que botaram tudo nos seus versos, nas suas linhas e na vida só ficou um homem inacessivelmente seco. Mas não é este o caso de Thiago de Mello. Sua personalidade é tão rica que podia dar tudo em seus versos – e ainda fica um homem de muitas facetas e um amigo de inumerável coração. Thiago de Mello é como sua poesia: fulminante como suas imagens, firme como seus ritmos, melodioso como sua música. Em um dos versos de Horóscopo ele fala mesmo de música, convidando-nos a tocar um concerto de Bach, “de preferência com fagote ou com fuzil”. Nessas palavras reconhecemos Thiago de Mello. Estendemos a ele as mãos: – Companheiro!

**11.** “Sempre, desde o meu primeiro livro, fui um poeta comprometido com a vida do homem – e a minha de permeio”, diz Thiago. “Escrevo sobre o que me comove, o que instiga a minha sensibilidade ou a minha inteligência. O que me alegra ou me dói. Quando a ditadura militar, com o seu terror cultural e a indignidade da tortura, feriu a própria dignidade da condição humana, os meus

versos se ergueram em defesa do homem. Nunca fui panfletário – nada tenho contra o panfleto bem-sucedido – nem populista. Mas não há porque negar que os meus livros *Faz Escuro Mas Eu Canto* e *A Canção do Amor Armado* me fizeram popular. O *Faz Escuro* está hoje na sua vigésima edição. Não tenho culpa. Escrevo sobre o silêncio sonoro da floresta ou sobre a menina que dorme com fome. Sobre as ancas da moça que passa ou sobre o milagre do telescópio que fotografou a luz fossilizada dos primeiros estilhaços do big-bang. Sobre a dor dos deserdados e a esperança de quem tem fé”.



**O poeta em seu exílio na Serra da Estrela, Portugal**

Em 1968, em virtude das perseguições constantes do governo militar, Thiago de Mello parte como exilado para Santiago, no Chile. Os reveses também o surpreenderiam no novo país, com a eclosão do golpe militar de 11 de setembro de 1973. O consagrado Víctor Jara, cantor do povo chileno e uma espécie de “Chico Buarque local”, foi preso, torturado e fuzilado em pleno Estádio Nacional, na frente de milhares de pessoas, cinco dias após o ignominioso golpe militar. Neruda morreria menos de duas semanas depois. O poeta amazonense teve mais uma vez de se evadir. Ao longo da vida, Thiago de Mello continuava se emocionando muito quando recordava aqueles dias de terror:

“Antes de mais nada é preciso lembrar que o Estádio Nacional foi transformado em campo de concentração e lá aconteceram fatos terríveis, tanta foi a ferocidade do golpe militar chileno, promovido, como se sabe, pelo governo norte-americano, que, nove anos antes, já organizara o golpe brasileiro. Lá foi assassinado o poeta e cantor Víctor Jara. Antes de matá-lo, cortaram suas mãos. Filho de camponeses, Víctor Jara surgiu como menestrel e ganhou o coração chileno. Quando o levaram para o estádio, não sabiam que ele era o querido cantor. Foi identificado quando outro preso, ao reconhecê-lo, começou a entoar uma de suas canções mais populares. Ouvi contar que até alguns soldados cantaram. Tenho um poema, “Canção para Víctor Jara”, musicado por Pablo Milanês, o lindo poeta e cantor cubano, em que digo: “pensavam que cortando as tuas mãos e calando a tua voz, matavam a tua esperança”.

No dia 11 de setembro de 1973, dia do terror chileno, eu estava em Santiago, refugiado político. Servia ao governo de Salvador Allende, como diretor de Comunicação do Instituto de Reforma Agrária. Trabalhava com os camponeses em Temuco,

região de muito conflito entre latifundiários e os valentes índios araucanos, os mapuches. Eu era pessoa muito visada, estrangeiro, muito conhecido e até querido no Chile. Porque durante cinco anos fora adido cultural da Embaixada do Brasil e fiquei conhecido na pátria do Neruda, pelo meu labor, com pintores, músicos e poetas, a serviço da integração cultural latino-americana.

Quando me refugiei no Chile, em fins de 1968, o meu filho primogênito, Alexandre Manuel, o Manduka, veio me ver (um presente de Salvador Allende). Ele era músico, um pássaro cantor. Foi um lindo companheiro que a vida me deu. Já atravessou o rio, canta lá nas estrelas. Manduka era um carinhoso apelido de família. Ele se chamava Manuel em homenagem ao padrinho, o doce Manuel Bandeira, que celebrizou o menino logo ao nascer com um poema em seu “Mafuá de Malungo”. Manduka tinha 16 anos, veio de violão. Alegria que durou duas semanas. Quando voltou, foi preso no aeroporto do Galeão. Os agentes do SNI no Chile avisaram os gorilas brasileiros. Maltrataram o menino. Só por ser meu filho. Sua mãe, a jornalista Pomona Politis, conseguiu tirá-lo das grades. Quando saiu, ele passou a ter medo de carro de polícia, de gente fardada. Deu no pé do Brasil. Viveu sete anos comigo no exílio. Cantando.

Volto ao dia do golpe. Estava a caminho da Gran Avenida, quando ouvi que estavam metralhando o La Moneda. Corri para estar ao lado de meu presidente, meu amigo, Salvador Allende. Quando fui me aproximado do palácio, alguém me agarrou e disse veementemente: “Poeta, ande, vayase!”. Um desconhecido. Quis reagir e ele me empurrou. Me salvou. Um ano depois, já no exílio, amparado pelas Nações Unidas, a Acnur, dediquei assim o poema “Lição de Cordilheira”, que está no “Mormaço na Floresta”:  
A Salvador Allende, / O fogo comendo, / O sonho cantando. / O

povo vai fazer o resto. (O último verso é a frase final do discurso que ele fez antes de morrer.)

Nos primeiros dias do golpe, a casa onde eu morava, em Vitacura, foi invadida pelos primatas de Pinochet. Ninguém dentro dela. Fizeram uma fogueira com os livros (até as provas gráficas do que eu levava anos para escrever, sobre a Ilha de Páscoa; a editora foi empastelada) rasgaram telas de Portinari, Djanira, gravuras de Anna Letycia. Até hoje me dá uma agonia no corpo todo, quando lembro que levaram (rasgaram, queimaram, será que guardaram?) uma pasta encadernada com rótulo bem desenhado por mim: Cartas de Bandeira e de Neruda.

Manduka e eu estávamos bem guardados na casa da família Bertonatti, gente fina, de coração do tamanho de um bonde, como dizia minha mãe dona Maria. Era fim de outubro de 1973. Decidimos pedir asilo na Embaixada do Peru. Eu tinha um livro publicado lá na pátria de Arturo Corcuera e Chabuca Granda, Manduka ali recebera o prêmio maior do Festival Internacional de Águas Claras, cantando “Pátria Amada, Idolatrada, Salve-Salve”, dele e do querido Geraldo Vandré.

Chegamos à Embaixada, o portão estava escancarado. O casarão lá no fundo do jardim. Entramos. Escondida, rente ao muro, estava uma patrulha de carabineiros chilenos. Dentro, sim, do território peruano. Na portaria, pedi para falar com o embaixador. Não estava. Veio o encarregado de negócios. Mal comecei a falar, ele foi cortando: “A embaixada não concede asilo”. Acudi que apenas queríamos um visto para viajar a Lima. “Meu filho tem de dar um recital, vou trabalhar na Universidade de San Marcos, estou traduzindo César Vallejo”, expliquei. Ele pediu os passaportes. O diplomata olhou meu documento (chileno, de refugiado) e, com a maior desfaçatez deste mundo, levantou o braço e chamou os carabineiros. Assim mesmo, como estou

contando. Fomos presos e levados, não para o estádio, mas para a delegacia do bairro. Ficamos trancados numa sala. Levaram nossos documentos. Veio el capitán, sozinho e sério, mas não nos insultou. Interrogatório. Conteí que precisávamos viajar ao Peru, a trabalho. Fomos à embaixada pedir visto e fomos presos. Quando ele viu o violão, que Manduka não largava, seus olhos se acenderam. Perguntou se eu tocava. Apontei para o menino. A quem ele fez uma pergunta que salvou a pátria: “Por si acaso, tocas la Bossa Nova?”

Com muita calma, o Manduka (já com 21 anos) tirou uns acordes com aquela batida de João Gilberto, cantou o Desafinado, depois ofereceu o pinho ao militar, que não se fez de rogado. Dedilhou uns acordes, elogiou o instrumento, agradecido. O militar nos deixou. Abracei meu filho. Demorou um tempão, anoiteceu, o capitão voltou com nossos documentos e, como se nada tivesse acontecido, se referiu a minha amizade com Neruda. Mandou a gente embora, e ainda advertiu: “Vão depressa, porque o toque de recolher começa às 10 horas e já passa das nove”. Me olhou nos olhos: “Seja mais cuidadoso”. Não cabiam dúvidas. O oficial chileno só podia ser um allendista. A guarda do palácio presidencial era feita por carabineiros.

No dia seguinte ao enterro de Neruda... (faço um parêntese, ou um ramo, como o poeta me dizia: “Compañero, haces demasiadas ramas en el árbol de tu conversación”. Eu lhe respondia que era verdade, pero advertia que os ramos da conversa dele eram mais grossos e mais bonitos do que os meus. Quero recordar o enterro do bardo: “Pablo Neruda!”, bradava um coração chileno. “Presente!”, respondia a multidão corajosa, cercada de soldados. Fecho o parêntese.). No dia seguinte ao enterro de Neruda, cometi uma audácia. Era preciso socorrer um brasileiro, também refugiado, para ele sair do Chile. Estava

escondido num bairro proletário de Santiago, cruzado pela Grande Avenida. Tinha papéis bons. Dei o lugar e a senha onde uma mulher o esperava, de vestido branco. Lembro neste instante que a senha era Madrugada Campesina. Abracei-o: “Ela vai te ajudar”. Ajudou muito. Tornei a vê-lo, anos depois, quando voltei do exílio. Estava sentado na primeira fila do Teatro da PUC, em São Paulo, na estreia do “Faz Escuro Mas Eu Canto”, título do show, com poemas e canções, que Sergio Ricardo me chamou para fazer com ele. Varamos durante um ano por mais de dez capitais brasileiras clamando pela anistia. Onde chegávamos, a censura nos esperava. Chegávamos armados com os Direitos Humanos.”

Depois que conseguiu sair de Santiago, Thiago de Mello peregrinou por Buenos Aires, Paris, Lisboa, Berlim e Frankfurt, até fixar residência na cidade de Mainz, na Alemanha, para trabalhar como professor visitante na Universidade Johann Guttenberg. Foi quando encontrou a tranquilidade necessária para lapidar os poemas que vinha elaborando nesse meio tempo e publicou um novo livro, “Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida” (Civilização Brasileira, 1975).

**12.** Dono da editora Civilização Brasileira e amigo particular de Thiago de Mello, Ênio Silveira era um homem de cultura ampla, poder-se-ia mesmo dizer que era um cosmopolita daquele tipo de pessoa viajada e que, no caso dele, parecia pertencer a uma geração de brasileiros – hoje quase extinta – que acreditava ser a França a capital cultural do mundo e jurar que Nova York não passava de uma aldeia de nouveau-riches avaros e kitsch, ou seja, em bom português, de novos-ricos avarentos e cafonas. Elegante e bem-apessoado, Ênio tinha aquele porte que no Brasil se convencionou chamar de britânico, embora demonstrasse uma

educação mais próxima daquilo que o brasileiro de classe média alta classifica como europeia continental.

Nascido em 18 de novembro de 1925, em São Paulo, Ênio Silveira se formou em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e logo seguiu para Nova York, onde estudou editoração na Universidade de Columbia e fez estágio na Editora Alfred Knopf. De volta ao Brasil, passa a morar no Rio de Janeiro e inicia sua carreira na Editora Civilização Brasileira, fundada em 1929 e incorporada três anos mais tarde pela Companhia Editora Nacional, do escritor Monteiro Lobato (1882-1948). Ênio assume a direção da editora em 1948, realiza mudanças na linha editorial e na área gráfica, com a introdução de gravuras nas capas e interior dos livros e o uso de brochura. A editora se torna então uma das maiores do Brasil.

Em 1965, ele cria a Revista Civilização Brasileira, marco do pensamento político e cultural e de resistência à ditadura militar, fechada após o Ato Institucional nº 5 (AI-5), no fim de 1968. Entre 1964 e 1969, Ênio Silveira é preso sete vezes por sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e pela resistência democrática que lidera no campo editorial, com a publicação de títulos sobre temas políticos e sociais de pensadores como Karl Marx e Antonio Gramsci, e jovens autores brasileiros.

Por conta de suas crenças políticas, Ênio editava livros que raramente chegavam ao Brasil, obras vistas como polêmicas aos olhos de parte da sociedade brasileira. Na seção “Cadernos do Povo Brasileiro”, escrevia sobre temas da política nacional, de intervenção nas lutas sociais, como a Reforma Agrária, por exemplo. Quem comprava a coleção ainda recebia um caderninho de poemas chamado “Violão de Rua”, em que publicava obras de importantes artistas do Brasil, como o famoso poema de Vinícius de Moraes, o “Operário em Construção”.

O sociólogo foi uma das personalidades mais influentes dos meios editoriais do Brasil durante décadas, principalmente durante a ditadura militar. À época do regime militar, chegou a editar um livro por dia tendo, ao longo de sua vida, editado cerca de seis mil livros. Por todo o seu trabalho à frente da Editora Civilização Brasileira, Ênio Silveira tornou-se um verdadeiro marco na sociedade brasileira, encantando até o filósofo Jean-Paul Sartre. Sua morte, em 1996, foi uma grande perda para as letras nacionais, sobretudo por sua defesa intransigente da democracia, da cultura e da intelectualidade tipicamente brasileira. O livro “Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida” foi apresentado por Ênio Silveira:

Esses versos do poeta são uma síntese do que se propõe, depois de muito sofrimento, ao longo de caminhos e descaminhos: “Cada vez mais sozinho e mais feroz, a ternura extraviada de si mesma, / o homem está perdido em seu caminho. / É preciso fazer alguma coisa / para ajudá-lo. Ainda é tempo.” Thiago de Mello, poeta, caboclo do Amazonas e cidadão do mundo, não se limita, porém, a conclamar-nos para essa campanha de re-humanização do homem: ele próprio já partiu, “eu que também me sei ferido e só, / mas que conheço esse animal sonoro / que profundo e feroz reina em meu peito”, porque foi testemunha de crueldade e violência, sentiu no coração a dor imensa de ver irmão contra irmão no “incêndio monstruoso que lavou a cordilheira dos Andes, em setembro de 1973”. E, no entanto, sabe que ainda é tempo. Ainda é tempo de amar, ainda é tempo de viver. Mesmo que os massacres no Vietnã ou no Chile nos infundam momentânea desesperança e frustração, ainda é tempo.

A mesma sede de paz, justiça e liberdade que armou para a vitória um dos povos mais desvalidos e pobres do mundo,

fazendo-o derrotar nos arrozais do sudeste asiático a maior potência militar que a história já conheceu, pode armar a cada um de nós para a luta pelo direito de viver com dignidade. O desafio foi aceito: os humilhados e ofendidos, em toda parte, se preparem para enfrentar e liquidar o anti-humano. Se não o fizessem, a humanidade inteira – opressores e oprimidos – pereceria. A luta não será breve, nem fácil, e dela ninguém poderá fugir. Mas como diz o poeta, “não importa que doa: é tempo / de avançar de mão dada / com quem vai no mesmo rumo, / mesmo que longe ainda esteja / de aprender a conjugar / o verbo amar.”

Este seu novo livro, *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*, é como uma flâmula balouçante ao vento, conclamando-nos a cerrar fileiras, mobilizando nossas cabeças, nossos corações e nossos braços. Thiago de Mello, andando pelo mundo, avança: “o rumo é o do amor. / Sabendo certo por onde / vou com quem e a que vou.” As horas amargas que viveu no Chile, depois do assassinato de Allende, cuja experiência de governo era bela promessa que o medo, a ignorância, a traição e a violência cruel e estúpida impediram de colher seus frutos, não lhe abateram o ânimo. Os poetas, mais do que os estadistas, os políticos e os administradores, têm a capacidade de perceber o amanhã. E o caboclo de Barreirinha já sabe que a luz romperá as trevas antes do que pensam os tímidos e os derrotistas: “Pois eu prefiro ficar / contigo, estrelada terra, / não me canso de esperar. / Fique de tudo o que dei, / conjugando o verbo amar, / o rastro de uma esperança / que o homem precisa achar.”

**13.** Como já havia acontecido nos últimos tempos, o livro “*Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*” também obteve boa aceitação no mercado editorial brasileiro, tendo conquistado um importante prêmio concedido pela Associação

Paulista de Críticos de Arte e ocupado por vários meses a lista dos dez livros mais vendidos do ano. Na Alemanha, o poeta havia ficado fascinado com a consciência ecológica dos militantes do Partido Verde, que haviam superado a dicotomia socialismo-capitalismo e agora defendiam um desenvolvimento sustentável, ambientalmente correto e socialmente justo. Em outubro de 1977, dois anos antes da “anistia ampla, geral e irrestrita” ser promulgada e sancionada pelo presidente João Batista Figueiredo, em 28 de agosto de 1979, Thiago de Mello resolve voltar ao Brasil para iniciar uma nova etapa de sua vida: a luta ecológica em defesa da Amazônia.

“Sei que é preciso sonhar. / Campo sem orvalho, seca / A frente de quem não sonha. / Quem não sonha o azul do voo / perde seu poder de pássaro. / A realidade da relva / cresce em sonho no sereno / para não ser relva apenas, / mas a relva que se sonha. / Não vinga o sonho da folha / se não crescer incrustado / no sonho que se fez árvore. / Sonhar, mas sem deixar nunca / que o sol do sonho se arraste / pelas campinas do vento. / É sonhar, mas cavalgando / o sonho e inventando o chão / para o sonho florescer”. O sonho de retornar ao Brasil contado num de seus poemas escritos no exílio na Alemanha, um dos países onde residira nos últimos anos, havia, enfim, se tornado realidade, para Thiago de Mello, que chegou ao país como um refugiado das Nações Unidas. Mas, entre a alegria da volta e os abraços de parentes, foi detido pela Polícia Federal, logo ao desembarcar no Galeão, no início de uma manhã de outubro, só sendo liberado no final da noite.

Com 51 anos e vestindo camisa e calças brancas, cor de sua preferência pelo significado de “festa, paz e tranquilidade”, o poeta trouxe na bagagem sérios problemas de saúde: dois enfartes no intervalo de poucos meses e uma angina, quadro validado por três

laudos médicos entregues às autoridades. E também um testamento, com o pedido de ser cremado. De volta ao Brasil, anunciou que havia escolhido a cidade de Barreirinha, encravada no meio da floresta amazônica, para viver, “para aprender com a própria floresta e, sobretudo, com o homem que vive nela e vive dela” e para servir à causa ecológica (lançaria “Mormaço na Floresta”, em 1981, e “Amazonas, Pátria das Águas”, em 1991, para referendar essa decisão). Sua bagagem sentimental era composta de livros, esculturas e quadros, presenteados a ele pelos mais representativos intelectuais do planeta. O poeta resolveu compartilhar aquele tesouro com seus irmãos da selva.



**O poeta amazonense durante seu exílio em Trento, Itália**

**14.** “Só agora é que cheguei”, disse Thiago de Mello. Disse como quem avisa que a viagem foi longa, embora o avião já tivesse pousado havia dias. No Rio de Janeiro, ele chegara ao Brasil. Em Manaus, ao Amazonas. A diferença, para ele, era fundamental. Era o dia 12 de dezembro de 1977.

Naquela tarde, Thiago de Mello recebeu alguns jornalistas para uma entrevista rápida – rápida porque o poeta vinha sendo sabatinado como réu, quando só tinha poemas a declarar. O corpo denunciava o cansaço acumulado de quem atravessou aeroportos, interrogatórios e microfones com a mesma mala. Ainda assim, Thiago era o de sempre: convicto, sereno e agora um pouco mais econômico nas palavras, virtude adquirida quando elas podem custar caro.

Não falou da vida no exílio, esse assunto que os repórteres adoram e os exilados já contaram demais. Preferiu falar da saudade. Durante os anos fora do país, garantiu, o coração nunca saiu do Amazonas. Pensava no caboclo amazônida, citava Manaus em conferências estrangeiras e repetia Barreirinha com a teimosia de quem se recusa a esquecer o próprio endereço.

“Quando desembarquei no Rio, tive a consciência de que estava chegando ao Brasil. Mas só agora é que cheguei.” A frase veio com emoção, mas sem exageros. Emoção suficiente para um homem que passou nove anos afastado da terra e dos seus – e que agora descobria que o retorno também cansa.

Sentado numa cadeira de macarrão, no pátio da casa do cunhado, o deputado Natanael Rodrigues, na Rua Tefé, Thiago exibia no rosto a fadiga dos últimos dias. A cadeira rangia discretamente, como se acompanhasse o depoimento. Falava, no entanto, com animação de sua nova obra, que seria lançada na Europa. 80% dos originais já estavam em Paris – uma estatística respeitável para um poeta que acabara de chegar em casa.

Não se tratava, avisou, de um livro contra este ou aquele governo. Era contra algo bem mais antigo e persistente: um sistema inteiro. A colonização do Amazonas desde os portugueses. A obra teria quatro volumes, percorrendo o passado remoto, o passado recente e o presente imediato, com Zona Franca, multinacionais e esse progresso que chegou rápido demais e perguntou pouco.

Ainda naquela semana, Thiago estava concluindo um trabalho que seguiria para a Alemanha. Depois, ao lado do cantor e compositor Sérgio Ricardo, iria preparar um musical baseado em seus textos – títulos longos, como convém à poesia engajada, e ideias curtas e diretas, como exige o palco. A produção seria exibida no Sul do país, mas o poeta impôs uma condição simples e irreduzível: a estreia teria de ser em Manaus, no Teatro Amazonas. Para isso, já conversara com o diretor da casa, Pedro Amorim. Certas exigências não são capricho. São endereço.

Entre suas obras mais conhecidas pelo público está “Os Estatutos do Homem”, poema em catorze artigos, já traduzido até então em mais de 15 idiomas e recitado na Europa e na América. No Brasil, foi ilustrado por Aldemir Martins, com lançamento simultâneo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Um poema que corre o mundo, mas continua falando com sotaque amazônico. Thiago de Mello voltara. Levava muito tempo, reconhecia. Mas, segundo ele, agora sim, havia chegado de volta ao seu torrão natal.

**15.** Em 1978, ao lado do cantor e compositor Sérgio Ricardo, Thiago de Mello participa do show “Faz Escuro Mas Eu Canto”, dirigido pelo cronista e dramaturgo Flávio Rangel (1934-1988) e apresentado em dez capitais brasileiras. Um dos presentes na plateia do show realizado no Teatro Carlos Gomes, no Rio de

Janeiro, era o arquiteto Lúcio Costa, “o homem mais delicado que já conheci”, diz Thiago. Apresentados por Drummond, em 1948, se tornariam carne e unha pelo resto da vida. “Lúcio Costa gostava de mim, vivo dizendo isso, sozinho”, explica o poeta. “Quando voltei do exílio, ele foi ao teatro assistir ao show de poemas e canções, meu e do Sergio Ricardo. Entrou na fila dos abraços e me disse ‘bienvenu’. Não escondi as lágrimas. Soube que eu ia voltar a viver na floresta e alguns dias depois me ligou: ‘Venha buscar a sua casa, ela já está pronta’. E me entregou um projeto arquitetônico maravilhoso.”

O arquiteto, cuja mãe, Alina, era amazonense, assim anota o fato no livro “Registro de uma Vivência” (1995): “Finalmente, numa como que volta às origens, dei o risco da casa que, em Barreirinha, no coração da Amazônia, o poeta nativo constrói com zelo e amor”. Nos anos posteriores, saíram da prancheta ainda uma biblioteca e um “torreão”, com janelas quebra-vento, para servir de local de trabalho.

Tão logo recebeu as plantas da casa projetada por Lúcio Costa, Thiago de Mello edificou com as próprias mãos – utilizando madeiras nativas – o sonho de sua casa amazônica. O conjunto foi chamado de Porantim do Bom Socorro, em homenagem ao lugar onde Thiago e seu pai haviam nascido. O refúgio do poeta, um dos últimos projetos do arquiteto Lúcio Costa, era composto de três imóveis. Em um deles, que funcionava, também, como residência, Thiago instalou a Biblioteca Moronguetá e uma Biblioteca de Literatura Universal. Em outro, a Biblioteca Amazônica, com 800 volumes, a Biblioteca Latino-Americana e uma Biblioteca de Artes Plásticas. No terceiro, um Museu Universal e um Museu de Usos Humanos da Madeira Amazônica, atendendo a uma sugestão do antropólogo Gilberto Freyre.

As joias da coroa estavam na Biblioteca Latino-Americana.

Constituída de 1.500 volumes, ela continha, entre outras preciosidades, a coleção completa das revistas Crisis, da Argentina, Casa de Las Américas, de Cuba, e Plural, do México, além das obras completas de Alejo Carpentier, Nicolas Guillén, Octavio Paz, Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Pablo Neruda, Jose Lezama Lima, Mario Vargas Llosa, Cíntio Vitier, Guillermo Cabrera Infante, Eduardo Galeano e Osvaldo Soriano, entre outros, a maioria delas com dedicatórias afetuosas ao poeta feitas de próprio punho pelos autores.

Na Biblioteca de Artes Plásticas, com 500 volumes, era possível consultar livros sobre Picasso, Miró, Salvador Dalí, Chagall, Paul Klee, Henri Cartier-Bresson, Man Ray, William Klein, Sebastião Salgado, Robert Doisneau, Mario Giacomelli e muitos outros. Havia, ainda, um exemplar original da Expedição Langsdorff ao Brasil, com ilustrações de Rugendas, Taunay e Florence, e outro da Colonização dos Holandeses no Recife, com ilustrações de Franz Prost e Barleus. Cada uma destas duas últimas obras citadas está avaliada, por baixo, em 20 mil dólares.

No Museu Universal, o destaque era uma gravura em bronze de Miró, da série Constelações (as demais estão no Louvre, de Paris), e várias aquarelas de Roberto Sambonet, considerado o maior pintor italiano do século vinte e morto em 1999. Sambonet, durante quase uma década, foi presidente da Sociedade Internacional de Design. Havia, ainda, serigrafias de Volpi, gravuras de Ana Letícia (considerada a maior gravadora do Brasil), xilogravuras da mineira Iara Tupinambá, aquarelas de Fernando Fiúza (que já foi premiado na Bienal de São Paulo) e diversos quadros de Moacir Andrade, Jair Jacqmont, Rufino Tamoyo, Rosé Bru e Venturelli (premiado na Bienal de Veneza), para só citarmos os mais conhecidos.

No Museu da Madeira, Thiago havia conseguido dezenas de

remos antigos de formatos diferentes, arpões de maçaranduba desenvolvidos para a pesca de poronga, várias almanjarras (um tipo primitivo de moenda de espremer cana), canoas esculpidas pelos índios diretamente no tronco de árvores, bancos, pilões e gareiras, uma espécie de recipiente do bagaço da macaxeira após o tipiti. O destaque do museu ficava por conta de uma série esplendorosa de adoquins – beirais de madeiras ucranianos pintados à mão –, que Thiago havia recebido de presente do ex-ministro de Turismo Rafael Grecca.



**Interior da residência principal do Porantim do Bom Socorro**

Nesse ambiente acolhedor, Thiago recebia, vindos de todos os quadrantes do planeta, os seus milhares de amigos aos quais revelava, pouco a pouco, alguns dos mistérios de um mundo ainda em estado de graça. As viagens de barco que o poeta empreende pelo Paraná de Ramos, as visitas às comunidades ribeirinhas do Andirá, Negro, Amazonas e Solimões, o contato

amigável com os índios sateré mawé, as pescarias, caçadas e histórias de assombrações, tudo se transforma em matéria-prima de uma nova aventura literária, dessa vez em defesa do meio ambiente. O resultado é o livro “Mormaço na Floresta” (Civilização Brasileira, 1981), que ganhou uma bela apresentação de Ênio Silveira:

Maiakovski tinha plena consciência de sua natureza: “Comigo a anatomia se vê louca: sou todo coração”. Thiago de Mello, igualmente lírico e dedicado ao seu povo define-se como um rio que flui, não um rio qualquer, mas o seu rio, o seu Amazonas – natural e simbólico –, que nasce nas geleiras eternas dos Andes, atravessa um continente e vai lançar no Atlântico a carga ciclópica de areia e húmus, de grandeza e miséria humana que recolheu ao longo de cem mil barrancos. Onde quer que tenha andado, nas horas de alegria ou de sofrimento que tenha vivido, o poeta sempre se desejou “ser capaz como um rio / que leva sozinho / a canoa que se cansa, / de servir de caminho / para a esperança / (...) / E de lavar o límpido / a mágoa da mancha, / como o rio que leva, / e lava.”

“Como o rio decifra / o segredo do chão”, o poeta tem sempre o coração aberto, os ouvidos atentos. Seu irmão em dificuldades jamais necessitou pedir-lhe ajuda, pois que ele, constante e deliberado como o rio intemporal, sabe “crescer para entregar / na distância calada / um poder de canção”. O companheirismo fraternal é, de fato, um dos traços marcantes da personalidade e da obra poética de Thiago de Mello. Mão estendida, abraço cordial e solidário tanto nas horas de perigo e infortúnio quanto nas de comemoração festiva, ele está sempre disposto a ajudar os humilhados e ofendidos. Com o poder da canção e a força do corpo. Por mais sombria que a noite seja, com ele ao nosso lado temos a certeza de que a manhã não tarda e sentimos renascer a

esperança, mesmo quando os dados de triste realidade tudo façam por sufocá-la.

Na dedicatória poética com que abre este seu novo livro e belo livro, trabalho pleno de maturidade que as chamas da juventude aparentemente eterna temperam, o Ulisses caboclo retornado à sua Ítaca fluvial nos diz que não está em paz no centro da floresta amazônica porque vive e convive com crianças que dormem com fome, mas que, apesar disso, trata de repartir a esperança. E é precisamente isso o que vem fazendo, ao longo de sua vida. Embora tenha enfrentado mais vezes do que desejaria essa desafortunada situação, qual seja a de tentar manter resistentes e combativos, sob o estímulo da esperança na justiça e em dias melhores, aos seus irmãos e companheiros de jornada sobre quem o abuso ou a desgraça hajam tombado, Thiago de Mello não se deixa dominar pelo desânimo e a todos dá, sempre, o auxílio de seu canto solidário, mesmo quando esteja ele próprio sob a mira da adversidade. Assim como o rio, ele lava a mágoa da mancha e, armado de amor, “reparte sua esperança e canta a clara certeza da vida nova que vem”. Nele, juntos e afinados, o homem e o poeta, crescem límpidos a cada novo livro.

**16.** Em 1981, a editora Civilização Brasileira publicou “Vento Geral – Poesia 1951-1981”, mas apressou-se a esclarecer:

Com este mesmo e belo título, Vento Geral, a Livraria Editora José Olympio publicou em 1960 a obra omnia até então do poeta amazonense, que nove anos antes, com Silêncio e Palavra, irrompera vigorosamente no cenário cultural brasileiro e de pronto recebera a melhor acolhida da crítica. Álvaro Lins, Tristão de Ataíde, Manuel Bandeira, Sérgio Milliet e José Lins do Rego, para citar alguns nomes ilustres, viram nele e em sua obra poética duas

presenças que, substanciosas e duradouras, enriqueceram a literatura nacional. “(...) Thiago de Mello é um poeta de verdade e, coisa rara no momento, tem o que dizer”, escreveu Sérgio Milliet.

O correr dos anos só fez confirmar suas qualidades e justificar os elogios com que fora recebido pela intelligentsia brasileira. O amadurecimento permitiu ao poeta mergulhar profundamente as raízes da sensibilidade e da consciência crítica na rica seiva humana de um povo ao mesmo tempo tão explorado, tão sofrido e tão generoso como o nosso, e sua poesia, sem perder o sóbrio lirismo que a inflamava, ganhou densidade e concentração, pondo-se por inteiro a serviço de relevantes causas sociais.

Faz Escuro Mas Eu Canto, A Canção do Amor Armado, Horóscopo Para Os Que São Vivos, Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida realizam, por isso, a bela síntese do poeta e do homem que jamais deixou ficar indeciso em cima do muro de confortável neutralidade. O poeta e o partisan eram uma só pessoa, dedicada sem medir esforços ou riscos à luta pela emancipação do homem, tanto dos grilhões que injustas estruturas do poder econômico-político lhe impõem quanto das limitações com que individualismos, ignorância ou timidez lhe tolhem os passos.

A biografia de um poeta assim concebido e a tanto cometido não poderia jamais desenvolver-se num plano de tranquila rotina. A de Thiago de Mello teve, por isso mesmo, suas fases sombrias e borrascosas, realçadas por arbitrária prisão e longo e doloroso exílio da pátria a que tanto ama e serve.

Essas provações, que enfrentou com a serena firmeza de quem as sabe inevitáveis e delas não foge, enriqueceram-no ainda mais como poeta e ser humano. Alargando sua weltanschauung, permitiram-lhe comprovar o acerto de sua intuição de que o geral

passa pelo particular e de que, como dizia seu grande colega Fernando Pessoa, “tudo vale a pena / se a alma não é pequena”.

No livro mais recentemente publicado, *Mormaço na Floresta*, todas as linhas marcantes de sua poesia, o lirismo, a sensibilidade humana, a alegria de viver, a luta contra a opressão, o amor constante à Amazônia natal, se reúnem harmonicamente num tecido de rara força e beleza. O poeta não escreve seus poemas apenas em busca de elegância formal: neles se joga por inteiro, coração, cabeça e sentimento, e isso lhes dá autenticidade e força interior.

Soma de todos eles, este novo Vento Geral que mais forte e oloroso sopra, dá-nos o retrato bem contrastando do poeta e do homem Thiago de Mello. Mas o homem é o seu processo, e este segundo patamar, já tão alto, é apenas uma prestação de contas até agora e, mais do que promessa, a garantia de que sua obra se elevará sempre, na medida em que continua a aprofundar-se no que há de mais rico e estimulante no difícil mestiere di vivere.

17. “O senhor acredita que o exílio no Chile foi uma porta aberta para seu sucesso no mundo da literatura? Ou, além disso, outros fatores contribuíram para sua consagração como nosso grande poeta popular, com reedições constantes de sua obra ao longo das décadas?”, questionou um jornalista, supostamente especialista na literatura de Thiago de Mello, durante uma das sessões de autógrafos do “Vento Geral”. O poeta de Barreirinha abriu o coração:

“Não acho não. Nem o Chile, nem o exílio. Vejo que você sabe muito do que fiz e pouco do que fizeram comigo. Já levei cartão de meus amados editores José Olympio e Ênio Silveira porque não sei me promover. Mas minha mãe me educou a não me fazer de rogado. Já que você quer saber quem me abriu a

porta vou lhe contar. Não faz mal o que o ninho de cobras vai dizer depois. Foram brasileiros de alto valor. O Álvaro Lins foi o primeiro. Em 1952, no seu rodapé semanal de crítica literária sobre o 'Silêncio e Palavra', meu primeiro livro, simplesmente pediu aos principais poetas do Brasil um lugar para mim ao lado deles. Conto isso, mas também conto que dias depois eu o encontrei na Livraria São José do Rio de Janeiro e lhe disse que dano iria me fazer se eu acreditasse naquilo... Eu estava mal começando, queria caminho e trabalho pela frente. Ele me abraçou rindo.



**Retrato do artista já na meia idade**

O outro foi Gilberto Freyre, quando eu ainda nem conhecia o mestre de Apipucos. Em 1952, ano do ‘Narciso Cego’, ele achou de dizer no seu artigo semanal em O Cruzeiro. Só copiando o começo: ‘O poeta Thiago toma tão de assalto o seu lugar entre os melhores poetas do Brasil que até parece um salteador ou um ladrão. Mas não. O que ele fez foi guardar os seus cadernos de caligrafia poética e só aparecer com a letra já segura de um mestre. Um jovem e admirável mestre é o que ele é’. Sabe a minha reação? Achei tão bonito, tão bem escrito, que gostei, sim, mas concedo que me comovi mais com a beleza do dizer em si do que com o seu dizer de mim. De mim, consciente, feliz de ser um aprendiz de Drummond, o primeiro dos poetas célebres a quem, principiante de 19 anos, procurei no 9º andar do Ministério de Educação para mostrar, manuscritos, alguns de meus primeiros versos, ele foi carinhoso, gabou o meu domínio do idioma, falou da tara pela palavra, saí de lá conhecendo a delicadeza de Lucio Costa e com os originais datilografados do ‘Claro Enigma’ e com o começo de uma amizade que ia durar a vida inteira. Uma benção. A dele e a do Bandeira, a quem Drummond me levou, caminhando pela Avenida Beira-Mar, até o edifício do apartamento dele, no oitavo andar. Me chamou de pardal novo. E acabou sendo o terceiro que abriu a porta, isso sim, do meu coração, quando na sua crônica do JB, me disse ‘um poeta de grande estro e um homem de grande coração’. Isso sim que deve ser chamado de sucesso, no sentido verdadeiro, de um grande acontecimento, na minha vida.

Não me incomodei quando o Dr. Alceu – o Tristão de Athayde – lavou qualquer sombra de dúvida: eu estava entre os grandes do meu tempo. Sei que não estou. Mas ele achava, acabou-se. O Manuel, meu mestre, amigo e padrinho, foi a inteireza do dom da amizade na convivência de cada dia, que

permite a naturalidade da confidência, o gosto de folgar, de estar com, de saber o que dá a alegria do outro, cantar juntos, contar a mesma história uma porção de vezes, a discrepância sem zanga. Como foi com, dos tantos, o Armando Nogueira, em tudo amigo do princípio ao fim. Verdade seja dita que levei do Manuel Bandeira já no fim da vida dele um chega pra lá por escrito que me tirou do lugar o centro de gravidade do sofrimento, verdade também que o abraço do encontro no retorno foi outro sucesso sensacional, ele recitando de memória o meu poema, dizendo ‘esquece aquela carta’. O que aconteceu não vou dizer, acho que nem nas páginas dele no meu livro de memórias, ainda não sei. Bem que eu poderia dar o doce empurrão que me deu na porta o querido Carpeaux, quando apresentou o ‘Faz Escuro’ com o poder do seu pulso. Mas temo atiçar de novo o rapaz concretista que em vez de me chamar de feio faltou com o devido respeito a um verdadeiro mestre das nossas e de outras letras.”

Nos anos seguintes, Thiago de Mello continua embrenhado na floresta e trabalhando febrilmente como um verdadeiro mouro. Nas palestras que realiza em escolas, associações de moradores, sindicatos e faculdades, ele enfatiza a necessidade de as pessoas exigirem cada vez mais dos políticos que seja colocado na ordem do dia o desenvolvimento sustentável, um desenvolvimento que procura satisfazer as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades. Ele implica possibilitar às pessoas, agora e no futuro, atingir um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais. Em resumo, é o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. “Um desenvolvimento sustentável requer planejamento e o

reconhecimento de que os recursos são finitos”, explicava Thiago de Mello. “Ele não deve ser confundido com crescimento econômico, pois este, em princípio, depende do consumo crescente de energia e recursos naturais. O desenvolvimento nestas bases é insustentável, pois leva ao esgotamento dos recursos naturais dos quais a humanidade depende”.

**18.** A partir de 1985, com a abertura política enfim conquistada pelo nosso povo e o advento da chamada Nova República, o Brasil entrou numa quadra saudável de sua história onde se veem garantidos (embora ainda não respeitados em plenitude, como todos queremos) os direitos humanos fundamentais. Liberto por isso das autoimpostas obrigações de partisan da democracia, o poeta ensarilhou momentaneamente as armas e pode voltar ao trato de sua lira, da qual emanam os belos acordes de “Num Campo de Margaridas” (1986). O livro é um canto de amor ao amor, uma louvação de paz e da fraternidade calorosa que deve existir entre os homens, para que eles mereçam um mundo melhor.

Os livros seguintes publicados por Thiago de Mello são de prosa: “Arte e Ciência de Empinar Papagaio” (1986), em que mostra as anotações que fez sobre a brincadeira ao longo de 50 anos de apaixonada aprendizagem, “Amazonas, Pátria das Águas” (1987), em que demonstra a perfeita integração que havia – e corre o risco de desaparecer – entre o sistema fluvial do Amazonas e todas as formas de vida regional e o clima de todo o continente americano, “Notícia da Visitação que fiz no Verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos” (1989), em que recapitula uma pitoresca viagem feita de barco com seu amigo de infância Jari Botelho, “Manaus, Amor e Memória” (1989), um vigoroso painel dissertativo sobre pessoas, fatos e costumes da

capital amazonense no início do século passado, “Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo” (1992), um brado de alerta e uma convocação irrecusável de que temos, todos, de arregaçar as mangas e engrossar as fileiras da resistência à sanha predatória dos novos bárbaros que querem transformar a Amazônia em um novo deserto, “O Povo Sabe o Que Diz” (1993), saborosa releitura dos ditos populares da região amazônica, e “Borges na Luz de Borges” (1993), que reúne duas entrevistas feitas por Thiago de Mello com Jorge Luis Borges, pouco antes de ele falecer. O trabalho havia sido encomendado pela TV Globo e visava jogar um pouco mais de luz no misterioso universo literário do escritor argentino.

Em 1993, quando Fernando Henrique Cardoso assumiu o Ministério de Relações Exteriores, Thiago de Mello foi convidado para reassumir o posto de adido cultural do Brasil no Chile. Era uma espécie de acerto de contas, já que o poeta ocupava aquele cargo quando eclodiu o golpe militar de 64. “Thiago era adorado pelos meios culturais e políticos de Santiago. A ele nunca faltou coragem para receber de braços abertos os exilados brasileiros. Sua condição de adido cultural da embaixada e seu sentimento fraterno e democrático serviram de apoio a muitos de nós. Thiago morava na casa que era do Neruda (hoje é museu), o que já mostra o quanto ele era bem relacionado por lá. Foi em sua casa que conheci Salvador Allende”, recordou o ex-presidente FHC.

Thiago, que até o final da vida continuou trabalhando doze horas por dia para sobreviver com dignidade e decência, viu logo que seria impossível manter o Poramtim do Bom Socorro enquanto estivesse morando em Santiago do Chile. Ele, então, resolveu vender os imóveis, “no estilo porteira fechada, com tudo dentro”, para o Governo do Amazonas, cobrando um preço simbólico (menos de 10% do valor real das obras de arte ali

coletadas). O secretário estadual de Fazenda da época, Sérgio Cardoso, com o aval do governador Gilberto Mestrinho, comandou as negociações. Entre as exigências do poeta, uma declaração firmada em cartório de que o Governo do Estado se comprometia em manter “uma cuidadosa conservação do rico patrimônio ali representado, com destinação cultural a serviço do povo da região”.

A ideia do governador Gilberto Mestrinho era fazer do Porantim do Bom Socorro um campus avançado da Universidade de Tecnologia da Amazônia (Utam). Um amigo de Thiago de Mello, Bartolomeu Maranhão, ficou encarregado de vigiar o imóvel enquanto o governo não ocupasse definitivamente, de fato e de direito, a propriedade. Três meses depois de Thiago ter partido para o Chile, e sem que recebesse um tostão pelos serviços de vigia, Bartolomeu foi dispensado da função por ordem expressa da Secretaria Estadual de Fazenda. O imóvel ficou abandonado.

Em 1994, uma galera de menores infratores, sob a desculpa esfarrapada de que usariam o local provisoriamente como curral de boi-bumbá, resolveu fazer do Porantim seu quartel-general. Foi como colocar uma milícia talibã, armada até os dentes, no templo de Angkor, no Camboja. Em questões de dias, o trabalho primoroso de Suryavarman II, aliás, de Thiago de Mello, estava completamente destruído. Os museus e bibliotecas foram saqueados. A residência foi transformada em bordel e em ponto de encontro de viciados. Livros de arte foram queimados em substituição ao carvão comum. Mais de cem fitas cassetes, com cantos indígenas, foram utilizadas como “bole-bole”.

Duas esculturas de Mestre Vitalino, que José Lins do Rego doou a Thiago, quando o escritor paraibano já estava em seu leito de morte, foram destruídas a marteladas. Um vitral em forma de rosácea com mais de 2 metros de diâmetro e 200 anos de história,

que Thiago havia adquirido em Paris, foi transformado em vidro moído para cerol de papagaio. Dezenas de lâminas policromáticas de Barbosa Rodrigues ganharam a destinação de papel higiênico. Textos manuscritos de Pablo Neruda viraram rabiola de carrapetas. Folhas de edições antigas foram encontradas nas bordas de fossas. Muitas pessoas viajavam de Manaus para Barreirinha exclusivamente para participar do botim. O Porantim do Bom Socorro virou uma terra de ninguém.

Em 1996, quando retornou a Barreirinha, Thiago de Mello ficou tão traumatizado com o que viu que nunca mais colocou os pés no lugar. Afinal de contas, ali estava depositada, praticamente, toda uma vida dedicada a tornar o mundo mais humano e o resultado tinha sido uma blitz arrasadora digna de animais irracionais. “Na volta do Chile, sentei na calçada e chorei lágrimas de esguicho, como dizia Nelson Rodrigues. Como fizeram isso? Nunca mais piso aqui”, jurou Thiago. O mais revoltante disso tudo é que ninguém foi responsabilizado pelo desastre acontecido. Pior para os amazonenses, que se viram privados de desfrutar de um grandioso patrimônio artístico pacientemente coletado pelo poeta por mais de cinco décadas.

Nos anos 90, Lucio Costa projetou uma nova casa, à beira do Paraná do Ramos, distante cerca de cinco quarteirões do porto fluvial de Barreirinha, e abusou da generosidade: uma cama pensada especialmente para o quarto do poeta harmonizava-se às medidas de uma janela, para que Thiago, deitado, pudesse ver o rio de sua aldeia. Foi nessa nova casa que ele passou a residir enquanto o Porantim do Bom Socorro, já totalmente desfigurado, continuava entregue às traças. O primeiro trabalho que emerge dessa nova fase é o livro “De Uma Vez por Todas” (Bertrand Brasil, 1996), de verso e prosa, que conquista o Prêmio Jabuti no ano seguinte. “Este meu novo livro, que reúne verso e prosa, não

é melhor nem pior do que os outros livros que escrevi”, avisou. “É, no entanto, um livro importante para os leitores que acompanham o meu trabalho há quase meio século, porque faço uma espécie de resumo da minha vida e um balanço do que fiz, vivi e escrevi”. O livro celebrava, segundo Thiago, a coerência de não haver se afastado dos seus princípios nem como pessoa nem como escritor.

“De Uma Vez por Todas” é dividido em seis partes. A poesia ocupa 80% das páginas e traz material fotográfico das várias fases da vida do poeta. Nele, Thiago de Mello fala também sobre as suas impressões a respeito do “outro lado do rio” (metáfora criada por ele para referir-se à morte). A apresentação do livro ficou a cargo do romancista, cronista e jornalista Carlos Heitor Cony:

Todas de uma vez. O novo livro de Thiago de Mello é uma suma não apenas de sua obra, mas de sua vida. Os poemas da maturidade conservam a carga emotiva e humana de suas obras anteriores. Contudo, ele não se limita a um núcleo, quando, por exemplo, marcou o nosso tempo com poemas que fizeram a cabeça e o coração de duas gerações. Para citar um deles: seu antológico Estatutos do Homem, hoje traduzido em várias línguas, momento da resistência do povo brasileiro - e de qualquer outro povo – contra a opressão.

Em De uma vez por todas, Thiago de Mello cumpre com dignidade e beleza a sua missão. Isolou-se no chão onde nasceu, um chão encharcado de rios e florestas, onde pode captar a luxúria de um peixe-fêmea diante de um peixe-macho, ou – como acontece num dos melhores poemas de nossa língua – descreve o ato de amor entre duas aranhas.

Penetrando no átrio sombrio dos 70 anos, ele revisita o passado, tem as retinas fatigadas de tudo o que viu nas sete

portas do mundo. Apesar disso, como ser humano que herdou o caudal dos grandes rios que regaram seu berço – ele continua o poeta da manhã e do canto.

De uma vez por todas, Thiago proclama seu amor à natureza e à liberdade. A nuvem se esgarça ao sabor do vento, perde sua claridade, transforma-se em tempestade. Já a palavra nuvem permanece intacta no texto: é eterna. Poucas vezes, e em grau tão verdadeiro, a literatura encontrou definição.

Destaque especial para a sucessão de seus amigos, daqueles que admirou e foi por eles admirado. O soneto de Pablo Neruda dedicado a Thiago é definitivo. Vago mago é praticamente intraduzível. E mesmo traduzido, necessita de um conhecimento prévio de Neruda e do próprio Thiago.

Misturando prosa e poesia, crônica e até anúncio imobiliário, o amazonense de Barreirinha, o cidadão do mundo, o personagem de nossa época, o poeta de A Canção do Amor Armado penetra na memória, obtendo a síntese do urbano e do telúrico, do lírico e do social. Comprometido com a sua terra e com a sua gente, de uma vez por todas Thiago de Mello assume a expressão de um poeta verdadeiramente universal.

**19.** O poeta, ensaísta, teatrólogo e professor universitário Zemaria Pinto, autor de “Copoengima” e “Fragmentos do Silêncio”, entre outras obras, também se debruçou sobre o novo livro do poeta de Barreirinha e publicou um belo texto intitulado “Thiago de Mello, de uma vez por todas, agora”, no site Blocos On Line:

Na majestade de seus setenta anos, o poeta ensaia despedir-se: “alguém dirá: que pena, já se cala / o poeta cujo verso me deu voz / à tímida ternura e asas ao sonho. / Outros dirão que me despeço tarde.” Pois “De Uma Vez Por Todas” é

mais que uma despedida – é um inventário da vida e da obra deste que é não apenas o maior poeta do Amazonas, mas também o mais produtivo: Thiago não se contentou em deitar na fama que lhe conferiram os primeiros livros, que já o colocavam, pela repercussão, entre os mais importantes poetas brasileiros da segunda metade deste século, incensado que fora pelos mais importantes críticos da época. Álvaro Lins, Tristão de Athayde, Sérgio Milliet, M. Cavalcanti Proença, José Lins do Rego, Otto Maria Carpeaux e Manuel Bandeira, entre outros, jamais pouparam elogios ao jovem poeta. Thiago, entretanto, optou por ir mais além, mudando o rumo de sua poesia, desafiando a crítica e mantendo uma coerência inatacável, para concluir, agora: “lúcido escrevo, de uma vez por todas, / que confio no amor e na utopia.” À crítica esquizóide ele reserva fina ironia: “mas dito seja, de uma vez por todas, / que nada faço por literatura, / que nada tenho a ver com a história, / mesmo concisa, das letras brasileiras.” Tem, sim.

“De Uma Vez Por Todas” é um livro uniformemente desigual, e é aí que reside o charme de seu caráter de inventário. Há um fio condutor, tênue, em tom de despedida, mas o poeta não parece preocupado com a possibilidade de uma crítica negativa em função disso. Pelo contrário, nas nove partes em que se divide o livro, Thiago dá-se por inteiro a essa entidade desconhecida que é o leitor. Mistura poesia e prosa, e, no mais das vezes, esta é poética, o que nos dá grandes esperanças quanto ao futuro: o poeta confidenciou-me que não pretende parar de escrever, mas o fará em prosa, dando continuidade aos estudos sobre a Amazônia, desfiados em “Amazonas, Pátria da Água” e em “Amazônia, a Menina dos Olhos do Mundo”.

“De Uma Vez Por Todas” não tem o vezo lamuriento de um canto do cisne. Antes, é uma prestação de contas – prematura –

do poeta com seu leitor, “cada um dos meus leitores brasileiros a quem não conheço, mas de cuja vida sei que participo”, como ele mesmo diz em sua dedicatória. Consciente do dever cumprido, o poeta se recolhe ao silêncio da floresta, no aconchego dos braços da mulher amada, para criar novos ritmos, novas florações de palavras. Pois está dito, nesse testemunho-testamento, que “da poesia não poderei, jamais, / me separar: ela nasceu comigo (...) / sou simplesmente um cantor (...) / sou poeta, só sei cantar (...) / só cantando me sou todo (...) / fiz cantando a minha parte (...) / faço poemas como quem faz amor (...) outra coisa não tenho além do canto (...) / este poema sou eu (...) / o livro inteiro sou eu, é a minha vida / dentro das palavras.” A poesia e o poeta não se dissociam: fazem parte da humana paisagem, como o bando de garças e os gaviões ou o rio com sua fúria tranquila e os seres que o habitam.

“A Metáfora Nua”, primeira parte do livro, revela o poeta na plenitude de seu fazer. As palavras iniciais, no poema “O livro”, são reveladoras do que o leitor pode encontrar na viagem: “este livro, de um homem e sua vida, / que nada traz de novo, além do amor, / me despede da mágica aventura / de dar sonho sonoro à humana argila / e transformar estrelas em palavras: / mistura de alegria e de agonia.” Thiago de Mello tece poemas com a calma e a serenidade de quem não precisa, e não quer, promover revoluções. À “arte revolucionária”, que aponta caminhos às contradições da própria arte, ele contrapõe a “arte revoltada”, que trabalha com as contradições do presente cotidiano. Em “A difícil transparência”, ele fornece pistas de como vê seu trabalho: “meu poema está construído / com a matéria verbal dos homens / para os quais escrevo. / Arrumo por música o verso / ao qual dou minha cadência / quando preciso dizer / o que em mim lateja límpido / no pensar e no sentir.” Despojado, o poeta constrói imagens e

canções como um obreiro da palavra, “trabalho que nem um mouro, / estou sempre começando”, e sorri das vanguardas que o põem à margem: “nada criei de novo. / Nada acrescentei às formas / tradicionais do verso. / Quem sou eu para criar coisas novas, / pôr no verso, Deus me livre, uma / invenção.” (“Canto do meu canto”)

“Memorial das Águas” cuida da recuperação da memória pela poesia. São lembranças, fragmentos, que fluem trazendo os amigos anônimos, a gente do povo, em meio aos notáveis com quem o poeta conviveu: Bandeira, Rosa, Drummond, Villa-Lobos, Zé Lins, Portinari, Vallejo, Miró, Neruda e tantos outros. Nesse contexto, “Cidadania” parece deslocado. Mas o poema “Vi”, que encerra esse bloco, dá bem a dimensão do pretendido, quando o poeta sussurra ao leitor: “e vi quando os olhos da Pálida, num / hospital de Buenos Aires, / já muito próximos, começaram a recuar, / com medo do diamante, do diamante / que brilhava, brilhava em meu olhar.”

“Barro Enamorado” traz poemas de temática amorosa, como o belo “Sugestão”, onde o homem vivido aconselha a jovem amante enciumada: “alguma sombra azul do que passou / vive no amor que nos abraça agora.” “Diário de Um Brasileiro”, a quarta parte do livro, traz o velho Thiago de Mello, cultor dessa arte revoltada, indignado com as injustiças e com a pouca vergonha que ele testemunha e denuncia: “tenho vergonha, / morro de vergonha, morro também de / raiva, / deste país que é o meu, / e no meio de cujo povo miserável / consigo caminhar cantando.” O tom, às vezes panfletário, faz com que algum candidato a poeta pense o quanto é fácil fazer poesia. Mas ao Thiago pode-se, e deve-se, fazer concessões, afinal, de uma vez por todas, ele crê na utopia. E quem escreveu “Os Estatutos do Homem” não deve satisfações a ninguém.

“Os Bens que Perduram” trata da arte da amizade e constitui-se numa extensão de “Memorial das Águas”, na medida em que retoma a busca pelos desvãos da memória: “a amizade é assim: quando ela atinge / o poder silencioso das estrelas, / prescinde de convívio, elide o tempo, / é diamante sereno na memória.” Em “Os Encantados do Verde”, o poeta enfeixa quatro poemas sobre temas regionais. Um deles, “A caranguejeira feliz”, mereceu de Carlos Heitor Cony, na orelha do livro, um comentário apaixonado – “um dos melhores poemas de nossa língua”: “ferrões afáveis, pernas distendidas, / indiferente à claridão, a aranha / amazônica dorme, e talvez sonhe / com quem feliz a fez antes da aurora.”

“Travessia”, a sétima parte do livro, é densa e sombria sem ser triste. A morte, um dos temas recorrentes dos primeiros livros, quando o intimismo era a tônica de sua expressão, retorna com toda sua dignidade e grandeza. O poeta não se furta em preparar-se para o encontro inevitável e o faz como quem a vida inteira soube disso. Não sofre. Antes, dá lições: “deixo o que já não é meu: / o amor, os filhos, os poemas, / que, de mudança em mudança, / deixarão de ser um dia / flores e estrelas, que são.” Há um fino humor bandeiriano, que não se furta a lembrar o próprio: “se a Indesejável das Gentes / chegasse agora, não encontraria / a casa limpa, como a de Bandeira. / Minha casa ainda carece / de uma boa varredura”.

“Poesia Gosta de Prosa, Quando Ela Sabe Cantar” reúne quatro textos em prosa. Outros há nas outras partes também. O poeta se exercita. “Arco-íris”, que fecha o volume, traz os convidados “para a festa de despedida”. São poetas mui amados que o poeta Thiago recita em “voz alta, caminhando pela floresta”: Dante, Camões, Pessoa, Bandeira, Drummond, Gullar, Vallejo, Lorca, Neruda, Borges, Cecília, Astrid, Elson, Tufic, Anibal...

Imenso, em sua ternura vestida de branco, o poeta passeia por entre a bruma da memória. E não tropeça, e não vacila, porque esse é o caminho que ele trilha, com seu andar cambaio de caboclo suburucu, desde sempre.

**20.** O poeta e crítico literário Erorci Santana foi outro que não se fez de rogado diante da cristalina poesia de Thiago e publicou o ensaio “Uma Vida e seu Ofício”, no site Jornal de Poesia:

Claridão e antemanhã. O projeto da eternidade está presente em De Uma Vez por Todas, muita poesia e alguma prosa, substancioso volume publicado pela Civilização Brasileira, da lavra e safra boa, suprassumo de Thiago de Mello; escritor por ofício, dom e precisão, caboclo – como ele mesmo faz questão de frisar – nascido em Barreirinha. Barreirinha? Pequena cidade plantada há mais de um século no coração da floresta amazônica, a 400 quilômetros de Manaus, umas vinte horas de viagem pelo baixo Amazonas, habitada por três mil almas, metade delas crianças. Entre estas, o próprio poeta.

Para esse lugar, senão inóspito distante das grandes aglomerações humanas brasileiras, tornou o poeta, desgarrado em tantas andanças, para continuar a laboração de sua obra, comprometida com o ideal de liberdade, centrada no ilibado amor pela humanidade. Aí o poeta reafirmou sua singular essência. Aqui, no coração do livro, o veterano-poeta mais despoluído de nossos tempos mapeia as circunstâncias de sua vida, faz um inventário de seus setenta anos, às vezes de modo explícito, às vezes subjacente, mas sempre como uma forma de homenagem ao ganho do aprendizado, ofertando a rosa despudoradamente aberta dessa vida aos seus amigos, aos seus leitores.

Há os acenos de uma paradoxal despedida, já evidenciada no próprio título das obras e nos poemas reunidos sob os

capítulos de A Metáfora Nua, onde o poeta revela os fundamentos de sua poética, e em Travessia, onde o balanço da vida fica mais evidenciado e comovedor, pois diz mais à vida da gente que à do próprio poeta.

É como se encerrasse de vez o episódio de penas e alegrias em que consiste a vida e sua mais exata expressão, a poesia e seus desdobramentos: a obsessão pela palavra, de que é padecente de todo poeta, ente que lambe o verbo e depois se alucina, no dizer daquele outro anacoreta, o Manoel de Barros, o feral combate corpo-a-corpo travado entre o vate e a palavra.

Despedida paradoxal porque, mais que resignação e abandono, sente-se a afirmação de sua condição de poeta e de homem vivíssimo e militante pela causa de uma ética, um feixe de valores perdidos ou jamais sedimentados, instauração da confiança no amor e na utopia.

Assumidamente, essa despedida circunscreve-se à mensagem da palavra publicada, a mensageira, que passa a existir em seu próprio vôo, como se lê no emblemático poema de abertura intitulado O Livro, em que o poeta principia assim: “Este livro, de um homem e sua vida, / que nada traz de novo, além do amor, / me despede da mágica aventura / de dar sonho sonoro à humana argila / e transformar estrelas em palavras: / mistura de alegria e agonia.”

Mais adiante, no mesmo poema, o poeta declara que jamais poderá se apartar da poesia, de seu canto “a serviço do amor, lucidamente”. Nem tampouco da vida, que agarra “com as garras de todos os sentidos, / o que ela ainda me dá, sempre encantada”.

Há também um outro aspecto a ser considerado. Essa poesia quer-se signo de redenção pela via do resgate dos valores da infância, a reafirmação da pureza. Tem, por isso, o condão de comover, num tempo em que as cruéis amarras dessa civilização

plutocrática botaram no limbo o sentido mais espiritual, mais lírico da vida. Mestre consumado, poeta constelar, tanto no sentido da ampliação dos temas quanto naquele do efeito fulgurante, a maneira de ver, dizer e viver a vida faz de Thiago poeta da doçura, o grande arauto da fraternidade, mesmo quando revela sua indignação diante do “riso dos malfeitores / riso de perversas cores”.

E justamente por situar-se num extremo onde a idéia do ser veste-se de dignidade e preto, essa poesia não aceita uma abordagem fria. Ela constrói um universo ideal e demanda a participação do leitor nessa construção. Tampouco aceita adereços na sua qualificação. Lançar mão, por exemplo de qualquer instrumental teórico para falar dessa latente e pujante beleza seria sua aniquilação.

Há que entrar com humildade, reverência ou inteligência emocionada nesses poemas, que não são mais fragmentos, mas simbiose da vida e da arte, como declaram estes versos: “Este poema sou eu. Todo o livro sou eu. / Como sou eu os cabelos que / embranqueceram, / como as safenas que o Jatene tirou da perna / e hoje vivem felizes juntinho do meu / coração”.

E o que é a vida de qualquer pessoa senão lição, mesmo que avessa e tortuosa. Valeu observar que não há culpa nem dor nesse inventário. Daí não ter espaço para a vazão do fingimento apontado por Fernando Pessoa.

A Arte e o fluxo vital se entrelaçam. É preciso dizer que Thiago de Mello faz parte e é o herdeiro de uma plêiade de poetas que fazem questão de não marcar diferença entre o ato de viver e o de escrever, emprestando à arte da poesia o substrato da alma. São esses que buscam a eficácia poética na maneira de dizer, mais que na virtuosidade da palavra, de uma dicção poética antagônica àquela que busca no adorno e na figuração verbal e

metafórica, na sofisticação mental e na profusão imagética a sua razão de ser.

Entre esses poetas, irmãos em armas de Thiago, está o mais modelar, Manuel Bandeira, com quem consagrou grande amizade. A pontada simbiose da vida e da arte fica melhor evidenciada na primeira estrofe do poema A Difícil Transparência: “Meu poema está construído / com a matéria verbal dos homens / para os quais escrevo. / Arrumo por música o verso / ao qual dou minha cadência, / quando é preciso dizer / o que em mim lateja límpido / no pensar e no sentir”.

Essa busca da “claridão” poética é perseguida em cada gesto da escrita. Ainda em A Difícil Transparência se revela esse zelo, esse cuidado com a percepção do leitor: “De mim digo que cuido (...) / por mais que saiba que toda palavra, / mesmo a que parece a mais inocente, / é cheia de bocas e de olhos. / Metáforas são cheias de faces, / mas que simples sejam, / como as escamas de cores fugazes”.

Por fim, à luz dessa poesia limpa, saudável, luminosa e libertária, deplora-se aqui a danação dessa forma de arte na mão de poetas obcecados por ampliá-la ao imponderável, ao incognoscível, “os impenetráveis”, denunciados por Thiago na sua nunca suficiente celebrada cordura.

Desespero muito comum nesse século presunçoso e vanguardeiro, essa obsessão pelo novo levou muitos poetas à garimpagem dos nada, à anti-poesia, à não-mais-poesia, articulação do verso já fora de seu reino, fuga suicida de seu vasto império de possibilidades. Seja isso a recusa ou a evasão do paraíso, uma célebre maneira de chegar ao inferno da inexpressividade.

Mesmo que De Uma Vez Por Todas signifique, como faz crer, uma despedida do livro, fica a voz ardente de Thiago de

Mello dentro do peito, um bastião contra os cínicos que preferem enganar a favor do apocalipse.



**O cantor cubano Pablo Milanés e Thiago de Mello**

**21.** Na sequência, para celebrar os 70 anos de vida do poeta, Zemaria Pinto publicou um novo ensaio intitulado “Thiago na luz de Thiago – 45 anos de ternura e poesia”, dessa vez no site Jornal de Poesia:

É comum situar o início da literatura amazonense a partir de 1954, com a criação do Clube da Madrugada. Nunca é tarde para lembrar, entretanto, que três anos antes, Thiago de Mello, então com 25 anos, lançava *Silêncio e Palavra* e era saudado pela nata da crítica brasileira como a mais grata revelação da geração que se convencionou chamar “de 45”, a que nasceu para as letras depois da morte de Mário de Andrade, como observou Alceu de Amoroso Lima. Considerando que o Clube não era um movimento, mas um “estado de espírito”, é fácil estabelecer que, malgrado *Ritmos de Inquieta Alegria*, de Violeta Branca, publicado em meados da década de 30, obra ainda imatura, é com Thiago de Mello que se instaura o modernismo no Amazonas.

Aliás, esta é outra falácia, pois enquanto o Clube da Madrugada, à época de sua criação, ainda guardava um certo ranço parnasiano-simbolista pré-modernista, Silêncio e Palavra colocava a poesia amazonense em sintonia com o que de melhor se fazia então no resto do país, dando um salto qualitativo de mais de 30 anos. Álvaro Lins, Emanuel de Moraes, Gilberto Freyre, Tristão de Athayde, Sérgio Milliet, M. Cavalcanti Proença, José Lins do Rego, Otto Maria Carpeaux e Manuel Bandeira, nomes do primeiro time de críticos do país, reconheceram no jovem estudante de Medicina a voz poderosa que hoje festeja 45 anos de literatura. Talvez o pessoal com menos de 30 anos não tenha noção do que seja crítica literária profissional, mas esse é outro papo.

Abro com displicência meu surrado exemplar de Vento Geral. Sei o que procuro e logo encontro: “somente sou quando em verso”. Esta verdadeira profissão de fé está lá, no poema Rumo, do primeiro livro. O poeta profetiza a si próprio: é aquele o caminho escolhido, e assim tem sido, ao longo destes 45 breves anos. Narciso Cego, de 52, A Lenda da Rosa, de 56, Vento Geral, de 60, são livros de um outro Thiago de Mello, mais intimista, circunspecto, ensimesmado, onde o amor e a morte são os temas recorrentes. Datam dessa época seus poemas, se me permitem, mais literários (!).

A partir de Faz Escuro Mas Eu Canto, de 66, o poeta promove uma guinada radical em seu trabalho, fica mais didático, popular, assumindo uma clara postura política de combate à ditadura. Influência de Neruda, das viagens pela América Latina, ou simplesmente amadurecimento? O poeta acrescenta a seus temas principais um novo: a vida, reescrevendo aquela profissão de fé assumida 15 anos antes: “pois aqui está a minha vida, pronta para ser usada”.

Na apresentação de A Canção do Amor Armado, também de 66, Dr. Alceu pondera que “essa conversão ao social não o afastou de si mesmo. Os versos de Thiago de Mello constituem, sem a menor dúvida, a expressão mais transparente e bela, significativa e profunda, não só de um poeta autêntico, mas de um momento crucial da alma brasileira em sua fase decisiva da evolução de sua cultura.” Uma breve análise do poema Madrugada Camponesa, um dos mais conhecidos do autor, poderia ilustrar as palavras do velho mestre.

Composto em redondilhas, usando rimas com palavras da mesma classe (plantar/chegar, milharal/seringal, chão/pendão, trabalhar/chegar) e imagens relativamente desgastadas (manhã por liberdade, por exemplo), qualquer aluno de teoria literária percebe que o poema não representa nenhum desafio à sua ensejada mala de (pre)conceitos. Sucede que o poeta quer atingir um outro público, quem sabe aquele mesmo metaforizado em seu poema. Somente ele entenderá, e se emocionará, com imagens como “alegria (...) / feita de canto e de pão”, “chuva azul no milharal”, “colho um sol que arde no chão”, para concluir: “faz escuro mas eu canto / porque a manhã vai chegar”.

Na apresentação a Faz Escuro Mas Eu Canto, aliás, Carpeaux lembra que Freud compara o sonho a uma voz de criança que canta no escuro porque sente medo. O “canto no escuro”, de Thiago de Mello, ao contrário, busca inspirar a coragem. E era com alegria juvenil que recitávamos seus poemas nas assembleias e passeatas dos anos 70. Maus tempos, aqueles, tempos de escuridão.

Mormaço Na Floresta, de 81, marca o retorno do poeta ao Amazonas, a Barreirinha: “caboclo companheiro meu de várzea, / contigo cada dia um pouco aprendo / as ciências desta selva que nos une”. Há todo um aprendizado a ser resgatado ao voluntário

exílio da terra natal. Quando partira, ainda em menino, levava certezas. Agora, humildemente, o poeta aprende com as “ensinanças da dúvida”. Em Num Campo de Margaridas, de 86, ele se mostra senhor de sua geografia, como o fora, já, senhor do mundo: “o silêncio da floresta é sonoro: / os cânticos dos pássaros da noite / fazem parte dele, nascem dele, / são a sua voz aconchegante”.

Poeta íntegro – pois fiel a si mesmo neste quase meio século – e em tempo integral – a veste branca, a vasta cabeleira, a palavra doce – ele faz-se em verso e transforma sua trajetória no mundo em poema de altíssima ressonância. Pois aí está o poeta: 70 anos de vida dedicada inteiramente à poesia, 45 anos de intensa vida literária. Senhoras, senhores: levantai-vos e aplaudi.

**22.** No dia 20 de janeiro de 1996, o escritor Carlos Heitor Cony publicou um artigo intitulado “Thiago e o Rio”, no jornal Folha de São Paulo, recordando a grande amizade dos dois escritores:

Rio de Janeiro – Outro dia, em conversa com amigos, concordamos em que o Rio, de uns tempos para cá, ficou mais triste. Muitas são as causas, mas para mim a culpa é do Thiago de Mello, que decidiu ir morar no Amazonas. Ele foi um personagem dos anos 50 e 60, exercia o ofício de poeta, amante e amigo com uma exuberância digna e pasmosa.

No livro sobre a Copa de 62, no Chile, Mário Filho termina um capítulo com uma frase antológica: “Era o Thiago!”. Não vem ao caso saber o que estava havendo ou não havendo. Era o Thiago e pronto. Sozinho, ele era um fato, um acontecimento, um evento melhor do que esses que o César Maia anda fabricando sem gosto e imaginação.

Quando voltou do Chile, onde fora adido cultural, Thiago trouxe duas novidades: sua mulher, Ana Maria Vergara, e uma

canção chilena que ele cantava, e tanto cantou que eu a aprendi e a usei no trato com as passionárias da época, que eram muitas e se sentiam motivadas pelas grandes causas.

Lembro o verso em que o Thiago botava emoção especial na voz e no gesto: “hay un salce que llora, que llora, que llora porque yo la quiero...”. Esse salgueiro que chorava, chorava e chorava devastou corações e carnes aqui pelo Rio, e Thiago iniciou sua fase de apóstolo, vestiu-se de branco, colocou uma foto de Neruda em seu apartamento, publicou “Faz escuro mas eu canto”, dedicando-me seu poema mais famoso, “Os Estatutos do Homem”. Por causa dessa dedicatória comprou uma briga com Manuel Bandeira, seu padrinho e compadre.

No dia em que morreu Mário Filho, na hora de ir para o cemitério, Nelson Rodrigues disse que iria com o Thiago e comigo, um recurso para se livrar dos chatos que o importunavam. Fomos os três, espremidos no meu carro, atrás do Mário que passava pelas ruas da cidade que ele também tanto alegrou. De repente, levando o irmão à sepultura, Nelson confessou que invejava o sucesso de Thiago com as mulheres. Na prisão de 1965, Thiago foi o primeiro a ser interrogado. Depois fui eu. Ao entrar na cela da PE, sem saber como de lá sairia, ouvi a voz de Thiago do outro lado do corredor, saudando-me: “Companheiro da manhã!”. Eu me senti em casa.

**23.** No final de 1998, Thiago de Mello publica dois novos livros, “Campo de Milagres” (Bertrand Brasil) e “Amazonas, águas, pássaros, seres e imagens” (Salamandra), que mereceram uma boa acolhida do escritor e crítico literário José Castello. A crônica/entrevista intitulada “Thiago de Mello: a vida é um campo de milagres” foi publicada no jornal O Estado de São Paulo, no dia 8 de maio de 1999:

Muito preconceito e incompreensão cercam a vasta obra do poeta amazonense Thiago de Mello, de 73 anos. Antes de tudo, é reduzido, um tanto apressadamente, à figura do poeta engajado e sua poesia tomada, mais, como ideologia. Depois, numa época de sofisticação e rapidez, ele se mantém apegado aos temas primitivos e lentos do Baixo Amazonas, aos versos soltos e derramados e, apesar de ateu, a uma visão da poesia como milagre.

Thiago de Mello é um poeta na contramão da modernidade e isso bastaria para distanciá-lo de seus pares, mas há ainda um fator circunstancial a considerar: desde que retornou ao exílio, em 1978, voltou a viver na distante Barreirinha, pequena vila de 5 mil habitantes encravada no Baixo Amazonas, em pleno coração da floresta. Quando volta do sul do País, depois de voar até Manaus e de lá num pequeno avião até Parintins, o poeta ainda é obrigado a enfrentar uma longa viagem de barco, de mais de cinco horas, até chegar em casa.

Toda manhã, porque sofre de importantes complicações nas coronárias, Thiago dá uma longa caminhada solitária pela floresta, durante a qual recita em voz alta, para macacos, pássaros e o vento, versos de Manuel Bandeira e de Joaquim Cardozo. Apesar do difícil trajeto até sua casa e do peso da idade, não pensa em mudar-se de Barreirinha.

Há dois anos, seus leitores tiveram a impressão, errada, de que se preparava para retirar-se. Depois de ter avisado que De uma Vez por Todas, coletânea de verso e prosa lançada pela Civilização Brasileira em 1996, era seu último livro, Thiago de Mello lança duas novas obras. Cara de índio, cabelos revoltos, bata branca, Thiago tem mesmo um jeitão de profeta, ou de místico, que contraria (superficialmente, pois ele se considera um utópico) seu perfil de artista ateu e de esquerda. Fala mansa,

acentuada pela idade, olhar perdido e grandes silêncios dão a impressão de possuir conexões secretas com outros mundos que não podemos ver. Mas não foge da vida social. Não dispensa convites para seminários, palestras e eventos literários – acaba de participar do júri do prestigiado Prêmio Literário Casa de las Américas –, mas está sempre ansioso para voltar para o silêncio da floresta.

Além disso, participa intensamente da vida social de Barreirinha, onde há dois anos fundou um jogral, Os Companheiros da Esperança, com 18 jovens, que já tem um repertório de 25 poemas de Drummond, Pessoa, Cardozo, Cabral, Gullar e Bandeira. Mas Thiago não limita suas atividades aos entornos da floresta. No momento, ele se empenha na organização de um grande encontro sobre a Amazônia, patrocinado pela Soka Gakai Internacional, uma ONG japonesa, que deve ser realizado este ano em Manaus. Depois de fazer uma cineangiografia em São Paulo, o poeta vai para o Chile, país em que viveu a maior parte dos seus nove anos de exílio, onde lançará a antologia de poemas Ainda É Tempo, a primeira integralmente selecionada e organizada por ele.

Quanto aos leitores brasileiros meio esquecidos da obra de Thiago, o melhor mesmo é ler Campo de Milagres, livro de poemas derramados e excessivos como ele mesmo, dedicados a amigos como Joaquim Cardozo, Manuel Bandeira, José Lins do Rego e ao pintor chileno Nemésio Antunez. O primeiro livro de Thiago, Silêncio de Pedra, é de 1951 e com Campo de Milagres um ciclo de 50 anos de poesia começa a fechar-se.

Não menos inspirado é Amazonas/Águas, Pássaros, Seres e Milagres, um belo livro fartamente ilustrado com reproduções dos trabalhos das bordadeiras do Baixo Amazonas. Os dois trabalhos guardam um espírito de balanço, de inventário, que

começa a desaguar no livro de memórias que Thiago de Mello está escrevendo. Não memórias clássicas, mas um livro sobre as pessoas que conheceu, amou e que marcaram sua vida. É principalmente sobre essas pessoas que ele fala nessa entrevista.

**É verdade que você começou a escrever suas memórias?**

Minha editora pediu minhas memórias, mas vi que seriam uns 40 volumes e desisti. Então resolvi fazer um livro sobre pessoas, saltando para o poético. Rubem Braga dizia que Murilo Mendes, além de poeta, era poético. Conversando com o Armando Nogueira, cheguei à conclusão que a gente tem o direito de exercer sobre nosso passado o mesmo direito que nossos filhos têm sobre o futuro. Temos o direito de poetizá-lo.

**Com quais poetas compartilha essa visão poética do mundo?**

Bandeira e Cardozo estão entre meus poetas mais amados. Basta dizer que diariamente dou minha caminhada pela floresta, sozinho, para cuidar das minhas coronárias, dizendo versos de Bandeira e de Cardozo. Quando converso com o Armando, eu digo um verso e ele me responde com outro. E assim vamos. A poesia está impregnada em minha vida.

**Você conheceu Manuel Bandeira?**

Conheci Bandeira quando era estudante de medicina, por uma generosidade de Drummond. Levei para Drummond meus poemas, ele quis saber quem eu era. Naquele dia eu ganhei do Drummond, e do Lúcio Costa, que trabalhava na mesa ao lado, uma amizade sem fim. Drummond guardou meus versos e pediu que eu voltasse três dias depois. Quando voltei, entregou-me meus poemas cheios de observações, deu-me para ler inéditos do Claro Enigma e disse: “Vamos sair.” E levou-me à casa de Bandeira.

## **E quanto a Joaquim Cardozo?**

O Cardozo é um grande desconhecido e, no entanto, é dos meus poetas prediletos e mais amados. Não é surpresa que ele seja tão esquecido. São poucos os leitores de poesia no Brasil. Depois, a promoção dos livros pelas editoras ainda está engatinhando. Terceiro, a bela prática da reedição é cada dia mais escassa. Ninguém se preocupa em reeditar Cardozo. Recebi da Bertrand Brasil a notícia de que acaba de sair a décima oitava edição de *Faz Escuro*, mas *Eu Canto*, um livro de 1965, e pediram-me uma nota a respeito. Comecei a escrever e assustei-me. Um livro que não é nem o melhor nem o pior que escrevi e chega a 18 edições, enquanto o Cardozo, que tem uma contribuição muitíssimo mais importante que a minha, que criou formas novas de versos, inventou ritmos, cadências, não é mais editado.

### **Você não está sendo pouco generoso consigo?**

Não sofro de falsa modéstia, mas a verdade é que eu, ao contrário de Cardozo, não inventei nada. Pratico os ritmos tradicionais, as cadências comuns, nada mais do que isso. Não tenho importância alguma na história da literatura brasileira – eu importo, sim, para meus leitores, que gostam muito do que eu faço. Já a prática metafórica do Cardozo é tão densa que chegou a levá-lo à linguagem narrativa, O lirismo dele nunca é derramado, chega a ser quase ingênuo. Mas o Cardozo ficou famoso como arquiteto do Lúcio e do Oscar, não como poeta, para se ver como as coisas são injustas.

**Joaquim Cardozo, como Murilo, também viam a poesia espalhada pelo mundo. Exatamente como você.**

As histórias do Cardozo mostram isso. Nos anos 50, ele foi à Europa e quando voltou trouxe um baú com livros. Cardozo era um solitário, “muito puro e muito só”, como disse João Cabral num

poema. Fui visitá-lo, encontrei-o diante do baú aberto, desembalando os livros. E aí ele me mostrou uma primeira edição do Baudelaire, um livro todo destruído. Eu disse: “Que pena”, mas ele me corrigiu: “Não, pena não, parece um labirinto.” Cardozo era um homem assim, ele via poesia em tudo.

**Quando você publicou De uma Vez por Todas, declarou que era o seu último trabalho. Depois mudou de idéia. Por quê?**

Não relutei quando vi que tinha escrito uma série de poemas que formavam um livro. Até mesmo essa longa parte do livro que é muito delicada e confidencial. Esse livro não tem metáforas, não tem comparações, a palavra direta já é a metáfora e isso me deu muito trabalho. Quando disse que não publicaria mais, eu não me despedia da poesia, mas do livro. Eu só não tinha mais intenção de publicar, achava que tinha dito tudo. Mas continuei a escrever e vi que ainda tinha coisas a dizer.

**Escrever sobre a experiência pessoal não é arriscado?**

Pode ser, mas eu tenho o direito de cometer minhas bobagens. Por que não? E tentei fazer coisas. Há mais de 30 anos queria escrever sobre a moça que veio lá do Sena e que nos meus 14 anos me deu a alegria do corpo dela. Eu não exagero se disser que, ao longo de 40 anos, tentei umas 30 vezes escrever esse poema (A Criação do Mundo) e não resultava em nada. De repente, lá no Amazonas, ele me nasceu. Os cinco primeiros versos me saíram e puxaram os outros. Li então para o Armando e ele me disse: “Continue.” Éramos o Armando, o Otto e eu, agora o Otto não está mais, mas não faço nada sem ler para o Armando.

**Não é estranho que Thiago de Mello, o ateu, escreva sobre milagres?**

Minha mãe, que morreu em 98, queria muito que eu tivesse fé. Falava muito da salvação da minha alma e esse tema eu peguei para

mim também. A vida eterna não me concerne, o programa já está todo armado. Tudo depende apenas da fé. Mas fiquei com o tema. O Machado diz na abertura do Dom Casmurro que ele acabou “unindo as duas pontas da vida”. Acho que nesse livro faço o mesmo, na medida em que volto à questão do ser, do estar do mundo e parto para escrever um poema sobre isso. Acabei achando que a vida é um campo de milagres e aí peguei o poema do Bandeira (“A vida é um milagre/ o tempo é um milagre/ a memória é um milagre...”) e coloquei na abertura.

**Há uma visão um tanto antiga do amor num poema como As Prendas do Recato. Você fala da anágua, da combinação, do porta-seios.**

Há uma coisa engraçada, é que eu gosto muito de olhar corpos bonitos, há um elemento mágico neles. Mas vejo que estão vendendo o quadril, o peito, a coxa como se fossem mercadorias e fiz então um poema sobre o recato que os anos não trazem mais, o tempo das anáguas, combinações, roupas que as mulheres já não usam. Como era bonito...

**Há muitos versos dedicados a personagens da vida brasileira. Por exemplo, José Lins do Rego. Por que ele?**

Escrevi dois versos sobre ele. Durante 11 anos convivemos diariamente: escrevíamos no Globo, íamos ao Maracanã, bebíamos juntos. E quando ele ficou doente, fiquei com ele por três meses no Hospital do Servidor do Estado. Guardei mais de 50 páginas escritas sobre esses três meses, que vou incluir no livro de memórias. Estou vivendo a tal crise dos neurônios fatigados, esqueço o que aconteceu anteontem. Aqueles neurônios da juventude pegavam a vida e a levavam para o banco de dados. Hoje vou bem devagar, deixando as lembranças caírem pelo caminho.

**Por que dedicar um poema, O Nemésio, ao pintor**

## **Nemésio Antunez?**

Nemésio seria o Portinari, o Volpi, o Di do Chile. Tem obras no Masp, no MAM. Ele, Neruda e eu vivíamos juntos. Era um homem alto, bonito, delicadíssimo. Gostávamos muito de cantar. Por incrível que pareça, fui diretor de um pequeno coral do qual faziam parte o Neruda e o Nemésio, entre outros. Nós cantávamos uma velha cantiga, El Marinero, à qual me refiro no poema.

**Você também acaba de publicar um belo livro sobre a Amazônia, com reproduções de trabalhos das bordadeiras da região. A Amazônia também é um milagre?**

Aqui em minha casa, na beira do rio, em plena floresta, vejo o vento chegar, balançando as palmeiras, e eu acho isso a maravilha da vida. Aí veem os pássaros e aumentam o colorido da floresta. Vivo na floresta há 21 anos, desde que voltei do exílio. Aqui na floresta os caboclos leem no escuro, cheiram o ar, cheiram a água, encontram pistas em tudo. Há coisas que chegam a parecer história de mentiroso e então, às vezes, eu evito contar. A vida é um milagre. Eu estar vivo é um milagre. Estive no muro para ser fuzilado no Chile, tempos depois caí e por causa de um coágulo tive de abrir a cabeça. Sou safenado, mas não me lembro que tenho 73 anos. Tem gente de 25, 26 anos que já envelheceu, já perdeu a esperança, já desistiu. Eu não, eu creio ardentemente na utopia. Todo o avanço assombroso da ciência, da tecnologia, esse telescópio que já fotografou a luz dos primeiros estilhaços do big-bang, isso é um milagre e tudo isso vai reverter a favor do homem um dia.

**Como é a vida em Barreirinha?**

Até os 5 anos morei aqui em Barreirinha, uma pequena vila que fica a 24 horas de barco de Manaus. Hoje, para chegar em casa, pego um avião até Parintins e de lá um barco para uma

viagem de mais cinco horas. O município tem 15 mil habitantes, mas a vila menos de 5 mil. Quando fiz 5 anos, fui para Manaus para estudar, mas até meus 5 anos eu vivia aqui, solto no meio da natureza. Tive ainda a grande sorte de ter um avô como Joaquim, homem bondoso que ficou cego por causa de uma catarata. Dos 8 aos 11 anos, até ele operar e voltar a ver, eu fui o seu guia. Esse homem me ensinou tudo sobre as nuvens e de onde vinha o vento. Ensinou-me a entender a floresta. A maravilha da floresta, o grande milagre, é que seu habitante, apesar da chegada da TV, continua a ser solidário. Lá, apesar da solidão, você nunca está sozinho. E na floresta eu aprendo muito mais com eles, do que eles comigo.

**24.** O escritor e crítico literário, Miguel Sanches Neto foi outro que se derramou em elogios ao poeta amazonense como se pode ler no ensaio “Poeta à moda antiga”, publicado no site Nossacasa:

Consagrado, por gente como Sérgio Milliet, Manuel Bandeira e Pablo Neruda, e por um grande número de leitores, como um de nossos mais importantes poetas líricos, Thiago de Mello sofre atualmente os preconceitos de uma crítica que se formou repetindo os ensinamentos tatibitates do formalismo mais estreito e irrelevante. Se o autor perdeu a espessura crítica, por ser este um campo dominado pelos chatos boys paulistas e seus asseclas espalhados em todo o território nacional, ele mantém um horizonte de recepção muito estável num período em que a poesia brasileira se encontra sem leitores. A mesma crítica que, nos cadernos culturais, faz o sucesso de poetas irrelevantes, afugenta leitores que são drenados para obras menos mirabolantes. Thiago de Mello não faz sucesso nas altas rodas literárias de hoje, mas tem lugar cativo na preferência de um público de poesia que não aceita falsificações pretensamente cultas.

O novo livro do caboclo amazonense, Campo de milagres (Bertrand Brasil, 1998) contraria o desejo de silêncio que o poeta externou tanto no título de sua coletânea anterior como textualmente. O livro De uma vez por todas (Civilização Brasileira, 1996) era para ser a sua despedida da poesia e tinha um caráter de testamento poético, em que ele liquidava seus saldos como quem vende uma casa. Significativamente, num dos textos, Thiago de Mello colocava à venda a casa, na sua terra natal, onde reside atualmente. Ele, no entanto, retorna dois anos depois com um volume substancial, sem fugir a uma justificativa: “Este livro de milagres cumpre um emocionado dever perante os leitores que gostam de mim, aos quais deixo entrever um certo lado meu (como todo mundo, tenho vários lados), que tem preferido viver à luz da sombra” (p.232). Tal depoimento revela algumas das bases criativas do autor. Primeiro, estamos diante de um poeta que vê a poesia como algo visceralmente relacionado ao emissor. Não a um sujeito unívoco, porque o autor se reconhece múltiplo, mas a uma de suas faces. Ao contrário do que papagueiam os pingentes da rarefação vanguardista, o eu poético não é, para ele, uma ficção linguística. Segundo, a sua poesia tem um compromisso com os leitores, sendo uma forma de comunhão com eles. E, terceiro, ela circula dentro de um conceito de afetividade.

Identificado à legendária José Olympio e, depois do fechamento desta, à Civilização Brasileira, o poeta pertence a um período literário praticamente desaparecido no Brasil. Estas duas casas editoras criaram famílias de artistas, ligados principalmente ao pensamento de esquerda, que revolucionaram nossa cultura. Thiago de Mello formou sua sensibilidade artística dentro de um meio humano extremamente rico, ficando definitivamente marcado por uma poética da camaradagem. A poesia, para ele, é uma casa democraticamente aberta a todos, é um território do

convívio na amizade e no amor. Não é à toa que um de seus livros se chama Poesia comprometida com a minha e a tua vida (Civilização Brasileira, 1975), expressando um sentimento de irmandade reforçado pela inclusão, no colofon de determinado volume, “do nome de todos que participaram na edição dos livros meus, do digitador ao revisor, do diagramador ao impressor, do capista ao encadernador” (Campo de milagres, p. 231). A partilha do poético é assim a grande marca deste cantor espontâneo, que viveu e continua vivendo em contato direto com as realidades do país, ao contrário da grande massa lírica de hoje, que revela um desdém retumbante pelo real ou uma visão ingênua de estrangeiro, de quem vê o país de uma latitude distante.

O poeta pode ser definido como antiquado, realmente o seu verso não busca o novo, mas principalmente pelo fato de revelar uma penetração em nossa realidade e num dado horizonte de recepção que não é mais comum. É um poeta à moda antiga, em que a formação intelectual só tinha sentido quando em contato direto com o mundo. Esta tradição se perdeu com a excessiva intelectualização do produtor contemporâneo, que se quer circulando apenas dentro de uma tradição cultural cosmopolita, ou seja, importada dos centros de prestígio.

É a reafirmação de sua poética da camaradagem que encontramos em Campo dos milagres, livro onde Thiago de Mello continua conversando amorosamente com artistas, pessoas do povo e com aqueles que ainda vivem em sua recordação. Penso realmente na idéia de conversa, ou seja, numa literatura sem pretensão de criar um fechamento de linguagem, impossibilitando o trânsito por ela. De um modo geral, o livro é composto por crônicas poéticas. Em muitos momentos, não nos sentimos diante de um objeto artístico, mas sim numa roda de amigos, ouvindo a voz do poeta. E esta espontaneidade é buscada com rigor:

“Trabalho com as palavras / como o carpinteiro, o ourives, / com a madeira e o metal. / Algum sonho, muito barro. / Paixão é imprescindível. / Não a devastadora, / que te priva dos sentidos, / da inteligência. Paixão: / fascinada encantação / que ponho em tudo que faço: / um guizado, uma canoa, / uma conversa amorosa”.

A ausência de posturas poéticas em sua linguagem cria a aproximação entre autor/leitor. É nesta característica que reside a beleza de sua poesia e a sua imprescindibilidade. O ofício de escrever é o mesmo de viver, segundo o poeta, ou de conviver, como prefere este crítico. Vários poemas são dedicados a amigos, alguns falecidos, cujas fotos aparecem nas páginas do livro. Esta presença de fotogramas de pessoas dá a medida de sua poesia, cujo centro é o homem.

A celebração da amizade é uma das faces de uma celebração maior, a da vida. Mesmo perdendo os amigos, mesmo sentindo a proximidade de sua própria morte, que o teria levado, no último livro, a desistir de publicar, não vencem sua capacidade infinita de viver. O poeta está entregue integralmente às aventuras e à emoção. É uma poesia sem o pessimismo paralisante, que continua acreditando que sempre é tempo de fazer as coisas. Isso não significa que ele fuja dos assuntos dolorosos, mas sim que os enfrenta com a arma do verso. Um bom exemplo desta disposição permanente é o poema “O Nemesio”. Atendendo um chamado do pintor chileno Nemesio Antunez, que se sente morrer, o poeta parte para Santiago, levando sua solidariedade ao amigo.

Esta disposição faz com que Thiago de Mello esteja sempre em trânsito. Boa parte dos poemas foi escrita durante estes deslocamentos espaciais e logo depois de algum acontecimento. É nesse sentido que temos que entender o ofício de escrever como um ofício de viver. Seus poemas trazem a data e o local em

que foram consumados, como uma forma de valorizar a experiência. O poeta escreve a partir do exercício pleno do agora, sem se acovardar diante do fim iminente ou dos problemas.

Campo de milagres (definição extraída de um poema de Bandeira para a vida) faz ecoar um grande número de escritores, revelando um autor que permanece atento ao mundo das letras. A grande diferença, em relação ao grosso de nossa atual produção, é que sua cultura literária foi posta a serviço de uma aproximação entre as pessoas e de uma vivência da realidade nacional, quando, habitualmente, ela só serve para criar distanciamentos que passam por cosmopolitismo.

Mesmo sendo produto do tempo da velhice, Campo de milagres reúne textos de um poeta em permanente amanhecer e que crê na afetividade. Não estou dizendo que a sua poética é um modelo a ser seguido, mas sim que é um exemplo que deve pesar na tradição lírica brasileira. Para que isso ocorra, será preciso desvestir os preconceitos de quase um século de frustradas tentativas cosmopolitas de vanguarda que pouco nos deixaram.

**25.** Em novembro de 2000, com o patrocínio financeiro da Secretaria Estadual de Cultura (SEC) e o apoio cultural da Editora Valer e da Academia Amazonense de Letras, Thiago de Mello organizou o 1º Encontro Amazônico de Poetas da América Latina, realizado em Manaus, que contou com a presença de poetas consagrados como Horácio Salas, Ernesto Cardenal, Margarita Laso, Guillermo Samperio, Gonzalo Rojas, Raul Zurita, Angela García, Cesar Soto Gomez, Miguel Barnet, Jorge Enrique Adoum, Maria Antonieta Flores, Norma Wanless, Saul Ibargoyen, Maria Mercedes Carranza, João de Jesus Paes Loureiro, Aníbal Beça, Alcides Werk, Jorge Tufic, Astrid Cabral, Luiz Bacellar, Zemaria Pinto e Aldisio Filgueiras, entre outros.

No dia 3 de dezembro de 2000, domingo, o jornalista e poeta Luís Augusto Cassas, publicou um artigo intitulado “As veias abertas da América Latina”, no suplemento Alternativo, do jornal O Estado do Maranhão, comentando o evento:

Existe uma poesia latino-americana fundada na expressão lúdica e criativa em seu anseio de expansão universal, cuja soma de valores seja a mais perfeita expressão de nossa biodiversidade cultural, nestes tempos em que se estabelece um novo projeto de cidadania planetária para uma nova ordem mundial? De que maneira a integração poética deveria acompanhar a integração econômica, social e linguística da latinidad? Como carimbar, portanto, o passaporte da unidade cultural para, coletivamente, construir as novas utopias de amor e liberdade que regerão os signos do futuro?

Acionado pela inspiração xamânica de Thiago de Mello, pastor das águas doces e cidadão do sentimento do mundo (a quem coube abrir a caixa de surpresa da selva: os 300 mil dólares do governo do Amazonas, para o financiamento do congresso), a poesia se encontrou na Floresta Amazônica, no período de 22 a 26 de novembro, para confraternizar-se e repensar novos modelos de integração e unidade regional-universal.

Descendentes de maias, incas, astecas, nheengatus, tapuias e outros deuses totêmicos, 54 poetas de 15 países abriram as veias da sua poesia, irmanados na confluência do “portunhol” – idioma oficioso do encontro –, sob o simbolismo ecumênico do encontro das águas dos rios Negro e Solimões, para o canto e exorcismo da vida e os seus mais belos demônios. Ao contrário do que disse Gullar, a poesia cheirou – agradou a todos.

Arranchados no Hotel Tropical, um mastodôntico mosteiro de luxo erguido à época do milagre brasileiro, os poetas, com

todas as despesas pagas e generosos cachês, pareciam personagens de encontros de negócios de executivos norte-americanos. Mas em suas valises avolumavam-se projetos de ideal e sonhos.

Cercado de toques solenes – abertura no Teatro Amazonas –, excessos de jantares, almoços, coquetéis e recitais em teatros, escolas, com direito a autógrafos para a comunidade, a Poesia plantou até ipê-amarelo numa ONG japonesa, a Soka Gakai, que culminou com um grande recital coletivo na manhã de domingo, 26, em pleno centro de Manaus, a av. Eduardo Ribeiro, com acompanhamento da Orquestra Sinfônica de Manaus e ampla participação popular, que elegia os seus prediletos, como num concerto de rock. “Manaus não será a mesma depois desse congresso”, disse o secretário de Cultura, Robério Braga, olhos marejados. Emoção ou calor?

Vindos de todos os lugares, os poetas moveram os moinhos da distância. Estavam lá desde o candidato a Nobel de Literatura, o padre-guerrilheiro-nicaraguense Ernesto Cardenal, que preferiu descansar o seu lado trapista e declamar poemas de amor de juventude, antes de declarar-se de corpo e alma a Deus, ao maior poeta colombiano, Juan Manuel Roca, boa praça e bom de papo, até grandes expressões da poesia chilena como Raul Zurita, César Sotro e Adan Rosas. Interpelado jornalisticamente sobre o seu conceito de poesia, Zurita defenestrou o interlocutor: “Conceito só depois da poesia pronta. Antes não há conceito.”

Os mexicanos Guillermo Samperio (que não desgrudava do cigarro nem mesmo às refeições e recitais) e a aristocrática Norma Wanless (com seus belíssimos livros encadernados em crochê) fizeram números à parte. Contrito, Samperio não percebeu que declamava um poema dedicado a putas para um público de crianças do Colégio Julia Barjona. Gracias a la vida.

Quando Thiago de Mello beijou-me a cabeça após a leitura de O Poema dos Sete Chacras, uma voz brasileira ouviu-se em surdina. “Estão de caso.”

Como as eleições norte-americanas não tinham ainda chegado ao fim, o plebiscito poético elegeu outros valores do humor e da cidadania. Os poetas colombianos e bolivianos (entre eles Juan Carlos Galeano e Nicodemes Suares Aurz) foram batizados como a turma do cartel de Medellín e outros bichos de pelúcia. Saul Ibargoyen, setentão uruguaio, foi considerado o de melhor humor e o mais simpático, e Horácio Salas (da Argentina) e Aruro Corquera (Peru) os mais introvertidos. A equatoriana Margarita Laso (também cantora) levou o título de a mais bela. A ironia não poupou sequer o poeta Cardenal: taxado de o mais comilão pela demora frequente às refeições, não investiu com receio no “Ninho de Crocodilos”, um exótico prato servido no jantar da sexta. Não era besta.

Num dos jantares noturnos movidos a saraus, o clima frio do ar-condicionado superou o calor da Zona Franca e houve um esvaziamento de energia poética. Em nome da maranhensidade, dei a nossa contribuição ao soerguimento do sonho. Na hora da minha apresentação, substituí a fala pela gravação da performance eletrônica Quando as Máquinas Falam, exibida no lançamento de O Shopping de Deus & A Alma do Negócio, no BEM. O som alto, como discotéque, contaminou a opinião do crítico Cláudio Willer. “Adorei. Parece Oito e Meio do Fellini”. Opinião compartilhada pelo crítico e poeta Floriano Martins. Mais adiante, uma discussão teórica: Nicomedes Arauz dizia que o soneto era uma fórmula dialética de uma maneira de pensar que se esgotou no final do século XVI, ao que Jorge Tufic, alma em pânico e flor, reagiu: “Never”. E foi cometer um alexandrino, movido ao espírito de “Grants”. Alexandria que se cuidasse.

Terra de grandes poetas, o Amazonas, foi motivo de grande alegria rever Thiago de Mello e Luiz Bacellar (cuja árvore genealógica remete ao Maranhão e como Thiago, em Barreirinha, plantou o seu exílio tropical em Manaus) e conhecer pessoalmente quem conhecia de livros, Anibal Beça, Astrid Cabral, Alencar e Silva e Alcides Werk, que revolucionou as performances de poesia. Em pleno recital, atendeu o celular, bateu papo e em seguida continuou o exercício verbal, como se nada tivesse acontecido. Filho de Thiago de Mello, o compositor Manduka apareceu com uma pergunta pronta: “Cadê meu amigo Haroldo Saboia?”. Expliquei: “Hoje é vereador pelo PT em São Luís”. Crítico da Zona Franca, o poeta e escritor Simão Pessoa ganhou a cena com seus deliciosos Manual do Canalha e Manual do Espada. Lembro-me de Paulo Mendes Campos: “São livros para serem lidos deitados num dia de chuva”. E o que dizer de Eliakin Rufino, poeta de Roraima, mix de rastafári budista em infusão de molho picante de boto-tucuxi, com sua maneira tropical de cantar poemas? Em meio a excessos, acudiu-me Neruda, depois de festival de tucunarés e pirarucus, no discurso a Farewell: “Yo lo digo, adiós”.

Mas o que foi o 1º Encontro Amazônico de Poesia Latino-Americana, realizado em Manaus? O nascimento de um novo centro de irradiação poético-cultural tendo como teatro a selva amazônica, pulmões do mundo, ao contrário do tradicional eixo Rio Sul e outros congêneres? Uma maneira de repensar e estreitar a latinidade tão próxima e tão distante, bem como sua contribuição à interação com outros mercados, entre eles, o anglo-saxão e outros blocos, considerados de “primeiro-mundo”? Estabelecer um projeto de uma nova cidadania poética universal a partir de uma visão latino-américa? Tudo isso y unas cositas más. Já não se fazem mais guerrilheiros como antigamente. E a

luta agora é nos “fronts” do egoísmo e do orgulho individual e das nações. Estamos mais pra Buda do que pra Che. Ainda assim vale o slogan guevariano: “Não perder a ternura, jamais.”

A visita à Editora Valer, com 83 títulos publicados (incluindo o volume Papéis Velhos, de nosso Maranhão Sobrinho), todos eles bem vestidos em teor conteudístico e qualidade gráfico-editorial, sugeriu-me a abertura regional de novos mercados para a poesia.

A propósito, fiquei honrado com o convite de Tenório Telles, seu diretor editorial. Estimulado pelo poeta Luís Bacellar, quer tirar uma segunda edição de A Paixão Segundo Alcântara, com fotos coloridas e atualizadas para lançar em 2001, ano de Odisseia no espaço, de Kubrick.

Foi o meu segundo livro de poemas, escrito em 85, sobre os nossos barões assinalados e mísseis teleguiados. Nesse tempo todo, apesar do risco gravitacional, a pomba do divino continua dando de dez na Base Aeroespacial. Derrubou todos os seus foguetes-caramurus. A poesia, penhorada, agradece.

Se é verdade que aumentou o excesso de colesterol de muitos, não seria mentiroso afirmar que os poetas, ali reunidos, no calor manauara, reafirmaram o compromisso latino-americano e cantaram o amor e a vida. Na despedida, no hall do tropical, o poeta Luciano Maia, autor de um belíssimo poema sobre o Jaguaribe, o seu rio natal (além do escrevinhador de uma “Carta de Manaus”, subscrita por todos que desconfiaram de sua aplicabilidade), ao ver que uma belíssima mulher ia ser abalroada por um colega de latinidad, sobrestou-lhe o assalto erótico, com uma tirada dos tempos de Padaria Espiritual, famoso bar, falecido, em Fortaleza: “Ignorante, tu não tá vendo que essa mulher não é pra comer e sim pra olhar? Parece a Virgem à paisana!”. A poesia estava lá, ao vivo e a cores. Inclusive em carne e osso.



O poeta no júri do prestigiado prêmio literário cubano

26. Em 2004, Thiago de Mello publica “Amazonas: no coração da floresta encantada” (Cosac Naify), um livro infanto-juvenil em que são recriadas algumas lendas do folclore da Amazônia: “O Calça-molhada” (a forma humana adotada pelo boto vermelho), “Tucuxi dançarino” (o boto cinzento que se transforma num caboclo pé-de-valsas e namorador), “O prêmio de Ajuricaba” (a batalha do índio guerreiro contra o militar português Belchior Mendes), “Curupira” (o nosso duende de pés pra trás), “O Mapinguari” (o bicho encantado que defende as florestas e tem a boca no meio da barriga), “Iara” (a rainha das águas) e “A Cobra-Grande” (uma espécie de anaconda descomunal e fantástica). As sete histórias reunidas no livro foram recontadas no registro de quem fala a “língua” de um caboco suburucu enquanto que as ilustrações de Andrés Sandoval traduzem a exuberância da paisagem e da vida amazônica. O livro traz ainda uma curiosa biografia de pessoas e rios. Para crianças, pais e professores com espírito de aventura, cineastas, ecologistas e futuros antropólogos, trata-se de um presente dos deuses. Por que esse interesse súbito por uma literatura voltada para o público infantil? Thiago de Mello se apressa a esclarecer.

“Voltei para o Brasil um ano antes da anistia (por isso fui preso ao chegar, já sabia que ia ser preso) porque achava que estava ficando doido”, recorda o poeta. “Atravessava a ponte sobre o rio Reno, entre Mainz e Wiesbaden (cidade onde Dostoiévski escreveu O Jogador), e sentia cheiro de pirarucu. Cheiro de pimenta-murupi. Sentia falta da fala, do canto, do jeito de viver de minha gente. Bem, quando anunciei a minha decisão (que tomei ainda na Europa), de que, ao regressar, ia morar na floresta, os amigos discordaram. Me lembro do meu irmão Ênio, o editor Ênio Silveira, me advertindo:

– Mas lá ninguém lê. A tua voz, tua presença, têm mais força, pesam mais é aqui no Sul.

Tratei de convencê-los:

– Não vou lá para ensinar. Quero e preciso ir é para aprender com a floresta e com o povo que vive nela. Que é parte essencial da floresta. Com as águas, os verdes, as estrelas, o chão onde nasci. Não quero aprender só com os livros, as notícias dos jornais e dos satélites.

Fiz muito bem. Acertei. Daqui não saio, daqui ninguém me tira, escrevo cantando. (Falta grave, não me lembro do autor da famosa marchinha.) Já são seis os livros que a floresta me pediu para escrever, falando da vida dela. Sem contar os de poemas, viajados pelos verdes. Como este que o Manduka musicou e gravou: “Vento e verão, sol e silêncio, / sinto vontade de cantar. / Nuvens alvíssimas no vento, / eu não mereço tanta paz. / Na transparência a garça voa, / asa de luz quer me levar. / No meio fundo uma canoa / vai contra o vento atravessar. / Quem vem na proa é uma criança / que não se cansa de remar. / Crista de onda, minha esperança / brilha nas águas do Andirá”.

No final dos anos 90, um dia me chegou um telex das Nações Unidas, me convidando para integrar a comissão de notáveis, um

grupo de escritores dispostos a dar uma mão na roda do trabalho da Unicef pela vida das crianças e adolescentes da América Latina. Respondi que sim, era um dever.

Mas disse na primeira reunião que notável para mim era a criança magricela, barrigudinha de vermes e amebas, que treme na febre da sezão, toma seu mingau de farinha d'água e acaba sobrevivendo, feliz da vida.

Éramos uns vinte, todos latino-americanos. Menos o José Saramago, o único europeu. Com o colombiano Gabriel, o García Márquez, eram dois Nobel na comissão. Gente de tudo quanto era canto deste mundo sofredor. Até de Barreirinha. O Jorgenrique Adoum, do Equador, Arturo Corcuera, do Peru, Benedetti, do Uruguai, Ernesto Sábato, da Argentina, Elena Poniatowska, do México, a lista é grande.

Uma reunião por ano. Dez dias, de manhã e de tarde. Muito trabalho. Sem honorários. Cada ano num país diferente. Ouvíamos o pessoal da Unicef, que trazia o balanço do trabalho do ano. O saldo era sempre tristonho. As ervas daninhas não se cansavam de crescer. Evasão de escola e de lar, crianças vivendo na rua e comendo lixo, meninas fazendo a vida, doenças da pobreza. A nós cabia, no final, fazer um manifesto. Muito bem escrito, chovendo no molhado. Destinado a governantes, legisladores, juízes, ministros de Educação e de Saúde, educadores, prefeitos, donos de fábricas, sindicatos. Será que leram nosso alerta?

Participei, com o poeta Corcuera, da redação do manifesto do último ano do século. Concluía assim:

“As crianças e adolescentes da América Latina não estão esperando pelo novo milênio. O que faz tempo elas querem é a chegada do amor”.

O Saramago leu e disse, com seu timbre bonito, uma frase

que me ficou, de transparente fundura:

– Ó, Thiago! Tu sabes que amor é uma questão de cultura.

A comissão durou pouco, consciente de como ainda somos pobres do respeito que merece quem chega a este mundo. Reuniu-se pela última vez, em 2005, na Espanha. A despedida foi do paraninfo Miguel de Unamuno, da Universidad de Salamanca. Saramago nos comoveu. Jorginho Adoum contou de sua meninice. Cardenal leu uma página do seu Cântico cósmico. Crianças cantaram. Quando chegou minha vez, disse para elas a minha Cantiga quase de roda: “Na roda do mundo, / lá vai o menino, / na frente uma estrela, / no peito a esperança. / O mundo é tão grande / E os homens tão sós. / Caminham calados, / parecem feridos. / De pena, o menino / começa a cantar / pois sabe que os homens, / embora se façam / de grandes, de fortes, / no fundo carecem / de aurora e de infância. / Na roda do mundo / lá vai o menino / rodando e cantando / cantigas que façam / o mundo mais manso / cantigas que deixem / a vida mais limpa, / cantigas que tornem / os homens mais crianças”.

Estávamos no mesmo lugar, Salamanca, em que, ao fim da Guerra Civil Espanhola, a beleza da dignidade humana alcançou um de seus instantes mais grandiosos. Miguel de Unamuno, então reitor da Universidade, proferia sua aula magna, quando teve a voz cortada pela ofensa do general franquista Millan Astray:

– Abajo la inteligência! Viva la muerte!

O reitor respondeu com solene bravura:

– Acabo de ouvir um grito necrófilo. De um aleijado moral. Esta casa é o templo da inteligência. E eu sou seu mais alto sacerdote. Para servir à Vida.”

**27.** No dia 12 de março de 2006, no jornal A Crítica, o jornalista Omar Gusmão publicou uma matéria intitulada “Thiago

de Mello, 80”, mostrando que o poeta chegava aos 80 anos cada vez mais decidido e comprometido em continuar lutando por suas “causas utópicas”:

“Eu fiz uma opção entre o apocalipse e a utopia”, afirma o poeta Thiago de Mello, para justificar sua decisão de continuar lutando pelo que chama de “causas utópicas”. E para que não restem dúvidas, o poeta faz questão de esclarecer: “O apocalipse não é aquele de São João. O apocalipse é a existência de mais de 1,5 bilhão de pessoas miseráveis sobre a terra”.

Mesmo tendo sido convidado para receber homenagens no dia 30 de março, data que marca seu aniversário de 80 anos, em três países e em capitais como Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo, Thiago de Mello já decidiu que vai ficar mesmo nas margens do Rio Andirá, em Barreirinha, em sua casa projetada pelo arquiteto Lúcio Costa. “Quem quiser chegar, pode vir que tem peixe e farinha”, avisa.

A decisão de fixar sua base em Barreirinha, sua cidade natal, se deu em 1977, quando se encontrava no exílio, na Alemanha. Ao voltar, no final daquele mesmo ano, cumpriu sua determinação. “Quando fui para o exílio, tinha mais notícias do que estava acontecendo com a floresta. Alunos e professores da universidade onde eu lecionava sabiam mais sobre a floresta do que eu próprio. Lá mesmo escrevi um poema e avisei a todos que quando voltasse iria morar na floresta”, conta.

Desde então, montou sua base no meio do mato e luta pela preservação. “Estou fazendo a minha parte. Acredito que a preservação da floresta só pode se dar com a elevação da qualidade de vida do povo que mora nela, lá escrevi seis livros em prosa sobre o assunto. Reparto a minha vida com meus irmãos caboclos”, afirma o poeta.

Além da luta pela preservação, pelo menos duas outras

“causas utópicas” ocupam o tempo e as energias do poeta. “Luto também contra as desigualdades sociais hoje insuportáveis, injustificáveis. Os donos do mundo só servem para esmagar os pobres”, denuncia.

Para Thiago de Mello, as causas utópicas são, paradoxalmente, possíveis de serem alcançadas. “Continuo acreditando que é possível, sim, a construção de uma sociedade humana solidária se cada um fizer sua parte. O homem nasceu para isso. Para servir, para viver numa sociedade justa”, acredita.

A integração cultural da América Latina é outra das utopias que o poeta acredita serem factíveis e pelas quais pretende continuar lutando. “Somos um continente que não se comunica. Que se desconhece. E acredito que não há nada melhor para se conhecer a vida e a alma de um povo do que sua literatura. Meu coração e minha poesia são latino-americanos. Uma das maiores forças criativas está na nossa América”, declara. A floresta, a América Latina e o ser humano são os amores do poeta.

A vida em Barreirinha não significa um exílio ou um isolamento para Thiago de Mello. “Daqui saio para vários lugares do mundo. Participo de congressos, de encontros mundiais de escritores. Onde quer que eu vá, peço que cada um faça sua parte pela preservação da floresta”.

**28.** Ainda em 2006, Thiago grava o CD “A Criação do Mundo”, musicados por seu irmão, Gaudêncio Thiago de Mello, e recebe um novo trabalho da Global Editora: produzir uma antologia de poetas da América Latina, escolhidos e traduzidos por ele mesmo. No final daquele ano, Thiago vende a casa do Paraná de Ramos para a Secretaria Estadual de Cultura (SEC) por um preço simbólico. Em troca, a SEC se compromete a tomar o imóvel como bem patrimonial do Amazonas e

transformá-lo no “Memorial Thiago de Mello”, dedicado à vida e à obra do poeta.

Thiago de Mello se muda para a Ponta da Gaivota, na Freguesia do Andirá, mas alguns meses depois também adquire um apartamento no centro de Manaus. É se dividindo entre esses dois locais de pouso que ele vai finalizar o trabalho de tradução acordado com a editora Global. Nesse meio tempo, entretanto, o poeta ainda encontra fôlego para lançar mais um livro infanto-juvenil, “O Menino Irmão das Águas”, que tem como pano de fundo a velha problemática amazônica.

“Cada um dos meus livros conta um pouco da vida do rio, dos pássaros, dos animais e da própria floresta, o maior manancial de vida do planeta, mas, sobretudo, do seu filho mais ilustre e tão abandonado, o homem, o ribeirinho sofredor e o índio que cada vez é menos índio, de tão aculturado”, diz ele. “Mostra a coragem, a sabedoria do caboclo, que aprende a linguagem do vento e das estrelas, conhece as virtudes das árvores e da planta mais rasteirinha do chão. A beleza das suas lendas. Mas também a crueldade da cobiça dos poderosos que desmatam e incendeiam a mata sagrada. Antes, ao fim de uma palestra ou recital em qualquer parte do mundo, eu pedia que cada um fizesse a sua parte para preservar a floresta. Hoje eu digo que a floresta está pedindo socorro, que é preciso salvá-la. O painel de mudanças climáticas das Nações Unidas faz previsões feias sobre a vida amazônica. De todos esses livros, acho que o “Amazonas, Pátria da Água” prestou melhor serviço porque – ideia do Armando Nogueira, também filho da floresta – serviu de roteiro para um especial da Globo, com a minha locução, dirigido pelo querido Washington Novaes. Posso contar? Não é para me gabar, não, senhor. É para mostrar a virtude conscientizadora da linguagem simples e clara, que agrada. O Roberto Martinho viu o

programa e me agradeceu: “Gostei muito da tua Pátria da Água. A minha empregada também”.

Então, para se tornar um escritor, primeiro tem que se ter vocação de escrever, no caso de ficcionista. Para ser poeta é preciso nascer poeta, tem de ter um dom. Depois é trabalhar, trabalhar e trabalhar. E cuidar com amor da sua rica matéria-prima, o idioma. Saber a palavra exata para o que quer dizer. E em países como o nosso, onde se lê ainda tão pouco, o escritor deve ser capaz de uma linguagem cada dia mais acessível ao leitor comum, a um número cada vez maior de pessoas. Eu sou um escritor profissional. Gosto de escrever, sinto precisão. A prosa me apaixona (leio mais prosa do que versos). Estudo e me preparo bem para escrever sobre assunto que me exige a opinião. Para servir, quando sinto que não devo ficar calado. Para fazer a minha parte. E digo, perdão, é de um samba do Ary Barroso, “digo somente o que sinto”. Já o poema, ele é que me chama lá de dentro. Uma exigência. “Quando Deus é servido”, dizia o Bandeira. Que também escreveu que não acredita em poeta que na prosa parece cavaleiro desmontado. Sim, silêncio, não me chame, por delicadeza.

**29.** Em 2009, durante uma longa entrevista concedida ao Movimento Humanos Direitos (MHuD), no Rio de Janeiro, Thiago de Mello falou de poesia, política, direitos humanos e meio ambiente. O MHuD é um coletivo da sociedade civil que realiza projetos e programas de proteção e defesa dos direitos humanos. Parceiro da revista Direitos Humanos desde a edição inaugural, o MHuD reúne militantes com trajetórias profissionais variadas – atores, produtores, fotógrafos, professores e outros – e tem como propósito fortalecer o espírito de cidadania na sociedade brasileira. O grupo age em cooperação com outras organizações,

promove e incentiva o debate público e a reflexão sobre o tema dos direitos fundamentais. Suas ações concentram-se em quatro eixos prioritários: a erradicação tanto do trabalho escravo quanto do trabalho infantil, a demarcação das terras indígenas e dos territórios quilombolas e a promoção do socioambientalismo no país.

Participaram da entrevista com o poeta Thiago de Mello os ativistas Bruno Cattoni, Daniel Souza, Generosa Silva, Letícia Sabatella, Ricardo Rezende, Salete Hallack, Virgínia Berriel e os convidados André Gonçalves (ator), Clara Lopes (estudante), Edilene Rodrigues (jornalista), Enrica Bernardelli (socióloga), Ricardo Dias (advogado), Tatiana Camargo (professora) e Pollyana Lima (poeta e professora). Abaixo os melhores momentos do descontraído bate-papo:

**É uma alegria enorme para nós, do Movimento Humanos Direitos, recebê-lo para conversar sobre um tema tão importante.**

Acho que a conversa vai ser boa. Tomara que ela floresça. Quero começar dizendo um poema, que vai ajudar a saber um pouco do que sou e do que sonho. Digo sempre, em qualquer canto do mundo onde chego para repartir minha esperança: “Venho armado de amor / para trabalhar cantando / na construção da manhã. / Amor dá tudo o que tem. / Reparto a minha esperança / e planto a clara certeza / da vida nova que vem. / Um dia, a cordilheira chilena em fogo, / quiseram calar para sempre / o meu coração de companheiro. / Mas atravessei o incêndio / e continuo a cantar, publicamente. / Não tenho caminho novo. / O que tenho de novo / é o jeito de caminhar. / Com a dor dos deserdados, / com o sonho escuro da criança / que dorme com fome, / aprendi que o mundo não é só meu. / Mas sobretudo aprendi / que na verdade o que importa, / antes que a vida apodreça, / é trabalhar

na mudança / do que é preciso mudar. / Cada um na sua vez, / cada qual no seu lugar.”

### **Antes do golpe militar no Chile, em 1973, como foi para você encarar o golpe militar de 1964 no Brasil?**

Eu me encontrava em Santiago do Chile, adido cultural na embaixada, quando os generais brasileiros deram o golpe, articulado pelo Departamento de Estado norte-americano, como nove anos depois procedeu ostensivamente no Chile.

Na noite de 1º de abril, o presidente João Goulart, ainda em Brasília, ia falar aos brasileiros. Eu estava na famosa La Chascona, casa que Pablo Neruda me alugou, onde vivi cinco anos. Salvador Allende me telefona, pelas 10 horas, me diz que estava chegando com um rádio de longo alcance, queria ouvir comigo o discurso do presidente João Goulart. Que Neruda ia com ele. Chegaram, solidários. O discurso do presidente foi breve. A ditadura era uma traição ao povo. Não queria sangue derramado, ia para o Rio Grande do Sul.

O poeta Pablo Neruda, membro do Comitê Central do Partido Comunista do seu país, me olhou e disse, pausado e grave:

– Tu pueblo, compañerito, no va a salir a las calles. Eso jamás pasará en Chile. El día en que los militares intenten levantar la cabeza, hasta las amas de casa saldrán a las calles, con sus escobas, en defensa de la democracia.

Salvador Allende foi mais profético:

– Lo que yo siento es que ese golpe militar en el Brasil va a desencadenar una ola de levantes en países de nuestra América. Y hasta Chile podrá ser alcanzado.

Fiquei silencioso. Nem preciso falar agora. A história já falou.

### **Que outras lembranças você guarda daqueles dias?**

Um porta-aviões norte-americano na baía de Guanabara,

com soldados e armas, pronto para enfrentar a resistência popular, que não houve. Vi, no Correio da Manhã, a fotografia do escritor Astrogildo Pereira, o grande machadiano, em cima de um catre, no mesmo quartel onde estive preso quando voltei ao Rio. Dias mais tarde, vejo, em Santiago, a fotografia de Gregório Bezerra, líder camponês, sendo puxado por um coronel do Exército, de pé num jipe, numa avenida do Recife, só de calção, com uma corda no pescoço, como se fosse um bicho. Veio o primeiro Ato Institucional da Junta Militar. Arraes e Julião presos em Fernando de Noronha. E o pior: muita gente boa aderindo. Não conseguia dormir. Vergonha de minha pátria. Indignação moral. Eu precisava fazer alguma coisa. Começo de abril, entreguei meu pedido de renúncia ao embaixador Fernando Ramos de Alencar. Tive de insistir para que ele o encaminhasse ao Itamaraty. No mesmo dia, escrevi meu ato institucional permanente, o poema Os Estatutos do Homem, publicado em maio pelo Correio da Manhã. Dedicado ao meu cada dia mais querido Carlos Heitor Cony, o primeiro de todos nós a bradar contra a ditadura, sua coluna do Correio, tradicional órgão da imprensa brasileira, que, não tardou, morreu amordaçado pelos militares.

**E seu poema começa com o verso “Fica decretado que agora vale a verdade”.**

Não faria mal algum um pouco mais de ética no proceder cotidiano de todos nós, brasileiros. De uns para com os outros. Na vida de cada pessoa. No viver e sobretudo no conviver. E, de maneira corajosa, na ação dos chamados homens públicos, os que têm nas mãos e na cabeça o destino da nação. A ética no poder de fazer ou de desfazer. Acho que a vida do povo ia sair ganhando. A pátria seria até mais amada e idolatrada. Estou me lembrando de uma conversa que tive com Borges, o extraordinário argentino, anos 80, pouco antes de sua morte. Pedi que me

falasse de sua constante preocupação pela pátria. Guardo sua resposta como se fosse um verso.

– Pela pátria e pela ética. Duas coisas inseparáveis.

Está no meu livro *Borges na Luz de Borges*. O grande cego confessa que sempre tratou de ser um homem ético, mas nem sempre conseguiu.

Lembrança forte é a de uma frase que ouvi durante um jantar em Havana, em 2006, promovido pelo romancista Abel Prieto, ministro de Cultura de Cuba, com alguns escritores latino-americanos. Lá pelas tantas, a ética tomou conta da mesa, que era oval e generosa. Concordava-se que, em muitos países nossos, a ética andava em maus lençóis. De repente o querido Gabriel, o Garcia Márquez, do Cem Anos de Solidão, rodeia a mesa com o dedo curvo e diz:

– Lo peor es que todos nosotros ya estamos acostumbrandonos a la pérdida de la ética.

O pior mesmo, comento hoje, é quando o costume vai virando indiferença. E quero terminar falando da poesia, sem a qual, aliás, a pátria não pode viver bem. O compromisso essencial da arte é com a beleza, estamos todos de acordo. Mas acho que a poesia, além da finalidade estética, deve ter uma utilidade ética. Estou dizendo que a Poesia deve servir à Vida, da qual ela nasce.

Mas, afinal, o que é a Ética? Não fui aos compêndios, nem aos pré-socráticos. Perguntei a um amigo dileto em quem também tenho um escritor predileto, o professor e historiador Joel Rufino dos Santos, por sinal meu companheiro de exílio. Pois sabem o que ele me respondeu? Leiam:

– Ética no uso comum brasileiro é, antes de tudo, corporativismo. Se um médico cometer um erro, será defendido por muitos colegas em nome da ética. Outro uso é como se ética fosse moral, talvez porque no latim fossem sinônimos. O sentido

original, que acho melhor, é de fidelidade à sua casa (oikós). Por isso, tem um significado universal: fidelidade ao homem, que é a sua história, e à sua casa, que é o planeta. É triste reconhecer que, nesse sentido, o Brasil nunca foi ético. Nem o Brasil, eu arremato, nem país algum. Principalmente os que se consideram donos do mundo, responsáveis (sabendo o que fazem) pelo aquecimento da Terra, a nossa grande casa, toda queimada, morrendo de medo dos homens.

**Você acha que o socialismo está, hoje, mais próximo da ética do viver para o outro do que no sistema capitalista? Gostaria de saber também se é possível uma política socialista, na atual conjuntura, se é possível lutar, como lutávamos antigamente, por um mundo mais justo, por um Brasil mais justo, num sistema político socialista?**

Tu me perguntas se é possível? Claro, poderosamente. Ninguém aqui vai desanimar. Nem perder a esperança. Ainda que as asas do moinho pareçam gigantes invencíveis, luta, companheiro, vais ver a manhã chegar. Faz tempo que, entre o apocalipse e a utopia, fiz a opção pela utopia. Eu acho que é possível, sim, a construção de uma sociedade humana solidária. Cada povo vai encontrar à sua maneira a forma de socializar o gosto de viver contente. Contentamento de viver vai demorar. Um dia, na consciência de quem padece na banda podre, floresce a esperança da mudança, não só da qualidade, mas do sentido da sua vida. Se não, sem se dar conta e até gostando, o pobre cidadão enganado se transforma em animal servil do lucro, alma e sangue do capitalismo.

O sistema capitalista mostra cada dia mais, no mundo inteiro, sua incapacidade de redimir o homem da miséria, da ignorância, da cegueira. Precisa mantê-lo submisso, achando que assim mesmo está bom, podia ser pior. Hoje o trabalho principal

e mais fecundo para achar o rumo da mudança só pode ser a perseverante conscientização. Quando uma parcela ponderável de um povo se conscientiza, descobre as causas da injustiça, aprende que existem direitos humanos consagrados para todos, trata de se unir e crescer, na luta, confiante na sua liderança. Cada país encontrará a sua forma de construção do socialismo, que dê a seu povo uma existência, deixem eu dizer, decente. A não ser que surja outro sistema de sociedade ainda melhor. E a imperfeição da natureza humana? Existe para ser vencida. E o poder tremendo da televisão? Vai ficar contente de servir à beleza da vida. E os recursos prodigiosos da tecnologia? Pois não se trata de mudar o que deve ser mudado? Pois mudado há de ser o sentido e a direção desses prodígios. Um poema pode ajudar: “As colunas da injustiça / sei que só vão desabar / quando o povo descobrir / que existe, sim, o caminho / que leva à libertação. / Vai tardar, mas vai saber / que esse caminho começa / na dor que acende uma estrela / no centro da servidão. / De quem já sabe, o dever / (luz repartida) é dizer. / Quando a verdade for flama / nos olhos da multidão, / o que no verso é palavra, / no povo vai ser ação”.

Certa vez, numa palestra para universitários, entrei na questão da indiferença. Perguntei: “Por favor, quem aqui se lembra do que aconteceu com o João Hélio? O menino, de nove anos, que foi arrastado por três quilômetros numa rua cheia de gente no Rio de Janeiro por um automóvel com quatro estudantes adolescentes? Quem se lembra?”. Eram umas 500 pessoas no salão, e só umas cinco mãos se lembraram. Fazia ano e meio da barbaridade que a gente esqueceu. Como o crime espantoso que o tempo engoliu, da Canção da Parada de Lucas, do Manuel Bandeira.

**Então, como salvar a Floresta Amazônica? Um filho da**

## **floresta, o que diz sobre isso?**

Digo que faz tempo me consagro à causa da preservação de nossa floresta, a mais preciosa fonte de vida do planeta. Cada dia mais impiedosamente devastada. Mordida pelo ferrão da cobiça internacional. Devorada pelo fogo dos madeireiros perversos, pela voracidade (tenho vontade de escrever ferocidade) dos empresários poderosos. Em todo canto do mundo onde chegava, repartia minha esperança:

– Faz tua parte, planta uma flor. Ajuda a preservar a floresta.

Hoje não se trata mais de apenas preservar. Mas de salvar. Já se sabe (quem ainda não sabe, precisa ficar sabendo) que a emissão de gases, principalmente o gás carbônico, resultantes da queima de combustíveis fósseis (petróleo, gás natural e carvão mineral) aumentaram a temperatura da atmosfera, causando o chamado efeito estufa. A Terra, corpo vivo, nossa morada, começou a dar sinais de sofrimento. As chuvas chegavam ácidas. As águas, enlouquecidas, invadiam cidades. As árvores perdiam as folhas em plena primavera.

A bondade da Natureza é tanta que envolveu a Terra com uma película mágica, para proteger os seres terrestres de raios solares malignos. Pois não é que os homens abriram buracos enormes na delicada matéria protetora? Quando os cientistas descobriram, ficaram alarmados. Tantos foram os cuidados com a perfuração da camada de ozônio, que se descuidaram do perigo maior: o aquecimento e nosso planeta.

Os sábios da comunidade científica afirmam: de tão elevada, a temperatura da Terra chegou a um estado irreversível. De consequências trágicas para a existência do planeta e dos seres vivos seus habitantes. Convém levar a sério a verdade terrível: o que está ameaçado é a sobrevivência da humanidade. Quem avisa amigo é.

Filho da floresta, espalho seu pedido de socorro. O mesmo calor que já derrete as geleiras da Antártica, dissolve as neves dos Andes, ameaça transformar nossa mata numa savana desolada. O Painel Internacional de Mudanças Climáticas das Nações Unidas não usa metáforas nem meias-palavras: a floresta vai murchar. Secar.

Mudaram as circunstâncias da vida terrestre. Da celeste também. Mudaram os ímpetos dos oceanos. As estações do ano estão desvairadas. Os pássaros se esquecem de seus cantos. O mundo dos homens está mudado. Concedo então que minha esperança também mudou. Perdeu flama. Mas não se apagou. Ainda é possível, sim, abrandar as terríveis consequências do aquecimento global.

Desde que todos os moradores da Terra façamos nossa parte. O gás carbônico que sai do cano de descarga de teu carro envenena a vida. Só o clamor popular pode estremecer a dureza do coração de governantes que se negam a reduzir o nível da emissão dos gases malignos. É começar a trabalhar agora pela vida das crianças que ainda vão nascer. Consumir menos energia, poupando luz, água, gás. Pedir a ajuda bondosa do vento, do sol, da água. E por que não a energia do átomo, a serviço da vida? E plantar árvores. É possível, digo de novo, amenizar a desgraça planetária. Desde que a humildade vença a arrogância dos que se pretendem donos do mundo, o poder da utopia pode triunfar sobre o furor do apocalipse. A floresta amazônica ainda pode ser salva. O que dela sobrar vai ficar contente de ajudar a Vida. É sua vocação. Para isso a Natureza a plantou na metade do chão brasileiro.

**O agronegócio chegou na floresta e, além de derrubar as matas, tem utilizado muita mão de obra escrava. O que fazer?**

Ora, o que fazer. É acabar. Não só com a mão de obra escrava. Acabar com a mão que cata comida no lixo, acabar com criança dormindo com fome, acabar com a disenteria amebiana, acabar com a miséria que degrada a grandeza da condição humana. É acabar. Como? Com o poder do respeito aos direitos humanos. No dia em que vigorarem de verdade, na vida de todos, pelo menos os artigos que garantem o trabalho, a saúde e a instrução (do 23 ao 26), estará garantido o triunfo da grande revolução humana: a do amor.

Quem vai acabar? Só podem ser os brasileiros que ganharam do povo o poder de mudar e o dever sagrado de garantir o bem de todos. O homem vai estar em seu direito de ser feliz. Vai trabalhar contente, porque sabe que está ajudando a vida a ser boa com a gente. A vida de quem? A dele e a dos outros. Que nem precisa ser santa, apesar de todas as quedas, como a da Última canção do beco, do Bandeira. É a rosa nascendo, rompendo o asfalto, do poema do Drummond. Mas isso é pura utopia, dirão os desenganados. Pois é, precisamente disso que se trata: utopia, o sol nascendo para todos.

### **E sobre a situação dos índios no Brasil?**

Eles eram mais de cinco milhões quando chegou o colonizador europeu. De extermínio em extermínio, hoje são 700 mil. Quase todos feridos fundamentalmente em sua essencial condição de índios. Uns poucos resistem, nas lonjuras da selva, evitando o contato com os chamados agentes da civilização. Como os ianomâmis, de Roraima, que se salvaram, escondidos em suas aldeias mais distantes, da invasão feroz de milhares de garimpeiros nos anos 80. O que desejam os pequenos resíduos tribais espalhados pela Amazônia, como de outros lugares do Brasil, é simplesmente seguir sendo homens e mulheres índios. Merecedores do principal dos Direitos Humanos: uma existência compatível com a própria dignidade humana.

O santo Noel Nutels dizia que índio aculturado é índio degradado. Meu irmão Darcy Ribeiro chamou de desengano o drama que é a perda da identidade cultural, a submissão aos trunfos de uma cultura estranha. A chamada questão do índio não é do índio, é do branco, que lhe ensina a gostar do que faz mal à vida. Digo o que sinto, eu que vivo pertinho de meus antepassados Maués, neste Monólogo do índio: “Perdido de mim, não sei / ser mais o que fui e nunca / poderei deixar de ser. / De mim me esquivo e me esqueço / do que sou na precisão / de me fazer parecido / aos brancos no que eles são: / uma apenas tentativa / inútil, que se dissolve / na dor que não me devolve / o poder de me encontrar. / Já deslembrado da glória / radiosa de conviver, / já perdido o parentesco / com a água, o fogo, as estrelas, / resíduo de mim, a brasa / do que fui mal me reclama, / uma estrela se apagando / dentro do ser que perdi”.

Mas uma coisa quero contar: longe da floresta ou do Brasil, quando me pedem o que mais gosto da nossa literatura, dou meus romancistas e poetas prediletos, mas nunca deixo de incluir a literatura oral dos índios do Amazonas. Durante dois anos, ajudei meu mestre Nunes Pereira, lá em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, a organizar as lendas e histórias que ele registrou, durante quarenta anos, ouvindo tuxauas e morubixabas das nossas tribos. Todas reunidas pela editora Civilização Brasileira nos dois volumes do Moronguetá, obra monumental.

Verdade é que fico triste quando vou a Ponta Alegre, a Molongotuba, aldeias dos saterê-maué, aqui no rio Andirá: constato que ninguém se lembra mais de suas lendas tão lindas. Nem posso deixar de dizer que a recente edição de luxo do meu Amazonas, Pátria da Água, vem toda ilustrada com fotos do querido Luiz Marigo e belos desenhos e pinturas dos índios tikunas, do Solimões. Pedi a um tuxaua que me desse o nome de

alguns dos artistas. Me respondeu:

– Não precisa dar nome deles, não. Diz que são dos tikunas.

Que beleza! Mas fiz o que manda a Declaração Universal, no artigo dos direitos autorais. Mais uma boa nova: o povo de Barreirinha elegeu um índio, o Mecias Batista, para governar nosso município. O sateré soube aliviar a população dos aperreios da grande enchente deste ano. E está fazendo de tudo para defender as crianças das enfermidades que sempre surgem, quando as águas começam a baixar.

**O direito da floresta, o direito das crianças, preocupação com o presente e com o futuro...**

Digo de novo que estou com a utopia e ninguém me arreda dela. Por mais que doa a força centrípeta do meu umbigo. Apesar de todas as vicissitudes (como Getúlio Vargas chamava os padecimentos dos trabalhadores do Brasil), essas coisas danadas de feias que não param de acontecer, ainda é possível mudar o jeito de viver do brasileiro. Quem sabe vai ser preciso que se dê uma grande sacudida. Quem vai dar eu acho que vai ser a Terra. Eu? Não. Os cientistas do mundo inteiro, que não brincam com as palavras. Advertem que estamos no século do “grande desastre da humanidade”. Grande parte dela vai perecer. Que século, meu Deus!, diziam os ratos. Mas continuavam a roer o edifício. De novo o Drummond me vale.

Os sobreviventes vão construir não o admirável mundo novo do Aldous Huxley, mas um novo modo humano de viver. Um modelo de vida diferente. Dentro de outro sistema, que inventarão. Uma sociedade humana solidária. Agora sou eu que pergunto. A emissão de gás carbônico, o CO<sub>2</sub>, não é a principal causa do aquecimento da Terra? O gás carbônico não é resultante da queima da gasolina, do óleo diesel, do querosene? Essas substâncias não são derivadas do petróleo, o mais valioso

e cobijado dos combustíveis fósseis? Os cientistas não afirmam que o aquecimento global é irreversível e suas consequências terríveis, inevitáveis, ameaçam a vida da humanidade e do próprio planeta.? É ou não é verdade? Pois parece que os governantes do mundo não levam a sério os sábios. Desconsideram os relatórios do Painel Internacional das Mudanças Climáticas das Nações Unidas. Todos querem mais petróleo. Quanto mais petróleo, mais poder. Aquece mais o planeta? Ora, direis, a febre dele não cede, a desgraça já está feita. Pois a ciência diz que mais emissão de gás carbônico, maior será a dimensão da desgraça. A utopia então aconselha aos países petrolíferos emitir menos gás carbônico. Cada dia um pouco menos. Vai abrandar o que o sábio James Lovelock chama A Vingança de gaia. As crianças que estão nascendo confiam na bondade do pré-sal.

**A memória dessas lendas lindas que o senhor lembra na entrevista é a própria alma do povo indígena. E isso lembra outro problema do Brasil: o senhor é a favor de abrir os arquivos da ditadura e outros arquivos?**

Esses arquivos já deviam estar abertos há muito tempo. Se os que têm poder para torná-los públicos não o fazem, devem ter seus motivos. Como os arquivos, esses motivos não se dão bem com a luz do dia.

**O senhor acha que uma reforma agrária amenizaria um pouco os conflitos de terra do país?**

Acho, sim. Faz é tempo que se quer a reforma. Tem gente que vira onça só de ouvir falar nela. A boca do latifúndio é maior do que nos poemas severinos do João Cabral. A questão fundiária é uma balbúrdia, para não dizer que é uma vergonha. O grito das Ligas Camponesas do Julião ainda ressoa. Não é nada bom que o projeto da reforma fique dormindo o sono injusto. E não deixo de cantar: “Camponês, plantas o grão / no escuro e nasce um

clarão. / De noite, comendo o pão, / sinto o gosto de uma aurora / surgindo da tua mão. / És um claro companheiro, / mas vives na escuridão. / Quero chamar-te de irmão. / Para fundar o reinado / de justiça e claridão, / ergamos juntos, cantando, / a arma do amor em ação. / A rosa já se faz flama / no gume do coração”.

### **Que palavra o senhor deixa para que os Direitos Humanos sejam, sobretudo, direito à vida?**

Minha palavra é de confiança e vai para quem é jovem. Não faz mal que seja idoso, o essencial é que tenha juventude. Tenho encontrado muito moço – doutor, empresário, economista – que já envelheceu. Quer enriquecer, acha que o mundo é só dele. Os outros que se virem. Quando moço (já fiz quarenta anos pela segunda vez) convivi com brasileiros bem mais idosos, que me enriqueceram de luz e coragem. Cometo o pecado da omissão, inevitável, mas tenho de gravar aqui o exemplo luminoso de Lucio Costa, Alceu Amoroso Lima, Agnello Bittencourt (meu mestre no Gymnasio Amazonense Pedro II), Sobral Pinto, Anísio Teixeira, José Lins do Rêgo, Barbosa Lima Sobrinho, Adão Pereira Nunes, Ulisses Guimarães (dele ganhei, com dedicatória que minha mãe repetia de cor, um exemplar da Constituição, que, olhem lá, também se fez para ser respeitada).

Faço questão de enaltecer a juventude de Linus Pauling, o cientista norte-americano, prêmio Nobel por suas descobertas na química molecular, de quem me aproximei no Chile, pela mão de Neruda, quando participamos do Congreso del Hombre, organizado pelo poeta Gonzalo Rojas, em 1962, na Universidad de Concepción, no Chile. Com sua cabeleira branca ao vento, a camisa de mangas arregaçadas, liderava de braços erguidos a marcha dos estudantes de sua universidade contra a guerra do Vietnã. A luta pelos Direitos Humanos para todos nunca vai ter fim. O bom combate que dignifica o combatente. Sustentado pela

juventude, força dentro do peito, que não desanima.

### **Às vezes a palavra incomoda os acomodados, não é?**

Muito. Ela é subversiva, poderosa. Quando leva a verdade, vira palavrão. Uma vez, durante uma palestra com universitários, um aluno de mestrado, quis me provocar e perguntou:

– Poeta, você acha que a poesia pode salvar o mundo?

Nem precisei pensar. Respondi:

– O mundo não sei, mas pode te salvar.

Faço agora um pedido a uma pessoa que amo, Pollyana Furtado, voz da floresta, que recite um poema. “SOS / A chuva e o som do vento, / meus ouvidos contemplam. / Os olhos ouvem o silêncio / no tempo a que pertence. / O silêncio desse vasto mundo, / desse tempo mudo. / No florescer da floresta, / revigora e regenera / a vida dos seres rastejantes. / Na imensidão da floresta / invade no infinito... / a vida eterna dos seres saltitantes / habitando a paisagem, / na visão selvagem. / Sublimes seres flutuantes, / ceifando a vida dos seres navegantes. / Num círculo simbiótico / de uma cadeia irreversível... / Até que Curupira proteja, / até que Deus dê um destino definido. / Há extinção de árvores, há fuligem... / Húmus vitalícios revitalizam, / enquanto o ser humano / invade o vasto e degenera / cada quilômetro da biosfera, / destruindo o verde, / aspirando ao verde do papel”.

Pronto, já chega. Mas ainda quero dizer, como se fosse pela primeira vez, que o homem tem todo o direito de ser feliz. E me despeço: “O animal da floresta / De madeira lilás, ninguém me crê, / se fez meu coração. Espécie escassa / de cedro, pela cor e por conter / no seu âmago a morte que o ameaça. / Madeira dói? pergunta quem me vê / os braços verdes, olhos cheios de asas. / Por mim responde a luz do amanhecer / que recobre de escamas esmaltadas / as águas grandes que me deram raça / e cantam

nas origens do meu ser. / No crepúsculo estou da ribanceira, /  
entre as estrelas e o chão que me abençoa / as nervuras. Já não  
faz mal que doa / meu bravo coração, água e madeira”.

**30.** Em março de 2010, Thiago de Mello sofreu um grande baque. O jornalista e cronista esportivo Armando Nogueira, seu “amigo principal” durante seis décadas, morreu no dia 29, aos 83 anos, em seu apartamento na Lagoa, na Zona Sul do Rio de Janeiro. O jornalista sofria de câncer no cérebro desde 2007. “Começamos a fazer jornalismo no mesmo dia, em 1952, e nunca mais nos separamos”, contou o poeta para o jornalista Cláudio Leal, do portal Terra Magazine, por telefone, enquanto chorava no aeroporto de Manaus, à espera de um avião que o levaria ao Rio de Janeiro. Nas travessias aéreas que faziam juntos, Armando e Thiago disputavam uma guerrilha de marchinhas e canções. Quem sabia mais jardineiras, auroras e chiquitas bacanas? Havia ainda os diálogos entrecortados por citações de Machado de Assis. Tudo de memória.

– Primeiro, andei de barco. Depois, andei de carro, para pegar o avião e ouvir a fala macia do meu amigo. Estive com ele há dez dias, falei no ouvido dele. Agora, vou pegar o mesmo voo. Só que dessa vez não vou ouvir mais a fala suave do meu amigo. Vou vê-lo dormindo pela última vez.

Armando Nogueira morreu um dia antes do aniversário de Thiago de Mello, que completaria 84 anos no dia 30 de março. Nunca publicou um livro sem submetê-lo, antes, ao cúmplice de poesia. “Ele não era o melhor amigo, não. Era o amigo principal, era o amigo completo”, proclama o vago mago, como o definiu Pablo Neruda. “Me acordava para ler uma crônica”.

Onze dias antes, no hospital Copa D’Or, o poeta de Barreirinha recitou o poema “Cotovia”, de Manuel Bandeira, no

ouvido de Armando: “Alô, cotovia! / Aonde voaste, / Por onde andaste, / Que saudades me deixaste?”.

– Ele reconheceu minha voz e abriu o olho esquerdo – descreveu Thiago de Mello, antes de desligar o telefone e encerrar a entrevista.

O poema de Manuel Bandeira, cujos versos costumavam recitar um para o outro, como num dueto à capela, em ligações telefônicas interurbanas, é realmente digno de uma despedida:

– Alô, cotovia!  
Aonde voaste,  
Por onde andaste,  
Que saudades me deixaste?  
– Andei onde deu o vento.  
Onde foi meu pensamento  
Em sítios, que nunca viste,  
De um país que não existe...  
Voltei, te trouxe a alegria.  
– Muito contas, cotovia!  
E que outras terras distantes  
Visitaste? Dize ao triste.  
– Líbia ardente, Cítia fria,  
Europa, França, Bahia...  
– E esqueceste Pernambuco,  
Distraída?  
– Voei ao Recife, no Cais  
Pousei na Rua da Aurora.  
– Aurora da minha vida  
Que os anos não trazem mais!  
– Os anos não, nem os dias,  
Que isso cabe às cotovias.  
Meu bico é bem pequenino

Para o bem que é deste mundo:  
Se enche com uma gota de água.  
Mas sei torcer o destino,  
Sei no espaço de um segundo  
Limpar o pesar mais fundo.  
Voei ao Recife, e dos longes  
Das distâncias, aonde alcança  
Só a asa da cotovia,  
– Do mais remoto e perempto  
Dos teus dias de criança  
Te trouxe a extinta esperança,  
Trouxe a perdida alegria.

**31.** Armando Nogueira nasceu em Xapuri, no Acre, em 14 de janeiro de 1927. Com 17 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito. Mas a paixão pelo futebol, que sempre o acompanhou, logo o levou para o jornalismo. Iniciou sua carreira de repórter no jornal Diário Carioca, em 1950. Em 1954, cobriu sua primeira Copa do Mundo, na Suíça. Lá, flagrou uma briga entre o técnico da seleção, Zezé Moreira, e o ministro dos Esportes da Hungria. Aquela foi a primeira das 13 Copas que cobriu.

Também em 1954, Armando Nogueira foi testemunha ocular do atentado ao também jornalista e político Carlos Lacerda. No dia seguinte, assinou um artigo em primeira pessoa com seu relato sobre o fato, algo nunca feito antes. Foi o estopim para o suicídio do presidente Getúlio Vargas alguns meses depois. Em 1957, após uma passagem pela revista Manchete, trabalhou como repórter-fotográfico da revista O Cruzeiro. Lá, ficou por dois anos, quando se transferiu para o Jornal do Brasil, onde foi redator e colunista.

A principal etapa de sua carreira foi na TV Globo, onde chegou em 1966. Foi um dos responsáveis pela implantação do

jornalismo na emissora, com a criação do Jornal Nacional e do Globo Repórter. Dirigiu a Central Globo de Jornalismo da TV por 24 anos e dividiu a cúpula do jornalismo da emissora com Alice-Maria Raininger, orgulhando-se de ser o primeiro diretor de televisão a dar o cargo de diretora-executiva da Central Globo de Jornalismo a uma mulher. Após a polêmica edição do debate entre os candidatos das eleições presidenciais de 1989, Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva, Nogueira e Alice-Maria foram desligados da emissora e ele passou a se dedicar integralmente ao jornalismo esportivo.

Em seus quase 60 anos de carreira, também foi comentarista esportivo do canal a cabo Sportv, da Rede Bandeirantes e da rádio CBN. No período em que trabalhou na TV Globo, participou pela primeira vez da cobertura de uma Olimpíada, em Moscou, em 1980. Cobriu ainda outros seis Jogos Olímpicos. Sua única ausência foi em Pequim, em 2008, quando já estava com diagnóstico de câncer. Em 2008, Armando Nogueira recebeu a medalha de Honra da Ordem ao Mérito de Comunicações das mãos do ministro Hélio Costa, pelos serviços prestados ao jornalismo brasileiro. Em 2009, o Botafogo o homenageou dando o nome do jornalista à sala de imprensa do Centro de Treinamento de General Severiano.

Para o jornalista Sérgio Cabral, Armando Nogueira foi um dos seus amigos mais solidários.

– Uma vez eu estava desempregado e ele foi fiador de um empréstimo meu no banco. Ele sempre dizia: “Filho, escreva bem, faz bem à saúde”. Eu sempre tentei imitá-lo, mas nunca consegui.

Em entrevista à GloboNews, o jornalista Sílio Bocanera lembrou a importância de Armando Nogueira para a Rede Globo e o jornalismo televisivo no Brasil:

– Ele foi um pioneiro. As pessoas esperavam o Jornal

Nacional para se informar sobre o Brasil e o mundo. Vivíamos um período de censura muito intenso. Foi uma fase dura e Armando aguentou isso com energia, paciência e habilidade diplomática.

– Conheci o Armando na TV Rio nos anos 50 e na Globo ficamos grandes amigos. Era uma pessoa generosa, que criou uma linguagem na televisão. Sabia destacar a importância da imagem, mas não abria mão do preciosismo do texto – lembrou José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni.

– Minha relação com ele foi de amigo e chefe. Inclusive, quando nasci, ele não estava presente porque viajava muito. Foi meu guru e despertou meu interesse pelo jornalismo. O destino aprontou conosco, ele foi meu chefe e eu também fui chefe dele por duas vezes. Falar dele como pai é o que menos sei. Como profissional, ele primou pela lisura ética e tinha uma grande responsabilidade com a sociedade. Era uma pessoa simples e elegante – explicou Armando Augusto Nogueira, jornalista e filho único de Armando Nogueira.

– Ele não foi, porque deixou a cabeça e o coração dos amigos ocupados. O seu legado foi sempre ter escolhido as palavras certas, e assim atingia os corações dos amigos e admiradores – garantiu Daniel Filho, diretor e produtor de televisão e cinema

Em seu blog, o jornalista Juca Kfoury disse que “o Brasil perde um belo jornalista, mas, antes de tudo, um homem de bem, um enorme ser humano”. O ex-craque Zico, maior ídolo da história do Flamengo, também lamentou, em seu site, a morte do jornalista: “Achava que em função dele ser botafoguense podia haver algum jeito diferente de tratar o Flamengo. Mas ele sabia separar muito bem isso e no dia da minha despedida fez uma crônica muito bonita (A última noite), emocionante. Armando Nogueira mudou a história do jornalismo. Espero que ele

descanse em paz. Vai fazer muita falta.”

Armando era torcedor apaixonado do Botafogo. Eternizou diversas frases para expressar sua admiração por craques como Didi, Garrincha e Pelé. Sobre Garrincha, o definiu como “o anjo de pernas tortas”. Sobre Didi, disse que seus passes eram tão traiçoeiros como “o olhar oblíquo de Capitu”. Sobre o Rei do Futebol, disse apenas que “se Pelé não tivesse nascido rei, teria nascido bola”. Ao longo da carreira, Armando Nogueira escreveu dez livros, todos sobre esporte: “Drama e Glória dos Bicampeões”, “Na Grande Área”, “Bola na Rede”, “O Homem e a Bola”, “Bola de Cristal”, “O Voo das Gazelas”, “A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar”, “O Canto dos Meus Amores”, “A Chama que não se Apaga” e “A Ginga e o Jogo”.

O corpo de Armando Nogueira foi enterrado no cemitério São João Batista, em Botafogo, no Rio de Janeiro. O caixão foi coberto com as bandeiras do Botafogo e do estado do Acre e o cortejo foi acompanhado por centenas de pessoas.

– Ele era o poeta do esporte. Armando Nogueira formou a santíssima trindade da crônica esportiva junto com Mario Filho e Nelson Rodrigues – disse o escritor Carlos Heitor Cony.

O cartunista Ziraldo elogiou a honestidade e a competência de Armando.

– Ele jogou limpo sempre. Nos conhecíamos há 50 anos. Ele se tornou a pessoa que é porque fazia tudo com competência, fosse no futebol, na poesia, no jornalismo.

O filho de Armando, Armando Augusto Nogueira, e o poeta Thiago de Mello falaram rapidamente na hora do enterro.

– Armando tinha as melhores virtudes da condição humana. Levaremos sempre a amizade que ele teve com cada um de nós – disse Thiago, antes de puxar um coro de “Obrigado, Armando”.

**32.** Ainda naquele mesmo ano, convidado para participar da Feira Nacional do Livro, em Ribeirão Preto (SP), Thiago de Mello foi questionado pela enésima vez porque não se mudava de Barreirinha para uma cidade de maior expressão cultural, como Rio de Janeiro ou São Paulo.

– Já é tarde para sair do coração da floresta, onde ficam as águas da minha infância – explicou o poeta. – Sinto falta de tantas pessoas queridas que deixei lá no Atlântico, mas não moro mais na cidade de Barreirinha, que abandonei, faz alguns anos, dolorido e indignado. Ao regressar de uma longa temporada no exterior, encontro ofendidas e desfiguradas, na fisionomia e na alma, as belas casas inventadas pelo gênio de Lúcio Costa. Da principal, o Poramtim, demoliram a biblioteca. Os seus livros sumiram, obras dos meus poetas foram utilizados nas fossas negras. Na outra, lá na frente do Paraná de Ramos, me contaram que de noite funciona um bordel. Perguntei a um funcionário da administração municipal se a informação procedia. “Procede”, ele me respondeu seco. Mas não abandonei Barreirinha. Mudei-me faz alguns anos para a Ponta da Gaivota, na Freguesia, uma comunidade municipal às margens do belo rio Andirá, que nasce nas terras dos índios sateré mawé e se entrega ao caudal do Amazonas. Moro na linda casa (de vez em quando a televisão mostra) que também é dádiva do bondoso Lúcio Costa. Me reparto com Pollyanna entre os pássaros e o vento da silenciosa Freguesia e o ruído feioso da inculta Manaus e as numerosas idas a trabalho em tantos cantos do mundo que me chamam.

Em 2011, Thiago de Mello publicou o livro “Poetas da América de Canto Castelhana” (Global Editora), em que selecionou, traduziu e redigiu as notas explicativas para tornar mais compreensível determinados trechos dos poemas e as circunstâncias em que foram escritos. O alentado volume de 495

páginas serviu para aproximar os brasileiros da poesia do resto do continente. Thiago selecionou 119 poetas de 19 países, incluindo alguns dos nomes mais conhecidos e consagrados da poesia latino-americana, como José Martí (Cuba), Leopoldo Lugones (Argentina), Rubén Darío (Nicarágua), César Vallejo (Peru), Juana de Ibarbourrou (Uruguai) e José Asunción Silva (Colômbia), alguns dos mais notáveis do século 20, como Pablo Neruda, Vicente Huidobro, Gabriela Mistral e Nicanor Parra (Chile), Alfonsina Storni e Juan Gelman (Argentina), José Lezama Lima, Nicolás Guillén e Fina García Marruz (Cuba), José Emílio Pacheco (México), Mário Benedetti (Uruguai), Rafael Cadenas (Venezuela), e autores menos conhecidos como Luís Alberto Crespo e Ida Gramko (Venezuela) e Margarito Cuéllar (México).

Em resumo, trata-se de uma seleção da melhor, mais variada e representativa poesia de nossa América espanhola, com as versões de um poeta continental e universal como Thiago de Mello.

– Qual o segredo para uma boa tradução?... – questiona o poeta de Barreirinha, um dos grandes mestres no ofício.

E ele próprio responde:

– Não há segredo. Primeiro, é preciso amar o poeta. Segundo, deve se ter o gosto da tradução. O instrumento principal do tradutor é o rigoroso conhecimento do seu próprio idioma. O domínio da língua do autor traduzido conta muito, claro. Mas vem depois. O dicionário é indispensável. Lembro que aos 20 anos o dicionário e o Otto Maria Carpeaux me ajudaram a fazer uma tradução aceitável – na opinião de meus tradutores alemães – de um longo trecho da “Ode ao Pão e ao Vinho” do excelso Hoelderlin. Tenho uma queda de amor pelos poetas latino-americanos. A tradução da obra completa do extraordinário peruano Cesar Vallejo fui levado a fazer por vê-lo tão

desconhecido dos leitores brasileiros da poesia. Foi uma vantagem traduzir Neruda, Guillén, Benedetti (“Noción de Pátria”) e o maravilhoso desconhecido cubano Eliseo Diego (“Debaixo dos Astros”) porque trabalhei com os poetas ao meu lado. Estou me lembrando de uma manhã na Isla Negra, defronte do Pacífico, eu traduzindo “Alturas de Machu Pichu” e, do outro lado da mesa, Neruda dava em espanhol a minha “Noticia da Manhã”. Traduzir é reinventar em outro idioma, outra música, a invenção original. Dá trabalho. Levei mais de dez anos para reunir, traduzidos, pela primeira vez no Brasil, poetas de todos os países da América Latina na antologia “Poetas da América de Canto Castelhana”, edição da Global do Luis Alves, pelas mãos cuidadosas do Quartim de Moraes. Mas valeu a pena.

Em setembro de 2013, Thiago de Mello levou uma equipe de jornalistas da Folha de S. Paulo para conhecer as casas que Lúcio Costa projetou para ele e que, entregues ao poder público se deterioravam na floresta. A casa do Paraná de Ramos foi o ponto inicial do roteiro. Nela funciona precariamente um Memorial Thiago de Mello, mas, no acervo, não restou nenhuma obra do homenageado. O secretário municipal de Cultura, Aderaldo Tavares, relatou que a luz estava cortada até janeiro último, quando ele assumiu o cargo. Tavares afirma que encontrou as casas “totalmente abandonadas”. “Conseguimos abrir para os estudantes que procuram o Memorial. Já solicitamos ao governo um projeto de restauração de todas as casas. Tivemos uma resposta de que vai ser feito”, explicou.

A Secretaria de Cultura do Estado informou que a casa do Paraná do Ramos é a única das construções de Lúcio Costa que foi “incorporada ao patrimônio do Estado”. “Além de recuperada, foi transformada em espaço de cultura e concedida em comodato à Prefeitura de Barreirinha, responsável até então pelo imóvel”. A

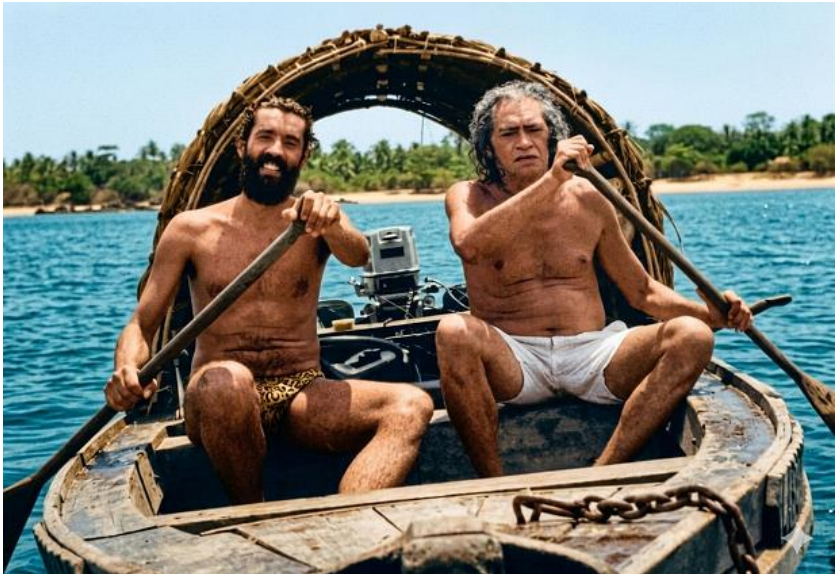
informação não condizia com os fatos. No segundo andar do que deveria ser seu memorial, Thiago recolheu do chão os desenhos originais de Lúcio. Ia levá-los para o restauro. A cama, quebrada, foi confinada a um quarto minúsculo. “Uma das maiores tristezas que já tive em minha vida é isso acontecer na terra onde nasci. É a expressão da cultura do Brasil”, reagiu, indignado. “Eu não devia ter voltado”.

A equipe de jornalistas foi depois ao Porantim do Bom Socorro. Constatou que o sítio não possui segurança. Construída com madeira, a casa tem poças d’água, escadas vacilantes, infiltrações, marimbondos. Lúcio Costa traçou apenas o corrimão esquerdo da escada, mas a prefeitura acrescentou o direito e jogou um piso ladrilhado sobre a terra batida. Demolida, a biblioteca virou um prédio de concreto. O torreão está pichado com palavrões. “Demoliram a biblioteca em que trabalhei! Demoliram!”, lamentou Thiago, ao verificar o avanço da degradação.

A destruição de casas e livros reavivou dores da ditadura chilena. “Perdi muita coisa de grande valor quando a casa em que eu morava foi invadida pelos primatas de Pinochet, três dias depois do golpe, em setembro de 73. Eu era refugiado, desde 1970, ano da eleição do meu Salvador Allende, a cujo governo servi como diretor de comunicação da Reforma Agrária”, narrou Thiago. Ele lembra ter retornado um mês depois à casa onde vivia, no bairro santiaguino de Vitacura, para constatar que não havia mais quadros. Uma fogueira de livros ardeu no jardim, segundo a proprietária. O poeta conta que sumiram com as provas de uma obra que escrevia sobre a ilha de Páscoa. E jamais encontrou uma pasta de pelica que guardava as cartas de Bandeira e Neruda.

Na Freguesia do Andirá, na praia da Ponta da Gaivota, já na

zona rural de Barreirinha, está localizada a atual residência do poeta, a única bem conservada do conjunto de construções de Lúcio Costa. Thiago explicou aos jornalistas a demora de 17 anos para denunciar o início da depredação. “Sou filho de Barreirinha. Sou um homem de bem. Para denunciar, eu teria que envolver meu povo”. “Voltar às origens amazônicas é um gesto corajoso”, avalia o romancista amazonense Milton Hatoum, julgando que a província pode ser cruel com os que regressam. “Mas quando você fica longe do seu lugar, às vezes sua literatura esmorece”. Hatoum destaca o engajamento de Thiago nas manifestações contra as “barbáries urbanas” em Manaus.



**Manduka e Thiago encarando o vento geral do Rio Andirá**

Os gaviões espreitam o poeta e guincham entre as copas das árvores, no barranco do rio Andirá. Corpo nas águas escuras, enfiado num calção de rapazote, Thiago de Mello impõe silêncio e indica o ninho, imita seus chiados. E celebra: “Ela veio me ver,

rapaz. Não disse que a gaviã me conhecia? Bem, ao menos inventei que me conhece. Querida gaviã!”. A Freguesia do Andirá possui pouco mais de 4 mil habitantes, esse casal de gaviões e três acapuranas geminadas, com flores rosadas, em frente à casa do poeta. Distrito de Barreirinha, o vilarejo fica próximo da reserva dos índios sateré mawé.

No mês anterior, Thiago havia revisado um livro de poemas inéditos, “Ajuste de Contas”. “Se eu não deixar alguns dormindo, vão beirar uns cem poemas”, avisou. Escreveu-os no Chile, na Bolívia, no Peru, na ilha de Páscoa, em Portugal, na França, na Alemanha, na Espanha e na Amazônia. Na floresta, desafia as complicações coronarianas e prepara um livro de memórias, “Eu e os outros comigo”, e mais dois de prosa, um deles no estilo dos cronistas antigos. “Livro narrativo da situação quase desenhável do meu corpo, ao qual devo tanta felicidade, escrito com a ajuda fascinante da memória e certas impertinências da imaginação”, adianta. Haverá ainda um volume de conversas com o músico Manduka, “pássaro-cantor que se calou” – seu primogênito morreu em 2004, aos 52 anos, vítima de um acidente vascular cerebral.

Alguns poemas estão zangados, adverte Thiago, tornando à superfície do rio, cabelos de caboclo molhados. “Manuel Bandeira era um danado”, retoma. “Ele me dizia: ‘Às vezes um poema fica zangado. É só dar atenção que a zanga passa’. Tem dado certo”. Na estrofe final do inédito “Cântico de Júbilo”, Thiago ausculta suas batidas de octogenário: “Como fulgor de aurora, me levanta / a alegria de ouvir meu coração / batendo firme, cântico de júbilo, / por me ver perseguir, perseverante. / Ele não sabe que algo se germina, / conspira escuro contra esse fervor. / Nem poderá prever o instante certo / do seu silêncio. Que não seja perto.”

Um apartamento no centro de Manaus é seu único pouso

urbano. Em Barreirinha, sozinho ou ao lado da mulher, a poeta Pollyanna Furtado, 34, Thiago se dedica a poemas, leituras, música e banhos de água doce. Nas cheias, o rio Andirá sobe acima da metade dos pilotis de 2,25 metros das casas – além da residência do escritor, há outras duas construções nas laterais repletas de livro. O projeto é um dos cinco que o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, autor do Plano Piloto de Brasília, fez no Amazonas – todos para o poeta. Na casa da Freguesia, traçou uma varanda de madeira, de onde Thiago conversa “com as acapuranas e com o rio”.

O vago mago, como o definiu o chileno Pablo Neruda, conhece os sortilégios medicinais. Três vezes ao dia, bebe chá de unha-de-gato, para enfrentar sua neuropatia. Adiciona ao guaraná dos sateré mawé uma colher de mirantã, o pó usado no tratamento de nevralgias e fraquezas do estômago. Seus amigos podem receber, pelo correio, pacotes de ervas amazônicas. Assim fez com o jornalista Armando Nogueira, que usou a unha-de-gato para fortalecer o sistema imunológico durante o tratamento para o câncer.

Thiago ouve Mozart no café da manhã. No quarto de música, além de fotografias de Pixinguinha, Tom Jobim, Gilberto Gil, Villa-Lobos e Pablo Milanés, há um mural de mulheres amadas, cujos rostos são contemplados no momento de escolher um disco ou de mexer os gelos do uísque. Dez casamentos, “uns de papel, outros só de amor”, e quatro filhos: além de Manduka, é pai de Carlos Henrique (com Ayla), 56, Isabella (com Maria de Lourdes), 45, e Thiago Thiago (com Ana Helena), 34.

A coletânea de traduções “Poetas da América de Canto Castelhana” testemunha suas andanças na América Latina. Depois de Jorge Amado, Thiago talvez seja o escritor brasileiro que mais conquistou amizades com artistas, políticos e grandes

autores do continente. Do colombiano Gabriel Garcia Márquez, recebeu, numa dedicatória de 1978, o epíteto de “guru grande”. Do argentino Jorge Luís Borges, ganhou um ensinamento, numa entrevista realizada em Buenos Aires, em 1981: “Deveríamos falar com todas as pessoas como se já estivessem mortas, deveríamos trata-las com a máxima bondade”.

Nas paredes, há lembranças de encontros com Ernesto Cardenal, Fidel Castro, Garcia Márquez, Borges, Mario Benedetti, Pablo Neruda, Salvador Allende e Violeta Parra. Em qualquer desvio de papo, sorri lembrando uma advertência de Neruda, na Isla Negra, onde vivia o Nobel chileno: “Compañerito, a árvore de tua conversa tem muitos ramos”. Nas águas mornas do rio Andirá, o poeta cantarola “Les Feuilles Mortes”, de Jaques Prévert, e divaga: “Quero comemorar os meus 90 anos. O que vier depois, como diria Dom Quixote, serão mercês”. E mergulha no rio como um autêntico caboco suburucu.

Dois meses depois desse eterno retorno ao rio Andirá, o poeta sofreu um novo baque: seu irmão caçula, Gaudêncio Thiago de Mello, faleceu em Nova York. A exemplo do irmão poeta, Gaudêncio nasceu e foi criado em Barreirinha, onde manteve seu ouvido ligado nos sons do vento, dos rios e dos pássaros. Depois de estudar Arquitetura, ele se encontrou profissionalmente no futebol: chegou a ser auxiliar técnico do Botafogo Futebol Clube na época de Garrincha e atuou no Uberaba Clube, de Minas Gerais e, na Colômbia, no Deportivo Cáli e Unión Magdalena. Em 1966, ao se radicar em Nova York, começou a estudar música – e assim um novo Thiago de Mello surgiria no campo das artes brasileiras. Atuante ainda como líder da banda Amazon, como realizador de trilhas sonoras para cinema e para teatro e como professor de música, o percussionista morreu no dia 11 de novembro, vítima de um câncer, aos 80 anos de idade. A seu

pedido, o corpo foi cremado e as cinzas jogadas no Rio Amazonas.

Enfronhado no meio do jazz nova-iorquino e trocando ideias (e notas musicais) com artistas do quilate do arranjador canadense Gil Evans, do pianista Dom Salvador e do trompetista Claudio Roditi (brasileiros que também se exilaram em Nova York), Gaudêncio inicialmente estudou violão clássico, mas logo chamaria a atenção pelos sons que trazia na cabeça desde a infância. Ele desenvolveu o que chamou de percussão orgânica, em que se valia de instrumentos como boca-do-mato, boca-de-barro, pau-de-chuva, entre outros, construídos com pedaços de madeira amazônica e até mesmo cascos de tartaruga. Seu primeiro álbum como líder de banda, “Amazon – The Music Of Thiago”, gravado em 1973, transformou-se, com o tempo, em um pequeno clássico do jazz dançante, e foi reeditado em CD em 1999, pelo selo Jazz Station Records, do produtor Arnaldo de Souteiro.

Presente, como músico, nas gravações de discos dos violonistas Sharon Isbin, Luiz Bonfá e Carlos Barbosa-Lima, Gaudêncio Thiago de Mello também teve algumas de suas composições gravadas pelo saxofonista Paul Winter e por Sharon – inclusive no CD “Dream Of A World” (2000), com o qual a americana ganhou um Grammy de melhor solista clássica. Gaudêncio Thiago de Mello deixou quatro filhos, entre eles, Paulo Thiago de Mello, que é redator da editoria de economia do jornal O Globo.

**33.** Em março de 2014, Thiago participou, em São Paulo, de um ato político-cultural alusivo aos 50 anos do golpe militar de 1964, evento ocorrido no Tuca, teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), repleto de simbolismo no que

diz respeito à resistência contra a ditadura. Antes do evento Thiago esteve na sede da Fundação Maurício Grabois, onde falou de sua vida, de suas convicções e de sua poesia.

**Você nos disse, lá atrás: “Faz escuro mas eu canto”. O escuro, de alguma forma, se foi. Sobreveio alguma luz, e você continua cantando. O que te move a cantar sempre? De onde vem a persistência do teu canto?**

Eu dou a resposta que merecem todos vocês, e que merece esta casa de Maurício Grabois, ela que é banhada pela luz da esperança. Esse canto nasce do sonho escuro das crianças que dormem com fome, e da minha certeza muito pessoal de que ainda é possível, sim, a construção de uma sociedade humana e solidária no Brasil. E eu acho que devo fazer a minha parte. É só isso... É só isso, mas é danado de difícil...

**Temos lido declarações suas nas quais você fala de outras motivações, ao lado desta que você acaba de sublinhar – que é tua coerência, desde sempre, teu engajamento na luta por uma sociedade humana, solidária. Temos lido palavras referentes a outras causas conectadas a esta. Uma é a integração cultural da América Latina, que você apregoa, para a qual você busca dar sua contribuição escrevendo e traduzindo obras. Outra questão importante é o teu engajamento, desde sempre, na preservação da floresta.**

Quero aproveitar para dizer que, quando canto, quando escrevo coloco a minha vida, a minha obra a serviço dessas duas causas. Eu devo muito ao instante em que fui chamado por Mario Benedetti, lindo companheiro uruguaio, poeta uruguaio maravilhoso... Houve a celebração do centenário de Ruben Dario em 1967, em Havana, Cuba. O Mario me chamou e falou: “Vamos fazer uma coisa: vamos escrever um texto. Nós dois assinamos e depois vamos ver quem assina também. Tem muito escritor aqui,

muito poeta, muito romancista, muito crítico”. E fez oito linhas só para dizer que não pode haver divórcio entre o homem e o poeta. Não pode haver separação, tem de haver uma coerência entre a pessoa e o escritor. Ele tem que assumir o que diz na sua vida. Não pode haver esse muro entre o dizer e o fazer. Foi muito importante para mim esse momento. Muitos se recusaram a assinar porque disseram que é impossível, na sociedade em que a gente vive, ser coerente. Você tem que viver de acordo com as leis da sociedade. Numa sociedade capitalista, você tem de ceder e conceder a cada instante. E eu decidi não ceder nem conceder em favor do grande inimigo da justiça, inimigo da redenção de um povo que sofre.

**Você falou da integração latino-americana. A nossa América é um pedaço do mundo que se comunica muito pouco, que ainda se desconhece bastante. É preciso afirmar isso com esperança, mas dizer a verdade. A Venezuela sabe muito pouco do Uruguai, o México não sabe quase nada da Bolívia – o que sabe são aquelas coisas que ficaram vulgares e viraram clichês. Nós próprios, que somos companheiros de luta, sabemos pouco sobre o que acontece na América Latina, mesmo na Revolução Cubana, sabemos pouco os motivos dos golpes...**

Gostaria de resumir essa questão da integração da América Latina com um presente que vou dar a vocês hoje (entrega o livro Poetas da América de Canto Castelhana, antologia editada em 2011 pela editora Global com seleção, tradução e notas de Thiago de Mello). É um trabalho de doze anos. Na contracapa tem um verso do Neruda, em que ele diz que não conhecia essa virtude minha, a da perseverança, quando eu publiquei a primeira antologia dele. Ele elogiou o trabalho. Na verdade, estávamos numa mesa; ele traduzia meus poemas e eu traduzia os dele...

Ele traduzia meio brincando, e eu levava a sério. Para traduzir o poema Alturas de Machu Picchu eu levei 43 dias. Mas ele traduziu os Estatutos do Homem de uma vez só. Então trabalhei doze anos para colocar a poesia a serviço da integração cultural da América Latina. Escolhi meus poetas queridos. Não sei se são grandes, ninguém tem fita métrica para medir poeta. Quem é grande? Eu sei que a poesia não dorme com quem é pequeno, a poesia não gosta. Então eu escolhi 148, 150 poetas e selecionei cinco, seis, oito poemas de cada um. Acontece que um editor brasileiro que é dono de doze editoras recusou o livro, que já estava quase pronto para a impressão. Fizeram um ibope e julgaram que o livro não venderia. Eu disse “não faz mal” e pedi para que me devolvessem os originais. Disse: minha preocupação era mostrar ao leitor brasileiro como é a vida do povo. Escolhi poetas latino-americanos que cantam a vida de seu povo. O povo ama, mas há também o problema da resistência, da luta, da esperança. São poemas conscientizadores.

**E quanto à sua, à nossa floresta, que é também a de todo o povo brasileiro e, noutra dimensão, de toda a humanidade?**

Assim como o Brasil desconhece a vida de nossos irmãos da América Latina, também desconhece o maior manancial de vida que tem o planeta, a floresta amazônica. O Painel Internacional de Mudanças Climáticas das Nações Unidas afirmou no seu quinto relatório que, na segunda metade deste século, a vida na floresta amazônica começaria a ser afetada pelo aquecimento do planeta. Esse relatório foi divulgado no dia do maior fracasso da esperança humana, que foi a reunião de Copenhague, em 10 de dezembro de 2010, quando 193 chefes de Estado, presidentes da república e primeiros-ministros reuniram-se para fixar o nível máximo para a emissão dos gases malignos com as quais nós queimamos o planeta, a nossa

morada, e eles não chegaram a um acordo. Como não chegaram a um acordo, não quiseram ler, em voz alta no plenário, e discutir a afirmação dos 283 cientistas do Painel Internacional. Eu busquei contribuir para o conhecimento da floresta com meus livros. São seis ou sete livros só sobre a vida na floresta: suas lendas, seus mitos, seus milagres, suas grandezas, suas misérias também... Afirmei com veemência que, dentre os bilhões de vegetais que ali existem, não chegam a cinco por cento aqueles cujos princípios químicos ativos foram estudados no Brasil. Os naturalistas, os biólogos e os cientistas europeus estudaram a floresta. Nós, infelizmente, não estudamos. Quando os portugueses chegaram lá na Amazônia – tem uma terceira carta do Caminha que conta essa história, para falar que as índias eram fogosas, atraentes etc. –, um alferes encostou-se num galho e uma índia chegou com uma copaíba. A copaíba e a andiroba já existiam quando os portugueses chegaram, como já havia uma cultura brasileira, indígena, que perdura até hoje dentro da nossa vida. Aliás, recentemente, há menos de dez anos, os EUA queriam patentear a copaíba, porque estudaram que essa planta não tem só virtudes cicatrizantes, não. Ela tem outras propriedades, inclusive capazes de agir sobre os neurônios cerebrais. O Philip Lovejoy, um desses biólogos norte-americanos, que há dezessete anos trabalhou no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), lá em Manaus – ele foi muito ligado à floresta amazônica –, leu sobre isso e foi mais além. Ele disse: “Se o Brasil montasse laboratórios dentro da floresta mesmo, com microscópios poderosos para estudar os princípios químicos ativos de vegetais, seja de um galho, de uma folha, de uma casca de árvore, de uma raiz, o Brasil seria o país mais poderoso”. Chegamos hoje à condição de sexta potência mundial. Mas se o Brasil fizesse isso seria ainda mais poderoso porque mudaria a própria cultura brasileira. Ele seria um

país rico porque acabaria com a miséria e a pobreza de seu povo. No entanto, a unha de gato, um cipó grosso, está sendo estudada em Estocolmo. Sei disso porque estive na Suécia, recentemente.

**Enquanto isso, aqui no Brasil os cientistas chegam a ser criminalizados quando tentam estudar nossa biodiversidade, por conta da burocracia e de leis inadequadas, avessas às necessidades colocadas pelo desenvolvimento do país...**

Gostei muito de vocês falarem isso. A unha de gato, descobriu-se em Estocolmo, tem o poder de impedir o desenvolvimento de células cancerosas, quando o câncer é diagnosticado precocemente. Isso pode ser obtido apenas com a ingestão diária do chá.

**É uma planta tipicamente brasileira?**

Tipicamente brasileira, só existe na floresta amazônica. Dizem que existe também no Congo. Dizem, porque não há uma afirmação científica. Mas a unha de gato é tipicamente brasileira.

**Poeta, o ardor com que você defende a floresta, a justiça social e outras causas importantes é o mesmo com que você se lançou à luta contra a ditadura...**

A beleza de um povo que derruba uma ditadura, você sabe como é. Tenho muito respeito por São Paulo porque foi aqui que mais de dois milhões de brasileiros foram para a Praça da Sé, enquanto nos porões do Planalto se conspirava para que a máquina de reproduzir ditadores do Congresso elegeisse mais um deles. E depois de São Paulo foi a Guanabara, com outros dois milhões. Foi o povo quem derrubou a ditadura. O povo não ficou entregue: “Eleições Diretas Já!” – e o Brasil inteiro começou o movimento das diretas. Quando parcela de um povo se conscientiza, sabe as razões por que esse povo está sendo oprimido, a primeira coisa que faz é querer organizar-se, organizar-se para lutar. Esse povo conscientizado vai crescer e

vai ser invencível. Então esta é a questão da participação popular... Eu estava em Lisboa quando aquele poeta negro lindo, o Agostinho Neto, tomou posse na Presidência de Angola. Da mesma forma que Maurício Grabois, ele comandou a guerrilha... E triunfou! Agostinho pensou que eu estava na Alemanha, mas eu estava indo para Portugal. Ele mandou me buscar. Quando foi depois da posse dele, fizeram um abrigo lá no quintal. Ele me chamou e falou, e com aquele acento de português africano: “Óh, Thiago! Óh, Thiago!”. Ele disse uma frase que eu nunca esqueço: “Muito quando eu posso, eu falo com os moços...”.

### **Você chegou a ser preso na época da ditadura?**

Eu fui preso, mas não me gastaram, não. Fiquei um mês e meio só, interrogatório, tal isso, tal aquilo. E quando eu saí organizaram uma entrevista coletiva na qual eu disse que não iria aceitar o oferecimento de Harvard para estudar a história da floresta amazônica. Em Portugal queriam que eu ficasse... Disse: “Não, eu vou estudar na floresta com o povo que vive nela e vive dela. O povo é quem sabe como é que são as coisas...”.

### **Seus poemas fizeram tão mal assim à ditadura?**

Dizem que sim. Quando eu recebi a notícia de que havia a ditadura, eu estremeeci, meu corpo estremeceu. “Ditadura no Brasil?! Não é da índole de nosso povo!”. Dezesesseis dias depois do golpe veio a mala diplomática. Toda semana, toda embaixada recebe. Vinha o Correio da Manhã, jornal do querido Carlos Heitor Cony, que foi o primeiro intelectual, o primeiro escritor brasileiro que ergueu sua voz, com a crônica A revolução dos caranguejos e, depois, com O ato e o fato. Quando eu vi a fotografia do Gregório Bezerra, esse líder camponês que era do Partido, sendo puxado por uma corda amarrada no pescoço, só de calção, descalço, o peito todo lanhado, pelas ruas do Recife – puxado pelo coronel cujo nome eu não revelo porque ele tem netos –, eu

disse: “Não...”. Isso coincidiu com a publicação, a divulgação nacional do Ato Institucional nº 1. Disse: “Este país não é o meu, não. Meu povo não é assim. A índole do meu povo não é autoritária”. Então eu vi, já em meados de maio, a fotografia, também no Correio da Manhã, de Astrogildo Pereira num catre, algemado por trás, sereno, e a biblioteca dele toda queimada... Nesse dia eu escrevi minha renúncia ao meu posto diplomático, e escrevi os Estatutos do Homem de noite, respondendo a todos os decretos...

### **Os Estatutos significaram um momento importante na luta de ideias contra a ditadura...**

Esse poema desgarrou-se de mim, foi traduzido para mais de trinta idiomas. Hoje ele faz o que quer. Eu não sou mais responsável por ele. Ele está por aí... Outro dia a Folha de S.Paulo foi lá me entrevistar e revelou para mim (risos) que os cinquenta anos da ditadura são os cinquenta anos dos Estatutos também. Eu perguntei: “Está tudo registrado? Não é possível...” (risos). Mas foi no mesmo dia, sim.

### **E quanto à manifestação na reunião da OEA, aquela que ficou conhecida como os “oito da Glória”?**

Eu lembro que, quando tempos depois voltei ao Brasil, fizemos aquela manifestação no hotel Glória, que ficou famosa. Fomos todos presos... Era uma reunião da OEA. De noite tínhamos pintado faixas etc. com os dizeres “Abaixo a Ditadura, Viva a Liberdade!”. Quando o secretário de Estado norte-americano, o Foster Dulles, entrou junto com o Castelo [general Castelo Branco], eu não me contive e disse que ele era um filho daquilo, daquilo e daquilo outro. Eu sei que correram para cima de mim, deram-me uma chave de braço (como se dizia antigamente). E eu dizia: “Tira a mão!”. Ele disse: “Tira esse homem daqui!”. Tanto que eu fui preso em separado. Foi a

primeira vez que se manifestaram os escritores, os artistas e os chamados intelectuais – palavra de que não gosto porque acho que um operário que sabe a causa pela qual ele é explorado, ou um camponês que sabe etc., é também um intelectual: ele sabe interligar a razão, as causas, e assim ele é um intelectual também. Mas, retomando, pela primeira vez os escritores, os artistas tomaram a frente. Eu lembro que consegui a assinatura de Píngüinha, de Lúcio Costa e de outros para essa causa...

**Quando você decide demitir-se do Itamaraty, várias pessoas próximas lhe pediram para não renunciar. Fale-nos um pouco sobre aquele episódio.**

Eu não quis servir de exemplo para ninguém. Foi uma questão absolutamente pessoal, de consciência minha. Sinto-me muito dignificado, não sei se pela infância que eu tive, pela formação que eu tive, de criança pobre, convivendo com camponeses, com cultivadores como meu pai... Foi absolutamente pessoal. Mas foi um exemplo luminoso, não? Repercutiu. Porque a renúncia foi acompanhada dos Estatutos do Homem, poema que eu digo não ser mais meu. E não é o meu melhor poema coisa nenhuma. Pode ser o mais famoso, mas eu tenho outros...

**Quer dizer que, enquanto a ditadura baixava o Ato Institucional número 1, você decretou...**

“Fica decretado que agora vale a verdade.” Por falar nisso – faço questão de contar a vocês –, ano passado o João Paulo dos Reis Veloso me chamou para o Fórum Nacional, aquele que ele organiza anualmente. Era o 15º Fórum Nacional. Ele me telefonou lá para a floresta, perguntando se eu não podia assistir o Fórum etc. Talvez ele não saiba que o verbo assistir tem várias designações semânticas: assistir ao filme, o médico assiste o paciente etc. Eu disse: “Olha, eu assisti ao 10º Fórum. Estava no

Rio, aprendi muito etc.”. Eles escolhem 350 brasileiros (cientistas, ministros, artistas, gente da favela etc.). Quando eu cheguei a Manaus tinha um folder enorme. Eu pensava que iria realmente só assistir ao Fórum. Aí eu chego a Manaus e tem um folder com toda a programação. A abertura ia ser com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e no final do folder tinha assim: “Encerramento do Fórum: poeta Thiago de Mello, com os ‘Estatutos do Homem – antes e agora’”. Estavam imprimindo cinco mil exemplares do livro para distribuir. Eu telefonei para o Reis Veloso imediatamente: “Escuta, você pediu autorização da editora? Porque se não o departamento jurídico vai em cima do fórum... Agora, tem outra coisa: eu não vou poder aceitar isso aí, porque antes eu sei porque eu escrevi o poema, mas agora...”. Ele insistiu muito. Sabe o que eu fiz? Disse o seguinte: eu fui ajudado. Pelo Cony, pelo Marcelo Cerqueira, pelo negro lindo da vida, Joel Rufino dos Santos, um de meus escritores prediletos... Eu falei tudo de antes, e sobre o “agora” eu decidi fazer perguntas. O Reis Veloso concordou, e a secretária preparou. Fiz cinco perguntas, ele projetava na parede as perguntas e ele mesmo lia. A primeira pergunta nem era minha, era de Rimbaud: “Por que adiar tanto o que é inadiável, o que é ardentemente inadiável?”. Aí veio outra pergunta, depois outra etc. Quando chegou a quinta pergunta, eu disse: “Olha, eu preciso demais das respostas, quaisquer que sejam, a esta pergunta: por que a economia, que está em sexto lugar, não desce a escada mundial e vai buscar a educação, que está em 63º? Sabe o que a educação vai dizer? Olha, dona economia, eu só vou se você descer comigo até o 86º lugar, onde está a saúde do povo brasileiro. Aí nós podemos acompanhá-la de volta ao sexto lugar e estará tudo certo.” Lembro que fiz uma pausa, o Mantega fazia assim com a cabeça, em desaprovação (risos)... Quer dizer, era a minha inquietação social...

**Houve um momento específico em que você descobriu que foi pego pela poesia e disse “tô ferrado”? Ou ela foi acontecendo de maneira natural? Nasceu da floresta, houve um lugar específico de onde ela veio?**

Tenho a convicção de que a poesia é um dom. Ninguém se faz poeta. Lembro que eu era meio menino quando fui viver lá no sul da França, no ateliê do Picasso. Ele dizia que, quando deu por si, já estava desenhando, ainda menino. O artista nasce. Você pode aprender a desenhar, você pode aprender a teoria da cor, o escultor pode ter um método. Agora, o poeta... Eu posso dizer que no livro que publicarei em breve, que se chama Ajuste de Contas, eu pretendo... Bem, com ele eu acho que eu encerro. São cerca de cem poemas inéditos, e eu coloco meu primeiro poema lá. São três versos, que eu não sabia que eram versos... Aconteceu quando um companheiro meu, caboclo que não sabia nadar, empinava pipa (papagaio, como a gente chama no Norte). Era numa serralheria na frente do rio Negro. Eu sei que ele conseguiu cortar outra pipa e ela veio embolada com os outros papagaios. E a gente correu: “Vai, vai...”. Aí ele caiu na água. Eu vi quando um caboclo forte se jogou – eu cheguei atrasado, já não se via mais ele. De repente eu vi os olhos dele, o rosto dele... Era meu colega de verdade. Fui pra casa, trepei num abieiro, numa forquilha, assim sentado e, de repente, eu falei em voz alta, sozinho: “Vi meu amigo morrer / Afundando no peral / O que vai acontecer?”. Essa indagação, de natureza transcendente, marcou muito minha poesia, antes de qualquer coisa. E quando o Manuel Bandeira soube disso, ele disse: “Você fez um terceto, e cada verso tem sete sílabas”. Quer dizer que nasceu pronto, já. Eu não esperava contar isso.

**Como foi sua relação com os concretistas?**

Os concretistas de São Paulo fizeram um grande dano que

perdura até hoje, e que vai se prolongando, porque eles eram professores de universidades. O concretismo tinha como bandeira eliminar a poesia, o sentimento e o verso. Como é que pode? Então disseram: “Que pena, o Thiago agora faz poesia política”. Não! Eu faço poesia da vida. Eu posso cantar o joelho da moça que está ali, a constelação, mas eu posso cantar também a injustiça, a dor, a mulher que está tendo filho na calçada... Já é a quinta mulher que tem filho na calçada em Manaus, porque não tem vaga no hospital. Eu fiz um poema para o menino: “Na calçada porque não tinha lugar”. Na verdade, faz tempo que os pobres estão com falta de lugar para ir...

**Você nos falou de uma boa nova. Contou-nos de um lote – permita-nos dizer, comparando com um lote de boas garrafas de vinho – de cem poemas inéditos. Fale-nos um pouco mais desse livro, desse filho novo que vem vindo, da temática desses poemas que você vai publicar. São de temática única ou variada? Você nos diz que os Estatutos não são seu melhor poema. Estes que vêm agora seriam os melhores?**

Acho que sim... Porque arte é trabalho, não é mesmo? Quando me perguntam do que eu gosto na literatura brasileira, eu cito logo Machado de Assis, sou machadiano, amo Machado. Eu vou voltar ao que falei ainda há pouco: ele não era poeta, mas tinha tal domínio do idioma, esse mulato maravilhoso – que nem terminou o curso primário –, tal domínio do idioma que conheceu os segredos mais íntimos da palavra e foi capaz de fazer o soneto da Carolina e o Círculo Vicioso. Um ficcionista extraordinário... Mas nenhuma arte dá mais trabalho do que a poesia. Então com o tempo a gente adquire... Não digo nem capacidade autocrítica, não, mas o domínio do fazer poético. A gente sabe que acertou mais no dizer, que a gente escolheu bem as palavras e o lugar certo onde elas devem ficar. Meu livro novo chama-se Ajuste de

Contas. Eu presto contas a quem? Eu presto contas a mim mesmo, à minha vida. Acontece que a minha vida são os outros. Por isso é que o livro que sai depois, em prosa, chama-se Eu e os outros comigo. Eu estou pensando nos outros, em vocês que estão aqui. Eu não vivo sem vocês. Eu não vivo sem o povo, sem gente, sem os outros... Ninguém vive sozinho, não é? Então eu estou prestando contas a meus leitores. Aliás, o primeiro poema, que também se chama Ajuste de contas, tem quase quatro páginas, e eu tinha me esquecido de falar dos meus leitores. Aí veio então uma estrofe de quatro versos... Consegui chegar a uma linguagem que, sem perder o valor estético exigido pela arte poética, é acessível ao leitor comum. Ganhei essa preocupação quando houve a Passeata dos Cem Mil. O Vladimir Palmeira começou a gritar “Faz escuro mas eu canto”, e eles foram na minha casa com um guarda, às quatro da manhã, para me prender. Não sei por que, só sei que me jogaram lá depois... Era um quarto com ratos lá na Polícia do Exército. De madrugada foi entrando uma luz, e eu vi na parede da cela estreita – estava escrito assim: “Faz escuro mas eu canto”. Assim, na parede. Alguém que ali estivera, antes de mim, valeu-se do meu verso. E esse verso passou a me dar força. Deixou de ser meu. Eu estava meio caído, eles me deram um empurrão, eu caí de costas. Eu estava meio... Achando que o negócio era ruim. E eu ganhei uma força danada! Meu próprio verso falou comigo: “Coragem, rapaz!”.

**O verso literalmente bateu na parede e voltou para você...**

É... Mas eu falava do leitor – ele é meu provedor. Eu, sem meu leitor, não sou nada. E sem vocês... Conversando com vocês eu também estou conversando comigo, sabendo da minha vida... O olhar de vocês me ajuda muito. Agora, a leitora, quando o poema é de amor, enxerga coisas que só ela vê. Ela descobre na

metáfora. A mulher sabe mais do que o homem, mas no final, quando ela gosta da gente, ela enxerga, ela recolhe o que viu e entrega. Certa vez eu estava vendo a exposição da Ana Letícia e então, na galeria, eu ouço no meu ouvido assim: “Na fogueira do que faço por amor me queimo inteiro”. Acho que esse verso está em Mormaço na Floresta. Aí eu me virei e vi um homem. Achei bonito, ele era bonito. Olha, eu também acho homem bonito, viu? Eu não sou... Não! Mas... Só mulher é bonita? Não tem homem bonito? Mas, voltando ao assunto, aquele homem falou para mim: “Você me salvou!”. Então eu lembrei que os versos eram meus. “Por quê?”, perguntei. Ele disse: “Minha família era contra eu me casar com uma mulata. Pois, olha, estou feliz, já tenho quatro filhos. Eu me queimei com a minha família, me joguei, me queimei todo!”.

### **Você foi culpado de várias coisas, então...**

De várias felicidades. Eu vou dizer para vocês um poema, e vou-me embora. Não vou dizer nenhum inédito, não. Tem uma coisa que eu descobri, e que vale para cada companheiro. É um poema muito trabalhado que se chama O ser em soneto. Ele termina assim: “Eu descobri que o ser, o meu ser, o meu ser no mundo, esse ser é a minha própria gravidade. Se ela desmaia, eu me desmereço”.

**34.** No dia 16 de setembro de 2014, Thiago de Mello participou de um debate na sede da Comissão Econômica Para a América Latina e o Caribe (Cepal), em Santiago, no Chile, onde mostrou pela enésima vez que sua luta pela integração cultural latino-americana é uma de suas utopias mais recorrentes. “Pedimos a todos, e especialmente à Cepal, para participar do trabalho da integração cultural de todos os nossos povos, já que ainda não nos conhecemos bem”, disse o poeta. Acadêmicos,

funcionários de organismos internacionais, diplomatas e personalidades do mundo cultural chileno participaram do encontro.

José Antonio Prado, secretário-executivo adjunto da Cepal, destacou que a poesia de Thiago de Mello “ressoa em todos os lugares do Brasil, da América Latina e do mundo e é fonte permanente de inspiração para os que desejam e lutam por um mundo melhor”. O poeta de Barreirinha recitou no encontro algumas passagens de sua obra e repassou sua relação com a Bolívia e o Chile, países em que ficou exilado durante o golpe militar de 1964. “Aprendi que a verdade é a única coisa que importa. Devemos trabalhar para mudar o que é necessário mudar, cada um a partir de seu próprio lugar”, declarou Mello, que ressaltou que a cultura “não é somente arte, mas toda a vida de um povo e sua capacidade criadora”. “Por isso, os ministérios de cultura não deveriam se ocupar somente da ‘arte’, ou então deveriam mudar o nome para ministérios da ‘cultura artística’”, manifestou.

Reconhecido defensor do meio ambiente e da Floresta Amazônica, Thiago de Mello pediu também pela diminuição dos efeitos da mudança climática. “As consequências do aquecimento global já não podemos evitar, mas cada um de nós pode dar sua contribuição para atenuá-las, pois a vida do planeta está em perigo”, assinalou.

Dois dias depois, Thiago de Mello já estava de volta à capital amazonense, de onde concedeu uma entrevista ao jornalista Lucas Carvalho, do Portal Imprensa. A matéria intitulada “Nenhuma arte exige mais trabalho do que a do escritor, diz o poeta Thiago de Mello” foi publicada no dia 19 de setembro:

“Senhor é Jesus Cristo. Pode me chamar de companheiro.” Assim o poeta e tradutor amazonense Thiago de Mello se

apresenta antes de falar sobre a vaga na Academia Brasileira de Letras à qual é postulante. O escritor é candidato à cadeira que pertencia ao amigo Ariano Suassuna, morto em julho, aos 87 anos. Thiago vive em Barreirinha, no interior do estado do Amazonas. A cultura local e o amor às origens pautaram a maior parte de sua obra, traduzida para mais de 30 idiomas. Foi preso durante a ditadura militar, exilou-se no Chile, Argentina e na Europa, ganhou prêmios nacionais e internacionais e se tornou conhecido por sua luta em favor dos direitos humanos.

De Manaus, “dez e meia da noite, hora da floresta”, o escritor revela ao Portal Imprensa, sem abrir mão da prosa literária, o motivo que o fez se candidatar à vaga. O autor diz que foi convencido pelo jornalista e escritor carioca Carlos Heitor Cony, ocupante da cadeira de número três na ABL, a escrever uma carta para o presidente da entidade.

“Simplesmente porque, com mais de trinta livros publicados, alguns deles muito traduzidos, por me sentir querido por leitores do meu país e de outros cantos do mundo, posso dizer, sem a falsidade da modéstia à parte, acho, sim, que tenho méritos literários, de poeta e escritor, para pertencer à Casa de Machado de Assis, meu mestre maior”, afirma Thiago.

Ao falar de Ariano Suassuna, o autor lembra uma estrofe do poema “Imagens do Nordeste”, de Joaquim Cardozo, que costumava “dizer a duas vozes” ao lado do amigo e escritor paraibano. “Além de mostrar nos seus livros a própria alma daquele pedaço do mundo, Ariano deu de levar, para onde o chamavam, poetas, atores, dançarinas, músicos, artesãos e cantores. (...) O Ariano no retrato da parede, abraçado comigo, continua comemorando os nossos 80 anos num Fliporto que nunca se acaba”, lembra o poeta, em referência à Festa Literária Internacional de Pernambuco.

Além de Suassuna, a literatura brasileira perdeu em 2014 outros dois “imortais”: Ivan Junqueira e João Ubaldo Ribeiro, além do escritor mineiro Rubem Alves. Para Thiago, o legado que esses nomes deixam para a cultura nacional consiste em suas obras, “um exemplo luminoso de entrega da vida ao estudo e o trabalho criador”. O poeta afirma que, para ser um grande artista, é preciso nascer com a vocação e “depois trabalhar, trabalhar e trabalhar”.

“Nenhuma arte exige mais trabalho do que a do escritor. (...) Pois foi o que cada um deles fez. Cada qual com a sua linguagem. Com o que souberam ver, sentir e descobrir na poderosa fonte que é a vida verdadeira do seu lugar e do seu povo. Da condição humana, cuja alma (quem foi que disse?) é cheia de mistérios.”

O autor, porém, discorda que a morte desses escritores represente alguma perda à cultura nacional. “Eles enriqueceram a literatura brasileira e a literatura do nosso tempo. Continuam vivos nas suas obras. Vivos em cada um de nós, seus leitores”, diz o poeta. “Faz um tempo que estou mais relendo do que lendo. Mas leio e releio logo livros de autores recentes que emocionam o coração da minha inteligência porque têm o que dizer e sabem dizer”, diz Thiago.

Em seguida, o poeta lista uma série de obras recentes e jovens autores que, segundo ele, representam a qualidade do cenário atual da literatura brasileira:

José Inácio Vieira de Melo, jornalista alagoano, publicou os livros “Códigos do silêncio” (2000), “Decifração de abismos” (2002), “A terceira romaria” (2005), “A infância do Centauro” (2007), “Roseiral” (2010), e “Pedra Só” (2012).

“O Santo Sujo” (2008), biografia do compositor paraense modernista Jayme Ovalle, escrito pelo jornalista Humberto Werneck.

“Rubem Braga – um cigano fazendeiro do ar” (2007), história do cronista capixaba escrita pelo conterrâneo Marco Antônio de Carvalho.

“O Bibliotecário do Imperador” (2013), romance do poeta Marco Lucchesi.

“Quem ama literatura não estuda literatura” (2008), do professor Joel Rufino dos Santo.

“Viver” (2011), do poeta amazonense Tenório Telles.

“O Improvável Presidente do Brasil” (2013), autobiografia de Fernando Henrique Cardoso.

“A Queda – As memórias de um pai em 424 passos” (2012), livro de Diogo Mainardi sobre a história do filho com paralisia cerebral.

“Ilhéu” (2013), livro de poemas de Edson Cruz, para o qual Thiago de Mello escreveu um texto de abertura.

“E por último, mas em primeiro lugar, estes dois romances do querido Milton Hatoum: ‘Relato de um Certo Oriente’ (1989) e ‘Dois Irmãos’ (2000)”, finaliza o poeta.

**35.** Em entrevista concedida ao jornalista acreano Altino Machado, do Blog da Amazônia, Thiago aceitou listar os cinco motivos de sua candidatura à ABL:

1. Porque venero e sei de memória Machado de Assis (fundador da Casa) desde os meus 9 anos, quando no Grupo Escolar José Paranaguá, de Manaus, a professora dona Aurélia, concluído o Curso Primário, iniciou no quintal da casa dela uma classe de leitura de Machado de Assis. Curso de férias. Dois meses e meio com o Apólogo da Linha e da Agulha. Quinze alunos, voluntários. No final cada um teve de dizer com quem ficava, com a agulha ou com a linha. Ganhou a linha, por 8 a 7. Machado vem comigo a vida inteira. Quando visitei Drummond no

Ministério da Educação, disse para ele de memória uma conversa de Pestana com o seu editor de polcas. O Lucio Costa veio lá da mesa dele para ouvir.

2. Porque a minha candidatura atende ao pedido de vários queridos acadêmicos, alguns já falecidos, Zé Lins (do Rego), Lêdo Ivo e o próprio Austregésilo (de Athayde) presidente, que leu meus poemas quando eu era universitário, na casa de Ana Amélia Carneiro de Mendonça. Lembro bem nossa despedida, último encontro, na porta do hotel em São Paulo. Ele disse: “Meu filho, não abandone a nossa Academia”.

3. Porque sinto muita vontade em suceder o brasileiro de esplêndido poder criador literário (Ariano Suassuna), poeta como ele, estudioso da cultura do povo da minha floresta, um patriota a quem quis tanto bem. Mereci – até publicamente, numa Fliporto, ao final de uma de suas aulas – uma declaração comovedora de respeito e ternura.

4. Pedido do meu romancista e companheiro de vida Carlos Heitor Cony.

5. Razão de caboclo: porque quero ver a minha Amazônia fazendo parte da vida da Academia.

No dia 30 de outubro, o jornalista e escritor Zuenir Ventura, de 83 anos, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), com 35 dos 37 votos. Thiago de Mello teve um e Olga Savary também um. Tanto Olga Savary quanto Thiago de Mello não fizeram campanha pela vaga na ABL. Eles dizem que suas obras falam por si só. Thiago disse que foi o primeiro a se candidatar à vaga de Suassuna, mas afirma não ter cumprido os rituais da campanha, que incluem visitas aos imortais e participação em eventos. “Não é do meu feitio”, explicou. De acordo com um acadêmico que pediu anonimato, Thiago de Mello tem prestígio, mas está muito afastado, e a Academia não gosta de eleger quem

não participa de suas tertúlias tradicionais. Olga Savary lamentou que a seleção dos imortais não dependesse apenas de suas obras. A poeta paraense é autora de 20 livros. Em 1971, recebeu o prêmio Jabuti na categoria autor revelação pelos poemas de Espelho Provisório, de 1970.

**36.** No início de março de 2015, Thiago de Mello recebeu uma correspondência mais do que especial. Nela estavam o Título de Membro de Honra da Academia de Letras Internacional da Romênia “Mihai Eminescu”, juntamente com alguns exemplares da Antologia Universal da Poesia Atual, publicação recém-lançada pelo país e que traz o poeta da floresta como solitário representante do Brasil. Feliz pela homenagem, Thiago sorriu como uma criança. “Quando recebi a carta do poeta romeno Ion Deaconescu, organizador e tradutor da antologia, comunicando que eu havia sido escolhido para essa Antologia Universal, respondi que havia muitos poetas brasileiros maravilhosos da minha geração e que ele meditasse bem. O poeta me respondeu que me considerava o patriarca da poesia contemporânea. Então fiquei calado e mandei os poemas”, relembra, sobre o convite recebido em 2014. “Como recebi o exemplar da antologia? Achei muito bom. Acredito que os meus leitores vão ficar felizes”, resumiu.

A coletânea de mais de 600 páginas organizada pela Academia de Letras Internacional da Romênia é um volume extremamente seletivo que foi lançado oficialmente durante a segunda edição do Festival Mundial da Poesia “Mihai Eminescu”, no final de setembro de 2014. A Antologia reúne obras de 100 poetas ao redor do mundo, entre eles o alemão Günter Grass, o chileno Oscar Hahn, o português Casimiro de Brito e a grega Katerina Anghelaki-Rooke. Na abertura das páginas de cada

poeta, há um perfil sobre a vida e a obra, além de uma reprodução de um poema manuscrito. Ela traz 15 poemas de Thiago de Mello, entre eles “Os Estatutos do Homem”, “Os Barcos” (Les Bateaux), “A Vida Verdadeira” (La Vraie Vie), “Cantiga Quase de Roda” (Ronde presque Infantine) e “Aprendizagem Amarga” (Apprentissage Amer). Um belo atestado de qualidade para um dos maiores poetas que o Amazonas já produziu.

No dia 2 de julho daquele mesmo ano, no jornal A Crítica, a jornalista Lucy Rodrigues publicou uma matéria intitulada “Acerto de contas: Thiago de Mello lança livro em São Paulo”:

É por volta do meio dia de uma tarde quente de sol a pino que o poeta Thiago de Mello nos recebe em seu apartamento, no Centro de Manaus, para conversar sobre o livro que diz ser o seu último de poemas inéditos: “Acerto de Contas”. A obra será lançada na próxima terça-feira, 7 de julho, pela editora Global, no espaço cultural Casa das Rosas, em São Paulo, com a presença do poeta da floresta, além de apresentação lítero-musical do grupo Chama Poética e de músicos e declamadores convidados.

Vestido de branco e com um sorriso no rosto, o poeta nos cumprimenta e convida a adentrar o espaço onde trabalha quando está em Manaus, no computador rodeado por quadros de artistas, fotos de momentos da vida e da carreira e, claro, muitos livros. “Estou um pouco cansado, fui dormir às 2h e acordei às 5h, já escrevi seis laudas hoje”, disse. Com a energia de quem está sempre recomeçando, prestes a completar 90 anos, Thiago diz que está escrevendo um livro de crônicas e histórias de pessoas e livros que fizeram e fazem parte da sua vida, cujo título provisório é “Os outros”, mas que não tem grandes pretensões para publicá-lo. “Hoje quero publicar esse ‘Acerto de Contas’. A Global editora tem o direito sobre todas as minhas obras e deverá publicar outras edições especiais. Mas eu tinha de lançar esse

livro de poemas inéditos. Nele eu faço um acerto de contas, sobretudo comigo”, diz.

Dividido em quatro partes, o livro traz 120 poemas, a maioria completamente inéditos. “Em todos os poemas deste livro estou tratando daquilo que Heidegger, um dos grandes filósofos e pensadores sobre a beleza e a grandeza da condição humana e seus grandes perigos e imperfeições, chamou de Desein: isso de estar no mundo. Falo sobre o ser, as desigualdades sociais, o amor, a amizade, o Brasil e o mundo também. A indignação está presente, mas a esperança percorre todas as quatro partes desse livro. Eu coloco questões do ser da maneira essencial, tentando dizer que é preciso não desanimar e manter a perseverança”, resume.

Após uma pequena pausa para um almoço, em que Thiago saboreia um tambaqui grelhado com arroz e salada, retomamos nossa entrevista, e ele nos mostra as fotos que enchem as paredes de seu escritório: “Aquela ali é uma ilustração que ganhei do meu filho, é o Manuel Bandeira chegando em Pasárgada, junto com o rei. Na outra, eu comendo pacu, logo que cheguei do exílio. Lá em cima, eu abraçando o Pixinguinha”, explica sorrindo. Entre alguns momentos marcantes da carreira, ele relembra a crítica literária de seu primeiro livro, “Silêncio e Palavra” (1951). “Na época, o Álvaro Lins – papa da crítica literária brasileira – terminou seu artigo sobre meu livro dizendo: ‘Poetas principais da Literatura, este moço que deixou a Medicina para se dedicar à Poesia merece um lugar ao vosso lado’. E Eu fui até o Correio da Manhã, no Rio de Janeiro, falar com ele, me apresentei e falei: ‘Se eu acreditasse no que o senhor disse, talvez o rei me subisse pela cabeça, mas eu digo que não. Eu estou começando. E eu devo muito isso aos meus mestres. Alguns brasileiros e estrangeiros que li. Acho que não tenho influência de nenhum.

Esse meu falar é meu. É o meu jeito de ser que eu vou levar até o fim. Eu estou começando e espero que o senhor goste do que eu venha a escrever'. Ele me abraçou. E eu contei isso para a mamãe e ela disse 'Meu filho, a humildade é poderosa', frase que depois ela repetiu quando eu voltei do exílio na Europa e ganhei o prêmio internacional", recorda.

Além de escrever todos os dias, o poeta de "Os Estatutos do Homem" conta que no momento está relendo muito. "Releio em primeiro lugar o que releio desde os nove anos de idade: Machado de Assis. Tenho a obra completa dele e onde eu abrir eu aprendo o que é amar o idioma. O Machado era um escritor perverso. Não tem ninguém feliz na obra dele. Você acha maravilhosa a Capitu etc, mas quando chega no final 'E este filho de quem é?'. Releio também o poeta Luiz Bacellar, Márcio Souza, Santoro, García Marquez, Dostoievski, e tantos outros. Eles fazem parte da minha vida, assim como a poesia, trazida comigo das profundezas das águas do rio Andirá e que eu vou levar comigo até o fim".

**37.** No dia 16 de março de 2016, o jornalista Vitor Nuzzi, do site Rede Brasil Atual, publicou uma matéria intitulada "Thiago de Mello, quase aos 90, segue cantando contra a escuridão":

São Paulo – Já passava das 23h da terça-feira (15) quando um cansado, mas animado Thiago de Mello deixava a Biblioteca Mário de Andrade, no centro de São Paulo, depois de uma noite de homenagens, declamações e seresta por seus 90 anos, que serão completados no próximo dia 30. Um cantor do "Brasil de dentro", como define seu filho Thiago Thiago, que cantou ao lado do pai quase ao final do evento, musicando um dos poemas do autor amazonense: "Sonhei que estavas dormindo/ Num campo de margaridas".

O chamado poeta da floresta – é amazonense de Barreirinha

e mora à beira do Rio Andirá, a 330 quilômetros de Manaus – também recebeu flores de estudantes que participaram de ocupações em escolas paulistas, no final do ano passado, contra o projeto de “reorganização” do governo estadual. Diante de duas centenas de pessoas que lotaram o auditório da biblioteca, sempre de branco, agradeceu pela noite. “Eu reparto meu canto de amor. Eu me despeço para permanecer com vocês.” E recitou mais um pouco: “Mais que viver, o que importa/ é trabalhar a mudança/ (antes que a vida apodreça)/ do que é preciso mudar”. Ele ainda subiria ao terraço, para ser recebido com serenata, ao som de Cordas de Aço, de Cartola.

Seu filho Manduka (Alexandre Manuel Thiago de Mello), que morreu em 2004, também foi lembrado na cantoria dos Thiagos, pai e filho, interpretando Linda Vida, dos anos 1970 – letra de Thiago de Mello e melodia de Manduka. “Faz um poema pra essa música, companheiro?”, pediu Manduka ao pai. Era assim que se tratavam, o poeta e o “pássaro-cantor” que se calou aos 52 anos.

Filho de Ricardo Ramos e neto de Graciliano Ramos, o vice-presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), Ricardo Ramos Filho disse participar “de forma muito reverente, diante de um dos meus ídolos”, referindo-se a Thiago, destacando tanto a beleza do texto como o engajamento político do poeta e citando o poema Fio de Vida: “Muita vez não quis a vida/ A vida foi quem me quis”. “Que a vida continue te querendo, sempre”, disse Ricardo.

O professor Pasquale Cipro Neto emocionou-se ao subir ao palco e lembrar da importância da obra de Thiago de Mello na resistência à ditadura. Referiu-se aos “perseguidos pela dita” e emendou: “Vamos bater na madeira”, tocando três vezes no piano, sob aplausos. “Nós procurávamos luzes”, disse a Thiago, citando uma de suas obras mais conhecidas, Faz Escuro Mas Eu

Canto. “Sempre acreditei que a salvação está na arte, e tu ajudaste a nos salvar”, completou Pasquale, para então declamar Madrugada Camponesa.

“Sua obra, por si só, honra o povo brasileiro”, disse o vereador Jamil Murad (PCdoB), autor de projeto de lei, prestes a ser votado, que dará a Thiago o título de Cidadão Paulistano. “É um poeta entrelaçado com o sentimento do povo por uma vida melhor.” Também estavam lá a vice-prefeita de São Paulo, Nádia Campeão, e os secretários municipais Nabil Bonduki (Cultura) e Eduardo Suplicy (Cidadania e Direitos Humanos). Além da prefeitura e da biblioteca, o evento foi organizado pela UBE e pela Fundação Maurício Grabois.

Também poeta e amigo do homenageado, Ciro Figueiredo lembrou de ter lido várias vezes, inclusive naquele local, a obra mais conhecida de Thiago, Os Estatutos do Homem – escrita logo depois do golpe de 1964, quando ele era adido cultural no Chile, onde se tornou amigo de Pablo Neruda. “Este palco foi usado muitas vezes para proclamar a liberdade da palavra”, afirmou Ciro, que chamou o poeta de “menino” e declarou Uma Toada de Ternura: “Mas leva contigo a infância/ como uma rosa de flama/ ardendo no coração:/ porque é da infância, Leonardo,/ que o mundo tem precisão”.

Os Estatutos foram lidos a três vozes, a começar por Fernanda de Almeida Prado, autora do “roteiro poético” da noite. O cantor e compositor Jean Garfunken também declamou um poema de Thiago, Terra Traída, da obra mais recente do autor, Acerto de Contas, lançado em 2015: “Advertência: / quando queimam a mata, / enlouquecidos de pavor, / os pássaros se esquecem dos seus cantos”.

**38.** No dia 19 de março de 2016, o jornal O Tempo publicou uma matéria intitulada “Aos 90 anos, Thiago de Mello garante:

ainda tem esperança”:

Às vésperas de completar 90 anos, Thiago de Mello não perde a esperança. Voz de sua geração, o autor de “Faz Escuro Mas Eu Canto” e do emblemático poema “Os Estatutos do Homem”, sua resposta ao AI-5, ele ainda acredita na construção de uma sociedade mais justa. Incansável, ele faz a parte dele. Foi no Rio de Janeiro, para onde se mudou no fim do colégio, que aprendeu que a pessoa vive para servir. Na mala, levava as lições, seguidas até hoje, de vida e humildade da mãe, que também o ensinou a ler e a escrever ainda em Barreirinha, na floresta amazônica. Foi lá que ele nasceu em 30 de março de 1926. Foi para lá que quis voltar, em 1977, depois do exílio e de dois enfartes. São Paulo.

Thiago não quer mais publicar poesia, mas prepara um livro sobre as pessoas que o fizeram chegar até aqui. Fala dos amigos, sempre presentes em seus poemas e em sua memória – a lista é grande e inclui Neruda, Drummond, Volpi, Glauber Rocha, Armando Nogueira, Zé Lins do Rêgo, Manuel Bandeira e Carlos Heitor Cony. Vivendo há cerca de 10 anos na Freguesia do Andará, ainda mais para dentro da floresta, ele não desiste de suas causas – a educação, a terra, o povo. “Hoje, quem não escolher a utopia corre o risco de cair no apocalipse”, ele diz.

**O senhor acredita que escritores têm missão? Tem uma?**

Li em A Essência da Poesia, de Heidegger, que a poesia é um dom de nascença e que todo poeta tem uma missão. Eu disse: como é cumprir desconhecida missão? Só vim saber que eu tinha que fazer a minha parte, para servir à determinada causa, quando fui atingido pelo raio da pobreza e da injustiça. Aos 15, com a formação que tive dos meus pais – da minha mãe, sobretudo – comecei a ter uma consciência solidária. Tempos depois, no Rio

de Janeiro, li que a gente vive para servir. Trabalho muito mais hoje do que quando eu tinha 40 anos. Escrevo com mais alegria, com mais gosto, como quem cumpre um dever escrevendo. O que me deixa contente é que hoje, com 92 anos, minha esperança é muito mais poderosa do quando eu estava preso.

### **Por quê?**

Opera a lei de Newton: toda ação chama uma reação em sentido contrário. Se estou com 92 anos, tenho menos tempo para servir e tenho que trabalhar sem errar. Devo fazer a minha parte da melhor maneira que puder. Minha esperança é para o Brasil. O povo, de repente, está falando, está na rua. Redobro minha convicção de que é possível, sim, a construção de uma sociedade humana solidária. Será possível se cada um fizer a sua parte. Estão chamando isso tudo de crise, mas crise sempre houve. É que a perda de certas virtudes humanas fundamentais assustou, de repente, a sociedade brasileira. Houve uma grande falta de respeito, para não dizer que foi uma grande falta de amor. Além da esperança, a minha capacidade de indignação cresceu também. Quem não se indignar está sendo cúmplice.

### **Há quem diga que um golpe está sendo armado.**

Pessoas que não passaram pela ditadura e que estão pedindo isso estão profundamente equivocadas. São vozes infelizes. Onde está a raiz desse equívoco, dessa infelicidade que pede o poder do fuzil? Nenhum sociólogo teve tempo de estudar, mas acho que é fruto da deseducação do Brasil.

### **O que deve acontecer daqui para a frente?**

O que queremos – um pouco mais de decência. Isso não será do dia para a noite. Esse processo de mudança será uma conquista. E tomara que se inclua aí um novo cuidado – respeitoso, amoroso – pela necessidade de educar o povo porque o povo educado não escolhe ladrão para governar.

**O senhor subiria ao palanque nessas manifestações atuais?**

Por que não?

**No final de “Acerto de Contas” (2015), o senhor escreve que ele será o último. E já disse isso outras vezes. Por que é tão difícil parar?**

Acho que não há um ponto final, mas não tenho temas, preocupações e esperanças novas.

**Não quer mais publicar poesia, mas continua escrevendo?**

Os poemas que ainda escrevo vão para um caderno e só. Trabalho num livro chamado Os Outros Comigo, que quero entregar no meio do ano. Nele, falo de pessoas que iluminaram a minha vida – da infância até hoje.

**O senhor sempre conversa com essas pessoas nos poemas. Quem faz mais falta?**

Várias pessoas. Quando fiz a opção de morar na floresta, Cony disse que eu seria esquecido.

**E ninguém esqueceu.**

Esquece. A floresta me fez perder muito da convivência com seres admiráveis, entretanto, a distância e o tempo fazem com que cresça a permanência da pessoa dentro de nossa vida.

**Entre todas as lutas, qual foi a mais difícil?**

É muito pouco o que se consegue nesse trabalho de conscientização. O campo não é fértil. Você planta e não brota muito. Mas é preciso fazer. É a arma que temos para servir.

**Foi preso por sua posição política. Ameaçado de morte por sua luta ambiental. Teve medo?**

Não vou dizer que não tive medo. Eu vivia no Chile e, no 5º dia do golpe do Pinochet, me prenderam. Ouço a pergunta: ‘Matamos aqui?’ Imediatamente me lembrei que, no meu

caminho, vi atirarem num homem ajoelhado. Pensei que não podia morrer naquela hora porque ainda tinha muita coisa a fazer. E não podia ter medo. Fui levado ao quartel onde aconteceu um milagre: o oficial de plantão era allendista e conhecia meus versos traduzidos pelo Neruda. No comício dos 100 mil, em 1968, fui preso em casa. Numa cela estreita, leio na parede: ‘Faz escuro mas eu canto porque a manhã vai chegar’. O meu verso escrito na parede por outro passou a me dar uma força danada.

### **O senhor foi uma voz importante de sua geração. Os escritores de hoje estão dizendo algo?**

Olhe nos meus olhos e veja a minha tristeza. Não estão. Você pode servir à exigência da qualidade imprescindível da poesia, que é a beleza artística. Pode conseguir a beleza artística e, ao mesmo tempo, servir não apenas àqueles que foram à universidade. É preciso usar uma linguagem acessível ao leitor comum. As metáforas têm que se abrir. Minha posição frente aos concretistas é de respeito, porque eles foram os melhores tradutores, mas eles decidiram que a plataforma do concretismo era eliminar o sentimento da poesia e o verso. Era o desmembramento da palavra. Uma brincadeira. O difícil é fazer poesia com a palavra que o povo usa.

### **O que o senhor guarda do menino que foi?**

É esse menino que está conversando com você. A minha grande força vem do poder mágico da infância, da infância que tive. Acredita que ainda empino papagaio? Mas não quero dizer o verso que pensei agora.

**39.** No dia 27 de março de 2016, o antropólogo, cronista e professor universitário José Ribamar Bessa Freire publicou no site Taquiprati uma crônica intitulada “Thiago de Mello e o fantasma da liberdade”:

Fica proibido o uso da palavra liberdade / a qual será suprimida dos dicionários / e do pântano enganoso das bocas. / A partir deste instante / a liberdade será algo vivo e transparente / como um fogo ou um rio, / e a sua morada será sempre / o coração do homem. (Thiago de Mello – Os Estatutos do Homem)

Thiago de Mello completa 90 anos nesta quarta-feira (30/03). Tinha 39 anos quando deu recital de poesia no Teatro da Divina Providência. Nesse dia, pouco antes de lá entrar, tomou tacacá na banca da dona Maria na Rua Ramos Ferreira, ali em frente à Academia Amazonense de Letras, acompanhado do poeta Farias de Carvalho, que se empanturrava com croquete, banana frita e tapioca coberta de coco ralado. Foi aí que o vi pela primeira vez. Já no palco, vestido de branco, declamou “Os Estatutos do Homem”, traduzido depois para 30 idiomas, com aquela auréola de quem havia sido recentemente preso no Hotel Glória, ao lado de Antônio Callado.

Ah, por sinal foi Ana Arruda Callado, com quem eu trabalhava no jornal O SOL, no Rio, que dois anos depois, em 1967, me apresentou ao Thiago. Ele estava semiclandestino num casarão em Botafogo, residência do seu amigo Luis Carlos Barreto, o Barretão. Demonstrou sua alegria em encontrar um jovem conterrâneo de Aparecida, bairro que sediava uma fábrica de cerveja, na Rua Dr. Aprígio.

Cerveja amazonense? Thiago, que é um narrador sedutor, contou que quando adido cultural do Brasil no Chile, no governo Jango, convidou para jantar um empresário da Associação Comercial do Amazonas (ACA), seu amigo de infância, a quem não via há séculos e que viera a Santiago para um Congresso Latino-americano de Lojistas. Cozinheiro de mão cheia, preparou rabada com agrião, mas estava atormentado por dúvida atroz:

– Abro ou não abro o meu Chateau Lafite Rothschild?

Era um vinho de safra especial do ano do finado Putemerde, com uva colhida em setembro, só restavam três garrafas no mundo que valiam uma fortuna: uma estava com Rockefeller, nos Estados Unidos, a outra na adega da Baronesa de Massy, no Principado de Mônaco, e a última adquirida em um leilão da Sotheby's por Pablo Neruda, que o presenteou recomendando: "Hermano, ese es para que lo abras en una ocasión muy especial".

– Abro ou não abro? – se indagava Thiago, fazendo suspense em pausa prolongada de sua narrativa.

Abriu. Foi generoso. Enquanto o vinho respirava, ele ritualizou. Falou do valor da amizade, lembrou a infância comum quando ambos brincavam de manjalé e empinavam papagaio na Rua José Paranaguá, explicou que aquele era um vinho raro, redondo e suculento, cor rubi intenso com toque leve de violeta, aroma de damasco. Acariciou a rolha, serviu, cheirou, degustou, brindou, sorveu um pequeno gole e aguardou a reação, olhando nos olhos do amigo, que esvaziou a taça sofregamente de uma só talagada – gut, gut, gut, gut.

– E aí? – perguntou o poeta, estarecido com tamanha rapidez.

– É. Bonzinho! Mas eu ainda prefiro uma XPTO bem geladinha.

Era a cerveja amazonense, a famosa XPTO, que estava para Manaus como o Chateau Lafite está para a região do Médoc, na França. De qualquer forma, Thiago matou as saudades.

Falando em saudade, ela foi cantada muitas vezes por Thiago de volta ao Chile, final de 1969, agora como exilado, quando recebia em sua casa amigos chilenos a quem ensinava: "Oi leva eu, minha saudade, eu também quero ir, minha saudade". Dirigia o coro como um maestro, tendo ao violão seu filho, o saudoso Manduca. Isso aconteceu muitas vezes no apartamento

da filha de Salvador Allende, Isabel, hoje senadora por Atacama, que o emprestou a Thiago quando saiu de férias. Estávamos na maior pindaíba.

Por falar nela, a pindaíba, foi com ela que ficamos no apartamento, eu e o Manduca, num fim de semana em que Thiago teve de ir a Valparaíso com a Lurdinha, grávida da Isabella. Não havia um grão de arroz na dispensa. Quem nos salvou foi o cofrinho de Gonzalo, neto de Allende. Que Deus nos perdoe, mas Manduca e eu assaltamos o porquinho com um arame e tiramos as moedas para comprar um pacote de macarrão que matou nossa fome de nordestinos famélicos dos romances de Graciliano e José Lins do Rego.

De José Lins, Thiago tem uma coleção de histórias, algumas delas contadas em longo depoimento no documentário imperdível de Vladimir Carvalho “O Engenho de Zé Lins”. O poeta, que serviu de enfermeiro, contou o sofrimento do amigo dileto no hospital, a hemorragia, a interceptação que fazia dos jornais quando o Flamengo perdia para evitar sofrimento daquele torcedor doente. Um capítulo para os trotes telefônicos que davam singelo, mas intenso prazer ao escritor paraibano.

Candura residia também na brincadeirinha inocente que não está contada no documentário, mas que Thiago gosta de narrar. Quando os dois saíam de braços dados pelo calçadão de Copacabana e passava uma mulher bonita, mantinham o seguinte diálogo em voz alta para ela ouvir:

- De Mello, olha ela aí!
- Você disse que ela não vinha!
- Você falou sem pensar.
- Olha ela aí, Valdemar!
- Está botando pra quebrar.

E morriam de rir como meninos engenhosos.

Já contei nesse espaço muitas histórias vividas com Thiago, amigo de Violeta Parra, Allende, Benedetti, Mercedes Sosa, Chabuca Granda, Neruda e tantos outros. Aliás, Neruda ao ouvir as histórias de Thiago lhe dizia algo extensivo aos narradores amazonenses:

– Hermano, tu te pierdes por las ramas.

Quem se perdeu “por las ramas” foi Buñuel no seu filme “O fantasma da liberdade”, que transgredir as regras canônicas da narrativa e apresenta as sequências encadeando-as por encontros fortuitos, sem relação aparente entre si, o elo entre elas é, às vezes, uma mera frase ou um personagem, que salta de uma sequência e emenda na outra.

Quem, eu? Perdido por las ramas? Égua, eu, hein! Se hoje tivesse em minha adega uma garrafa da extinta XPTO, mais por razões afetivas do que pela qualidade duvidosa da cerveja, ai sim me perderia por todas las ramas, abrindo-a sem qualquer hesitação para beber com meu querido amigo, Thiago de Mello, amante e escravo da liberdade, a quem desejo a longevidade de Niemeyer. Zicke, Zacke, Zicke, Zacke! Hoi, Hoi, Hoi! Saravá, poeta!

**40.** No dia 16 de agosto de 2016, no jornal A Crítica, a jornalista Rosiel Mendonça publicou uma matéria intitulada “Thiago Thiago de Mello fará dueto com o pai em show inédito no Teatro Amazonas”:

Foi das vivências em Manaus e em Barreirinha, às margens do rio Andirá, que o cantor e compositor Thiago Thiago de Mello extraiu as referências para seu novo projeto musical, “Amazônia subterrânea”, que agora poderá ser conferido pela primeira vez pelo público amazonense. No sábado, dia 20, ele faz uma apresentação única de voz e violão no Teatro Amazonas, com direito a uma participação do pai, o poeta Thiago de Mello.

Nascido no Rio de Janeiro, Thiago tinha poucos meses de vida quando se mudou com a família para Barreirinha, terra natal do autor de “Os estatutos do homem”, a cerca de 400 quilômetros de Manaus. Até hoje, porém, ele faz questão de voltar ao município todos os anos.

“A relação com a cidade marcou muito a minha vida”, comenta ele. “É uma coisa intensa a experiência de estar lá, passar pelo Andirá e visitar o que restou das casas onde morei. É ao mesmo tempo uma experiência de sonho, recordação e saudade. Também se trata de um reconhecimento da minha ancestralidade, porque o meu pai, meu avô e meu bisavô já estavam lá antes de mim”.

Não é de hoje que a Amazônia inspira o trabalho de Thiago, mas ele confessa que, de uns tempos para cá, começou a compor de modo mais consciente sobre a região. Ele traduz essa fase como uma busca quase existencial. “Eu já tinha feito algumas músicas, eventualmente, sobre algum tema amazônico, mas nada que pudesse estar em conjunto contando uma história”.

A guinada veio por volta de 2013, quando o compositor passou a se debruçar mais atentamente sobre suas origens. Assim, ele procurou ouvir o que os tios, primos e o próprio pai tinham a contar. Numa dessas buscas, ele se deparou com uma série de cartas trocadas entre os parentes, algumas datando de cem anos atrás, quando a família Thiago de Mello já dava mostras do dom para a música.

“Tudo isso começou a mexer comigo. Intencionalmente, passei a escrever uma obra amazônica que desse conta da minha relação com a região, seus seres lendários e todas essas histórias. Considero esse trabalho como uma verdadeira imersão em um tempo que já acabou, uma viagem pelo subterrâneo da Amazônia e pelo subterrâneo do próprio Brasil”, diz o músico.

Inspirado por esse clima, Thiago compôs cerca de 40 canções, sozinho e com parceiros. Algumas delas também nasceram a partir de poemas do pai, algo a que ele pouco havia se dedicado até então.

“Sempre fui muito leitor do meu pai, mas só de uns anos para cá comecei a querer musicar os poemas dele. Tornou-se quase que uma necessidade”, revela o compositor, que convidou o genitor para dividir o palco do Teatro Amazonas.

“Ele vai declamar, mas também vamos cantar juntos. Meu pai é muito musical, tem parcerias com Ary Barroso, Pixinguinha... Será uma homenagem aos 90 anos dele”, diz.

Se os temas amazônicos são a principal matéria-prima das letras de “Amazônia subterrânea”, Thiago Thiago de Mello conduziu a musicalidade do projeto para um caminho mais universal.

“Muitas vezes, as minhas melodias podem remontar a Villa-Lobos e a outros estilos não muito identificados com a música que se faz na região. Mas a intenção não foi de que as músicas soassem regionais, mas remetessem a uma tradição aliada a uma sonoridade um tanto contemporânea”.

Com “Amazônia subterrânea” no repertório há cerca de um ano e meio, Thiago vem lançando desde janeiro uma série de vídeos nos quais interpreta ao vivo, em um estúdio de Nova York, as músicas do projeto. Até o fim do ano, ele também pretende concluir o registro do novo trabalho em disco.

**41.** No dia 12 de abril de 2017, o jornal A Crítica publicou uma matéria intitulada “Exposição ‘Um canto ao Poeta’ reúne obras inéditas da Coleção Thiago de Mello”:

Até então inéditas no circuito de exibição de Manaus, uma série de obras da Coleção Thiago de Mello farão parte de uma

mostra a ser inaugurada na próxima terça-feira (18), às 19h, na Casa das Artes, no Largo de São Sebastião, Centro. Intitulada “Um canto ao Poeta” e reunindo pinturas, desenhos e aquarelas de artistas reconhecidos do Brasil, da América Latina e da Europa, pertencentes ao acervo da Pinacoteca do Estado, a exposição é uma realização do Governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Estado de Cultura.

Ao todo, a exposição vai reunir 29 obras da Coleção Thiago de Mello até então mantidas na Reserva Técnica da Pinacoteca do Estado, estando as demais em exposição de longa duração no museu no Palacete Provincial. Adquirida em 2002 pelo Governo do Amazonas, via Secretaria de Cultura, a coleção abrange um total de 48 peças de artistas do Brasil, Argentina, Chile, Cuba, Equador, Itália, Nicarágua e Peru, reunidas pelo poeta amazonense durante seu exílio nos anos do regime militar brasileiro.

Pela primeira vez expostas ao público, as obras vão oferecer um amplo panorama das artes no Brasil e na América Latina, de acordo com o secretário de Cultura, Robério Braga. “Com essa exposição, a Pinacoteca do Estado estende seu acervo para além do Palacete Provincial e busca alcançar novos públicos. Os visitantes da mostra na Casa das Artes terão a oportunidade de conhecer trabalhos de artistas de renome, como o argentino Luis Felipe Noé, a chilena Roser Bru ou a peruana Rosamar Corcuera”, declarou ele.

Diretora de Museus da Secretaria de Cultura, Cléia Viana destaca o trabalho da Pinacoteca na constante ampliação e renovação de seu acervo. “Desde 1997, o Governo do Estado, por meio da Secretaria, vem implementando a política de aquisição de obras para a formação de diversas coleções”, aponta ela. “As obras registram a memória temporal das produções artísticas de

uma geração ou de fases dos movimentos, são de interesse histórico e preservam a memória para o futuro”.

O acervo reunido na Casa das Artes inclui obras de seis artistas brasileiros: Aldemir Martins, Eduardo Tadeu, Fayga Ostrower, Humberto Espíndola e Sueli Piazzetta, além de Fernando Fiúza (1953-2009), que aparece com três trabalhos, sendo um deles um desenho em lápis de cor retratando o arquiteto e urbanista Lúcio Costa. O artista argentino Luis Felipe Noé também tem três de suas criações incluídas na mostra, incluindo uma pintura em acrílico sobre tela que retrata Thiago de Mello e seu amigo José Brito.

Do Chile, além de Roser Bru, a exposição traz obras da pintora Agna Aguadé, que já produziu uma versão ilustrada dos “Estatutos do Homem”, de Thiago de Mello; mais Hector Herrera, Nemesio Antúnez e Santos Chávez. Completam o acervo de artistas da mostra o italiano Roberto Sambonet, o nicaraguense José Arana e a peruana Rosamar Corcuera.

Além das obras em exposição, “Um canto ao Poeta” vai trazer também trechos de poemas de Thiago de Mello, extraídos dos livros “Num campo de margaridas” (1986) e “Campo de milagres” (1999), este ganhador do Prêmio Jabuti na categoria Poesia, em 2000. Entre eles se incluem fragmentos de poemas como “O Nemesio” e “A ensinança das águas”, nos quais o escritor faz referência a Nemesio Antúnez e a Luis Felipe Noé, respectivamente.

“Um canto ao Poeta” ficará em cartaz na Casa das Artes de 19 de abril até 18 de junho, com visitação gratuita e aberta ao público em geral de terç a a domingo, sempre das 15h às 21h.

**42.** Em janeiro de 2018, Thiago de Mello recebeu um novo baque por conta da morte do escritor e jornalista Carlos Heitor

Cony, ocorrida no dia 5, aos 91 anos, no Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), ele deixou a viúva Beatriz Lajta e três filhos: Regina, Verônica e André. Considerado o amigo mais próximo de Thiago, após o falecimento de Armando Nogueira, Cony foi o quinto ocupante da cadeira nº 3 da ABL, para a qual foi eleito em março de 2000, sucedendo Herberto Sales.

“Só creio naquilo que possa ser atingido pelo meu cuspe”, diz a certa altura o protagonista do romance de estreia de Carlos Heitor Cony, “O ventre” (1958). Aos 32 anos, Cony resumiu nessa frase o ceticismo irônico que o acompanhou por toda a vida. Na juventude, estudou para ser padre, mas abandonou o seminário. Durante a ditadura, como jornalista, escreveu contra o autoritarismo, foi perseguido pelo regime, mas não se furtou a criticar dogmas de esquerda, e por isso foi acusado de alienado. Em seus romances, expressou com uma linguagem seca e por vezes sarcástica suas dúvidas e desencantos sobre a sociedade brasileira e a condição humana.

Nascido em 14 de março de 1926, em Lins de Vasconcelos, subúrbio carioca, Carlos Heitor Cony foi uma criança de poucas palavras. Filho do jornalista e funcionário público Ernesto Cony Filho e Julieta de Moraes Cony, tinha um problema de dicção que o impediu de frequentar a escola regular e aprendeu a ler e escrever com o pai. Aos 11 anos, depois da primeira comunhão na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Guia, em Mangaratiba, Cony começou a frequentar o Seminário de São José, no Rio Comprido. Dois anos depois, iniciou a carreira de seminarista.

A experiência no seminário o marcou para toda a vida. Em entrevista à revista IstoÉ, em 1993, afirmou que “a única coisa que eu realmente quis na vida foi ser padre”. O ceticismo, porém, o impediu. O São José foi a grande escola de formação intelectual do escritor. Lá estudou latim, português, grego, francês, italiano,

música, matemática, filosofia, psicologia, ética e até cosmologia. Devorador de livros e crítico implacável, definiu assim o abandono da formação para o sacerdócio: “Comecei a duvidar de tudo. Comecei a preferir Santo Agostinho a São Tomás de Aquino. Foi um ponto de atrito, porque toda a filosofia dos seminários, hoje (na época), é tomista. Eu tinha muito mais interesse pessoal na figura de Santo Agostinho, com aquele passado devasso, do que na filosofia angélica. Eu não achava nenhuma graça nele”.

Um ano depois de largar o seminário, em 1946, Cony se inscreveu no curso de Letras Neolatinas da Faculdade Nacional de Filosofia, mas não chegou a concluí-lo. No mesmo ano, começou a colaborar para a imprensa, ajudando o pai no Jornal do Brasil. Em 1947, recebeu sua primeira carteira de jornalista como redator da Gazeta de Notícias. Mas sua carreira começaria para valer cinco anos depois, na Rádio Jornal do Brasil. Contudo, não acompanhou o colega Reynaldo Jardim na mudança para o jornal. Jardim, junto com Jânio de Freitas e Odylo Costa, filho foram as cabeças por trás da revolucionária reforma gráfica e editorial do diário, no final dos anos 1950.

Na época, Cony estava decidido a ser escritor. E foi um dos mais prolíficos. Entre 1955 e 1972, publicou nove romances em sequência. O primeiro, “O ventre”, foi inscrito no concurso de literatura patrocinado pela Secretaria de Educação e Cultura em associação com a Academia Brasileira de Letras (ABL). Apesar de ser apontado como o melhor romance, teve negado o Prêmio Manuel Antônio de Almeida por sua visão pessimista e sua linguagem rude. Em apenas nove dias, escreveu “A verdade de cada dia”, inscreveu-se novamente e ganhou o prêmio, em 1956, sob o pseudônimo Isaías Caminha, referência ao escrivão de Lima Barreto. No ano seguinte, venceu novamente o concurso com “Tijolo de segurança”. “Eu não fui o jornalista que se

transformou em escritor, fui um escritor que se transformou em jornalista”, disse.

Em 1961, entrou no Correio da Manhã e lançou “Informação ao crucificado”, romance em forma de diário sobre um jovem seminarista em crise existencial. Um ano depois, deu início à coluna “Da arte de falar mal” e publicou “Matéria de memória”. Em 1964, mais uma ficção sua é editada, “Antes, o verão”. Considerado pouco politizado por seus pares, antes e depois do golpe militar, Cony foi atacado tanto pela direita quanto pela esquerda, que cobrava engajamento partidário. Ele respondeu em uma de suas crônicas: “Sou inteligente o bastante para não ser de direita, mas muito rebelde para ser de esquerda”. Em outro texto da época, disparou: “No dia em que me der na telha, pegarei no fuzil – e, ainda que não saiba manejá-lo, saberei contra que lado atirar”.

Em seus textos, até 1964, Cony não abordava a política com frequência. Também por isso tentavam rotulá-lo de “alienado”. E o escritor provocava: certa vez, disse que largou no meio o filme “Vidas secas” (1963), de Nelson Pereira dos Santos, porque se sentia entediado ante a visão de uma vaca. Contudo, foi uma das primeiras vozes a se levantar contra o regime militar, com a coluna intitulada “Da salvação da pátria”, em 2 de abril de 1964, apesar da posição de amplo apoio do Correio da Manhã ao golpe. Um de seus textos mais duros, “A revolução dos caranguejos”, rendeu ameaças anônimas contra suas filhas e uma operação policial na sua casa, em Copacabana. As crônicas do período foram reunidas no livro “O ato e o fato”, cuja primeira edição foi um sucesso de vendas e esgotou em poucas semanas.

Durante a ditadura, Cony foi preso seis vezes e também enquadrado na Lei de Segurança Nacional pelo então ministro da Guerra, General Costa e Silva (que mais tarde se tornaria

presidente). O maior período de detenção foi após a decretação do AI-5, em 1968. A situação ficara insustentável. Cony aproveitou um convite para ser jurado do prêmio Casa de las Americas e viveu quase um ano em Havana. Retornou ao Brasil para assumir um cargo no grupo Manchete, a convite de Adolpho Bloch.

“Adolpho me ofereceu condições que eu gosto: bom salário, bom ambiente de trabalho. Não me pediu nada em matéria de compromisso ideológico, a não ser que eu compreendesse o desenho da casa. Ofereceu-me, em última análise, uma prisão confortável, com mordomia, podendo viajar e coisa e tal. Prisão por prisão, era melhor que o Batalhão de Guardas”, afirmou em entrevista à revista Imprensa, em 1993. Foram mais de 20 anos na Bloch Editores, onde dirigiu as revistas Ele & Ela e Desfile, além de participar da redação da Manchete, onde também foi editor e na qual voltou a publicar crônicas que, apesar dos anos de chumbo, eram plenas de alusões simbólicas à ditadura.

Em 1974, publicou aquele que pretendia que fosse seu último romance, “Pilatos”. Antes, lançara “Balé branco” (1966) e “Pessach: A travessia” (1967), com duras críticas ao Partido Comunista Brasileiro, o que lhe rendeu um boicote do Partidão, além de “Quem matou Vargas”, publicado em capítulos na revista Manchete. No entanto, nenhum alcançaria a repercussão de “Pilatos”. “Considero este meu romance definitivo. Depois dele, não tinha mais nada a fazer”, disse em entrevista à Folha de S. Paulo, em setembro de 2012.

Mas Cony voltou a publicar um livro, por um motivo que pode ter surpreendido os que viam apenas como um cético. No início dos anos 1990, sua cadela Mila ficou doente e ele voltou a escrever “para suportar o sofrimento de ouvir seus gemidos”, como disse ao Globo em 2012. O resultado foi “Quase memória”, mescla de ficção e autobiografia em que o narrador parte da

descoberta de um envelope com a letra do pai, morto havia dez anos, para fazer uma revisão lírica e afetuosa do passado.

Lançado em 1995, o livro se tornou um grande sucesso, vendendo mais de 400 mil exemplares, e foi adaptado para o cinema em 2015, pelo diretor Ruy Guerra. Cony o definia como “um desabafo” e relegava os romances que publicou depois a um lugar secundário em sua obra, mero resultado de “pressões comerciais”. Mas muitos leitores e críticos saudaram livros como “O piano e a orquestra” (1996), “A casa do poeta trágico” (1997) ou “A tarde da tua ausência” (2003), que colecionaram prêmios. “Quase memória” e “O piano e a orquestra” venceram o Prêmio Jabuti, assim como “Romance sem palavras”, em 2000. Em 1996, Cony também recebeu o Prêmio Machado de Assis, da ABL, pelo conjunto da obra. O último romance do autor, “A morte e a vida” (2007), abordou o polêmico tema da eutanásia.

Enquanto retomava a carreira de romancista, continuava na imprensa. Na década de 1990, após deixar a Bloch, Cony voltou a colaborar com a Folha de S. Paulo, numa coluna que manteve ativa até a sua morte. Em 2000, foi eleito para a ABL, na vaga de Herberto Sales. Mas várias vezes direcionou sua ironia seca à instituição, que em entrevista recente ao Globo chamou de “jardim de infância às avessas”: “No jardim de infância você não tem passado mas um futuro o espera, com relações novas e amigos vindouros. Na academia, não temos futuro. Temos todos um passado, se é que temos, bom, brilhante ou medíocre”.

Em 2004, o escritor foi muito criticado ao ter aprovado o seu direito a uma pensão vitalícia de R\$ 23 mil (valores da época) como compensação à sua demissão do Correio da Manhã, em 1965, por críticas ao regime militar. Em um texto no site Observatório da Imprensa, Cony rebateu dizendo que apresentou um dossiê de mais de 100 páginas para comprovar a perseguição

sofrida e que, se estivesse a cargo do postulante decidir o valor, “teria pedido quantia maior”.



**O poeta Thiago de Mello na sua residência, em Manaus**

**43.** No dia 13 de janeiro de 2018, o jornalista, escritor e crítico de cinema Sérgio Augusto publicou no jornal O Estado de São Paulo um artigo intitulado “Carlos Heitor Cony era remanescente dos Oito do Glória”:

Agora só resta o poeta Thiago de Mello. Ele é o último dos moicanos do Glória. Ou, mais precisamente, o último dos “Oito do Glória”. Que, na ponta do lápis, somavam nove. O penúltimo moicano, o jornalista, escritor e acadêmico Carlos Heitor Cony, morreu nove dias atrás, aos 91 anos, a mesma idade do único sobrevivente da primeira manifestação pública contra o golpe de 1964 e a repressão imposta pelo governo do general Castelo Branco.

Haveria uma conferência extraordinária da OEA

(Organização dos Estados Americanos), no Hotel Glória, no Rio, e o escritor Antonio Callado teve a ideia de juntar intelectuais, jornalistas, artistas e líderes sindicais num protesto diante do hotel, no dia em que Castelo Branco estivesse presente. Contava-se com uma multidão de indignados, mas no fim da tarde de 17 de novembro de 1965 apenas nove intelectuais compareceram ao ato, empunhando faixas e aos gritos de “abaixo a ditadura” e “viva a liberdade”.

Além de presos e levados para o quartel do 1º Exército, Callado, Cony, Thiago, mais os cineastas Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade, o diretor de teatro Flávio Rangel, o diretor de fotografia Mário Carneiro, o jornalista Márcio Moreira Alves e o embaixador Jaime Rodrigues foram reduzidos pela reportagem de O Globo a “um grupo de esquerdistas arruaceiros”.

Dividindo a mesma cela durante quase um mês, Callado, Cony e Glauber criaram, simultaneamente, três obras maestras dos anos de chumbo: os romances Quarup (Callado) e Pessach: A Travessia (Cony) e o filme Terra em Transe (Glauber), que seriam finalizadas e lançadas em 1967. Cony começou os primeiros capítulos de seu romance, Callado tocou os derradeiros capítulos do seu, Glauber burilou o roteiro e adiantou os diálogos do filme. Noves fora o lampejo de Os Inconfidentes que Joaquim Pedro teve no mesmo cativeiro da rua Barão de Mesquita.

Desconheço coincidência similar nos anais da cultura. Foi como se, *mutatis mutandis*, François Villon, Cervantes e Oscar Wilde tivessem compartilhado a um só tempo a mesma cadeia e lá criado a poesia (Villon) e a prosa (D. Quixote, De Profundis) que em séculos diferentes produziram atrás das grades. Durante a ditadura do Estado Novo, houve apenas um Graciliano Ramos no presídio da Ilha Grande. E, mesmo contando todos os esgástulos do getulismo, de nenhum deles brotou algo sequer remotamente

comparável, em importância e expressividade, a Memórias do Cárcere.

Pessach, a exemplo das memórias carcerárias do Velho Graça, enfrentou o patrulhamento do Partidão, que na época (anos 1950 e 60) ainda tinha alguma força política e, mesmo, editorial. No fim das contas não deu em nada, mas aporrinhou um bocado Cony e a família Ramos. Terra em Transe foi recebido com má vontade por setores da esquerda, que o acusaram de hermético e incompreensível pelo povão, mas não despertou polêmica entre os comunistas; Alex Viany, seu crítico mais representativo, gostou do filme. Quarup só incomodou os militares no poder.

Cony mexeu num vespeiro. Ao questionar a pureza ideológica e a estratégia de luta da esquerda tradicional contra a ditadura, ganhou a pecha de divisionista, dentro, inclusive, da editora Civilização Brasileira, cujo dono, Ênio Silveira, embora filiado ao PCB, respeitava como poucos a liberdade de expressão e era um dos maiores amigos de Cony.

Graças ao altaneiro Ênio, Pessach logrou superar ileso a travessia entre a circulação dos originais nos bastidores da editora (Ferreira Gullar, por exemplo, não escondeu seu desagrado) e sua publicação.

A orelha da primeira edição, não de todo favorável, era assinada por Leandro Konder. Já na década seguinte traria outra, entusiástica, de Paulo Francis, mais de acordo com a qualidade do romance. A edição disponível, com o selo da Alfaguara, de 1997, não traz nenhuma das duas.

Ao contrário de Cony, Graciliano não pôde acompanhar a cizânia precipitada por suas memórias. Publicado em 1953, oito meses após sua morte e sem o último capítulo por ele previsto e sempre protelado, o livro provocou uma tremenda polêmica

envolvendo dois filhos do escritor, dois próceres do PCB e vários críticos literários.

Astrogildo Pereira, apesar de desavindo com o sectarismo de Prestes, achava que o livro, por sua natureza política, necessitava da aprovação da cúpula do partido. Tomara por manifesto ou panfleto partidário uma obra memorialística, um testemunho pessoal, impermeável a intromissões de qualquer espécie. Agildo Barata, preso por sua participação na Intentona de 35, implicou com a maneira como Graciliano o retratou, baixinho e de voz fina. Um observador distante dessas desavenças, o crítico Wilson Martins, levantou a suspeita de uma intervenção do PCB nos originais de Graciliano, com base em sete manuscritos até então desconhecidos. Clara Ramos, filha do escritor, fechou com Martins. Seu irmão Ricardo refutou a conjectura e comprou uma briga sem reconciliação. Para Ricardo, os tais textos supostamente adulterados não faziam parte dos originais de Memórias do Cárcere. Sua irmã e Martins haviam sido induzidos ao erro por uma garimpagem capenga. O que afinal seria confirmado por uma pesquisa irrefutável do professor da PUC de São Paulo, Thiago Mio Salla.

**44.** No dia 29 de junho de 2018, o jornalista Claudio Leal publicou no jornal Folha de S. Paulo uma matéria intitulada “Thiago de Mello escreve memórias sem pressa”:

Em sua casa na floresta amazônica ou em quartos de hotéis, o poeta Thiago de Mello, 92, habitou-se a anotar suas memórias em cadernos espiralados, preenchidos sob o impulso de lembranças de amigos mortos. Em 1951, aos 25 anos, seu livro “Silêncio e Palavra” (Edições Hipocampo) iniciou uma trajetória literária de sete décadas.

A conversa do amazonense costuma ser atravessada por

recordações de escritores como Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Pablo Neruda, Nicolas Guillén ou Jorge Luis Borges. Ele pode recobrar as vozes deles e reger as histórias com gestos expressivos.

Personagens mais recorrentes que os estrangeiros em seus 48 cadernos, os amigos Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo, José Olympio, Lúcio Costa, Armando Nogueira, Lúcio Rangel, Carlos Drummond de Andrade e José Lins do Rêgo são perfilados a partir de encontros nos anos 1950 e 60. Ele se refere a todos no presente.

A boa companhia justifica o título escolhido para as memórias: “Os Outros Comigo”. Em Manaus (AM), onde reside com a mulher, a poeta e professora de literatura Pollyanna Furtado, os originais são passados lentamente para o computador, em jornadas breves de trabalho, pois não sobram recursos para contratar um secretário.

“Chegue aos 90 anos em melhores condições”, ri Thiago, impedido de viajar devido a problemas de saúde. Lamenta não frequentar há dois anos e meio a sua casa na Freguesia do Andirá – projeto de Lúcio Costa –, em Barreirinha (AM).

“O livro diz tudo o que eu penso ser e tudo o que pensava que eu não seria. Não tenho pressa de escrever. Vou devagar”, diz Thiago, que evocará ainda companheiros de juventude. “Tenho figuras marcantes que não são gloriosas de nome, não. Lindas pessoas da minha vida”.

O autor de “Menino de Engenho” motiva relatos saborosos. Acompanhante de José Lins no hospital dos Servidores, no Rio, em 1957, o poeta revela como atendeu a um pedido lírico do romancista.

“De Mello, convida a tua namorada – Bertha Rosanova, primeira bailarina do Teatro Municipal – para vir dançar hoje aqui

para nós. O quarto é vasto, o espaço para ela dá de sobra. Aquele solo que ela faz do Cisne Negro”, implorou o escritor, perto de morrer.

Bandeira estava entre os convidados. “O Zé Lins me pede silêncio, porque a Bertha Rosanova já vai começar a dançar. Sai do banheiro com seu traje de cisne, alguém pergunta, deve ser o Henrique Simas: “Mas é sem música?!” Não sabe que toda a orquestra está entranhada na alma da bailarina”, conta Thiago, num capítulo antecipado à Folha.

O poeta revelou ainda pouco de seu convívio extenso com escritores centrais para a literatura latino-americana no século 20. O esgotado “Borges na luz de Borges” (Pontes Editores), de 1992, enfeixa entrevistas com o argentino e revela seu potencial autobiográfico.

Na amizade aprofundada ao longo de mais de dez anos, o chileno Pablo Neruda chegou a verter para o espanhol “Os Estatutos do Homem”, o mais conhecido poema do amazonense, escrito na sequência do golpe de 1964 e desde então traduzido para mais de 30 línguas. A memória de Mello preserva um episódio desconhecido da biografia do Nobel de Literatura em 1971.

A argentina Delia del Carril (1885-1989), mulher de Neruda entre 1935 e 1954, com papel relevante em sua formação política, estava distanciada do ex-marido quando o brasileiro a visitou em Santiago.

Em 1962, como adido cultural do país no Chile, Mello organizara mostra de desenhos de cavalos da “Hormiguita” (Formiga, o apelido da pintora).

“Você tem visto Pablo? Se encontrá-lo, diga que não tenho mais mágoas. Eu continuo a amá-lo tanto que até leio e admiro ‘Versos do Capitão’”, disse Delia, 19 anos mais velha que Neruda. Ela mencionava o livro de 1952, escrito em pleno romance

extraconjugal do poeta com sua futura e última mulher, Matilde Urrutia.

Dias depois, entre o final de 1972 e o início de 1973, na casa de Isla Negra, Neruda detalhou ao amigo o andamento do livro de memórias “Confesso que Vivi”. Thiago transmitiu o recado de Delia e desafiou Paulinho, como o chamava: “Por que não a visita e escreve uma página do seu livro?”.

Semanas mais tarde, em 1973, debilitado pelo câncer de próstata, Neruda voltou a chamá-lo a Isla Negra, onde ressurgiu com uma folha escrita em tinta verde. Sentado, começou a ler um novo capítulo de “Confesso que Vivi”: o comovente reencontro com Delia, passados muitos anos da separação.

Neruda morreu 12 dias depois do golpe militar de 11 de setembro de 1973. Matilde assumiu a organização do livro lançado postumamente em 1974, com a ajuda do escritor venezuelano Miguel Otero Silva. O capítulo sobre a ex-mulher, lido para Thiago, não apareceu nas memórias. O destino do texto é ignorado.

“Em nossos arquivos, não encontrei nada sobre Delia – se tivesse encontrado, nós teríamos incluído na nova edição – nem sobre aquele último encontro com ela”, afirma por e-mail Darío Oses, diretor da biblioteca da Fundação Pablo Neruda, responsável pela edição ampliada de “Confesso que Vivi” (Seix Barral, 2017).

Entre os inéditos incorporados ao livro, destaca-se o capítulo sobre a homossexualidade do poeta espanhol Federico García Lorca. Neruda se questionava se a abordagem da vida sexual de Lorca afetaria sua reputação literária. Em dúvida, Matilde decidiu deixá-lo fora da versão final. O surgimento de novos capítulos não cria esperança de recuperação do manuscrito sobre Delia. “Acho difícil ser encontrado, pois já procurei muito”, diz Thiago.

**45.** No dia 28 de março de 2019, o jornalista Rogerio Pina publicou em seu site pessoal uma matéria intitulada “Thiago de Mello ganha homenagem pelos 93 anos”:

Reverenciado por suas obras poéticas traduzidas para mais de 30 países, o poeta amazonense Thiago de Mello foi homenageado na noite de ontem no Teatro Amazonas com o concerto “Faz Escuro Mas Eu Canto”, com a apresentação da Orquestra de Câmara do Amazonas (OCA). O poeta completará 93 anos no próximo sábado, 30/3. A programação realizada no Dia do Teatro, comemorado em 27 de março, deu início também à série de comemorações aos 350 anos que a cidade de Manaus completará este ano – celebrado no dia 24 de outubro. Além do clássico de Thiago de Mello e Monsueto Menezes, “Faz Escuro Mas Eu Canto”, o concerto, regido pelo maestro Marcelo de Jesus, contou com composições de outros ilustres amazonenses, como Nivaldo Santiago e Cláudio Santoro.

Por questões de saúde, o homenageado não pôde participar do evento. O professor da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Ademir Ramos, falou sobre a ideia da homenagem e sobre a programação do evento, que contou com o apoio da Prefeitura de Manaus, Conselho Municipal de Cultura (Concultura) e do Governo do Estado do Amazonas. “A ideia nasceu durante uma conversa com amigos, quando catalisei e concretizei para então buscar apoio. Fizemos esse ato bonito no Teatro Amazonas, porque este lugar é, sem dúvida, a simbologia do Amazonas, da literatura, da arte, não só do Amazonas, mas do caboclo de Barreirinha, município do Amazonas, e claro, de todo o cidadão do mundo. Por isso estamos aqui para cantar “Faz escuro mas eu canto”, disse Ademir.

O evento contou, ainda, com a presença do diretor-

presidente da Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos (Manauscult), Bernardo Monteiro de Paula, que ressaltou a importância da homenagem feita a um dos poetas brasileiros de mais prestígio e reconhecimento no mundo. “Esse é o momento de retribuir a generosidade deste poeta para com a cidade, para o Museu da Cidade de Manaus, que antes era a Pinacoteca da Cidade de Manaus e o primeiro acervo a ser doado foi do Thiago de Melo. Um acervo expressivo, de pintores renomados da América Latina e que foi a pedra fundamental do nosso museu. É uma homenagem justa, e que a gente faz com muito prazer, juntamente com o Concultura, com a SEC e com a OCA, que foi o grande entusiasta desse momento que a gente vai guardar com muito carinho”, pontuou Bernardo.

A homenagem ao poeta deu início, ainda, às comemorações programadas para o aniversário de 350 anos da cidade, como destacou o diretor-presidente da Manauscult. “O prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto, está preparando uma série de inaugurações e eventos para comemorar os 350 anos dessa metrópole, que fica no coração da Amazônia, na qual conseguimos preservar essa floresta e também, contemplar todo esse desenvolvimento e fazer essa Manaus, única”.

Com obras traduzidas para mais de 30 países, Amadeu Thiago de Mello é um dos poetas brasileiros mais influentes e respeitados do País, reconhecido, também, como um ícone da literatura regional. Nascido em Barreirinha, município do Amazonas, em 30 de março de 1926, o poeta traz em suas obras marcas de sua luta política, do lirismo, das relações de família e dos amores do autor.

**46.** No dia 5 de abril de 2019, o poeta e ensaísta Tenório Telles publicou no blog Palavra do Fingidor um texto intitulado

“Um diálogo poético com Thiago de Mello”:

Thiago, fiquei sensibilizado, no nosso último encontro, com o teu ânimo e altivez com que enfrentas as circunstâncias do tempo que te afligem. Nem as dores e nem o cansaço dos anos abateram teu ser resistente, pois como dizes “De madeira lilás (ninguém me crê) / se fez meu coração. Espécie escassa / de cedro, pela cor e por conter / no seu âmago a morte que o ameaça. / (...) / No crepúsculo estou da ribanceira, / entre as janelas e o chão que me abençoa / as nervuras. Já não faz mal que doa / meu bravo coração, de água e madeira.

Filho da terra verde ribeirinha, dos encantados e dos rios amazônicos – teu coração tem o vigor das árvores centenárias da floresta e teu ser, a fundura dos rios e seus mistérios. Por isso resististe às tempestades, às dores e às perdas que te foram dadas viver. E agora mais uma primavera, florescente girassol, abre-se no teu peito: completas 93 anos e segues tua travessia com coragem, humor e sem lamentos.

Ao chegar em casa decidi revisitar teus livros e logo me deparei com o poema “Na manhã do milênio”, em que refletas sobre o significado da existência e te questionas sobre a validade dos teus sonhos, as promessas não cumpridas do nosso tempo e o sentido da tua própria poesia. Teu poema é doloroso porque nos expressa igualmente em nossas inquietações, buscas e sonhos nem sempre realizados. Mas tua capacidade de encantar as palavras, colori-las e revesti-las de humanidade o tornou belo e pungente. Li-o devagar, ouvindo cada verso, imaginando tuas mãos deslizando pela página, tua respiração e o compasso do teu coração relembrando os fatos e vivências que evocas no texto: “De que valeu o assombro indignado / e esta perseverança que me acende / em pleno dia a estrela que me guia, / seguro do meu chão e do meu sonho? / (...) / De que valeram todas as palavras /

que proferi na treva da esperança? / Tão pouco, talvez nada. Não consola / saber que fiz, que fiz a minha parte, / que reparti com tantos o diamante, / que olhei o sol de frente e não fugi / (nem do meu próprio medo). / De consolo não cuido. Pois valeu. / Que tudo vale a pena quando a alma / não é pequena. / Não sei o tamanho / da minha alma. Só sei que vou varando / o fim do rio, já posso discernir / a margem que me chama. Mas obstinado / confiante sigo no poder distante / da estrela alucinante. Que destino / de estrela é o de brilhar. / E mesmo extinta / brilhante permanece sobre o mundo.

Este poema bem poderia ser teu testemunho poético ou tua carta ao mundo – como declarou Emily Dickinson ao conceber um de seus textos. Hoje percebo que teu canto transcende qualquer declaração ou tema particular. Tua poesia é teu chão, tuas vivências e tua infância, onde aprendeste a enfrentar os humores da natureza e, “entre os rebojos”, perdeste o medo. Teus versos tresmalhados de água, barro e vida se fizeram protesto e canção. Por isso carregas esse “grito que cresce” / Cada vez mais na garganta, / cravando seu travo triste / na verdade do meu canto. / Canto molhado e barrento / de menino do Amazonas / que viu a vida crescer / nos centros da terra firme. / Que sabe a vida da chuva / pelo estremecer dos verdes.

Caro amigo, sei o quanto a vida te foi cara pelas tuas escolhas e pelos compromissos que assumiste diante do teu tempo e da humanidade. Entre um existir resignado e a luta pela construção de um mundo menos bárbaro e desigual, te lançaste nas águas da história e, como os antigos argonautas, foste em busca da lâmpada capaz de despertar os seres humanos do negror da indiferença e da ignorância. Tua arma foi teu canto: sabias que as noites passam e por mais que os perversos prolonguem seu domínio de sombras e mentiras, a aurora, brasa

incendida sob as cinzas, se tornará fogo, claridade. E não sendo possível deter o tempo, sabes que “a manhã vai chegar”. Que o novo é inevitável. Entre noites, guerras e solidão o destino humano se tece indiferente. E o que importa, como disseste, é “poder dar amor a quem se ama / sabendo que é a água / que dá à planta o milagre da flor”.

Pensando nisso, lembrei do poema que escreveste quando estiveste preso com o Cony, o Callado e o Glauber Rocha. Era o início do ciclo de sombras que se abateu sobre o país e vocês, como os espartanos nas Termópilas se lançaram contra a força dos senhores do poder. Nessa “Iniciação do prisioneiro”, escrito no cárcere em novembro de 1965, ressaltas exatamente a necessidade de afirmar o Amor como alento e contraponto àquele momento de suplício: “É preciso que Amor seja a primeira / palavra a ser gravada nesta cela. / Para servir-me agora e companheira / seja amanhã de quem precise dela.”

Alguns anos depois viveste situação semelhante no Chile quando o sonho de Allende e do povo chileno foi tragado pelo fogo e pela morte. Por pouco não perdeste a vida, como ocorreu com o cantor Víctor Jara e outros artistas chilenos. Mas a providência te queria vivo, apesar do longo inferno que tiveste que amargar no exílio. Há um fato da tua história que me comove ainda hoje. Ele me foi relatado por um poeta peruano. Contou-me que estavas no Peru e para saciar tua saudade da pátria organizaram uma expedição clandestina ao rio Solimões para que pudesses ver, sentir o cheiro e estar próximo da tua terra. Fico imaginando os sentimentos que rebojavam dentro de ti – tão perto e tão longe do país. Dos teus familiares. Essas experiências te ensinaram que, apesar das intempéries, é preciso continuar navegando “Como um rio, que nasce / de outros, saber seguir, / junto com outros sendo / e noutros se prolongando / e construir o encontro / com

as águas grandes do oceano sem fim. / Mudar em movimento, / mas sem deixar de ser / o mesmo ser que muda. / Como um rio.”

Fui seguindo viagem, navegando as águas da tua poesia e parando nos diversos portos que são os teus livros. Notei que eles testemunham episódios da tua longa caminhada. Tem muita gente que pensa que a tua lírica é apenas de combate ou, como preferem outros, comprometida socialmente. Tua poética possui diversos matizes e tons. Aliás, o início do teu percurso criativo é marcado por uma dicção reflexiva sobre o existir e o sentido da tua presença neste vasto mar que se chama vida: O poema “Rumo” é revelador dessa inquietude e dessa busca: “Minhas faces mais diversas / são labirintos antigos / que me confundem e perdem / (...) / Para chegar até onde / não me presumo, mas sou, / sigo em forma de palavra”.

Sabe, amigo velho, hoje consigo compreender o sentido do verso que abre o poema que acabei de citar: “Somente sou quando em verso”. Tenho a impressão que o que dá existência às coisas são as palavras. Existimos pelas palavras. Penso que o mundo não existe em si mesmo. Acho que tudo é uma grande ilusão. Ou como dizia Shakespeare, um teatro. De bufões, loucos e espectros. Quando afirmas que és pela poesia, lembro de uma passagem do professor Bosi em que ele afirma que o poético é um ato de ressignificação e de “reencantar pessoas, coisas e eventos, mas também reconhecer-se em si mesma, palavra que se dobra sobre a palavra”. Acredito que a única forma de ser verdadeiro e de chegar ao cerne das coisas é pela poesia e por isso teu verso é epifânico.

Gosto da delicadeza dos teus poemas afetivos. Não seriam propriamente amorosos, mas enamorados, cheios de ternura, vibração e calorosos. “Num campo de margaridas” é tão bonito e comovente. E de uma densidade crua e delicada. Ele está sempre

comigo. Lembro sempre dele. Ouço o ritmo dos versos e fico perscrutando o movimento das cenas. O jogo entre o onírico e a vigília. E de como o encontro dos enamorados se dá dentro do sonho: “Sonhei que estavas dormindo / num campo de margaridas / sonhando que me chamavas, / que me chamavas baixinho / para me deitar contigo / (...) / Mas eu não fui, meu amor, / que pena!, mas não podia, / porque eu estava dormindo / num campo de margaridas / sonhando que te chamava / que te chamava baixinho / e que em meu sonho chegavas, / que te deitavas comigo / e me abraçavas macia / num campo de margaridas.”

Thiago, percebi que nos teus poemas tu contas na verdade uma história. Há uma narrativa permeando teu discurso poético. Entre tantas coisas e temas (liberdade, utopia, amor, justiça...) que teces com os fios do teu canto, o que sobressai é a tua vida, teu itinerário poético-existencial: a descoberta do mundo, da poesia, o sonho de uma sociedade diferente, libertária e mais justa. Plasmando tudo isso, um Eu à procura de si, de um lugar na existência e desejoso de compreensão e acolhimento. Esse ser, esse menino desconsolado, esse homem em busca de redenção se anuncia e se enuncia ao longo dos poemas. Tuas dores são dores que te aproximam dos outros e também de mim.

Nos versos de o “Encontro com o pai”, senti tua tristeza, a angústia da criança que um dia esperou do pai a “antiga ternura / e velhos carinhos / jamais transmitidos”, mas que viste “acumulados” em seus olhos. Talvez por isso és tão veemente no artigo oitavo dos “Estatutos do homem”: “Fica decretado que a maior dor / sempre foi e será sempre / não poder dar amor a quem se ama”. Imagino a falta que fez esse afeto silenciado no olhar do teu pai. Eu também convivi com esse silêncio e sei a dor que ele causa. Tua mãe, dona Maria Mitouso de Melo, teve sabedoria para depurar essas feridas com o bálsamo do amor e do cuidado.

O poema que dedicas a ela é de uma ternura e comoção que faz qualquer um chorar: “Dona Maria está partindo. / Parece que está dormindo. / Mas já está chegando ao finzinho / do vale que leva à eternidade. / Quero só ver o que a eternidade / vai fazer com Dona Maria. / Ela sempre garantiu, desde mocinha, / que ia morar lá no céu. / E muito ouvi dela que Jesus, / de quem era serva fiel, / A esperava, contente.”

E por falar em eternidade, caro amigo, noto que, embora ressaltas que não tenhas “lá essas certezas” quanto a essa matéria, desde os teus primeiros livros há uma atmosfera de dúvida, uma ânsia de compreensão de si e do mundo – uma certa angústia metafísica. No “Silêncio e palavra”, de 1951, flagra-se um sinal alusivo a um certo sentido de transcendência presente na tua fala poética. Quarenta e cinco anos depois publicaste um poema, a propósito denominado “Da eternidade”, em que reiteras esse vínculo com uma percepção que considera a possibilidade da transcendência e de um princípio primevo que gerou todas as coisas: “Da eternidade venho. Dela faço / parte, desde o começo da vida / dos que me fizeram ser / até chegar ao que sou.”

Como abarcar a complexidade dessa nossa vida tão cheia de segredos e coisas que nos ultrapassam? Embora nos achemos autossuficientes, o fato é que sabemos tão pouco sobre o que somos, nosso lugar no mundo, nosso destino, o que nos espera... Várias vidas não seriam suficientes para esclarecer tantas dúvidas e mistérios. A vida foi dadivosa contigo, meu bom amigo. Chegaste até aqui e estás próximo de completar uma centena de anos. Sobreviveste a tantas coisas e viste muito neste mundo tão grande e inapreensível. E por teres vivido tanto, aprendeste a “cultivar... o dom de ver, / mesmo o que visto dói de ausente brasa”.

Foi para te celebrar – tua vida e teu canto – que escrevi esta

carta para ser lida por ti e por todos os que te querem bem. Que aprenderam a respeitar tua história e a amar teus versos. Escrevi esta carta também para registrar teus longos anos de vida, tua luta, teu comprometimento com a causa do ser humano e a transformação do mundo. E porque te mantiveste fiel a ti e ao propósito de ser no mundo – e combatestes o bom combate sem te renderes como os guerreiros de Leônidas, que resistiram até o fim pela liberdade –, relembro, neste momento, para louvar tua vida e tua poesia, os versos do poeta grego Simonides dedicados ao general espartano e seus soldados: “Digam aos espartanos, estranhos que passam, / Que aqui, obedientes às suas leis, jazemos.”

Estas palavras, amigo leitor, é para testemunhar um poeta e sua história. E também para celebrar a amizade – para que não esqueçamos a mensagem desse filho de nossa terra que cantou a liberdade, a utopia e um novo sonho para a humanidade – na certeza de que um dia “haverá girassóis em todas as janelas, / que os girassóis terão direito / a abrir-se dentro da sombra; / e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, / abertas para o verde onde cresce a esperança.”

Thiago, este pequeno gesto é para que saibas que nada foi em vão e que a tua poesia foi inspiração e força para os teus amigos e leitores. E também para os que continuam sonhando com um mundo mais generoso, mais verde e mais solidário. Parabéns, querido amigo. Que as musas continuem inspirando teu canto e te guardando.

**47.** No dia 28 de março de 2021, o cronista e professor universitário José Ribamar Bessa Freire publicou no site Taquiprati um artigo intitulado “Canção para Thiago: Tetê e Alzira, suas danadas”, que transcrevemos s seguir:

“Passa pra cá, Tetê, vamos acabar de amor”. (Autor anônimo. De Manuel Bandeira para Thiago)

Nesta terça (30), Thiago de Mello completa 95 anos. Celebramos juntos vários aniversários seus, o primeiro deles em 1968, numa semiclandestinidade no Rio de Janeiro, sempre com uma canção.

O outro ocorreu no exílio em Santiago do Chile, em 1970. Foi um cumpleaños supimpa, quando sua filha Isabella, minha afilhada então com dois meses de vida, foi apresentada aos amigos chilenos. Cantamos então a mesma canção de autor anônimo, que lhe foi ensinada pelo poeta Manuel Bandeira. Ela faz parte da tradição oral e, que eu saiba, nunca foi gravada. Nem o Google, metido a sabichão, registra a sua existência. Tornou-se o “hino nacional” de cada reencontro nosso.

Nós voltamos a cantá-la com outras músicas no aniversário de 80 anos, em um restaurante de Brasília, num coro com sua irmã Cecéu e sua filha Isabella, depois do jantar do qual participaram umas trinta pessoas.

Foi após a homenagem da Câmara de Deputados a Thiago – iniciativa da parlamentar Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) – com exposição dentro do Congresso Nacional de um painel gigantesco contendo na íntegra o poema “Os Estatutos do Homem”, escrito em 1964, mas que logo ganharia o mundo, traduzido em dezenas de línguas.

Tetê recebeu nova cantada em Porto Velho (RO), em 2009, documentada pelo jornalista Altino Machado, na 7ª edição do Festival de Cinema Ambiental da Amazônia (Fest Cineamazonia) organizado por Fernanda Kopanakis e José Jurandir da Costa. Thiago e eu havíamos participado de uma mesa redonda de Solidariedade entre os Povos da América, contando histórias do

exílio. Ali, na “hora do recreio”, apareceu toda faceira a danada da Tetê que nunca nos abandonou, nem mesmo depois da chegada da ciumenta Alzira.

### **A Alzira me pegou**

Faz poucos anos que a deslemburada Alzira entrou na vida de Thiago. Fui logo informado por ele, que me telefonou bem cedinho, falando em linguagem cifrada:

– Jura, o Japonês descobriu que a Alzira me pegou.

A voz embargada sugeria que a coisa era séria. Quando pedi detalhes, Thiago esclareceu as identidades daqueles dois personagens. Alzira era como ele chamava na intimidade a doença de Alzheimer que começava a dar os primeiros sinais. E Japonês era o neurologista Massanobu Takatani, seu médico, que a diagnosticou.

Minha reação foi uma sonora gargalhada para esconder a tensão provocada pela notícia. Disse-lhe que não me importava de pegar a Alzira, se pudesse chegar aos 90 anos e contasse com a competência médica do doutor Takatani, que conheço bem por haver cuidado e suavizado a vida da minha mãe.

– Te telefonei só para ouvir essa risada – falou o poeta, aliviado.

Numa escada com dez degraus, o pé da Alzirinha estava no primeiro, conforme o diagnóstico clínico do neurologista. Ou seja, embora causasse lapsos na memória recente, a memória antiga do poeta permanecia intacta, o que ficou comprovado na última vez que flertamos com a danada da Tetê. Foi em novembro de 2018. Com o publicitário Mauro Freire de Souza e a equipe da expedição Amazônia das Palavras, visitamos Thiago em sua casa, em Manaus, para convidá-lo a comparecer no dia seguinte a uma homenagem que lhe seria prestada. Nem dei boa noite. Da soleira da porta do apartamento já fui cantando:

– Passa pra cá, Tetê. Vamos acabar de amor. Eu não te dou meu coração, porque é preciso arrancar.

O rosto do poeta se transfigurou e sua memória se iluminou numa cena presenciada por Thiago Filho e a fiel Pollyanna Furtado, poeta e professora de literatura, tudo registrado por José Jurandir para o filme *Amazônia das Palavras* que será lançado brevemente. Lá de dentro, o poeta fez coro comigo:

– E eu arrancando, Tetê. Eu sei que vou morrer. E eu morrendo já não posso mais te amar. Passa pra cá, Tetê. Vamos acabar de amooooooooor.

A sombra da Alzira fazia escuro, mas a gente cantava.

### **Deslembanças**

Três anos se passaram. Agora as comemorações pelo aniversário de Thiago se estenderam ao longo do mês de março por iniciativa do Conselho Municipal de Política Cultural (Concultura) presidido por Tenório Telles. A Exposição Thiago de Mello 95 anos de vida, poesia e amor por Manaus está abrigada num portal com a vida e obra do poeta, versos e poemas, fotos, entrevistas e homenagens de familiares, amigos e admiradores. Entre elas – era inevitável – gravei sozinho a Tetê com minha voz de cantor de banheiro e direito a desafinar no final.

Thiago esquece eventos recentes como o encontro ocorrido em 2018, quando depois de cantarmos a Tetê, o convidamos para ser homenageado no auditório do Centro Estadual de Tempo Integral Gilberto Mestrinho (CETI) no bairro de Educandos.

No dia seguinte, ele de nada lembrava. Ficou em casa. Foi representado por seu filho com Ana Helena, o cantor Thiago Thiago de Mello, duas vezes Thiago, que apresentou suas músicas.

Quarenta anos antes, Maria Júlia, irmã do poeta, nos convidou para almoçar um tambaqui na brasa. Estavam lá os pais

de ambos: dona Maria e seu Pedro. Ao observar o olhar perdido do pai, o poeta comentou que o velho Pedro, que convivia há tempos com a Alzira, “de vez em quando deixava a memória voar para bem longe como um passarinho”.

Ignoro o quão alto já voou a memória do querido poeta e se o tratamento precoce estabilizou a evolução da doença, fazendo o bloqueio de outras enfermidades. Não sei se a Alzirinha é agora Alzirão.

No entanto, algo ficamos devendo a ela: o poeta esqueceu quem preside o país e não sabe que o coronavírus já matou mais de 305 mil brasileiros, incluindo aí eleitores do Cloroquinado, cujo negativismo, incompetência e inépcia contribuiu para expandir a pandemia.

A Tetê, que não é ciumenta, convive numa boa com a Alzira, que felizmente nos permite ter Thiago ao lado de nós. Localizada na parte do cérebro que armazena a memória remota, Tetê permanece incólume. Por isso, nesta terça, vou desejar feliz cumpleaños e cantar por telefone com o poeta:

– Passa pra cá, Tetê, vamos acabar de amoooooor.

Acho que o Thiaguinho devia gravá-la com sua bela voz para seguirmos compartilhando o resto de lembrança que nos fica, antes que Alzirão varra a Tetê da face da terra.

**48.** Na madrugada de 14 de janeiro de 2022, Thiago de Mello despediu-se do mundo em sua casa, em Manaus, aos 95 anos – como quem fecha um livro sem pressa, deixando a última página aberta para o vento. E é talvez assim que se deva falar dele: não como quem noticia, mas como quem escuta ainda o rumor de sua voz nas margens de um rio.

Naquela manhã, Manaus amanheceu com um silêncio diferente. Não era o silêncio da ausência – era o silêncio da

escuta. Como se a cidade, de repente, tivesse decidido prestar atenção no que já não se ouvia. Morreu Thiago de Mello. Mas essa frase, assim seca, não dá conta do que aconteceu. Porque Thiago nunca foi exatamente um homem – foi uma espécie de margem. E margens não morrem: apenas deixam de conter o rio.

Dizem que ele partiu cedo, ainda com o dia abrindo os olhos, como quem não quer atrapalhar a rotina do mundo. Talvez tenha sido por delicadeza. Ele sempre teve essa mania de cuidar da vida alheia – até na hora de sair dela. Ficou na casa o que sempre fica quando um poeta parte: algumas cadeiras vazias, um caderno interrompido, e uma presença teimosa que não aceita ser ausência.

Thiago escreveu sobre a liberdade como quem escreve sobre o pão – algo necessário, cotidiano, urgente. E talvez por isso sua poesia nunca envelheceu: porque nunca quis ser eterna, quis apenas ser útil.

Na cidade, ninguém sabia exatamente como reagir. As pessoas não choravam alto. Não cabia. Era como se cada um guardasse um pedaço dele – um verso, uma lembrança, uma frase dita ao acaso – e não quisesse que aquilo escapasse. No fundo, todos sabiam: não se perde um poeta assim. Ele apenas muda de matéria.

Agora está no vapor que sobe do rio ao meio-dia, na sombra curta das mangueiras, no barulho de uma canoa cortando a água, ou no silêncio que fica quando alguém termina de ler e levanta os olhos, sem saber o que fazer com o que sentiu.

Há quem diga que a morte leva. Mas, no caso dele, parece que devolveu. Devolveu à Amazônia o homem que sempre foi dela. Devolveu à palavra o peso que ele lhe deu. Devolveu à gente a responsabilidade de continuar o canto.

Porque, no fim, o verso permanece como uma ordem suave:

– Faz escuro, sim.

Mas alguém precisa continuar cantando.

E agora, sem ele, a tarefa é nossa.

**49.** Em julho de 2022, a pesquisadora, escritora, roteirista, produtora e atriz Isabella Thiago de Mello publicou o artigo “Homenagem ao poeta Thiago de Mello (30/03/1926 - 14/01/2022)”, na revista *Universidade & Sociedade*, nº 70, cujo texto segue na íntegra:

Na tentativa de se evitar erros biográficos (muito comuns), esclareço alguns pontos, como, por exemplo, que papai conheceu Pablo Neruda no exílio chileno. Não é verdade. Quase dez anos antes, papai já havia morado no Chile – entre 1961 e 1964, foi adido cultural do Brasil no Chile – e foi trabalhando na área de Literatura e Artes Plásticas que os poetas trabalharam juntos: um traduziu a obra do outro. A primeira antologia de Neruda no Brasil é da Editora Letras & Artes, com tradução de Thiago de Mello, em 1963. Travaram uma amizade fraterna, companheira; tornaram-se irmãos.

Papai morou na casa de Neruda, La Chascona, que hoje é museu. Aliás, quem apresentou Neruda ao papai foi Jorge Amado. O autor de *Gabriela* levou o Prêmio Nobel no lançamento do livro *Vento Geral*, na Livraria São José, no Rio de Janeiro, em 1960. Depois do lançamento, saíram para jantar. Eram seis: Thiago de Mello, Pablo Neruda, Jorge Amado, Paulo Mendes Campos, Di Cavalcanti e Irineu Marinho. Que turma! No dia seguinte, os casais Zélia & Jorge e Matilde & Pablo foram, de navio, para Paris. Papai e Neruda se reencontraram no Chile, um ano depois.

Sobre *Os Estatutos do Homem*, a história desse poema é a seguinte: no dia 1º de abril de 1964, o Brasil sofre o golpe civil-militar e Thiago de Mello estava trabalhando como adido cultural

no Chile. Assim que papai recebe a notícia no seu gabinete, a primeira coisa que faz é entregar o cargo, pois jamais poderia servir a um governo golpista. Entrega o cargo e permanece em Santiago, trabalhando em edições de jornais, revistas e no Centro de Estudos Brasileiros.

Duas semanas depois, chega a segunda notícia: um de seus melhores amigos, o escritor Carlos Heitor Cony, tinha sido preso pela Polícia Militar dentro da redação do jornal. Papai chorou igual a um bezerro desmamado, longe do país, sem poder ajudar o amigo. Foi para casa – como disse, La Chascona de Pablo Neruda, onde morava. Ele vai para a biblioteca e escreve, de uma só vez: “Artigo I: Fica decretado que agora vale a verdade, / que agora vale a vida / e que, de mãos dadas, / trabalharemos todos pela vida verdadeira [...]”.

Era a resposta do poeta ao Ato Institucional nº 1 da Ditadura Militar. Dedica Os Estatutos do Homem a Cony. Dobra o poema, coloca-o em um envelope e envia-o para o Brasil, para o editor do jornal Correio da Manhã, Pompeu de Souza, que publica os Estatutos na primeira página, no dia 30 de maio de 1964. De norte a sul do país, o poema está em todas as bancas de jornal. Hoje, ele pode ser visto no mural da sede das Nações Unidas. Ganhou o mundo, literalmente: foi traduzido para todos os idiomas do planeta.

Os Estatutos foram os primeiros de uma série de poemas e artigos que papai enviava do Chile, nesse fatídico ano de 1964, para O Correio da Manhã. Papai, então, volta de Santiago e chega ao Rio de Janeiro, em maio de 1965, para “trabalhar pela democracia”. É sempre bom lembrar que, em 65, ainda havia expectativas de novas eleições, Juscelino e Negrão de Lima vinham candidatos. E, em setembro daquele ano, na mesma Livraria São José, no Centro do Rio de Janeiro, Thiago de Mello

lança o livro *Faz Escuro Mas Eu Canto*, pela Civilização Brasileira, do lendário Ênio Silveira. No livro estão publicados *Os Estatutos* e *Madrugada Camponesa* (*Faz Escuro...* é o último verso deste poema, que deu título ao livro e também à canção que papai compôs com outros versos para a música de Monsueto, cantada por Nara Leão no disco *Manhã de Liberdade*), além do clássico *Horóscopo Para Os Que Estão Vivos* e tantos outros poemas que marcaram uma geração.

### **Madrugada Camponesa**

Madrugada camponesa,  
faz escuro ainda no chão,  
mas é preciso plantar.  
A noite já foi mais noite,  
a manhã já vai chegar.  
Não vale mais a canção  
feita de medo e arremedo  
para enganar solidão.  
Agora vale a verdade  
cantada simples e sempre,  
agora vale a alegria  
que se constrói dia a dia  
feita de canto e de pão.

Breve há de ser (sinto no ar)  
tempo de trigo maduro.  
Vai ser tempo de ceifar.  
Já se levantam prodígios,  
chuva azul no milharal,  
estrela em flor o feijão,

um leite novo minando  
no meu longe seringal.

Madrugada da esperança,  
já é quase tempo de amor.  
Colho um sol que arde no chão,  
lavro a luz dentro da cana,  
minha alma no seu pendão.

Madrugada camponesa.  
Faz escuro (já nem tanto),  
vale a pena trabalhar.  
Faz escuro mas eu canto  
porque a manhã vai chegar.

Mas aí, o cerco foi ficando cada vez mais perigoso. As bancas de jornais começaram a ser queimadas, bem como os livros de papai Faz Escuro Mas Eu Canto e Canção do Amor Armado. Os militares fecharam o Congresso, perseguiram juízes, médicos, professores, intelectuais... Amigos sendo presos e desaparecidos. Papai foi preso e minha mãe, Lourdinha, pianista e estudante de Direito à época, também. Perigo de vida iminente. José Ribamar Bessa Freire, jornalista amazonense (como papai) e seu “amigo-irmão”, acompanhou o casal do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, para, de lá, atravessarem a fronteira para o Uruguai e, de Montevidéu, seguirem para a Cordilheira dos Andes, onde papai tinha mercado de trabalho e amigos. Bessa fez toda essa travessia até o Chile com papai e mamãe. Exilou-se conosco também. O presidente socialista Salvador Allende nos recebeu de braços abertos.

Como sabemos, o império americano financiou o golpe

militar em quase toda a América Latina e, em 11 de setembro de 1973, o general Pinochet manda bombardear o Palácio La Moneda e assassina o presidente. Todo estrangeiro passou a ser considerado “subversivo”. Era o exílio do exílio. Papai conseguiu, com o órgão das Nações Unidas para refugiados, um salvo-conduto para a Alemanha, onde já havia livros seus publicados. Papai foi trabalhar em Mainz. Da Alemanha, seguiu para França e Portugal.

Eu, Isabella, sou filha do exílio de Thiago e Lourdinha. Mamãe, quando foi presa pelos militares dentro de casa, na Rua Voluntários da Pátria nº 381, em Botafogo, já estava grávida. Foi Odylo Costa, filho (editor do Jornal do Brasil e imortal da Academia Brasileira de Letras), que tinha, por circunstâncias profissionais, acesso aos militares, quem intercedeu por minha mãe e descobriu onde ela estava presa. (Odylo Costa, filho é tio de minha mãe, irmão mais velho de minha avó Lourdes Costa Rodrigues, mãe de mamãe, que ficou desesperada ao ver a filha ser levada e, imediatamente, ligou para o irmão diretor do JB).

O romance de meus pais é um “amor revolucionário”. Minha mãe, além de exímia pianista, era líder estudantil da Faculdade Nacional de Direito e nova companheira do poeta Thiago de Mello – estava muito “visada”. Enquanto isso, papai também já tinha sido preso e livros seus tinham sido queimados. De fato, os dois estavam correndo risco de vida. Minha avó Lourdes foi a todos os quartéis os quais se possa imaginar procurando pela filha. A cada hora diziam que mamãe estava num lugar. Depois de três meses de procura, sem dormir, vovó encontrou minha mãe em um quartel em Realengo, no Rio de Janeiro. Não tinha tempo a perder: no mesmo dia, comprou passagens para os três – Thiago, Lourdinha e Bessa – direto para o Rio Grande do Sul. E eu, na barriga da mamãe.

Quando voltamos do exílio, papai fez questão de me registrar brasileira, no Amazonas. Assim, tenho dupla cidadania: chilena e brasileira. E, aqui no Brasil, sou da terra da nação guerreira dos Manaós, do líder Ajuricaba, neto de Caboquena, que, após cem anos de resistência, em 1727, reuniu mais de 30 nações indígenas às margens do Rio Negro para enfrentar os portugueses. Os indígenas ganharam a épica batalha. Durou pouco a vitória, sabemos. Os portugueses voltaram com mais canhões, rifles e outras armas de fogo. Mas a vitória foi um marco em nossa história, e até hoje esse feito é lembrado de geração em geração.

Estou em Manaus trabalhando pelo tombamento (preservação) das casas de papai no interior da floresta, que são as únicas obras do arquiteto Lucio Costa na Amazônia. Ao mesmo tempo, realizo um documentário sobre a história dessas casas, que, na verdade, é a história do retorno ao berço, do retorno às origens do poeta, do retorno do exílio e da decisão de não mais morar no Rio de Janeiro e voltar a viver no lugar onde nasceu: pertinho da fazenda de cacau de seu avô Gaudêncio, em Barreirinha, a 331 km da capital, um dia e meio de barco de Manaus.

Amo o Rio de Janeiro. Lá eu cresci e fui criada com carinho por minha mãe e meus avós maternos. É onde trabalho e estudo, mas o vínculo com a floresta, desde nossa chegada do exílio, quando papai decidiu voltar a viver no coração da Amazônia, este vínculo de sangue vermelho e verde, é latente. Minha vida vai se dar entre o Rio de Janeiro (a mãe) e o Amazonas (o pai). Assim que me formei e comecei a trabalhar com documentários e, agora, com literatura (dois contos meus foram publicados, em janeiro, na revista de literatura da USP Opiniões). Muito me honra ficar ao lado de Milton Hatoum – difícil até colocar em palavras. Dois

Irmãos, Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado marcaram minha vida, como Dona Flor, de Jorge Amado, São Bernardo, de Graciliano, e Menino de Engenho, de Zé Lins.

Sempre desenvolvi projetos amazônicos para estar perto de meu pai. É a primeira vez, então, que estou trabalhando com meu pai, sem que ele esteja presente. Se faz o pathos grego: “a necessidade da presença de uma ausência”. Confesso que não tem sido fácil. Horas eu choro, e choro muito. Meu escritório aqui em Manaus fica na Casa dos Frades, ao lado da Igreja de São Sebastião e São Francisco, no Centro Histórico, pertinho do apartamento onde papai viveu nos últimos anos de vida, na esquina da Rua Marçal com a Avenida Getúlio Vargas, e parece que vou continuar a fazer o mesmo ritual: de ir para lá tomar o café da manhã com ele, como fazíamos nesses anos de trabalho para o tombamento das casas, junto ao Iphan.

O processo de número 1799 de tombamento das casas de papai, na instância federal, iniciou-se na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em Manaus, em 2013, e quem deu entrada na Solicitação de Proteção foram o próprio poeta Thiago de Mello e sua filha, a escritora e produtora Isabella, com o apoio da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Em 2017, quando o processo de tombamento do Conjunto Arquitetônico de Lucio Costa em Barreirinha (AM) chegou à última esfera do Iphan em Brasília, o reitor da Ufam, Prof. Sylvio Pugga, fez um ofício aos membros do Conselho da Autarquia Federal alegando, além das justificativas históricas e culturais, a efeméride do poeta Thiago de Mello estar com 91 anos de idade. Tanto o poeta quanto a filha de Lucio Costa, a também arquiteta Maria Elisa Costa, mereciam presenciar esse tombamento em vida.

Maria Elisa Costa escreveu uma carta com o título “As Casas

de Thiago” para compor o dossiê do processo do Iphan, o qual transformei em livro: Dossiê do Patrimônio Histórico de Thiago de Mello. Eu assino a apresentação do livro junto com os historiadores José Ribamar Bessa Freire e Otoni Mesquita (presidente do Instituto Thiago de Mello e membro do Conselho Diretor, respectivamente) com essa Carta de Maria Elisa contando a história de que o “retorno às origens” não era só de Thiago, era também de Lucio, uma vez que Dona Libânia, primeira professora pública de Manaus e nome de rua, é avó do arquiteto, assim como a rua Profa. Aline Ferreira, no bairro de Japiim, é em homenagem à mãe do arquiteto. Lucio menino brincou na floresta, mergulhou nas águas do Rio Negro. São casas que pertencem a dois notáveis do modernismo brasileiro: Thiago de Mello, na Literatura, e Lucio Costa, na Arquitetura.

Em 2017, Maria Elisa tinha a idade do Iphan: 80 anos. Lucio Costa é um dos membros fundadores do Instituto. São as únicas obras de Lucio Costa na Amazônia e os membros do Conselho do Iphan à época, enfim, não as tombaram a tempo. Fizemos uma campanha enorme nos jornais: Milton Hatoum escreveu um artigo lindo no Estadão e no Globo; A Crítica e Amazonas em Tempo deram capa.

A arquiteta Karla Bittar, atual superintendente do Iphan no Amazonas, nos ensinou muitas coisas ao longo do processo. Uma delas é que a Instituição do Tombamento pode se dar na esfera federal e/ou na esfera estadual e/ou na esfera municipal. São esferas independentes. Muitos bens são tombados por mais de uma esfera.

Em 2018, chegou uma turma meio esquisita lá em Brasília, e o Iphan, o CNPQ, e tantas instituições de pesquisa, educação e cultura não conseguiram dar continuidade às suas atribuições. “No meio do caminho tinha uma pedra”. Somos índios e tudo o

que a gente sabe é pular pedra. Temos certeza de que o tombamento federal chegará e será muito bem-vindo, porque o Iphan, além de tudo, é um órgão fiscalizador.

Com a partida de papai para o Céu, em janeiro deste ano, uma atmosfera de responsabilidade se fez nos homens públicos do estado do Amazonas que ocupam cargos públicos e que já poderiam estar cuidando desse patrimônio público há muito tempo. Ali no Palácio Rio Negro, eu beijei as mãos e o rosto de papai e prometi que eu só sairia do Amazonas com o tombamento estadual de suas casas homologado por Lei, na Assembleia do Estado, Plano de Diagnóstico e Restauro das Casas.

Prometi e, junto com a Secretaria de Estado de Cultura, estamos, passo a passo, realizando este tombamento estadual. Digo os nomes: o Secretário de Cultura é arquiteto e chama-se Marco Apolo, e o deputado estadual que apresentará o Projeto de Lei à Assembleia é o deputado Tony Medeiros, que, quando criança, viu papai construir as casas em Barreirinha e almoçou com Gabriel García Márquez, em um tarde de mormaço, uma caldeirada de tambaqui. E, como faz parte da minha natureza contar histórias, estamos narrando a história deste tombamento, deste “retorno”, em linguagem de documentário.

Papai construiu cinco casas (projetos de Lucio Costa) em Barreirinha, pertinho da fazenda de cacau de seu avô Gaudêncio, onde nasceu. Quatro casas – as três do “porantim” (nome em homenagem ao remo sagrado dos Saterés-Maués) e a casa da frente do Rio Paraná do Ramos – papai vendeu para o governo do estado e para a prefeitura. Precisamente foi assim: em 1992, quando Fernando Henrique Cardoso chamou papai para retornar ao seu posto no Itamaraty de adido cultural do Brasil no Chile, ele vendeu as três casas do “porantim” para o governo do estado, que, por sua vez, repassou por comodato (um aluguel sem ônus,

com a responsabilidade de cuidar dos imóveis) para a prefeitura, com duas condições – primeira: preservar as casas com a arquitetura original de Lucio Costa; e segunda: dar aos imóveis um destino cultural e educacional.

Pois nem uma coisa nem outra. Ambos, estado e prefeitura abandonaram as casas, que estão se deteriorando na floresta. Os funcionários públicos da prefeitura da época (ano de 1993) tomaram a brilhante decisão de demolir a Biblioteca Moronguetá. Entenderam o verbo? De-mo-li-ram a biblioteca onde o poeta e jornalista estudou e escreveu Amazonas, Pátria da Água, Mormaço na Floresta, Manaus, Amor e Memória e Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo; mais de 12 títulos dedicados à preservação do bioma com a floresta em pé, a cultura da Amazônia e a preservação dos povos indígenas.

Pois chegou a hora. A reconstrução da Biblioteca Moronguetá, que tem esse nome em homenagem ao antropólogo Nunes Pereira, que escreveu – e Thiago de Mello fez o texto da introdução – o livro Moronguetá: Um Decamerón Indígena. Nunes Pereira conviveu por mais de 10 anos com as nações indígenas do Baixo Amazonas, entre eles os Saterés-Maués, lendários da lenda do Guaraná, e os mais próximos da região de Barreirinha. A palavra “Moronguetá” significa “sentimentos bons”. Digo que a reconstrução da biblioteca estará incluída no Plano Básico de Restauro das Casas do Poeta Thiago de Mello.

Quando papai retorna do Chile, em 1996, constrói, então, mais duas casas: a casa de praia do Rio Andirá e a casa da frente do Rio Paraná do Ramos (esta última vendida para a prefeitura, em agosto de 2005). A casa de praia do Rio Andirá é a única que papai não vendeu e continua a ser da família. Ela também está inserida no processo de tombamento e, seja propriedade pública ou particular, uma vez comprovado o seu valor histórico, o

tombamento se dará igualmente.

Meu irmão Thiago Thiago criou um projeto para o restauro da casa do Andirá, com arrecadação de recursos pela internet (um crowdfunding). O projeto teve êxito e ele deu início às obras em dezembro de 2022, com papai em vida. Este projeto foi imprescindível, porque, nos últimos tempos, papai estava com sérias dificuldades para manter a casa: reforço das palafitas de concreto, cimentação das telhas (que, com as chuvas e ventanias, voam como um bando de passarinhos), proteção contra cupim em todo o madeirame, caiação na alvenaria, salário do caseiro... Enfim, não é fácil manter uma casa no interior da floresta amazônica, com umidade, cheia, vazante, vendaval, sem falar na distância, o custo do diesel, da gasolina, da lancha, do barco...

São essas as boas novas. Só não as conto sorrindo. Estou com esse meu olhar um pouco tristonho, porque estou morrendo de saudade. Mas tenho fé na imortalidade da alma e tenho certeza de que papai ganhou a liberdade com asas: está correndo pelas matas, brincando nas estrelas, seguindo seu caminho de luz a nos proteger e nos guiar nesse projeto de memória e história de suas casas amazônicas, as quais pertencem a todos os brasileiros e merecem – e devem – ser preservadas para os nossos filhos e netos, para as futuras gerações.

Com todo o meu carinho de filha e irmã,  
Isabella Thiago de Mello

**50.** No dia 8 de agosto de 2022, no site 50emails, o cantor e compositor Thiago Thiago de Mello publicou um texto primoroso intitulado “Adeus do filho ao pai amado, o poeta Thiago de Mello”. Thiaguinho, morador do Rio de Janeiro, embora tivesse consciência do estado de saúde delicado de seu pai, viajou até Manaus sem saber que aquela seria a derradeira vez que veria o

poeta com vida. Havia ido, inadvertidamente, enterrar o pai amado, com quem mantinha uma verdadeira simbiose, reflexo do profundo afeto que unia os dois – ambos artistas da palavra, enraizados na amazônica floresta. Foi lá que Thiaguinho viveu os primeiros anos da infância, ao lado do pai, no meio da mata e seus grandes rios. Retornava agora, por determinação da vida, para o desfecho de um ciclo, iniciado com seu nascimento, há 40 anos. Leiam agora o texto do filho caçula do poeta:

Passei três semanas no Amazonas, viajando sozinho. Se é que é possível dizer que viajei sozinho, pois sempre estive acompanhado de gente que me quer bem, amigos e familiares que encontrei pelo caminho. Gente que amo e que me constitui. Fui com dois propósitos nessa imersão solitária.

O primeiro, visitar meu pai. Estar com ele por alguns momentos, já ciente da situação de saúde e cuidados na qual ele se encontrava. Depois, fui com o objetivo de iniciar uma reforma inadiável em nossa casa à beira do rio, em Freguesia do Andirá, no interior do município de Barreirinha, a quase 350 km de Manaus. Um dia de barco pra chegar até lá.

A casa me pede zelo já há um tempo e estou há uns meses organizando uma campanha para arrecadar recursos para as obras. Consegui uma parte do dinheiro através da generosidade e da compreensão de muitos amigos e conhecidos, todos amantes da amizade, da poesia, da Amazônia e da obra literária de meu pai. Todos sonhadores como eu, que sabem, como meu pai, que arte e cultura geram evolução individual e progresso social. Embarquei no final de dezembro para Manaus, sendo acolhido pela minha família amazonense que tanto quero bem. Fui ao apartamento de meu pai e Pollyanna. Ele já estava praticamente sem se levantar.

Fui até o quarto. Quando ouviu minha voz, comentou: “Voz

bonita a do meu filho.” Com a memória dissolvida pelo tempo (do qual não se corre) e pelas neuropatias, perguntou meu nome e se eu tinha filhos. Disse que me chamava Thiago e que tinha duas filhas. Nossas mãos entrelaçadas num carinho suave e ancestral. “Mas então nós temos o mesmo nome”, ele notou. Falei que isso tinha sido invenção dele, pôr meu nome Thiago Thiago de Mello.

No que ele, após um certo silêncio, falou baixinho: foi pra ficarmos juntos até mesmo no nome. “Cuida bem das suas filhas.” (Eu me emocionei muito nessa hora porque queria dizer a ele que se sou um bom pai é porque ele foi o melhor formador e educador que eu pude ter). Seguimos nossa conversa cheia de silêncios e respirações. Quis saber o que eu fazia da vida. “Canções e poemas”, não titubeei. Ele fez que sim com a cabeça e repetiu “canções e poemas, isso”.

Perguntei se eu estava indo no caminho certo. “Certíssimo”, ele me disse com a voz grave de trovão adormecido. Comentei que estava indo para Barreirinha cuidar da nossa casa, pedi a sua benção (“Deus lhe abençoe”, me beijando a mão) e segui o meu caminho rumo ao Rio Andirá, dos Saterês-maués.

Fiquei semanas num país submerso, me nutrindo do passado, de banho de cheiro, tucumãs, ovas de curimatã, sombra de castanheira, amizades verdadeiras e caldeiradas de tucunaré e tambaqui. As obras começaram. Retiramos as vigas podres. Os esteios corroídos substituímos por madeira nova. Passamos óleo queimado para afugentar o cupim de terra traiçoeiro. Compramos tinta, cimento, ferro. Vieram os trabalhadores.

As telhas chegaram de Parintins, presente de Antonio Beti, cuja doação jamais esquecerei. Recebi tanto em minha jornada pelas águas. Fiz um trabalho firme, aguentando o rojão sob chuva e sol quente. Barreirinha, onde meu umbigo está enterrado, me acolheu como sempre. Vi a felicidade nos olhos de gente simples,

hospitaleira, contadora de histórias. É com meus irmãos e irmãs ribeirinhos que meu espírito se molda e evolui.

Na verdade, estava, sem saber, me preparando para um adeus após uma longa despedida. Fortaleci minha alma estando naquele lugar, berço meu, que aprendi a amar com meu pai e minha mãe desde que pra lá fui levado aos 6 meses de idade. Voltei pra Manaus e fui ao apartamento ver meu pai. Ele não me respondeu, já completamente dentro do seu próprio mundo, distante daqui. Pedi um violão e, então, comecei a tocar. As lágrimas caíram, eu sentado e ele deitado na cama. Tirei do baú as canções que sempre cantávamos juntos: “Azulão”, “Por que tu te escondes”, “Linda vida”, “Pai velho”, “Quem me levará sou eu”, “Faz escuro, mas eu canto”.

Fiquei ali cantando por mais de 30 minutos, a primeira vez em nossas vidas que ele não cantou junto comigo. Foi um concerto de despedida. A nossa despedida tinha que ser com música e poesia, universo no qual sempre nos encontrávamos. Saí dali e fui comer um pacu assado de brasa em sua homenagem. Botei bastante pimenta murupi e tomei um suco de taperebá pra aliviar o peito. No dia seguinte, logo cedo pela manhã, papai atravessou o rio da vida. Morreu dormindo, bravo merecedor. Parece que estava só me esperando para seguir à Casa do Infinito. Sincronicidade astral, projeto dos deuses, dádiva da natureza. Ele foi em paz. Estamos de luto, mas em breve cantaremos com alegria, como ele sempre nos ensinou.

**51.** Soube meio tarde. Alguém disse, sem muito alarde, que Thiago de Mello tinha morrido naquela manhã de janeiro, no apartamento que dividia com sua companheira Pollyanna Furtado, ali na Rua 24 de Maio, quase no cruzamento com a Av. Getúlio Vargas. Não houve susto. A idade já vinha avisando, com

aquela delicadeza que só o tempo tem quando quer ser menos cruel. Ainda assim, a notícia ficou parada no ar, como essas garças que a gente vê de repente – imóveis, pensando sei lá o quê.

Fiquei lembrando de coisas que vivi com ele na virada do novo milênio durante aquelas duas semanas relatadas no início deste livro. É curioso isso: certos homens a gente não conhece, mas reconhece. Como se já tivessem passado pela nossa vida sem pedir licença. Talvez porque escrevam como quem conversa baixo, sem cerimônia. Thiago era desses.

Escrevia muito sobre liberdade – palavra grande, meio desconfiada – como quem fala de uma janela aberta. Sem grito. Sem pose. Apenas dizendo: está ali, veja se você consegue não fechar. Naquele dia, imaginei a casa dele. Alguma porta entreaberta, o calor chegando devagar, um silêncio sem importância. Nada de extraordinário – e é justamente isso que dói um pouco: o mundo não faz pausa quando um homem desses vai embora.

O rio continuou passando. Alguém comprou pão. Um ônibus atrasou. E, no entanto, faltava alguém. Não para o mundo – que segue meio desatento –, mas para essa parte mais quieta das coisas, onde as palavras ainda têm algum peso. Pensei que talvez fosse isso que ele deixava: uma espécie de confiança tímida de que ainda vale a pena dizer certas coisas simples. Como quem insiste em acender uma luz pequena, mesmo sabendo que a noite não vai acabar.

Não sei bem como terminam essas histórias. Talvez não terminem. Fica um verso aqui, outro ali, meio espalhados – como se ele tivesse saído só para dar uma volta e deixado a porta encostada. A gente passa, vê a casa, e não entra. Mas também não esquece.



**A casa e o torreão do Porantim do Bom Socorro**



**Vista externa e interna da casa do Rio Andirá**



**Simão, Dinari e Thiago em frente da casa do Paraná do Ramos**



**Simão, Dinari, Aparecida e Thiago na casa do Rio Andirá**



**O total abandono da casa de Thiago no Paraná do Ramos**



**O total abandono das edificações no Poramtim do Bom Socorro**



**Thiago de Mello fazendo sua visita de despedida ao Porantim**